

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

THIAGO DA COSTA LOPES

COMUNITARISMO, SOCIOLOGIA RURAL E DIPLOMACIA CULTURAL NAS
RELAÇÕES BRASIL – EUA: CIÊNCIA E REFORMA SOCIAL EM
T. LYNN SMITH E JOSÉ ARTHUR RIOS (1930 – 1950)

Rio de Janeiro
2018

THIAGO DA COSTA LOPES

**COMUNITARISMO, SOCIOLOGIA RURAL E DIPLOMACIA CULTURAL NAS
RELAÇÕES BRASIL – EUA: CIÊNCIA E REFORMA SOCIAL EM
T. LYNN SMITH E JOSÉ ARTHUR RIOS (1930 – 1950)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Chor Maio

Rio de Janeiro
2018

THIAGO DA COSTA LOPES**COMUNITARISMO, SOCIOLOGIA RURAL E DIPLOMACIA CULTURAL NAS
RELAÇÕES BRASIL – EUA: CIÊNCIA E REFORMA SOCIAL EM
T. LYNN SMITH E JOSÉ ARTHUR RIOS (1930 – 1950)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Chor Maio (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz) – Orientador

Prof. Dr. Antonio Brasil Jr. (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Karin Alejandra Roseblatt (Department of History, University of Maryland)

Profa. Dra. Nísia Trindade Lima (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz)

Profa. Dra. Nara Azevedo (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dr. João Marcelo Ehlert Maia (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais – CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas)

Prof. Dr. André Felipe Cândido da Silva (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz)

Rio de Janeiro
2018

Ficha Catalográfica

L864c Lopes, Thiago da Costa.

Comunitarismo, sociologia rural e diplomacia cultural nas relações Brasil-EUA :
Ciência e reforma social em T. Lynn Smith e José Arthur Rios (1930 – 1950) / Thiago da Costa Lopes.
– Rio de Janeiro : s.n., 2018.
253 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo
Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2018.
Bibliografia: 205-242f.

1. Planejamento Social. 2. População Rural. 3. História do Século XX. 4. Brasil.

CDD 335.8

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a agradecer pela possibilidade de realizar este trabalho.

A Marcos Chor Maio devo agradecer em primeiro lugar. Já se vão alguns anos desde que iniciei essa jornada pela história das ciências sociais como bolsista de iniciação científica do Marcos, em um processo que, acredito, muito contribuiu para o meu amadurecimento. Nessa caminhada, entre tantas conversas e encontros, é difícil fazer um balanço adequado do que ficou do enorme aprendizado, em especial do trabalho de artesanato envolvido na produção acadêmica, que geralmente opera por meio de processos sutis e nem sempre se presta a uma elaboração consciente, de apreensão imediata. Um olhar atento, em perspectiva histórica, para as ideias sociológicas foi algo que aprendi a valorizar, e que me esforcei por adquirir ao longo desse tempo. A determinação, a generosidade intelectual, o espírito investigativo irrequieto do Marcos, e, não menos importante, a confiança depositada no trabalho que eu vinha desenvolvendo, me ajudaram, e muito, nessa jornada, servindo de estímulo para que eu buscasse fontes em diferentes paragens, perseverasse diante dos desafios e, enfim, pensasse e repensasse as questões que surgiam conforme a pesquisa avançava. Registro aqui meus agradecimentos.

Às professoras Élide Rugai Bastos e Nara Azevedo, que participaram de minha banca de qualificação, sou grato pelos instigantes comentários. Agradeço à Nara pela oportunidade de manter vibrante conversa sobre a pesquisa desde o seminário de pesquisas que conduziu com Robert Wegner. No Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz muito pude aprender ao longo desses anos. Sou grato a vários professores, em particular a André Felipe Cândido da Silva, Magali Romero Sá, Flavio Edler e Simone Kropf. Agradeço à professora Nísia Trindade Lima pelas preciosas observações acerca da tese. Aos funcionários da secretaria do programa, Maria Claudia, Paulo Chagas e Sandro Hilário, não posso deixar de agradecer. Sou grato aos colegas de turma, Roberto, Elisa, André, Mariza, Renata e Rachel, pela chance de debater meu trabalho.

A Antonio Brasil Jr. agradeço pela interlocução sempre estimulante.

Sou muito grato ainda a Karin Ajexandra Roseblatt por ter me recebido nos Estados Unidos na qualidade de “American supervisor” na University of Maryland, College Park. As conversas, as aulas a que fui convidado a assistir e a ministrar, os artigos e livros trocados muito enriqueceram minha experiência de pesquisa. Não teria saído com vida desta viagem não fossem a atenção e os cuidados que me dedicaram Karin e os amigos que tive a sorte de fazer em College Park, de que sempre me lembrarei com carinho: Jesse Zarley, Katie Schultz, Daniel

Lanero, Sabrina Gonzalez, Cara Snyder, Ana Mendes, Victor Sang e Skye Felix. Em Maryland, foi um prazer trocar ideias com os professores Daryle Williams e David Sartorius. Foi também um prazer ter recebido o acolhimento do Latin American Studies Center. Aos professores que me receberam amigavelmente em outras universidades, onde estive à procura de fontes, também agradeço. Refiro-me a Elizabeth Hutchison, da University of New Mexico, e a Celso Castilho e Marshall C. Eakin, de Vanderbilt University. Sou grato ainda aos pesquisadores com quem pude trocar ideias em diferentes fóruns, em particular a Micol Seigel.

Aos diversos arquivistas que muito me auxiliaram, no Brasil e nos EUA, ao longo das pesquisas, também devo agradecer, em especial a Christopher Geherin e a Suzanne Schadl, do acolhedor Center for Southwest Research, University of New Mexico.

A Maria de Fátima Guillot agradeço pela enorme paciência e simpatia com que me recebeu na residência do professor Rios e pela confiança em mim depositada para que eu pudesse mexer e remexer, com absoluta liberdade, caixas de arquivo, revistas, jornais e livros do seu pai, às vezes até tarde da noite. Agradeço à companheira de arquivo e amiga Jéssica Gonzaga. Jéssica e eu partilhamos da sorte de termos convivido com o professor Rios, ainda que somente nos últimos anos de sua vida, e muitos nos beneficiamos das inúmeras histórias que ele nos contava em demorados e fartos almoços e chás, que eram, para ele, um imperativo em todas as nossas visitas à sua residência. Ainda me lembro das vezes em que, entrando timidamente pela porta do seu escritório pessoal, ele me oferecia, sem cerimônia, a velha cadeira de balanço que ficava ao lado de sua mesa de trabalho, para que então pudéssemos conversar à vontade. Um observador arguto e um intelectual generoso, paciente com os jovens estudantes, foi o professor Rios. Com ele muito aprendi, procurando “sorver”, como gostava de dizer, todo o conhecimento e a erudição que exibia. Gostaria que esta tese pudesse lhe servir como uma homenagem, mas com a condição de que o gesto fosse interpretado não como exaltação acrítica de sua obra e, sim, como um esforço para considerar a sério suas proposições e avaliar suas raízes e limites.

Sou grato aos amigos de todas as horas, minhas grandes reservas afetivas, pelo apoio moral: Pablo, Gabriel, Carolina, Luciana, Mateus, Bento e Pedro.

Pela cumplicidade para todas as coisas da vida, agradeço sempre, e de coração, a Thiago Azeredo e a Georgina Maria da Costa, que fazem tudo valer a pena.

Sem auxílio da CAPES, que financiou meus anos de estudo no Brasil e que, por meio do Programa de Doutorado-Sanduíce no Exterior (PDSE), tornou possível minha viagem aos EUA, dificilmente esta pesquisa teria sido realizada. Que as ciências humanas continuem a prosperar no Brasil!

RESUMO

Esta tese investiga os elementos cognitivos, sociais e políticos que presidiram a produção transnacional do conhecimento sociológico acerca do Brasil rural nos anos 1940 e 1950 enfocando as relações Brasil – EUA e privilegiando as trajetórias e a produção intelectual dos sociólogos rurais T. Lynn Smith e José Arthur Rios. Transitando por diferentes instituições científicas, agências governamentais e organismos internacionais, círculos de políticos, intelectuais, reformadores e cientistas sociais, Smith e Rios buscaram delimitar espaços de aplicação para as ciências sociais mediante a produção de diagnósticos sociólogos destinados à reforma das estruturas sociais das zonas rurais brasileiras. Considerando as circunstâncias históricas envolvidas na aproximação entre os dois países, em que ciências sociais e diplomacia cultural estiveram imbricadas, examinamos a lógica de circulação e apropriação de ideias que presidiu a construção de suas visões sociológicas e de seus programas de engenharia social durante a Segunda Guerra Mundial e os primórdios da Guerra Fria. Argumentamos que Smith e Rios, a despeito de terem ocupado posições distintas no cenário global das ciências sociais, participaram de um diálogo transnacional acerca dos destinos das coletividades na modernidade. Ambos estiveram vinculados a uma reação comunitarista que, frente às ameaças representadas pelo capitalismo liberal individualista e atomizador, por um lado, e os totalitarismos de diferentes matizes, por outro, apostava no fortalecimento dos pequenos grupos ou comunidades, instâncias consideradas aptas a funcionar como mediadoras entre o indivíduo e as forças impessoais e acachapantes do Estado e do mercado. Estabelecendo interlocução profícua com diferentes tradições de conhecimento, Smith e Rios afirmaram a importância de se conferir vertebração às comunidades rurais brasileiras e vencer seu insolidarismo com base em um programa de reformas que articulasse a organização dos grupos de localidade ao combate ao latifúndio, sendo capaz de assegurar, deste modo, que as mudanças modernizadoras em curso no país redundassem em democracia política.

ABSTRACT

This dissertation explores the cognitive, social, and political dimensions involved in the transnational making of sociological knowledge about rural Brazil between Brazil and US in the 1940s and 1950s by analyzing the tracks and ideas of the rural sociologists T. Lynn Smith and José Arthur Rios. Moving across borders among different scientific institutions, governmental and international agencies, as well as political, intellectual, religious, and social scientific circles, Smith and Rios sought to make room for applied social-scientific knowledge by promoting a sociological-oriented reformist platform for the Brazilian rural masses. Considering the historical circumstances which resulted in closer cooperation ties between US and Brazilian government, in which the social sciences were intertwined with cultural diplomacy, I examine the logics behind the circulation and reception of ideas that contributed to the making of Smith and Rios' sociological views during World War II and in the wake of the Cold War. I argue that both sociologists, even though differently positioned in the global space of socio-scientific production, took part in a common transnational conversation about the destinies of societies in modernity. Both Smith and Rios' sociological ideas stemmed from a communitarian reaction to the threats posed by liberal capitalism, on the one hand, and the totalitarian regimes, on the other, a reaction which pinned its hopes on strengthening the local ties binding people together in small, local groups, thought of as key mediators between the individual and the impersonal and pervasive forces of the State and the market economy. Mingling different intellectual traditions, both sociologists claimed the importance of building strong rural communities in Brazil and of overcoming its alleged lack of social solidarity. They advocated a social reform program based on land reform and community organization as a way of ensuring that Brazil's ongoing modernizing changes would result in true political democracy.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – Sociologia Rural e comunitarismo na Era Roosevelt	18
1.1. Da comunidade mórmon ao Meio Oeste norte-americano: os primeiros passos de T. Lynn Smith.....	19
1.2. A Sociologia Rural nos EUA: ciência e reforma social no <i>New Deal</i>	26
1.3. O comunitarismo sociológico de T. Lynn Smith e a crítica à <i>plantation</i> sulista.....	37
1.4. Uma sociologia para a política de boa vizinhança e uma política de boa vizinhança para a sociologia	49
Capítulo 2 – Estreitando relações com o Brasil: diplomacia, sociologia e assistência técnica na atuação profissional de T. Lynn Smith	69
2.1. Os sociólogos rurais vão à guerra	70
2.2. Smith descobre o Brasil profundo.....	80
2.3. Sociologia rural e assistência técnica norte-americana na América Latina	94
2.4. Smith e a área de estudos latino-americanos	101
2.5. Transformando o caboclo em <i>farmer</i>	111
Capítulo 3 – Ciência, comunitarismo e reforma no pensamento de José Arthur Rios .	126
3.1. Do Centro Dom Vital à <i>Louisiana State University</i>	128
3.2. Entre o catolicismo e a sociologia norte-americana.....	140
3.3. A democracia na América e o autoritarismo no Brasil	150
Capítulo 4 – Construindo a comunidade no Brasil: democracia, mudança social e o papel das ciências sociais em José Arthur Rios	163
4.1. A sociologia no Rio de Janeiro: à procura de espaços institucionais.....	165
4.2. Despertando o ‘senso comunitário’: a Campanha Nacional de Educação Rural.....	177
4.3. Ciências sociais, saúde e comunidade: o Serviço Especial de Saúde Pública.....	184
4.4. O ‘pária rural’ na cidade: desenvolvimento, associativismo e favela.....	189
Considerações Finais	196

Referências	205
Arquivos consultados	205
Fontes	206
Bibliografia.....	232
Anexo	243

Introdução

A história das ciências sociais no Brasil se entrelaça com a história das políticas públicas para as zonas rurais do país. Nos anos 1940 e 1950, em um momento em que o tema do desenvolvimento emergia com força no cenário global, e em que o Estado brasileiro juntamente com agências internacionais buscavam implementar programas destinados à elevação dos níveis de vida, produtividade, educação e saúde das populações rurais, as áreas de planejamento e políticas sociais constituíram um dos espaços a partir dos quais os cientistas sociais buscaram construir e validar suas formas de conhecimento científico, que julgavam capazes de orientar as intervenções almejadas, de sentido modernizador. O período foi igualmente marcado por intensos debates entre sociólogos e antropólogos acerca dos papéis que poderiam vir a desempenhar em uma sociedade percebida como sujeita a profundas transformações. Ao desejo de “fazer história” se ligava, todavia, a preocupação em “fazer ciência” (Villas Bôas, 2006a), marca de um contexto em que a inserção da sociologia e da antropologia no mundo das ciências, ou sua legitimação científica, também era considerada tarefa premente.

No Brasil, a institucionalização das ciências sociais remonta à fundação das primeiras universidades do país nos anos 1930. Além dos espaços acadêmicos, todavia, as agências do Estado constituíram igualmente lócus importante da atividade das primeiras gerações de cientistas sociais egressos dos cursos de nível superior. Mesmo sociólogos vinculados mais estreitamente à vida universitária por vezes tiveram nos quadros do Estado e em setores da sociedade civil importantes interlocutores, buscando refletir sobre as possibilidades de aplicação dos estudos sociológicos em favor da “mudança social” – categoria cara ao patrimônio cognitivo das ciências sociais e acionada com frequência, nos anos 1940 e 1950, no esforço de compreender, e também disputar, o sentido das transformações desencadeadas pelos processos de industrialização e urbanização (Werneck Vianna, 1997; Lima, 1999; Maio *et al.*, 2013).

Esta tese se propõe a investigar os elementos cognitivos, sociais e políticos que presidiram a construção do conhecimento sociológico acerca do Brasil rural nos anos 1940 e 1950 considerando, para tanto, as trajetórias e a produção intelectual dos sociólogos rurais T. Lynn Smith e José Arthur Rios. Transitando por diferentes instituições científicas, agências governamentais e organismos internacionais, círculos de políticos, intelectuais, reformadores e cientistas sociais, Smith e Rios procuraram delimitar espaços próprios de aplicação para as ciências sociais veiculando diagnósticos sociológicos destinados à mudança das estruturas sociais

das zonas rurais brasileiras. A análise da produção intelectual de ambos busca alargar a compreensão de uma faceta da história das ciências sociais no Brasil que começa a ser explorada, relativa ao conhecimento sociológico e antropológico que, produzido na interface com políticas públicas, aspirava a uma finalidade prática, de intervenção (Oliveira, 1995b; Bomeny, 2001; Del Vecchio & Diéguez, 2008; Maio & Lima, 2009; Cardoso, 2009; Figueiredo, 2009; Brito, 2017). Ainda que Smith e Rios tenham participado deste processo, a obra e a atuação de ambos foram, em geral, analisadas de modo lateral, em trabalhos interessados no exame de políticas de assistência, educação e saúde (Cronshaw, 1982; Lorek, 2015; Amman, 2013 [1987]; Lima, 1989; Campos, 2006; Barreiro, 2010). À exceção dos estudos de Maio & Lima (2009) e Valladares (2012), que assinalaram a relevância, para a reflexão sobre o desenvolvimento da sociologia no Brasil, das ideias de cientistas sociais envolvidos com programas de ação – atores “marginais” que, via de regra, não estiveram atrelados aos principais centros universitários do país –, o trabalho de sociólogos como Rios não foi estudado de forma sistemática do ângulo da história das ciências sociais, lacuna, todavia, que começa a ser preenchida (Lopes & Maio, 2017; Brasil Junior, 2017).

As trajetórias de Smith e Rios, que se cruzaram em diversas ocasiões, estiveram marcadas por fortes vínculos de cooperação intelectual. Iniciando sua carreira profissional na *Louisiana State University* no início dos anos 1930, T. Lynn Smith desempenhou papel-chave na institucionalização da Sociologia Rural nos EUA, favorecida pela abertura de postos de trabalho nas Estações Experimentais Agrícolas do país. Smith integrou uma geração de sociólogos rurais posta a serviço do Estado pelo *New Deal* tendo em vista o acompanhamento das políticas de recuperação econômica e assistência social nas zonas rurais. Estudioso do *Deep South*, principalmente das relações do homem com a terra, Smith voltou seus interesses para as populações latino-americanas no final dos anos 1930. Valendo-se da política de boa vizinhança e, posteriormente, dos programas norte-americanos de assistência técnica internacional, ele empreendeu, ao longo dos anos 1940 e 1950, inúmeras viagens ao Brasil, ora em missões oficiais do Departamento de Estado ora como professor visitante ou conferencista. Por meio dessas atividades, Smith buscou tecer uma rede de trocas com cientistas sociais em atuação no país, a exemplo de Arthur Ramos, antropólogo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e Donald Pierson, professor norte-americano da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1946, com base nos resultados de suas incursões pelo país, o sociólogo publicou o monumental *Brazil: People and Institutions*, fundando, no ano seguinte,

na *Vanderbilt University*, o *Institute for Brazilian Studies*, centro de estudos de área dedicado aos países latino-americanos, em especial, ao Brasil.¹

José Arthur Rios foi um dos elos mais duradouros na rede de contatos de Smith com o Brasil. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Niterói, Rios frequentou os cursos então recém-criados de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, tecendo vínculos estreitos, no início dos anos 1940, com intelectuais e políticos de oposição ao Estado Novo, ligados, em particular, aos círculos de reformadores e militantes católicos da capital federal reunidos em torno do Centro Dom Vital. Em 1945, com bolsa do *Institute of International Education*, agência ligada ao governo norte-americano, Rios realizou o mestrado em Sociologia Rural na *Louisiana State University* sob orientação de Smith. Em 1948 e 1952, ele retornou aos EUA a fim de ministrar cursos de Sociologia coordenados por Smith nas universidades de Vanderbilt e Florida. No Brasil dos anos 1950, Rios se envolveu em importantes iniciativas governamentais nas áreas de educação rural e saúde pública, coordenando a Campanha Nacional de Educação Rural e dirigindo a Seção de Pesquisas Sociais do Serviço Especial de Saúde Pública. Em fins daquela década, assumiu a direção do Escritório da Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS) do Rio de Janeiro, agência de planejamento social fundada pelo frei dominicano Louis-Joseph Lebret, liderança do movimento Economia e Humanismo.²

Voltando-se para as populações rurais, as abordagens sociológicas de Smith e Rios privilegiaram o estudo dos padrões de povoamento, ocupação do solo e distribuição das terras, dos níveis e padrões de vida, além das formas predominantes de associação humana nas localidades. Seus esforços de descrição e análise do Brasil rural são devedores, sobretudo, da sociologia das comunidades de Charles Galpin, Pitrim Sorokin e Carle Zimmerman e de interpretações do país consagradas por autores brasileiros como Oliveira Vianna. Ambos

¹ Informações acerca da trajetória de Smith encontram-se em: SMITH, T. Lynn. *As it passes before my eyes: a narrative with accompanying documents of some of the more significant developments in man-land relationships in Colombia since 1940*. Prepared for the Conference on 'Modern Colombia: The Challenge of Regional Diversity' at the University of Alabama, March 11-13, 1974. T. Lynn Smith Papers, Center for Southwest Research, University of New Mexico, Box 9, Folder 17; SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*. Idem, Box 2, Folder 61, 1973; SMITH, T. Lynn. *My own work as assessor técnico em colonización y parcelación*. Ibidem, Box 1, Folder 76, s./d; SMITH, T. Lynn. *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1974; SMITH, Louvina. *Mrs. Lynn Smith*. University of Florida Oral History Collections, 1979. Disponível em <http://ufdc.ufl.edu/UF00006017/00001>. Acesso em 01/12/2015.

² Fontes que lançam luzes sobre a trajetória de Rios são o seu rascunho autobiográfico e diferentes entrevistas que concedeu. RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios; RIOS, José Arthur. "Entrevista a Lucia Lippi de Oliveira e Marly Silva da Motta". In FREIRE, Américo & OLIVEIRA, Lucia Lippi (orgs.). *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002; RIOS, José Arthur. Entrevista a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso em 13 de julho de 2006. Depoimentos orais do projeto 'Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil'. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

desenvolveram uma modalidade de prática sociológica indissociável da perspectiva normativa de diagnosticar e remediar as mazelas sociais. Na visão de Smith e Rios, a vida dos “matutos” e “caboclos” do país, considerados como culturalmente atrasados, empobrecidos, doentes, enredados em relações paternalistas e incapazes de criar laços de solidariedade social para além dos círculos familiares, devia ser alvo de um amplo e intrincado programa de engenharia social. Eles preconizaram um conjunto de ações em educação rural e organização de comunidades capazes de modelar novos hábitos e comportamentos aliado a um plano de reforma agrária e colonização de terras centrado no assentamento de famílias de pequenos agricultores que tinha por objetivo combater o latifúndio e estimular o surgimento de uma classe média de fazendeiros no país. O tema da reforma da estrutura fundiária foi uma constante na produção sociológica de Smith e Rios, cujo horizonte apontava para um mundo rural de pequenas, mas pujantes e coesas, comunidades de famílias fazendeiras desfrutando de relativa independência econômica. Ao tomarem parte nos debates científicos e políticos do período, especialmente do pós-guerra, envolvendo modernização e desenvolvimento, ambos os sociólogos associaram de modo estreito ciências sociais, mudança provocada e questão agrária.³

Ao considerarmos produções sociológicas marcadas pela forte associação com agendas de intervenção, não pretendemos reiterar pressuposições tradicionais acerca do empreendimento científico, como a crença em uma rígida divisão entre ciência pura e aplicada, ou entre neutralidade científica e compromisso político, noções que, embora possam ter orientado os atores históricos em questão – isto é, os sociólogos que são objeto do presente estudo -, têm sido de há muito problematizadas por sociólogos e historiadores das ciências (Azevedo *et al.*, 2002; Shapin & Schaffer, 2005; Kreimer & Zabala, 2006). Acreditamos, isto sim, que os trabalhos de Smith e Rios, implicados diretamente em planos de engenharia social, ofereçam material privilegiado para uma análise da história das ciências sociais interessada em examinar o conjunto heterogêneo de elementos sociais, políticos e cognitivos mobilizados na construção do conhecimento científico do passado a partir de uma abordagem atenta tanto ao contexto histórico quanto às ideias sociológicas e seus efeitos (Bastos, 2002; Bastos & Botelho, 2010). Neste sentido, procuramos nos desvencilhar de preocupações normativas quanto à avaliação das condições sócio-políticas e institucionais em que transcorreu a produção das ciências sociais do passado ou do grau em que estas teriam logrado se manter ao abrigo de injunções de natureza extra-científica, preocupações que parecem informar modelos mais conhecidos de interpretação

³ Como indicaremos ao longo deste trabalho, são vários os documentos em que Smith e Rios registraram seu programa de engenharia social sociologicamente orientado. Dois textos-chaves a esse respeito são: SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana University Press, 1946 e RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1954.

da história das ciências sociais no Brasil (Miceli, 2001 [1989]; Almeida, 2001 [1989]). Da mesma forma, na medida em que as ideias que influíram sobre as visões sociológicas de Smith e Rios não estiveram vinculadas apenas à produção universitária, que então buscava se rotinizar no país, mas provinham de diversas fontes, como o pensamento social anterior à constituição do mundo acadêmico, buscamos valorizar, para além dos conhecidos marcos institucionais balizadores da história das ciências sociais, as continuidades e rupturas de ordem cognitiva na produção intelectual desses sociólogos (Santos, 1978; Lima, 1999).

Considerando-se ainda que a produção do conhecimento sociológico que nos interessava investigar implicou a circulação de atores e ideias entre fronteiras nacionais, elaboramos nosso enfoque tendo em vista a dimensão transnacional do empreendimento científico e reformador em que Smith e Rios se lançaram. Abordagens transnacionais na escrita da história têm se empenhado na revisão dos pressupostos do “nacionalismo metodológico” da historiografia tradicional, que tende a fazer do Estado-Nação a moldura por excelência da análise dos fenômenos socioculturais e políticos sobre os quais se debruça, privilegiando-o, com frequência, como eixo estruturador da narrativa (Thelen, 1999; Clavin, 2005; Tyrrell, 2009). A circulação internacional do conhecimento sociológico tem sido abordada em estudos interessados em explorar os efeitos do deslocamento de obras e textos entre diferentes contextos nacionais (Bourdieu, 2002; Grynnszpan, 2012). Nesse terreno, a história das ciências tem fornecido aportes importantes ao sugerir que a circulação entre fronteiras constitui dimensão intrínseca à construção do conhecimento científico, não podendo ser considerada apenas como momento derivado ou subsequente da produção de ideias (Raj, 2007; Turchetti *et al.*, 2012). No âmbito da história das ciências sociais no Brasil, estudiosos chamaram a atenção para diversos elementos que, extrapolando o âmbito nacional, contribuíram para a institucionalização e a produção de conhecimento sociológico no país, como as missões estrangeiras (Peixoto, 2001). Abordando o papel que desempenharam, nesse terreno, agências internacionais como a Unesco, Maio (1997) examinou as dinâmicas e significados próprios, locais, que os cientistas sociais brasileiros acabaram por imprimir a estas trocas internacionais ao passo que Villas Bôas (2006b), ao considerar o impacto de tradições intelectuais europeias como a alemã na sociologia produzida no Brasil, conferiu destaque à lógica particular que presidiu sua recepção. Pesquisas recentes que buscam situar autores e obras do pensamento social brasileiro em circuitos mais amplos da produção sociológica do passado, apontando para sua inscrição em uma história da imaginação sociológica regional, latino-americana (Brasil Junior, 2013), ou periférica (Maia,

2014; 2017), evidenciam o esforço em curso de “desprovincialização” da história das ciências sociais no país.⁴

O estudo das trocas entre Brasil e EUA no âmbito da Sociologia Rural nos exigiu, inicialmente, uma análise das circunstâncias históricas em que estas se processaram a fim de que não se perdessem de vista as condições que impulsionaram a circulação de atores e ideias entre os dois países. Os esforços de T. Lynn Smith em construir uma rede de cooperação intelectual com a América Latina, em que o Brasil assumia posição-chave, estiveram intimamente associados, no contexto geopolítico global, à gradativa aproximação diplomática dos EUA com os países da região durante o governo Roosevelt ante à ameaça que, segundo os norte-americanos, as forças do Eixo lançavam à segurança do hemisfério ocidental, o que ficou conhecido como a Política da Boa Vizinhança. A busca por laços de cooperação visando à construção da “solidariedade” entre as “Repúblicas Americanas”, conforme a expressão consagrada pelos quadros do Departamento de Estado norte-americano, implicou uma série de acordos de assistência técnica com as nações latino-americanas, inclusive na esfera da produção agrícola, nos anos iniciais da Segunda Guerra Mundial, política que teve continuidade, no período que se seguiu ao conflito, nos programas de ajuda econômica e combate à pobreza dirigidos às periferias do mundo levados a cabo pelos EUA (Moura, 2012).

A guinada da política externa norte-americana em direção aos seus vizinhos ao sul do continente repercutiu ainda no estímulo ao incremento das atividades que os diplomatas denominavam “relações culturais”, e que envolvia um amplo leque de iniciativas dedicadas à aproximação entre as nações para além do âmbito político-diplomático em sentido estrito, como o intercâmbio de estudantes e professores entre instituições de ensino e pesquisa das Américas, a criação de associações literárias, artísticas e científicas de escopo continental, iniciativas editoriais dedicadas à tradução de livros e a fundação de instituições promotoras da língua e da cultura norte-americana nos demais países do continente sob a justificativa oficial de promoção do “entendimento mútuo” entre essas nações, políticas que foram analisadas por diferentes autores (Espinosa, 1977; Ninkovich, 1981; Graham, 2015). Na opinião de seus idealizadores norte-americanos, pensadores internacionalistas, a promoção das relações culturais entre os países caberia às associações e instituições da sociedade civil na medida em que implicavam atividades nos campos das artes, da educação e das ciências que extrapolavam a esfera de atuação dos governos – compreensão liberal bastante enraizada nos EUA que justificou, nas

⁴ A noção de “provincianização” está vinculada ao argumento desenvolvido por Chakrabarty (2000) em seu conhecido estudo sobre a emergência da “modernidade” enquanto processo histórico global, e não exclusivamente europeu. Costa (2006) se valeu da expressão “desprovincialização” para repensar os pressupostos eurocêntricos da reflexão sociológica sobre a modernização.

primeiras décadas do século XX, o primado da ação das grandes fundações filantrópicas no terreno da diplomacia cultural norte-americana. Com a iminência da guerra, todavia, as atividades destinadas à promoção das “relações culturais” foram incorporadas ao aparato do Estado norte-americano e passaram a contar, cada vez mais, com os esforços de ação coordenada do governo federal (Ninkovich, 1981). Agências como o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, comandada por Nelson Rockefeller, ficaram responsáveis por atividades de propaganda do *American way of life* na América Latina, e suas ações se fizeram sentir em diversos setores da vida cultural brasileira (Tota, 2000).

É neste período que surgem os primeiros esforços para o estabelecimento de cooperação intelectual sistemática de cientistas sociais norte-americanos com o país. Neste contexto, as trocas e a circulação no âmbito das Ciências Sociais entre EUA e Brasil foram impulsionadas, em grande medida, por uma política deliberada de Washington D.C., o que a análise da atuação internacional de Smith torna patente. Entretanto, longe de terem sido usados apenas como instrumentos para a promoção dos interesses geopolíticos estratégicos dos EUA, os sociólogos rurais aqui analisados, agindo como diplomatas da cultura norte-americana, à semelhança de estudiosos de outras áreas, valeram-se dessas circunstâncias a fim de promoverem sua própria agenda, que incluía a extensão de suas pesquisas à América Latina e a ampliação da rede de interlocutores e praticantes da nascente disciplina, participando de um movimento de mão dupla em que a ciência se punha a serviço da diplomacia ao mesmo tempo em que esta favorecia aquela. Esta fina e delicada articulação de interesses por parte de cientistas norte-americanos que se envolveram com a política externa do seu governo têm sido analisada em diversos estudos recentes (Figueiredo, 2010; Freire Junior & Silva, 2014; Kropf & Howell, 2017). No caso das atividades desenvolvidas por sociólogos rurais norte-americanos em missões internacionais, que cresceram exponencialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, veremos que a compreensão da utilidade de seus serviços pelo governo norte-americano e o conseqüente interesse das agências do Estado pelas pesquisas sociológicas não estavam dados de antemão, mas tiveram que ser construídos no decorrer de um processo de negociação em que os próprios sociólogos rurais, esposando formas de conhecimento ainda não completamente legitimadas ou inteiramente reconhecidas pelas diferentes instituições, vieram a desempenhar um papel decisivo.

O estudo das trocas operadas por Smith e Rios no âmbito da Sociologia Rural nos conduziu igualmente a uma investigação da história da disciplina, e isto à medida que os programas de engenharia social de que se fizeram portadores, juntamente com seus ideais reformadores, estiveram intimamente associados a uma concepção sobre a sociedade que aquela

ciência pressupunha e que buscava promover em seus próprios esforços de legitimação científica e social. Neste sentido, afirmar a existência de agrupamentos humanos como a comunidade – noção cardinal para os sociólogos rurais – nas zonas rurais significava, a um só tempo, reivindicar a existência de um objeto próprio para a Sociologia Rural, justificando sua razão de ser, e chamar a atenção para a utilidade social do instrumental de pesquisa que seus praticantes detinham frente aos planos de intervenção dos governos nas áreas de agricultura, educação e saúde para as populações do interior, planos que, sob pena de não serem eficazes em sua implementação, não deveriam ignorar, conforme argumentavam aqueles cientistas sociais, a realidade dos grupos que se interpunham entre o indivíduo e o Estado. As vicissitudes com que a Sociologia Rural se deparou nos EUA e no Brasil em seu esforço de institucionalização foram, entretanto, bastante diversas, e, embora inexista uma análise ampla acerca do desenvolvimento da disciplina no caso brasileiro, a trajetória de Rios, que foi um dos principais veiculadores dessa ciência no país, permite-nos avaliar seu alcance limitado se comparado ao caso norte-americano. Essas diferenças não devem ser interpretadas, todavia, como uma confirmação da tese de autores como Hofstee (1963) e Nelson (1969), que se encontram entre os poucos estudiosos da história da disciplina, segundo a qual a Sociologia Rural teria constituído um produto idiossincrático do mundo acadêmico norte-americano. Ainda que este ramo da ciência social tenha vicejado nos EUA graças a um complexo de instituições consolidadas de âmbito nacional e local, como o *United States Department of Agriculture*, os *agricultural colleges*, os serviços de extensão rural e as estações agrícolas experimentais, suas fontes intelectuais, assim como os atores e práticas envolvidos em sua construção, extrapolaram, em grande medida, as fronteiras do país. Da mesma forma, como indicaremos nesta tese, a dimensão internacional da Sociologia Rural não pode ser reduzida apenas ao processo de progressiva expansão do raio de atuação profissional de seus praticantes para além do território norte-americano, ideia reiterada por diferentes autores que abordaram ou fizeram referência às viagens e missões internacionais realizadas por sociólogos rurais dos EUA, que se tornaram frequentes a partir da Segunda Guerra (Brunner, 1957; Taylor, 1960; Taylor, 1965; Nelson, 1969; Smith, 1974; Larson & Zimmerman, 2003; Gilbert, 2015).

Em particular, parece-nos precipitada a avaliação de que os conteúdos da Sociologia Rural veiculados no Brasil por Smith e Rios significaram, tão somente, a transposição mecânica, para o contexto latino-americano, de uma ideologia modernizadora comprometida com a defesa da redefinição das culturas e sociedades de suas zonas rurais à imagem e semelhança do mundo dos fazendeiros progressistas e economicamente independentes dos EUA associados especialmente ao Meio Oeste do país (Crownshaw, 1982). Se as Ciências

Sociais de matriz norte-americana repercutiram, no contexto da Guerra Fria, as preocupações dos EUA acerca de sua hegemonia global em face da ameaça representada pelo comunismo, promovendo uma visão teleológica sobre a mudança social segundo a qual aquela nação do hemisfério norte constituía o ponto de chegada para o qual convergiam inexoravelmente as regiões periféricas em processo de desenvolvimento – visão que se evidenciou na teoria da modernização (Berger, 1995; Latham, 2000 & 2011; Gilman, 2003; Engerman et al., 2003) –, o caso da Sociologia Rural comporta nuances que escapam a este enquadramento. Conforme buscamos argumentar, um exame atento das visões de Smith e Rios indica que a prática da Sociologia Rural que advogaram esteve comprometida com a instituição de uma ordem social de novo tipo, distinta daquela prevaiente no Brasil rural mas igualmente ausente, na percepção de ambos, da sociedade norte-americana do período. Com efeito, nada mais distante do modelo de sociedade que imaginavam do que as regiões metropolitanas dos EUA sujeitas a intensos processos de urbanização e industrialização ou as áreas rurais do Sul onde pareciam reinar, incontestes, as grandes plantações de algodão, tabaco e açúcar.

A hipótese que exploramos, e que serve de fio condutor para a análise desenvolvida nesta tese, é a de que a circulação de ideias no âmbito da Sociologia Rural e da engenharia social entre EUA e Brasil operada por Smith e Rios teve lugar graças à existência de afinidades político-cognitivas transnacionais entre seus veiculadores, sendo possível afirmar que, não obstante a “estrutura dissimétrica” na distribuição de recursos, poder e prestígio que marcou o cenário global das ciências sociais no período (Heilbron *et al.*, 2008), essas trocas envolveram um diálogo cujo pressuposto fundamental residia em apreensões compartilhadas acerca do destino das coletividades, especialmente de suas porções rurais, no mundo moderno e nas respostas semelhantes que elaboraram ao procurarem enfrentar aqueles que consideravam ser seus principais desafios: de um lado, o totalitarismo, com seu Estado hipertrofiado que ameaçava imiscuir-se em todas as esferas da vida social, e cujas expressões máximas eram identificadas aos regimes nazifascistas na Europa e ao socialismo soviético; de outro, o próprio capitalismo liberal, que esgarçava o tecido social com suas crises econômicas constantes e não oferecia outro cenário senão o da competição desenfreada. Entre o Estado tentacular e o indivíduo atomizado, Smith e Rios, assim como diferentes pensadores dos quais se serviram, buscaram assegurar e, em alguns casos, fazer emergir, a comunidade, categoria central de seus textos, que, apesar dos esforços de depuração e abstração teórico-conceitual característicos da sociologia, apresentava fortes ressonâncias morais, políticas e religiosas.

Implicando a ideia de grupo natural formado por laços afetivos anteriores às relações estabelecidas por conveniência, interesse ou racionalidade econômica de tipo utilitarista – e,

neste caso, a família fornecia o modelo por excelência de vínculo social –, a comunidade, no sentido que esses sociólogos rurais imprimiram ao conceito, constituía uma reação às teses liberais do indivíduo desenraizado e da sociedade como produto de um contrato. Contra o mundo frio dos interesses econômicos, em que o indivíduo se encontrava só consigo mesmo na luta pela sobrevivência, mundo esse que era considerado uma abstração fantasiosa e perversa de uma realidade social mais complexa, Smith e Rios, pensadores comunitaristas, chamavam a atenção para a rede de proteção social e ajuda mútua que constituía a comunidade. Afirmar a precedência ontológica de grupos sociais como a comunidade sobre o indivíduo, como fizeram diferentes pensadores europeus do século XIX cujas obras vieram a ser identificadas com a fundação da própria tradição sociológica (Nisbet, 2012 [1984]), significava, nas décadas de 1930 e 1940, para os sociólogos em tela, contestar o ordenamento político liberal e buscar por um novo pacto social, ancorado no princípio da cooperação, como fizeram os intelectuais agrários do *New Deal*, nos EUA, entre os quais se incluíam expressivos nomes da Sociologia Rural (Gilbert, 2015), mas também, à sua maneira, pensadores situados no Sul global, como o ensaísta fluminense Oliveira Vianna, que, nos anos 1930, durante o primeiro governo Vargas, elaborou projeto corporativista, de bases organicistas e comunitaristas para o Brasil, cujas raízes intelectuais ligavam-se a uma tradição ibérica e católica de pensamento que se colocava nas antípodas do liberalismo (Carvalho, 1993; Werneck Vianna, 1997).

A comunidade foi pensada por Smith e Rios igualmente enquanto grupo local, de pequenas dimensões, envolvendo necessariamente número reduzido de indivíduos vivendo em contiguidade físico-espacial. Essa “espacialização” da noção de comunidade, isto é, a busca pela delimitação de seus contornos geográficos e pela verificação de sua maior ou menor coincidência com grupos considerados de fácil apreensão empírica, como a vizinhança, o bairro, o distrito e o município (ou, no caso norte-americano, a vila e o condado), em uma cadeia crescente de associações vinculadas a um território cuja unidade básica era a família, e não o indivíduo, ainda que se afastasse do uso típico-ideal que Ferdinand Tönnies, em sua obra clássica, fizera do conceito de comunidade (Tönnies, 1963 [1887]), exprimia a valorização da pequena escala nas relações, do contato face a face. Tal ênfase nas micro-relações decorria, por sua vez, de apreensões quanto aos efeitos, percebidos como alienantes, da modernidade, particularmente a sensação de perda de controle do indivíduo sobre processos políticos e econômicos dos quais, todavia, sua vida parecia intimamente depender, a exemplo das crises do mercado, como a de 1929, e do agigantamento do Estado moderno na esteira da crescente racionalização, expansão e autonomização de suas funções administrativas – fenômeno que, na perspectiva desses cientistas sociais, estava na raiz dos totalitarismos de diferentes colorações

que assediavam o mundo e que parecia igualmente ameaçar as democracias liberais do Atlântico Norte, como atestam os apelos dos sociólogos rurais norte-americanos, em geral entusiastas do Estado de bem-estar social, para que a ampliação do raio de ação dos governos sobre a vida social estivesse articulada à garantia de participação das comunidades na elaboração e na implementação das políticas sociais (Gilbert, 2008).

O “local” foi valorizado na medida em que se punha mais facilmente sob o controle do indivíduo concreto, ou ainda, “ao alcance do ser humano”, na expressão que costumava empregar o padre Le Bret (Pelletier, 1996), pensador comunitarista que se tornou importante interlocutor de Rios. Na comunidade, o indivíduo poderia reconhecer a si mesmo, suas aspirações e decisões. Sua escala era compatível com a do próprio ser humano. Tal reação à centralização e à impessoalização crescentes dos processos políticos, econômicos e administrativos torna inteligível a associação frequente entre comunitarismo e participativismo – ainda que, como se indicará ao longo desse trabalho, especialmente em se tratando das populações rurais brasileiras, o comunitarismo dos sociólogos rurais aqui analisados nem sempre tenha redundado em apostas categóricas quanto à possibilidade de mobilizações políticas populares, e isto em razão de um cenário que era percebido como marcado pela falta de autonomia socioeconômica e pela incapacidade de ação coletiva.

À medida que as visões de Smith e Rios parecem ter integrado uma reação comunitarista global às forças atomizadoras e centralizadoras que, na perspectiva de ambos, inscreviam-se na modernidade, optamos por realçar as afinidades intelectuais que, no decurso da pesquisa, revelaram-se elementos-chaves para a compreensão da lógica de circulação e apropriação de suas ideias sociológicas no lugar de procurar identificar o peso da influência ou a precedência das teses de um autor sobre o outro, expediente metodológico que ainda se prende à noção tradicional de difusão do conhecimento do centro para a periferia, ou de um contexto nacional para o outro.⁵ Tal enfoque implicava o abandono da preocupação com as possíveis “raízes” nacionais das ideias em questão, conforme a expressão empregada por Patel (2016) em seu estudo sobre as dimensões globais do *New Deal*, a fim de que pudéssemos apreciar os vínculos de suas ideias sociológicas a um mesmo movimento intelectual que, embora difuso e não necessariamente organizado, fez-se notar em diferentes quadrantes do globo. Com sua ênfase característica sobre a comunidade, as ideias sociológicas de Smith e Rios se associavam a uma corrente transnacional de pensamento que, dirigindo críticas tanto ao capitalismo quanto ao socialismo, afirmava-se como uma alternativa a ambos ao propor uma reforma no interior da

⁵ O modelo difusionista na história das ciências encontrou em Basalla (1967) um de seus primeiros formuladores. Para uma apreciação crítica desta visão, ver Raj (2007).

ordem social visando a uma maior distribuição da propriedade privada, mas não sua supressão, o que implicava, nas áreas de forte concentração fundiária do mundo, como era o caso de porções consideráveis das zonas rurais brasileiras, a defesa da reforma agrária. Embora o presente estudo se concentre em trocas científicas e intelectuais estabelecidas entre Brasil e EUA, expressões do pensamento comunitarista reformador em questão não se limitaram aos respectivos contextos nacionais dos autores aqui considerados, como atestam as ideias sociológicas do exilado russo Pitirim Sorokin, professor de Smith na *University of Minnesota*, que, opondo-se aos planos de nacionalização de terras pelo Estado, mostrava-se em sintonia com o programa político do Partido Socialista Revolucionário russo em favor da distribuição e gestão comunitárias das fazendas pelos camponeses (Sorokin, 1963), assim como as teses veiculadas pelo movimento Economia e Humanismo, capitaneado por Le Bret, que criou sua utopia comunitarista na França de Vichy abeberando-se da doutrina social da Igreja expressa em encíclicas papais como a *Rerum Novarum* (1891) (Pelletier, 1996).

A despeito de terem ocupado posições distintas no cenário global das ciências sociais, o que nos deve alertar para a hipótese, bastante plausível, de que suas obras e textos não tenham encontrado a mesma recepção e circulação, Smith e Rios se engajaram em um diálogo comum do qual fizeram parte diferentes pensadores, como Oliveira Vianna, o que equivale à afirmação de que transitaram em um “espaço intelectual compartilhado” (Roseblatt, 2014). Ainda que o objeto por excelência de suas investigações, nos textos aqui analisados, tenha sido o Brasil rural e as possibilidades de construção da nação a partir de sua sociedade, esses sociólogos abordaram o tema da mudança social no país com base em preocupações comunitaristas que implicaram, mais do que o fluxo unilateral de ideias em um sentido ou em outro, ou ainda, a mera sobreposição de influências, uma interlocução significativa sobre os destinos das comunidades rurais no mundo moderno. Para Rios, o déficit comunitário brasileiro no campo, decorrente de profundas desigualdades estruturais, corria o risco de se reestabelecer em um novo patamar, o das relações capitalistas modernas, caso a reforma agrária e a organização das comunidades não se articulassem a essas mudanças, o que implicava a mutação do latifúndio senhorial em fábrica.⁶ Mas o fantasma da amorfia comunitária também assombrava os EUA, especialmente os pequenos agricultores do Sul, que, segundo Smith, enfrentavam o risco da proletarianização, isto é, de sua transformação em uma classe de trabalhadores rurais despossuídos, fenômeno que vinha a reboque da mecanização das *plantations*.⁷

⁶ RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1954, p.89.

⁷ SMITH, T. Lynn. *A Sociologia da Vida Rural*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946, p. 316.

Na elaboração de seus respectivos diagnósticos sociológicos sobre as comunidades rurais brasileiras, a interlocução de Smith e Rios com Oliveira Vianna constituiu elemento-chave. Expressão paradigmática de uma tradição autoritária de pensamento social, a obra de Oliveira Vianna, peça importante dos denominados ensaios de interpretação do Brasil, encontrou desdobramentos, no plano cognitivo, nas pesquisas sociológicas que se seguiram à institucionalização universitária das Ciências Sociais no país (Botelho, 2010).⁸ Como indicaremos nesta tese, seu livro *Populações Meridionais do Brasil* teve impacto significativo nas visões de Smith e Rios, particularmente suas teses acerca do insolidarismo e dos efeitos simplificadores do latifúndio sobre a formação social brasileira. Ambos os sociólogos rurais enxergaram de modo inequívoco em Oliveira Vianna um importante “precursor” da Sociologia Rural no Brasil. A relevância que a obra do escritor fluminense assumiu para esses autores se torna inteligível quando consideramos que ela explorava, em um plano teórico mais geral, as conexões entre estrutura fundiária, dinâmica societal e participação política – problema que interessava de perto à tradição da Sociologia Rural nos EUA. Ademais, no nível dos pressupostos, o pensamento de Oliveira Vianna compartilhava com o comunitarismo de ambos um horizonte normativo que destacava, contra o individualismo do capitalismo liberal, a relevância de se estruturar a sociedade com base em princípios como a cooperação, a coesão e a solidariedade, elementos considerados centrais para o seu funcionamento que também fizeram parte das reflexões de intelectuais e acadêmicos norte-americanos do *New Deal* comprometidos, nos EUA, com a revisão das doutrinas do *laissez-faire* (Teixeira, 2018).

A interlocução desses sociólogos com Oliveira Vianna não foi, entretanto, destituída de tensões. Ainda que as análises de Smith e Rios sobre as comunidades partilhassem do postulado, presente na sociologia norte-americana, que afirmava, em flagrante contraste com a proposta autoritária e vertical de refundação da sociedade de Oliveira Vianna, centrada no Estado, a autonomia dos atores sociais (Brasil Junior, 2017), o que levou Rios a identificar suas ideias à justificação ideológica do Estado Novo⁹, o programa de engenharia social desses sociólogos rurais se mostrava, por vezes, reticente, como se indicará neste trabalho, quanto à

⁸ Ao nos referirmos, ao longo da tese, a “tradições de conhecimento” e a “matrizes de pensamento”, estamos interessados menos em avaliar o grau em que estas se constituíram em formas “nacionais” de pensar a realidade e mais em examinar a força intelectual, ou cognitiva, que exerceram sobre os esquemas de percepção do mundo social de Smith e Rios, indicando em que medida serviram como estruturas de pensamento organizadores da complexidade da experiência empírica, capazes, à maneira do estilo de pensamento de Fleck (2010), de lançar luzes sobre determinados elementos da realidade e, ao mesmo tempo, deixar outros tantos na penumbra.

⁹ RIOS, José Arthur. Democracia e marginalismo. *Carta da Resistência – Órgão da Resistência Democrática*. Rio de Janeiro, ano II, n. 55, maio 1949, p. 2nt. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios; RIOS, José Arthur. Entrevista concedida a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso em 13 de julho de 2006. Depoimentos orais do projeto ‘Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil’. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

possibilidade de mudanças conduzidas a partir da auto-organização das comunidades, fato revelador da persistência de leituras sobre o Brasil informadas por matrizes autoritárias de pensamento.

A tese está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, consideramos a formação do pensamento comunitarista do sociólogo rural T. Lynn Smith, cuja trajetória, nos anos 1930, esteve marcada pelas políticas de recuperação econômica e assistência às populações rurais implementadas pelo *New Deal* de Roosevelt e pelos esforços de consolidação da Sociologia Rural como campo científico, assim como a posterior circulação internacional, no contexto da política de boa vizinhança, do sociólogo e a consequente extensão de suas reflexões sobre as comunidades rurais. Argumentamos que os contornos que a prática sociológica de Smith veio a assumir se ligam tanto à maneira como se processou a institucionalização da Sociologia Rural nos EUA quanto às respostas do governo norte-americano à Grande Depressão. O conteúdo de sua sociologia remonta a matrizes comunitaristas de pensamento que, apesar de não terem sido apanágio do contexto intelectual norte-americano, ganharam força nos EUA entre reformadores que, identificando-se com o pensamento de Thomas Jefferson, buscaram reagir ao que percebiam como os efeitos negativos da modernização no campo, como a massificação, a atomização social e a proletarianização, propondo, no âmbito das políticas do *New Deal*, a conjugação da racionalidade produtiva e dos padrões de consumo da modernidade a programas de divisão da terra em fazendas familiares tendo em vista a promoção de formas de vida associativa local que garantissem a independência socioeconômica dos agricultores e a prática do “autogoverno”. Ademais, indicamos que, embora Smith tenha sido um dos agentes que promoveram, no âmbito das relações culturais, a política norte-americana para a América Latina em um contexto em que os EUA buscavam o alinhamento dos países do hemisfério ocidental, o sociólogo rural buscou se valer dos esforços de “solidariedade continental” empreendidos pela Política de Boa Vizinhança para fazer avançar sua agenda em torno da pesquisa e da cooperação internacionais no âmbito da Sociologia Rural.

O segundo capítulo considera as circunstâncias da viagem realizada por Smith ao Brasil em 1942 por ocasião dos esforços de guerra, realizada como parte de uma missão conjunta do Departamento de Estado e do Departamento de Agricultura norte-americanos, as atividades de aconselhamento técnico e estudo acadêmico acerca do país desenvolvidas pelo sociólogo ao longo dos anos 1940 e 1950, e a produção de sua visão sociológica sobre as populações rurais brasileiras que emergiu dessas experiências. Detemo-nos, inicialmente, na análise dos nexos que ligam o diagnóstico do Brasil rural produzido por Smith durante a

guerra não apenas a matrizes norte-americanas de pensamento mas também a tradições locais de interpretação do país, em que assumem proeminência as teses do insolidarismo e dos efeitos simplificadores do latifúndio, contidas em *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna. O capítulo enfoca, em seguida, as atividades desenvolvidas por Smith no âmbito das políticas de assistência técnica para a América Latina levada a cabo pelo *Office of Foreign Agricultural Relations* (OFAR) nos anos 1940, examinando a forma como o sociólogo rural passou a se concentrar na região como parte de sua especialidade no mundo acadêmico norte-americano, voltando-se, ao final da guerra, para os denominados estudos de área ao aceitar presidir, em 1947, o *Institute of Brazilian Studies* da *Vanderbilt University*, centro de ensino e pesquisa multidisciplinar dedicado ao Brasil. Ao mesmo tempo que Smith procurou legitimar o uso do conhecimento sociológico no âmbito dos programas de assistência técnica a cargo dos EUA, buscando um espaço para sua especialidade no interior das agências do Estado, seu interesse primacial residia na consolidação da Sociologia Rural enquanto campo científico e na expansão das pesquisas e das redes de atores que pudessem garantir a circulação das ideias e práticas da disciplina para além do território norte-americano. Retomando a análise do entrecruzamento das distintas matrizes de pensamento que se processou na produção intelectual de Smith, o capítulo considera, finalmente, o programa de engenharia social elaborado pelo sociólogo para o Brasil por ocasião de suas viagens, centrado na reforma agrária e na educação rural, e consubstanciado em memorando que redigiu em 1952 a pedido do governo Vargas, no âmbito da atividade de aconselhamento a cargo do programa de assistência técnica denominado Ponto IV. Ao apontar para os efeitos deletérios da estrutura fundiária brasileira sobre a vida comunitária do país e os limites que aquela impunha ao exercício da democracia política e à racionalização da produção agrícola, Smith dialogava não apenas com as experiências dos sociólogos rurais do *New Deal* e com a matriz comunitarista que informava esses cientistas reformadores, mas também com as teses de Oliveira Vianna. Embora apresentassem fortes afinidades, decorrentes, sobretudo, de modelos comunitaristas de compreensão da sociedade, essas tradições de conhecimento possuíam implicações políticas incongruentes, o que se refletiu em tensões nas recomendações práticas que Smith teceu tendo em vista o desenvolvimento das comunidades rurais brasileiras, conferindo destaque ora à participação das populações locais nas políticas públicas ora à necessidade de intervenção vertical do Estado.

O terceiro capítulo se volta para a trajetória inicial e formação intelectual de José Arthur Rios, que se tornou um dos principais elos de ligação da Sociologia Rural de Smith com o Brasil após estudar sob sua orientação, no pós-guerra, na *Louisiana State University*,

constituindo-se ainda, nos anos seguintes, como importante aliado do sociólogo norte-americano em seu programa de engenharia social calcado na reforma agrária. Detendo-nos no exame dos vínculos de Rios a importantes círculos intelectuais e políticos do Rio de Janeiro, como o Centro Dom Vital, núcleo de atuação da intelectualidade católica leiga, e a Resistência Democrática, que reunia diferentes grupos de opositores ao Estado Novo, argumentamos que o sociólogo, no lugar de ter sido o receptor ou difusor passivo dos ideais científicos e reformadores de Smith, enxergou na Sociologia Rural norte-americana um instrumento capaz de promover a reestruturação da ordem social brasileira em um sentido democratizante e ao mesmo tempo sintonizado com os princípios de cooperação, harmonia e desenvolvimento da pessoa humana valorizados pelo pensamento social da Igreja. Neste sentido, pode-se afirmar que a estreita vinculação de Rios a correntes sociológicas nos EUA, ao invés de refletir uma adesão automática a ideias oriundas dos centros hegemônicos de produção científica por parte de um intelectual situado no Sul global, foi expressão de uma convergência transnacional de ideais comunitaristas que surgiram como reação à ameaça que as forças atomizadoras, massificadoras e tentaculares do Estado e do mercado modernos pareciam representar para a existência dos pequenos grupos, considerados as principais fontes para o bem-estar coletivo e a garantia de exercício das liberdades.

No quarto capítulo, a análise se concentra nos esforços de Rios, levados a cabo nos anos 1940 e 1950, para conquistar espaços institucionais aptos a albergar a prática da Sociologia Rural e ao mesmo tempo reformar as condições de vida das populações rurais brasileiras. Examinamos, inicialmente, as diferentes tentativas de inserção profissional de Rios enquanto sociólogo-pesquisador em agências do Estado e instituições de pesquisa, experiências que patenteiam sua descrença na universidade brasileira enquanto espaço institucional propício ao desenvolvimento científico. Em seguida, o capítulo enfoca as atividades que, ao longo dos anos 1950, viabilizaram a atuação de Rios como sociólogo. São abordadas, neste caso, as políticas sociais de desenvolvimento rural e organização de comunidades de cuja formulação Rios participou a partir de sua inserção na Campanha Nacional de Educação Rural e no Serviço Especial de Saúde Pública, com base em suas concepções sociológicas comunitárias, que apontavam para um ideal de engenharia social em pequena escala. Discutimos em que medida essas políticas foram o resultado do encontro de diferentes vertentes de pensamento, anti-estatizantes e anti-centralizadoras, que se tornaram salientes com o início da Guerra Fria e consideramos ainda os desdobramentos da Sociologia Rural de Rios na pesquisa que coordenou, sob a supervisão do frei dominicano Joseph-Louis Lebret, sobre as populações das favelas da cidade do Rio de Janeiro. Argumentamos que o

tipo de intervenção social delineado por Rios representou, no Brasil, a aposta em um modelo de desenvolvimento calcado no fortalecimento dos grupos locais, aposta que também se fez presente em iniciativas levadas a cabo, nos anos 1950, em diferentes áreas do denominado “terceiro mundo”, sob influxo de modelos de intervenção propalados por sociólogos rurais e reformadores comunitaristas norte-americanos, como o chamado “desenvolvimento de comunidade”, em circulação em diversas partes do mundo ao término da Segunda Guerra Mundial. A forma de intervenção adotada por Rios não foi, todavia, expressão de um alinhamento mecânico e automático com essas propostas, mas representou, no contexto da Guerra Fria, a busca por alternativas, a partir de uma perspectiva reformadora afinada com o pensamento social da Igreja, tanto ao processo de proletarização das massas rurais desencadeado pela modernização capitalista no campo quanto às soluções “totalitárias” do socialismo que implicavam, nesta leitura, o agigantamento das burocracias dos Estados Nacionais. Neste sentido, sua perspectiva comunitarista exprimia uma aliança entre o pensamento reformador católico e a filosofia democratizante e participativista norte-americana. Subjacente à sociologia de Rios, encontra-se a percepção de que as ameaças que os processos de modernização representavam para o desenvolvimento da “pessoa humana”, conceito caro ao pensamento católico, atomizando a sociedade e colocando o indivíduo, sem grupos intermediários, diante das estruturas tentaculares do Estado e do mercado, deviam ser combatidas a partir da criação e do fortalecimento dos grupos locais.

Capítulo 1 – Sociologia Rural e comunitarismo na Era Roosevelt

Introdução

Neste capítulo, consideramos, inicialmente, a formação do pensamento comunitarista do sociólogo rural T. Lynn Smith, cuja trajetória, nos anos 1930, esteve marcada pelas políticas de recuperação econômica e assistência às populações rurais implementadas pelo *New Deal* de Roosevelt e pelos esforços de consolidação da Sociologia Rural como campo científico. Na sequência, analisamos a circulação internacional do sociólogo no contexto da política de boa vizinhança, o que o conduziu ao ambicioso projeto científico de estender suas reflexões sobre as comunidades rurais para a América Latina.

Ao acompanhar os passos iniciais da trajetória de Smith, sociólogo que se formou na *University of Minnesota*, prestigiosa universidade do Meio Oeste norte-americano, e começou sua carreira profissional na *Louisiana State University*, no Sul do país, procuramos esmiuçar as coordenadas institucionais e cognitivas que estiveram na raiz de sua abordagem sociológica, fortemente normativa e pragmática, voltada para a promoção de ideais de vida comunitários nas zonas rurais. Os contornos que a prática sociológica de Smith veio a assumir se ligam tanto à maneira como se processou a institucionalização da Sociologia Rural nos EUA quanto às respostas do governo norte-americano à Grande Depressão. O conteúdo de sua sociologia remonta a matrizes comunitaristas de pensamento que, embora não tenham sido apanágio do contexto intelectual norte-americano – como se depreende do pensamento sociológico do exilado russo Pitirim Sorokin, cujas ideias desempenharam relevante papel na formação de Smith –, ganharam força nos EUA entre reformadores que, identificando-se como herdeiros de Thomas Jefferson, buscaram reagir ao que percebiam como os efeitos negativos da modernização capitalista no campo, como a massificação e a proletarização, propondo, no âmbito das políticas do *New Deal*, a conjugação da racionalidade produtiva e dos padrões de consumo típicas da modernidade a programas de divisão da terra em fazendas familiares tendo em vista a promoção de formas de vida associativa local que garantissem a independência socioeconômica dos agricultores e a prática do “autogoverno”.

Em seguida, analisamos as circunstâncias históricas que conduziram Smith ao Brasil, enfocando sua viagem de 1939, em meio às tentativas dos EUA de aproximação diplomática e cultural com a América Latina. Argumentamos que, embora o sociólogo rural tenha sido um dos agentes a promover, no âmbito das relações culturais, a política norte-americana para a

América Latina em um contexto em que os EUA, desfraldando a bandeira da solidariedade interamericana, buscavam o alinhamento dos países do hemisfério ocidental diante da ameaça representada pelas potências do Eixo, Smith procurou se valer das circunstâncias políticas internacionais produzidas pelo pan-americanismo de Roosevelt para fazer avançar sua agenda de pesquisas em Sociologia Rural e ampliar o leque de interlocutores, veiculadores e praticantes da disciplina para além do território norte-americano.

1.1. Da comunidade mórmon ao Meio Oeste norte-americano: os primeiros passos de T. Lynn Smith

A formação acadêmica e os primeiros anos da carreira profissional de Thomas Lynn Smith (1903 – 1976) estão intimamente associados aos contornos institucionais e cognitivos que a Sociologia Rural começava a assumir enquanto campo disciplinar nos EUA. Smith era o sexto filho de uma família de agricultores mórmons de classe média de Sanford, pequeno vilarejo do Condado de Conejos, situado ao Sul do estado do Colorado, EUA, no Vale de San Luis, nas proximidades da cabeceira do Rio Grande.¹⁰ Grupos mórmons do Sul e da Costa Leste dos EUA, sob a orientação de lideranças religiosas do estado de Utah, haviam ocupado o Sul do Colorado em fins do século XIX, quando passaram a residir ao lado da população mexicana católica que habitava a região.¹¹ Durante seus primeiros anos escolares em *San Luis Academy*, Manassa, Smith viveu entre Sanford e o pequeno rancho que o pai possuía no estado vizinho do Novo México, envolvendo-se nas tarefas manuais diárias da fazenda. Em 1925, por sugestão de Lowry Nelson¹², que conhecera em seu trabalho de jovem missionário

¹⁰ As principais informações biográficas de Smith foram extraídas de rascunho autobiográfico encontrado em seu acervo pessoal e da entrevista concedida por sua esposa, Louvina Smith, a Emily Ring em 5 de março de 1979. Louvina nasceu em uma família mórmon de criadores de ovelha no vilarejo de Manassa, Conejos County, Colorado, e conheceu Smith na mesma escola local de ensino médio que frequentavam. Ambos se casaram na Igreja mórmon em 1928. SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*. T. Lynn Smith Papers, Center for Southwest Research, University of New Mexico, doravante TLSP, Box 2, Folder 61, 1973; SMITH, Louvina. *Mrs. Lynn Smith*. University of Florida Oral History Collections, 1979.

¹¹ SMITH, T. Lynn. *The 'mormon' settlements in Conejos County, Colorado*. Term Paper written for History 82. Brigham Young University, April 27, 1928. TLSP, Box 2, Folder 14. Religião milenarista que pregava a restauração dos princípios cristãos originais, o Mormonismo, cuja denominação principal veio a ser conhecida como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, foi iniciado nos anos 1830 pelo profeta Joseph Smith Jr, proveniente de um distrito rural do estado de Nova Iorque. Smith Jr afirmava a necessidade de restabelecimento de uma Nova Jerusalém, ou Cidade de Sião, no território americano como etapa preparatória para o retorno do messias e o fim do mundo, lançando as bases para a organização das primeiras colônias mórmons ('settlements'), que deveriam ser estruturadas conforme os princípios comunitaristas e igualitaristas que teriam inspirado os primeiros cristãos. Ver: NELSON, Lowry. *The Mormon Village: A Pattern and Technique of Land Settlement*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1952; SMITH, T. Lynn. *A sociological analysis of some of the aspects of rural religious culture as shown by Mormonism*. A thesis submitted to the Graduate Faculty of the University of Minnesota, June 1929. TLSP, Box 23, Folder 18.

¹² Igualmente de extração rural e mórmon, Lowry Nelson (1906 – 1985) havia se formado em agronomia na *Utah State Agricultural College* em 1916, tornando-se diretor da Divisão da Extensão Agrícola da Universidade de Brigham Young em 1923. Sua carreira se voltou de modo decisivo para a Sociologia nesse mesmo ano

em Madison, Wisconsin, Smith ingressou na *Brigham Young University*, instituição mórmon situada na cidade de Provo, no estado de Utah, que levava o nome do líder religioso sob cuja direção os mórmons haviam empreendido sua marcha para o oeste no território norte-americano na década de 1840. Na *Brigham Young University*, Smith auxiliou Lowry Nelson em seus estudos sobre as vilas rurais mórmons de Ephraim e American Fork, em Utah.¹³ Neste período, a aspiração de Smith de se tornar engenheiro civil foi substituída pela ideia de aprofundar os estudos em Sociologia. Em seu depoimento, Louvina sugere que o afastamento de Smith da prática da religião Mórmon – o que teria implicado, segundo Rios (2000: 7), a assunção de uma posição agnóstica – foi concomitante ao seu envolvimento acadêmico com a Sociologia, ideia que parece se confirmar a partir da leitura das notas autobiográficas de Smith, que, curiosamente, omitem quaisquer referências à sua ligação com o mormonismo.¹⁴ Crenças do Mormonismo, senão de ordem cosmológica ao menos de natureza ético-política, imprimiram, todavia, força considerável à visão sociológica comunitarista de Smith, especialmente aquelas que, segundo Nelson (1933: 26), postulavam a igualdade econômica com base na distribuição equilibrada de lotes de terra entre as famílias da comunidade religiosa e sublinhavam o valor da fraternidade entre seus membros.¹⁵

Em 1928, após concluir a graduação com ênfase (*major*) em Sociologia e História, Smith iniciou seus estudos pós-graduados na *University of Minnesota*, Minneapolis, onde havia obtido auxílio financeiro (*assistantship*) para trabalhar como assistente de pesquisas de

quando, em um curso de verão na Universidade da Califórnia, assistiu aos cursos ministrados por Charles Josiah Galpin, considerado um dos fundadores da Sociologia Rural nos EUA e especialmente conhecido pelo texto *The Social Anatomy of an Agricultural Community* (1915). Nelson realizou o mestrado na Universidade de Wisconsin valendo-se, para sua dissertação, dos resultados da pesquisa sobre a comunidade rural mórmon de Escalante, realizada em colaboração com a *Division of Farm Population and Rural Life* do Departamento de Agricultura dos EUA, dirigida por Galpin (Nelson, 1969: 184-185). Em suas memórias, Nelson relata seu primeiro encontro com o jovem missionário T. Lynn Smith em Madison, quando teria lhe mostrado os resultados de sua pesquisa sobre Escalante. NELSON, Lowry. *Eighty: One man's way there. A memoir by Lowry Nelson*. Mimeo., abril de 1973. TLSP, Box 16, Folder 28, p. 75.

¹³ Essas pesquisas faziam parte dos estudos que Lowry Nelson vinha conduzindo sobre vilas de agricultores mórmons em Utah com base de acordo de cooperação com a divisão de estudos dirigida por Galpin no Departamento de Agricultura. Dessas investigações resultaram a publicação de três estudos: A esse respeito, Nelson publicou três estudos: *A Social Survey of Escalante, Utah* (1925); *The Utah Farm Village of Ephraim* (1928); *Some social and economic features of American Fork, Utah* (1933). Mediante seus contatos em diferentes universidades norte-americanas, principalmente com aquelas situadas no Meio Oeste, Galpin vinha fomentando pesquisas sobre as feições e os contornos territoriais que assumiam os grupamentos sociais de diferentes localidades rurais dos EUA a fim de avaliar em que medida aqueles podiam ser considerados comunidades.

¹⁴ SMITH, Louvina. *Mrs. Lynn Smith*. University of Florida Oral History Collections, 1979, p. 9; SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*. TLSP, Box 2, Folder 61, 1973.

¹⁵ Para Nelson, a forte solidariedade de grupo das vilas mórmons decorria de uma série de fatores, tais como: a liderança carismática de seus primeiros líderes (Joseph Smith Jr e Brigham Young); a experiência de conflito e perseguição pela sociedade norte-americana inclusiva que marcou os primeiros assentamentos mórmons na costa leste dos EUA; os esforços de cooperação ligados ao estabelecimento de novas colônias na região das Montanhas Rochosas, no oeste do país; e uma forte visão milenarista e escatológica compartilhada pelos membros da religião (Nelson, 1952; Goodsell, 2000).

Carle Zimmerman no Departamento de Sociologia por um ano.¹⁶ A *University of Minnesota* constituía importante “land-grant college” do Meio Oeste norte-americano, ao lado das universidades de Wisconsin, Missouri e da *Michigan State University*. Os primeiros *land-grant colleges* foram construídos em meados do século XIX, com a promulgação do *Morril Act* de 1862, que autorizava a concessão de terras da união a diferentes estados tendo em vista a criação de instituições de ensino superior que complementassem o currículo clássico das universidades tradicionais mediante a oferta de formação prática em áreas técnicas e científicas ligadas à agricultura e às engenharias e artes mecânicas.¹⁷ Em torno das escolas de agricultura dessas instituições, a partir da cooperação entre estados e governo federal, desenvolveram-se, com o correr do tempo, as Estações Agrícolas Experimentais (destinadas à pesquisa) e, no início do século XX, os Serviços de Extensão Agrícola (voltadas para a difusão, entre as populações rurais, dos avanços técnicos e científicos no âmbito da produção agrícola) (Nelson, 1961). Como indicaremos na próxima seção, este complexo de instituições impulsionou, em grande medida, o desenvolvimento da Sociologia Rural nos EUA a partir dos anos 1920 (Brunner, 1957; Hofstee, 1963; Nelson, 1969).

A *University of Minnesota* parecia particularmente interessante aos olhos de Smith porque a ela havia então se associado Pitirim A. Sorokin, intelectual exilado da União Soviética que começava a adquirir projeção nos meios acadêmicos norte-americanos e que vinha publicando obras teóricas em Sociologia cobrindo um vasto leque de autores, especialmente europeus, como: *Sociology of Revolution* (1925), *Social Mobility* (1927) e *Contemporary Sociological Theories* (1928). Nascido em uma família de camponeses do Norte da Rússia em 1889, Sorokin fundara o Departamento de Sociologia da Universidade de Petrogrado após concluir estudos em criminologia na instituição. Adepto de um programa político para os camponeses russos visando à garantia da posse e do controle da terra pelas próprias comunas rurais que nelas trabalhavam, Sorokin militou, nos primeiros anos da Revolução Russa, na ala moderada do Partido Socialista Revolucionário, tornando-se, com a instituição do governo provisório, secretário de Kerensky. Antes da revolução, da qual veio a

¹⁶ Nascido em 1897 em uma família de professores do interior do estado de Missouri, no Meio Oeste norte-americano, Zimmerman obteve a graduação na *Missouri State University*, onde havia travado contato com as aulas de sociologia de Luther Lee Bernard e Carl Taylor. No início dos anos 1920, realizou o mestrado sob orientação de Carl Taylor em *North Carolina State College*, defendendo dissertação sobre o padrão de vida dos fazendeiros da Carolina do Norte. Em seguida, trabalhando, por recomendação de Bernard, como assistente do economista John D. Black na *University of Minnesota*, concluiu sua tese em Economia sobre as cooperativas agrícolas do estado de Minnesota (Zimmerman, 1969; Smith, 1983).

¹⁷ ESTADOS UNIDOS. Act of July 2, 1862 (Morrill Act), Public Law 37-108, which established land grant colleges, 07/02/1862; Enrolled Acts and Resolutions of Congress, 1789-1996; NARA, Record Group 11; General Records of the United States Government. Disponível em <http://www.ourdocuments.gov/doc.php?doc=33&page=transcript>. Acesso em 5/5/2018.

se tornar ferrenho opositor com a chegada dos bolcheviques ao poder, Sorokin teria sido ativo especialmente em organizações sindicais de camponeses. Refugiando-se inicialmente na Checoslováquia depois de sucessivas prisões e de ter sido sentenciado à morte, da qual teria sido salvo por intervenção do próprio Lênin, o sociólogo migrou para os EUA com o objetivo de estabelecer contato com as associações culturais e econômicas dos fazendeiros norte-americanos. Em 1923, Sorokin foi convidado por Edward C. Hayes, professor da *University of Illinois*, e Edward Ross, da *University of Wisconsin*, para uma série de conferências nessas instituições sobre a Revolução Russa, dirigindo, na ocasião, acerbas críticas às consequências sociais que o evento teria provocado, como o agravamento das condições de privação material de parcelas expressivas das populações rurais. Em nota introdutória a *Sociology of Revolution*, obra escrita por Sorokin a partir de sua experiência, o sociólogo Edward Hayes, de Illinois, observava que o livro representava uma condenação eloquente dos excessos das revoluções e evidenciava a importância de se buscar por um equilíbrio, em se tratando de políticas de bem-estar social, entre estabilidade e mudança.¹⁸ A ascensão de Sorokin nos círculos acadêmicos norte-americanos foi vertiginosa: em 1924, ingressava no quadro de professores da *University of Minnesota* e, em 1930, era convidado para montar e chefiar o novo Departamento de Sociologia da Universidade de Harvard. Nessa última instituição, foi professor, entre outros, do sociólogo Robert Merton (Simpson, 1953; Sorokin, 1963).

Em Minnesota, Sorokin havia se voltado para a publicação de textos em Sociologia Rural que pretendiam assentar as bases científicas e conceituais da disciplina, oferecendo-lhe um tratamento sistemático: *Principles of Rural-Urban Sociology* (1929), livro escrito em coautoria com Zimmerman, e *A Systematic Source Book in Rural Sociology* (1930-1932), obra dividida em três tomos e organizada conjuntamente com Zimmerman e Charles Galpin. Não apenas Smith, mas diversos colegas de curso que vieram a se tornar atuantes no campo da Sociologia Rural nos EUA estiveram expostos à ascendência intelectual de Sorokin e Zimmerman em Minnesota em fins dos anos 1920, como Fred Frey, C. Arnold Anderson, Paul Landis, Otis Duncan, Conrad Taeuber e Nathan Whetten (Smith, 1963). Sob orientação de Sorokin, Smith defendeu sua dissertação de mestrado em junho de 1929 na forma de uma análise sociológica da religião mórmon, concebida como um produto cultural do mundo rural, o que lhe conferiu o título de *Master of Arts* com *major* (formação principal) em Sociologia e

¹⁸ HAYES, E. C. "Editor's Introduction". In SOROKIN, Pitirim. *The Sociology of Revolution*. Philadelphia and London: J.B. Lippincott Company, 1925.

minor (formação complementar) em Antropologia.¹⁹ O contato de Smith com a Sociologia Rural de Sorokin teve um impacto considerável em suas ideias sobre o funcionamento das comunidades e da estrutura social das zonas rurais dos EUA.²⁰

Smith deu continuidade à sua formação em Minnesota, auxiliado por bolsa de estudo do *Social Science Research Council* (SSRC), o que lhe permitiu custear os estudos em meio à Grande Depressão. Essa modalidade de bolsa havia sido instituída com o propósito de dotar os quadros que se voltavam para a realização de pesquisas em Sociologia Rural com as devidas credenciais científicas e acadêmicas.²¹ O número de pesquisas em Sociologia Rural nos EUA vinha aumentando desde a promulgação, em 1925, do *Purnell Act*, que autorizava que uma parcela dos recursos federais destinados às Estações Agrícolas Experimentais dos estados fosse destinada a investigações econômicas e sociológicas que tivessem como

¹⁹ A interpretação literal e a observação estrita dos ensinamentos do antigo e do novo testamentos, tidos como fontes diretas da revelação divina, a presença ubíqua da religião em todas as esferas da vida, o dogmatismo epistêmico em oposição ao ceticismo, a influência marcante de imagens relacionadas à natureza e à agricultura na pregação e na imaginação da religião mórmon, o rígido código moral puritano de autodisciplina e renúncia estoica aos prazeres mundanos assim como a representação de Deus como jardineiro ou primeiro cultivador constituíam, segundo Smith, características que faziam do Mormonismo uma religião rural. Em sua dissertação, Smith argumenta, ademais, que esse sistema de crenças, cuja consistência e reprodução havia dependido em grande medida de seu relativo isolamento em localidades rurais, começava a sofrer o impacto da “civilização urbana” dos EUA, que se traduzia principalmente na ampliação dos meios de circulação de pessoas e informações entre campo e cidade e na proliferação e intensificação dos contatos conducentes à secularização das crenças e ao relaxamento de certas prescrições morais. Salt Lake City (Utah), cidade-sede da Igreja Mórmon desde a ocupação do Oeste, constituía um centro irradiador das influências urbanas sobre a população mórmon, que em sua maioria ainda vivia no campo. Uma destas influências se manifestava no recurso que autores mórmons educados nos centros urbanos faziam, com cada vez mais frequência, da ciência e da filosofia seculares na tentativa de fornecer uma fundamentação racional às verdades reveladas do Mormonismo, o que, segundo Smith, abria as portas, paradoxalmente, para o questionamento e a dúvida em relação aos dogmas originais por parte da juventude mórmon, produzindo o efeito contrário do pretendido. *A sociological analysis of some of the aspects of rural religious culture as shown by Mormonism*. A thesis submitted to the Graduate Faculty of the University of Minnesota, June 1929. TLSP, Box 23, Folder 18.

²⁰ As disciplinas cursadas por Smith foram, em sua maioria, ministradas por Sorokin e Zimmerman: “Seminar - Rural Sociology”; “Rural Social Organization” e “Rural Social Survey” (Carle Zimmerman); “Sociology of Revolution”; “History of Social Theory”; “Contemporary Sociological Theory”; “Social Organization” e “Seminar – Social Theory” (Pitirim Sorokin); “The Family” (Edwin Sutherland); “Social Control” (Malcom M. Willey); “Advanced Statistical Methods” e “Seminar – Statistics” (Robert Murchie); “Primitive Religion”; “The American Indian” e “Seminar – Cultural Anthropology” (Wilson Wallie); “Seminar – Criminology” (Alexander Carr-Saunders); “Statistics” (Corrado Gini); “Advanced Agricultural Statistics” (Dorthea Kittredge); “Marketing Organization: Fruits and Vegetables” (R. W. Cox); “Seminar – Marketing of Livestock” (O. B. Jesness). SMITH, T. Lynn. “Program of T. Lynn Smith”. TLSP, Box 1, Folder 2.

²¹ Para se adequar às especificações da bolsa, Smith substituiu o *minor* (formação complementar) que pretendia obter em Antropologia por outro em Economia Agrícola (‘Agricultural Economics’). A política de bolsas da SSRC foi instituída a partir de sugestão do *Committee on Economic and Social Research in Agriculture* durante reunião da *American Farm Economic Association* de 1927. O comitê havia indicado a baixa qualidade e limitações das pesquisas que vinham sendo conduzidas em Economia Agrícola e Sociologia Rural, recomendando que bolsas fossem instituídas para a formação, em nível pós-graduado, de pesquisadores nessas áreas (Davis, 1934). Diversos estudantes que vieram a ocupar postos nas Estações Agrícolas foram beneficiados por essa modalidade de bolsa, como Arnold Anderson, Howard Beers, Horace Hamilton, Charles Loomis, Robert Polson, Leland Tate e Nathan Whetten. (SMITH & MONTIEL, 1958: 829).

objetivo o desenvolvimento e melhoria dos lares e da vida nas zonas rurais do país.²² O *Purnell Act* foi considerado marco importante nos esforços dos sociólogos rurais na busca por espaços que abrigassem suas atividades de pesquisa e lhes conferissem respaldo institucional. A lei contribuiu para vencer o ceticismo reinante entre os diretores das estações agrícolas dos EUA quanto ao valor de estudos que, realizados no âmbito das ciências humanas, não se relacionavam diretamente ao exame dos aspectos físicos e técnicos da produção agropecuária (Nelson, 1969; Larson & Zimmerman, 2003).

Em 1930, à semelhança de colegas da *University of Minnesota*, como Arnold Anderson e Nathan Whetten, Smith se inscreveu para um ano de estudos complementares em Harvard a fim de acompanhar a transferência de Sorokin para essa instituição, que havia encarregado o exilado russo de organizar o novo Departamento de Sociologia.²³

Em 1932, com base em dados obtidos em amplo *survey* de 140 vilas rurais (‘villages’) nos EUA coordenado por Edmund de S. Brunner, diretor do *Institute of Social and Religious Research* da cidade de Nova Iorque²⁴, Smith defendeu sua tese de doutorado na *University of Minnesota* sob o título *An analysis of the changes in social organization of the American agricultural village from 1900 to 1930*, enfocando 12 vilas por ele pesquisadas no verão de 1930 nos estados de Dakota do Norte, Minnesota e Indiana, no Meio Oeste dos EUA.²⁵

²² De acordo com a letra da lei: “Os fundos aprovados relacionados a esta lei serão aplicados no pagamento das despesas necessárias à condução de investigação ou à realização de experimentos tratando diretamente da produção, manufatura, preparo, uso, distribuição e comercialização de produtos agrícolas, incluindo pesquisas científicas que tenham como propósito o estabelecimento e a manutenção de uma indústria agrícola permanente e investigações econômicas e sociológicas que tenham como propósito o desenvolvimento e a melhoria do habitat rural e da vida rural”. ESTADOS UNIDOS. *Purnell Agricultural Experiment Stations Bill. Hearings before the Committee on Agriculture. House of Representatives. Sixty-Eighth Congress. First Session. Jan. 22, 1924.* Washington D.C.: Government Printing Office, p. 2. Esta e demais traduções do inglês apresentadas ao longo da tese foram feitas livremente.

²³ Em Harvard, durante o ano letivo de 1930-1931, Smith cursou as seguintes disciplinas: “Introduction to Social Psychology” (Gordon Allport); “Economics of Agriculture” e “Research Methods” (John D. Black); “Races and Cultures of Aboriginal America – North America”; “Races and Cultures of Aboriginal America – Mexico and South America”; “Races and Cultures of Asia” (Roland Dixon); “Vital Statistics” (E. B. Wilson); “Primitive Sociology” (Alfred Tozzer). SMITH, T. Lynn. “Program of T. Lynn Smith”. TLSP, Box 1, Folder 2.

²⁴ Formado em teologia em Moravian College, Bethlehem, Pensilvânia, Brunner (1889-1973) atuou como pastor da Igreja Moraviana, de denominação protestante, em zonas rurais da Pensilvânia e, ao fim da Primeira Guerra Mundial, tornou-se diretor da divisão de *surveys* do *Interchurch World Movement*, associação fundada por diversas denominações protestantes norte-americanas e financiada pela Fundação Rockefeller com o objetivo de reunir esforços para a reorganização das igrejas, especialmente aquelas situadas no campo, de modo a fortalecer a vida comunitária local, evitar a competição entre as denominações de uma mesma localidade e solucionar o problema da perda de fiéis nas zonas rurais (Nelson, 1969). No início dos anos 1920, Brunner passou a dirigir a divisão de pesquisas do *Institute of Social and Religious Research*, sucedâneo daquela primeira instituição, onde deu continuidade a investigações demográficas e sociológicas que envolviam, entre outras questões, a frequência e a participação das comunidades rurais nas igrejas protestantes distribuídas pelo interior e a decadência das pequenas igrejas do campo diante do desenvolvimento econômico das vilas. No início dos anos 1930, ele se tornou professor do *Teacher's College* e do Departamento de Sociologia de Columbia (Brunner, 1969).

²⁵ Este *survey*, para qual Smith foi contratado como pesquisador de campo por indicação de Carle Zimmerman, constituía um novo levantamento das mesmas aldeias que Brunner havia estudado em 1924-1925 e seus resultados foram publicados como parte do relatório encomendado pelo presidente Herbert Hoover ao *Research*

Embora os nomes de F. Stuart Chapin, chefe do Departamento de Sociologia da *University of Minnesota*, e Robert W. Murchie, economista agrícola e professor de Estatística da instituição, figurem como orientadores da tese, esta havia sido concebida sob a orientação de Carle Zimmerman²⁶ que, no entanto, em razão de viagem de estudos à Tailândia patrocinada pelo governo norte-americano, teve de interromper, no início dos anos 1930, suas atividades acadêmicas nos EUA. Ao ingressar na pós-graduação, Smith havia auxiliado Zimmerman em estudo sobre as diferenças de poder aquisitivo entre as famílias das zonas rurais e das cidades em Minnesota²⁷, participando ainda da organização e análise dos achados da pesquisa de Zimmerman acerca do impacto dos processos de urbanização e industrialização sobre os pequenos centros comerciais ('trade centers') frequentados pelos fazendeiros do estado.²⁸ Esses trabalhos, ao lado do *survey* empreendido sob a supervisão de Brunner, contribuíram para a definição do escopo da tese de Smith. Enfocando o impacto da modernização sobre vilarejos rurais do Meio Oeste do EUA, áreas consideradas importantes para a vida comunitária local, a pesquisa de doutoramento do sociólogo se voltava para o problema da "mudança social e cultura" enfrentado pelas populações fazendeiras.

Em 1931, antes de concluir sua tese, Smith foi convidado para trabalhar como professor assistente do *Department of Sociology, College of Arts and Sciences, Louisiana State University* (LSU) e também como sociólogo rural assistente do Departamento de Economia Agrícola da Estação Agrícola Experimental da instituição, dando início à sua carreira profissional. O convite partiu de dois colegas que Smith havia conhecido na *University of Minnesota*, o sociólogo Fred C. Frey e o economista agrícola Roy L. Thompson, e integrava os esforços de Frey, até então um dos únicos professores do Departamento de Sociologia da LSU, para tornar efetiva a possibilidade de pesquisas em Sociologia Rural na Estação Experimental de Louisiana, oportunidade surgida com a promulgação do *Purnell Act* (1925), que autorizava o uso de parte de recursos federais destinados às estações agrícolas do país para este fim. Resultado da fusão, em 1877, da Escola Militar e da Escola de Agricultura e Artes Mecânicas

Committee on Social Trends dirigido por William Ogburn. KOLB, John H; BRUNER, Edmund de S.. "Rural Life". In ESTADOS UNIDOS. *Recent social trends in the United States – Report of the President's Research Committee on Social Trends*. New York: McGraw-Hill, 1933, pp. 497-552.

²⁶ Carta de Carle Zimmerman para N. L. Whetten, T. Lynn Smith, E. A. Taylor, C. A. Anderson e Conrad Taeuber, 6 de agosto de 1930. TLSP, Box 5, Folder 36. Ver ainda, a esse respeito, o *curriculum vitae* de Smith. TLSP, Box 1, Folder 1, p. 3. Robert Murchie, que possuía o grau de doutor em Economia Agrícola pela *University of Minnesota*, ocupou a vaga em Sociologia Rural aberta com a saída de Zimmerman que, ao regressar aos EUA, ingressou no corpo docente da Universidade de Harvard a convite de Sorokin (Nelson, 1969: 70).

²⁷ ZIMMERNMAN, Carle. *Incomes and expenditures of Minnesota Farm and City Families, 1927-28*. St. Paul: Minnesota Agricultural Experiment station, Bulletin n. 24, 1929.

²⁸ ZIMMERMAN, Carle. *Farm trade centers in Minnesota, 1905-1929: a study in rural social organization*. St. Paul: University of Minnesota, Agricultural Experimental Station, Bulletin 269, sept. 1930.

de Louisiana (*Louisiana Agricultural and Mechanical College*), ambas concebidas originalmente como *land-grant colleges*, a LSU vinha recebendo, desde fins dos anos 1920, forte impulso para a expansão dos cursos que ofertava, até então restritos às áreas técnicas da agricultura e da engenharia, contando, para tanto, principalmente, com o apoio de Huey Long, que em 1928 havia sido eleito governador do estado de Louisiana.²⁹

Em seus primeiros anos na LSU, Smith realizou pesquisa sobre as vilas e pequenos centros comerciais das zonas rurais de Louisiana nos moldes do estudo desenvolvido por Zimmerman em Minnesota e reuniu e analisou dados censitários relativos à distribuição e ao crescimento populacional do Estado a partir de seu posto de sociólogo rural na Estação Agrícola Experimental. No Departamento de Sociologia do *College of Arts and Sciences*, ele participou da montagem dos programas de mestrado e doutorado em Sociologia, além de se encarregar de diferentes disciplinas ao longo dos anos, tais como: Estudos Populacionais, Sociologia Rural, Introdução à Sociologia, Problemas Sociais, A Família, História do Pensamento Social, Métodos de Pesquisa, Teorias Sociológicas Contemporâneas, Estatística Social, Controle Social, Organização Social e Mudança Social.³⁰ Em 1935, Smith se tornou professor associado e, em seguida, professor efetivo, tendo sido nomeado chefe do Departamento de Sociologia do *College of Arts and Sciences* em 1937, quando deu início à organização de um centro de análises populacionais, denominado *Research Institute in Southern Population Problems*. Em 1939, valendo-se de recursos do *General Education Board* da Fundação Rockefeller, ele ainda logrou reunir as atividades de pesquisa em Sociologia Rural que vinham sendo conduzidas na Estação Agrícola Experimental em um departamento autônomo.³¹

1. 2. A Sociologia Rural nos EUA: ciência e reforma social no *New Deal*

Os primeiros anos da carreira de T. Lynn Smith como sociólogo rural foram marcados pela ambição, partilhada por seus contemporâneos, de tornar a Sociologia Rural uma ciência reconhecida como tal. O corpo técnico e administrativo da Estação Agrícola Experimental de Louisiana se mostrava, de acordo com o depoimento de Smith, resistente à incorporação da pesquisa em Sociologia Rural ao seu trabalho rotineiro de investigação científica, que girava em torno do aperfeiçoamento das técnicas de cultivo, tendo sido necessários seis anos de

²⁹ LOUISIANA STATE UNIVERSITY LIBRARIES SPECIAL COLLECTIONS. *History of LSU*. Disponível em <https://www.lib.lsu.edu/special/archives/historical-information>. Acesso em 07/08/2017.

³⁰ SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*. TLSP, Box 2, Folder 61, 1973, p. 24.

³¹ SMITH, T. Lynn. *Memorandum on Developments in Rural Sociology, Louisiana State University, 1938-1939*. TLSP, Box 1, Folder 2, May 3, 1939; LOUISIANA STATE UNIVERSITY. *Outline of plan for the development of teaching and research in Agricultural Economics and Rural Sociology with the assistance of the General Education Board*. RAC, General Education Board, Series 1, Box 445, Folder 4696.

vigência do *Purnell Act* (1925) para que a instituição abrisse espaço para estudos sociológicos.³²

Situações de falta de interesse ou incompreensão acerca do papel da Sociologia Rural tendiam a ser observadas nas diversas estações agrícolas distribuídas pelo país, e uma das razões para tanto residia na crença de que a disseminação de técnicas agrícolas avançadas, cientificamente embasadas, promoveria eventualmente, por si só, o bem-estar das populações rurais.³³ Nas palavras de Brunner (1957: 5), os sociólogos rurais que atuavam nas faculdades de agricultura dos estados encontravam-se “sob forte pressão para demonstrar a utilidade de sua contribuição, já que eles eram julgados pelo conceito de utilidade esposado pelos cientistas da natureza [*physical scientists*] dominantes nas estações experimentais”. Eles também sentiam a necessidade de se diferenciar dos economistas agrícolas, cuja disciplina parecia gozar de maior reconhecimento. Este esforço de distinção, de busca de um lugar próprio entre os saberes que se voltavam para o mundo rural, está documentado nas primeiras páginas da volumosa obra introdutória à Sociologia Rural organizada por Sorokin, Zimmerman e Galpin.³⁴

O depoimento mais eloquente a respeito das dificuldades postas para a Sociologia Rural é o de Charles Galpin.³⁵ Considerado um dos pais fundadores da disciplina (Brunner, 1957; Smith & Montiel, 1958; Nelson, 1969; Larson & Zimmerman, 2003; Smith, 2011), Galpin dirigiu, de 1919 a 1934, a *Division of Farm Population and Rural Life* do *Bureau of Agricultural Economics*, agência criada por David Houston, Secretário de Agricultura do Governo de Woodrow Wilson (Larson & Zimmerman, 2003).³⁶ Em suas memórias, Galpin

³² SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*, p. 20.

³³ LIVELY, C. E. Rural Sociology as Applied Science. *Rural Sociology*, v. 11, dez. 1943, p. 333.

³⁴ SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carle; GALPIN, Charles. *A Systematic Source Book on Rural Sociology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, v. 1, 1930, p. viii.

³⁵ Nascido em um vilarejo rural de Hamilton, Nova Iorque, e filho de um pastor protestante, Galpin (1865-1947) estudou nas Universidades de Colgate, Harvard e Clark e, nos primeiros anos de sua vida profissional, trabalhou como professor de ciências e matemáticas e foi diretor da escola secundária de Union Academy, em Bellville, Nova Iorque. Em 1905, enquanto estudava para se tornar pastor de uma igreja de Madison, Wisconsin, Galpin travou contato com Henry C. Taylor, então chefe do Departamento de Economia Agrícola da Faculdade de Agricultura da Universidade de Wisconsin e aproximou-se do *Country Life Movement*, movimento de reforma das condições de vida das populações rurais. Henry Taylor, após tomar conhecimento sobre as investigações que Galpin vinha conduzindo em comunidades rurais de Nova Iorque e Wisconsin, convidou-o, em 1911, para ministrar cursos em problemas sociais rurais e vida rural na Universidade de Wisconsin. Em 1919, Henry Taylor, que havia sido nomeado chefe do *Office of Farm Management* do Departamento de Agricultura dos EUA, convidou Galpin para dirigir a nova divisão de estudos sobre vida rural, que veio a se tornar a *Division of Farm Population and Rural Life*, em Washington, D. C.. GALPIN, Charles. *My drift into Rural Sociology – Memoirs of Charles Josiah Galpin*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1938.

³⁶ A partir de sua atuação no governo federal, Galpin foi o responsável por introduzir, na coleta e organização dos dados censitários do governo norte-americano, critérios e procedimentos capazes de discriminar informações relativas aos habitantes das vilas e fazendas das zonas rurais e aos segmentos da população ocupados diretamente com atividades agrícolas (“farm population”) (Nelson, 1969; Larson & Zimmerman, 2003).

relembra o desinteresse do corpo administrativo de diversas universidades diante de sua proposta para a promoção de pesquisas sociológicas a partir da cooperação entre o governo federal e as faculdades de agricultura³⁷, o que se realizou nos anos 1920, em proporções modestas, com uma série de estudos sobre comunidades rurais em diversos estados da federação (Nelson, 1969: 41).

Os sociólogos rurais ambicionavam igualmente, por outro lado, obter legitimidade entre os sociólogos de um modo geral, sentindo-se compelidos a responder às críticas que pesavam sobre a nova disciplina, e que apontavam para o caráter excessivamente descritivo dos estudos que se apresentavam como pertencentes à Sociologia Rural, para a carência de bases conceituais, quadro teórico explícito e reflexão sistemática em torno dos fatos coligidos, e, sobretudo, para suas fortes inclinações prático-reformistas, que se traduziam em tomadas de posição abertamente normativas.

A associação entre Sociologia Rural e reforma social foi uma constante na história da disciplina. Os primeiros autores norte-americanos a reivindicarem a necessidade de estudos em uma área que denominaram de “Sociologia Rural”, como Kenyon L. Butterfield, estiveram estreitamente ligados ao *Country Life Movement*, movimento reformador de princípios do século XX constituído por jornalistas, escritores e líderes religiosos protestantes que buscavam implementar medidas capazes de fazer frente ao êxodo rural e ao empobrecimento das populações do campo precipitados não somente pela urbanização e pela industrialização mas também pelo esgotamento das fronteiras agrícolas do território norte-americano.³⁸ A pauta do movimento, que contribuiu para a conformação do estilo de pensamento que se tornou característico da Sociologia Rural nos EUA (Smith, 2011), incluía: reformas nas escolas e igrejas das zonas rurais³⁹, elevação dos níveis de vida dos agricultores,

³⁷ Nas palavras de Galpin: “Ao conversar com os reitores e os diretores das estações experimentais, eu não consegui interpretar corretamente seu rígido olhar de tédio, gentilmente encoberto por uma simpática polidez. [...] Eu pouco desconfiava, então, que poderia levar 50 anos até que a semente da Sociologia Rural fosse plantada e começasse a crescer em todas as faculdades estaduais de agricultura”. GALPIN, Charles. *My drift into Rural Sociology – Memoirs of Charles Josiah Galpin*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1938, p. 40.

³⁸ O *Country Life Movement* redundou, em 1908, na criação, pelo então presidente Theodore Roosevelt, de uma Comissão Nacional responsável por estudar os problemas do campo, a *Country Life Commission*, da qual foi membro Kenyon L. Butterfield, um dos primeiros a lecionar cursos de Sociologia Rural no ensino superior (Nelson, 1969). Embora não tenham se traduzido em medidas governamentais imediatas, o *Country Life Movement* produziu grande interesse pelo estudo dos problemas sociais enfrentados pelas populações rurais em meio ao vertiginoso processo de industrialização e urbanização por que passava a sociedade norte-americana e esteve sintonizado, neste sentido, ao movimento reformador mais amplo que deu origem aos *surveys* sociais nos EUA (Smith, 2011: 10).

³⁹ As pequenas escolas rurais (“one-room school”) já não eram mais consideradas ideais para as populações rurais por esses reformadores tanto pelo currículo, reduzido ao ensino da língua inglesa e da matemática e omisso quanto a assuntos julgados importantes para os fazendeiros, como agricultura e economia doméstica, quanto pelo número cada vez menor de alunos nelas matriculados, o que exigia, segundo esse ideal reformador, a

aprimoramento de suas técnicas agrícolas, diminuição do isolamento geográfico das populações rurais e combate ao uso especulativo da propriedade fundiária.⁴⁰ Na esteira dessa tradição reformadora, os primeiros manuais de Sociologia Rural, como *Constructive Rural Sociology*, de John Gillete, da *North Dakota University*, e *Introduction to Rural Sociology*, de Paul Vogt, da *Ohio State University*, que vieram à luz quando a disciplina dava seus primeiros passos no ambiente universitário norte-americano, tenderam a identificar a Sociologia Rural ao estudo dos problemas práticos das comunidades e das populações das zonas rurais, concebendo-a invariavelmente como uma ciência aplicada.⁴¹

Smith, contudo, se recusou a reduzir a Sociologia Rural a um campo de estudos aplicados, o que reflete, em grande medida, os esforços empreendidos por sua geração tendo em vista o fortalecimento do *status* científico da disciplina. Em sua tentativa de indicar o pertencimento da Sociologia Rural à Sociologia Geral, Smith recorreu ao expediente argumentativo de seus antigos professores da *University of Minnesota*, Pitirim Sorokin e Carle Zimmerman. Em *Principles of Urban-Rural Sociology* (1927), esses autores haviam defendido a necessidade de sínteses teóricas capazes de organizar a massa de dados relativos à

conjugação (“consolidation”) de várias escolas em uma instituição de ensino maior, capaz de atender aos moradores de várias localidades vizinhas. As paróquias rurais, por seu turno, em sua maioria protestantes, pareciam, aos olhos dos reformadores, mais preocupadas em disseminar suas visões religiosas sectárias do que em difundir, entre os fiéis, preceitos capazes de minorar os problemas práticos, sociais e econômicos, enfrentados pelas populações rurais. No intuito de reunir e coordenar os esforços das igrejas rurais em se manterem em meio ao quadro de êxodo rural, defendia-se a colaboração, por meio de organizações federadas, das várias denominações protestantes atuantes nos EUA (Roth, 2002).

⁴⁰ Roth (2002) argumenta que os ideais do movimento não foram destituídos de ambiguidade: visões idealizadas da vida no campo, que exaltavam as raízes rurais da sociedade norte-americana e enalteciam o campo como fonte da uma cidadania politicamente virtuosa, vinham, por vezes, acompanhadas da defesa de reformas modernizadoras, especialmente visando à racionalização da produção agrícola ao modo daquela que vinha se processando nas fábricas, que teriam por efeito introduzir a lógica social e econômica urbanas no mundo rural (Roth, 2002). Smith (2011: 18 - 22) sugere, por outro lado, que essas contradições são apenas aparentes, ou superficiais, uma vez que a visão sobre o mundo rural prevalecente no movimento não subsumia a dicotomia “campo” – “cidade” à dicotomia “tradicional” e “moderno”, concebendo a vida rural e a vida urbana de modo sincrônico, e não diacrônico, como duas facetas de uma mesma sociedade, e imaginando ser possível uma ruralidade moderna, ou uma modernidade rural, em que comunidades robustas coexistissem com o uso difundido de métodos e técnicas modernas de produção econômica e elevados padrões de consumo.

⁴¹ Nas palavras de Gillete: “A Sociologia Rural tem como sua tarefa particular realizar um inventário completo das condições de vida das comunidades rurais. Ela deve descobrir suas tendências e deficiências, mapear seus problemas especiais, e indicar formas de aprimoramento de acordo com os melhores ideais de vida social. Não é, portanto, um mero estudo dileitante. Busca ser útil. [...] Um estudo da vida rural tal como aqui se faz, ainda que não estabeleça nada de forma absoluta, pode mesmo assim nos dar o direito de manter uma opinião ou convicção, e pode eventualmente abrir caminho para a política correta e a ação útil”. GILLETE, John. *Constructive Rural Sociology*. New York: The MacMillan Company, 1919 [1912], 2ª Ed., p. 3. Em manual posterior, publicado em 1922, Gillete afirma que enquanto a Sociologia Geral era uma ciência teórica, a Sociologia Rural deveria ser entendida como ramo aplicado daquela ciência, constituindo “uma aplicação dos princípios e métodos de abordagem da [sociologia geral] na coleta e organização do material obtido por um estudo das condições rurais”. GILLETE, John. *Rural Sociology*. New York: The MacMillan Company, 1922, p. 8. Segundo Vogt: “A Sociologia Rural é o estudo das forças e condições da vida rural como uma base para a ação construtiva dirigida ao desenvolvimento e à manutenção de uma civilização cientificamente eficiente no campo. Este estudo se dá principalmente no âmbito da sociologia aplicada [...]”. VOGT, Paul. *Introduction to Rural Sociology*. New York & London: D. Appleton and Company, p. 15.

vida social rural que vinha se acumulando nos EUA, identificando a Sociologia Rural a um ramo especial da Sociologia que, embora se voltasse para uma porção específica da realidade social, aquela relativa ao “campo” ou à “vida rural”, compartilhava com esta do método e das normas de trabalho científico. Sorokin e Zimmerman definiram a Sociologia Rural como uma ciência teórica, procurando dissociá-la de considerações reformistas e das tarefas de aconselhamento prático, que acreditavam ser mais condizentes com o que chamaram de “tecnologia social”, área de aplicação do conhecimento que não fazia parte, na visão de ambos, do empreendimento científico propriamente dito.⁴²

À semelhança de Sorokin e Zimmerman, Smith, no livro *The Sociology of Rural Life* (1940), que classifica como um esforço de ‘síntese’ dos resultados até então obtidos pelas pesquisas dos sociólogos rurais, apresenta a Sociologia Rural como integrada aos cânones metodológicos e conceituais da Sociologia Geral, desta diferindo apenas quanto ao objeto específico de análise, o mundo rural. Significativamente, Smith não utiliza o termo “rural” para adjetivar a Sociologia, preferindo referir-se à disciplina como “Sociologia da Vida Rural”. Sua preocupação em evidenciar as vinculações da disciplina com o arcabouço teórico-conceitual da Sociologia enquanto tal se reflete na quarta parte do livro, em que ensaia uma análise da sociedade rural à luz dos processos de “competição”, “conflito”, “acomodação” e “assimilação”, categorias que haviam se integrado ao universo discursivo dos cientistas sociais norte-americanos a partir das pesquisas conduzidas na Universidade de Chicago, devedoras dos esquemas teórico-conceituais elaborados por Robert Park (Chapoulie, 2001). Smith argumenta que a Sociologia Rural integrava a atividade científica moderna, que definiu como empreendimento intelectual voltado para o acúmulo de “conhecimento teórico”, logicamente consistente, a partir da pesquisa empírica sistemática.⁴³

Em que pesem as aspirações predominantemente teóricas que atribui à Sociologia Rural, Smith não estabelece, para si próprio, na prática, divisões rígidas entre pesquisa pura e aplicada, sendo frequente e automática, em sua produção bibliográfica, a passagem de

⁴² SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carle. *Principles of Rural-Urban Sociology*. New York: Henry Holt and Company, 1927, p. 10. Embora não tenha recebido forte acolhida nos meios acadêmicos norte-americanos (Nelson, 1969: 113), o livro de Sorokin e Zimmerman, ao lado de *A Systematic Source Book on Rural Sociology* (1930-1932), foram vistos como iniciativas editoriais importantes por sociólogos rurais que detinham posições de relevo nos círculos sociológicos do país, como Charles Galpin e Carl Taylor, autores que valorizaram, sobretudo, o esforço dessas obras em dialogar com teorias e autores de diferentes países (especialmente europeus) e períodos da história, oferecendo um alargamento de horizontes para a “provinciana” Sociologia Rural dos EUA. GALPIN, Charles. *My drift into Rural Sociology – Memoirs of Charles Josiah Galpin*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1938, pp. 59-60; TAYLOR, Carl C. *A New Era in Rural Sociology. Social Forces*, v. 8, n. 2, dez. 1929, p. 307.

⁴³ SMITH, T. Lynn. *The Sociology of Rural Life*. New York & London: Harper & Brothers, 2a Ed., 1947 [1940], p. 3.

esforços descritivos e analíticos para recomendações de caráter prático visando à promoção do “bem-estar social rural”.⁴⁴ Essas tensões parecem ter sido inerentes à constituição da Sociologia Rural enquanto tal nos EUA.⁴⁵ Realizadas em sua maioria no interior do complexo constituído pelos *land-grant colleges*, as estações agrícolas experimentais e os serviços de extensão rural (Brunner, 1957; Nelson, 1969), as pesquisas em Sociologia Rural, desde o início de sua institucionalização, tiveram de atender, simultaneamente, a dois “deuses” ou princípios de legitimação: o da utilidade prática, que justificasse, aos olhos do corpo técnico e administrativo das estações agrícolas e das faculdades de agricultura, os recursos destinados à pesquisa sociológica, e o dos cânones e do *ethos* profissional da comunidade de sociólogos representada pela *American Sociological Society* (Camic, 2007), que prescreviam uma ciência pura, comprometida com o desenvolvimento teórico da disciplina, e concebiam a “aplicação do conhecimento” como momento derivado, e não constitutivo, da atividade científica propriamente dita.⁴⁶ O sentido reformador característico dos primeiros sociólogos rurais foi, todavia, reforçado com a posição que os estudiosos da área assumiram, a partir de fins dos anos 1920, no quadro das instituições de ensino, pesquisa e extensão do mundo acadêmico norte-americano. Assim, ainda que tensionada pelos ideais de ciência pura e teórica, a disposição para a ação prática e reformadora acabou fazendo parte da compreensão que se cristalizou entre muitos sociólogos rurais acerca de sua profissão.⁴⁷

⁴⁴ Ver, a esse respeito, especialmente as conclusões do livro de Smith. SMITH, T. Lynn. *The Sociology of Rural Life*. New York & London: Harper & Brothers, 2a Ed., 1947 [1940], pp. 555-560.

⁴⁵ Ao que tudo indica, os textos de Smith partilhavam das ambivalências da obra de Sorokin e Zimmerman, *Principles of Rural-Urban Sociology*. De acordo com Carl Taylor, o compêndio de Sorokin e Zimmerman não havia conseguido se livrar totalmente das inclinações normativas, ainda que se pretendesse uma obra “completamente científica e destituída de especulação e pregação”. TAYLOR, Carl C. A New Era in Rural Sociology. *Social Forces*, v. 8, n. 2, dez. 1929, p. 308.

⁴⁶ Não pretendemos reificar a natureza disjuntiva da relação “ciência pura” – “ciência aplicada”, noções aqui consideradas como categorias nativas que tornam inteligíveis os debates que presidiram a institucionalização da Sociologia Rural. Para uma análise crítica, em perspectiva histórica, dessas distinções, ver, por exemplo, Shapin (2008).

⁴⁷ Em esforços constantes de autocritica, os sociólogos rurais retomaram inúmeras vezes, ao longo dos anos 1940 e 1950, as críticas que eram mais frequentemente dirigidas à disciplina, como a falta de ambições teóricas ou formulação explícita de hipóteses e teorias e a ênfase quase exclusiva sobre o valor prático da disciplina em detrimento de fins teórico-especulativos. SEWELL, W. E. Needed Research in Rural Sociology. *Rural Sociology*, v. 15, n. 2, jun. 1950, pp. 115-130; TAVES, M; GROSS, N. A critique of Rural Sociology Research, 1950. *Rural Sociology*, v. 17, n. 2, jun. 1952, pp. 109-118; ANDERSON, W. A. Rural Sociology as Science. *Rural Sociology*, v. 10, n. 4, dez. 1947, pp. 347-356. Não obstante, mesmo os sociólogos rurais mais sensíveis a essas críticas não contestavam o papel aplicado que se esperava que a Sociologia Rural cumprisse, ainda que eventualmente argumentassem que somente uma ciência “madura”, assentada em princípios teóricos firmemente estabelecidos, poderia ser útil para a ação reformadora: “Se uma teoria for boa, cientificamente falando, ela terá implicações práticas sólidas. Para que um estudo seja bom, praticamente falando, ele deve ser concebido de tal modo a produzir fatos generalizáveis para a teoria” (Williams, 1946: 109). Divergências quanto à definição formal da Sociologia Rural como uma ciência pura ou uma ciência aplicada parecem ter sido, por outro lado, uma constante. Ver, a esse respeito, LIVELY, C. E. Rural Sociology as Applied Science. *Rural Sociology*, v. 11, dez. 1943, pp. 331-342.

Os vínculos entre Sociologia Rural e reforma social haviam sido reatualizados, e reafirmados, na década de 1930, com o *New Deal* de Franklin D. Roosevelt, que consistiu em uma série de programas adotados pelo governo federal na tentativa de intervir sobre a economia norte-americana e prestar assistência às populações afetadas pela Grande Depressão. De acordo com Smith, “[a] forma como as atividades de ajuda federal e bem-estar se desenvolveram nos anos 1930 desempenharam papel muito importante em minha própria identificação, assim como a da maior parte dos sociólogos rurais naquela década, com o campo da Sociologia Rural”.⁴⁸ Acerca do *New Deal*, o sociólogo ainda observa: “[...] poucos, se é que algum, sociólogos rurais trabalharam sem que não tivessem se envolvido pessoalmente, e de maneira intensiva, com as atividades administrativas e de pesquisa da *Federal Emergency Relief Administration* (ou da *Works Progress Administration*), da *Resettlement Administration* (ou da *Farm Security Administration*), e da *Division of Farm Population and Rural Life, U.S. Department of Agriculture*”, conhecidas agências que se encarregaram das diversas políticas de assistência social de Roosevelt nos anos 1930.⁴⁹

Uma das primeiras iniciativas do *New Deal* a mobilizar sociólogos rurais foram os levantamentos conduzidos pelo governo federal tendo em vista a avaliação do impacto, sobre as populações rurais, das políticas sociais a cargo da *Federal Emergency Relief Administration* (FERA). Confiada ao assistente social Harry Hopkins, a agência, que em 1935 foi sucedida pela *Works Progress Administration*, tinha como objetivo prover assistência aos segmentos afligidos pela pobreza e pelo desemprego mediante, entre outras medidas, a criação de postos de trabalho e a concessão de crédito para pequenos fazendeiros (Gilbert, 2015: 89; Patel, 2016: 80-81). Assessorado por E. L. Kirkpatrick, sociólogo rural da Universidade de Wisconsin que havia trabalhado com Galpin na *Division of Farm Population and Rural Life*, Hopkins lançou as bases para um programa de estudos a ser conduzido em cooperação com os estados a partir da supervisão de sociólogos rurais vinculados a diferentes estações agrícolas do país (Larson & Zimmerman, 2003: 195-196). Entre 1934 e 1938, T. Lynn Smith ficou encarregado de supervisionar os levantamentos realizados no estado da Louisiana, atuando como Diretor Estadual de Pesquisa Rural.⁵⁰ Diversas pesquisas levadas a

⁴⁸ SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*. TLSP, Box 2, Folder 61, 1973, p. 25.

⁴⁹ SMITH, T. Lynn. “The development of Rural Sociology in the United States, with a few Annotations on Its Development in the South”. In DUNKELBERGER, John E.; VANLANDINGHAM, Janice B. (Eds.) *Reflections on the development of cooperative rural sociology research in the South*. Auburn: Auburn Agricultural Experiment Station, 1974, p. 11.

⁵⁰ SMITH, T. Lynn. *Memorandum on Developments in Rural Sociology, Louisiana State University, 1938 – 1939*. May 5, 1939. TLSP, Box 1, Folder 1. SMITH, T. Lynn.; RAY FRY, Martha. *The Population of a Selected ‘Cut-Over’ Area in Louisiana*. Baton Rouge: Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College and Agricultural Experiment Stations. Louisiana Bulletin n. 268, jan. 1936.

cabo nos anos 1930 por Smith e por alunos sob sua orientação na LSU refletem o envolvimento do sociólogo com as agências criadas pelo *New Deal*.⁵¹

Em 1935, E. D. Tetreau, sociólogo rural que coordenou os primeiros esforços investigativos da FERA em zonas rurais dos EUA, buscou conciliar os interesses práticos que norteavam os estudos do governo com as preocupações, predominantes entre os sociólogos do período, em tornar a Sociologia um empreendimento científico voltado para a produção de conhecimento teórico desinteressado, chamando a atenção para as oportunidades de pesquisa que então se abriam aos cientistas sociais: “A busca do conhecimento pelo conhecimento é o que move o verdadeiro cientista em todas as épocas, mas a necessidade de resolver problemas práticos está na raiz de grande parte de suas conquistas”.⁵²

O *New Deal* de Roosevelt impulsionou consideravelmente o processo de institucionalização da Sociologia Rural nos EUA, constituindo uma preciosa fonte de financiamento em um momento de recursos escassos e contribuindo para a multiplicação das pesquisas na área.⁵³ Além dos sociólogos rurais vinculados às faculdades estaduais de agricultura e às estações agrícolas, a *Division of Farm Population and Rural Life* do *Bureau of Agricultural Economics* do Departamento de Agricultura, principal órgão governamental de pesquisas a empregar sociólogos rurais, beneficiou-se em grande medida das novas demandas surgidas com as agências criadas no período, crescendo em pessoal e recursos a partir de meados dos anos 1930 (Larson & Zimmerman, 2003: 33-39).

Em forte contraste com os sociólogos em geral, que expressaram hesitação acerca de oportunidades de pesquisa abertas pelo *New Deal* nos primeiros anos da Era Roosevelt, os sociólogos rurais buscaram se envolver profissionalmente de modo ativo com as novas agências do Estado (Camic, 2007: 258-260). Em seus encontros anuais, realizados pela Seção de Sociologia Rural da *American Sociological Society* (ASS), eles conferiram especial relevo para a discussão das políticas agrárias do *New Deal* a cargo de agências como a *Federal*

⁵¹ Junto a Homer Hitt e Leenna Dorlas, Smith desenvolveu pesquisa intitulada “A study of the Rural Relief Population of Louisiana”. Com S. Earl Grigaby, estudo nomeado “A Study of the Population of Nine Selected ‘Trouble Areas’ in Louisiana”. Em parceria com o professor Fred Frey, “A Study of the Social Effects of Land Division” e também “The Influence of the A.A.A Cotton Program Upon the Tenant, Cropper, and Laborer”. Cf. LOUISIANA STATE UNIVERSITY AND AGRICULTURAL AND MECHANICAL COLLEGE. *Proposed development of work in Agricultural Economics and Rural Sociology at Louisiana State University*. RAC, General Education Board Records, Series 1, Box 444, Folder 4695, pp. 29-33.

⁵² TETREAU, E. D. Opportunities for Rural Research under the Fera. *Social Forces*, vol. 13, n. 4, May 1935, pp. 502-505.

⁵³ SANDERSON, Dwight. Remarks by the president. News Notes and Announcements – The Annual Meeting of the Rural Sociological Society, Detroit, Michigan, December 28-30, 1938. *Rural Sociology*, v. 4, n. 1, 1939, pp. 123-125.

Emergency Relief Administration, a *Resettlement Administration* e a *Agricultural Adjustment Administration*, como indica o programa da reunião de 1934.⁵⁴

O aumento das pesquisas levadas a cabo pelos sociólogos rurais, que exploraram oportunidades abertas com o *New Deal* mais do que qualquer outro grupo profissional no campo da Sociologia nos EUA, foi um dos fatores, ademais, que contribuíram para a criação de um periódico científico próprio, *Rural Sociology*, em 1936 e, no ano seguinte, para a fundação da *Rural Sociological Society*, grupo criado a partir da autonomização da Seção de Sociologia Rural até então mantida pela *American Sociological Society* (ASS), principal associação profissional dos sociólogos norte-americanos.

O problema da falta de espaço para a publicação dos trabalhos apresentados na Seção de Sociologia Rural da ASS⁵⁵, que vinha sido debatido por membros da associação desde os anos 1920 (Holik & Hassinger, 1986: 418), agravou-se ainda mais diante do aumento de estudos, não apenas de sociólogos rurais, mas também de agentes dos serviços de extensão agrícola e de órgãos do governo federal⁵⁶, lidando diretamente com as políticas do *New Deal*. Entre os membros da ASS, por sua vez, era cada vez maior a oposição à hegemonia que os sociólogos da *University of Chicago* exerciam sobre o funcionamento da sociedade e sua publicação oficial, o *American Journal of Sociology* (Lengermann, 1979). Foi na esteira dessas disputas, que levaram à criação de um novo periódico oficial para a ASS, o *American Sociological Review*, sem vínculos institucionais com Chicago, que os sociólogos rurais decidiram iniciar a publicação da revista *Rural Sociology* (Nelson, 1969: 128). T. Lynn Smith e Fred Frey, que havia se tornado reitor da LSU, participaram ativamente desse processo, que contou com o apoio de Carle Zimmerman (Collard, 1984: 330). No encontro da ASS de 1935,

⁵⁴ PROGRAM OF SECTION ON RURAL SOCIOLOGY, AMERICAN SOCIOLOGICAL SOCIETY, December 26, 1934; TENTATIVE PROGRAM, RURAL SOCIOLOGY SECTION OF THE AMERICAN SOCIOLOGICAL SOCIETY, December 27, 1935. TLSP, Box 21, Folder 1.

⁵⁵ A esse respeito, Smith indica o fato significativo de que os trabalhos dos sociólogos rurais, ao invés de serem publicados no *American Journal of Sociology*, eram acolhidos em revistas como o *Journal of Farm Economics*, periódico de economistas agrícolas com os quais os sociólogos rurais realizavam reuniões conjuntas. SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*. TLSP, Box 2, Folder 61, 1973, p. 29. Os primeiros textos de Smith não constituíram exceção a essa regra. Ver, por exemplo, SMITH, T. Lynn. Na Analysis of Rural Social Organization Among the French-Speaking People of Southern Louisiana. *Journal of Farm Economics*, v. 16, n. 4, out. 1934, pp. 680-688.

⁵⁶ Segundo Holik e Hassinger (1986: 418), os membros da Seção de Sociologia Rural da ASS eram sensíveis às demandas por publicação de trabalhos que, mesmo não sendo de autoria de pessoas formadas em Sociologia, relacionavam-se à área, como estudos de funcionários das estações agrícolas experimentais patrocinados pela *Purnell Act*, lei que havia sido importante para o desenvolvimento da Sociologia Rural nos EUA. O corpo editorial de *Rural Sociology*, em seu primeiro número, destacou que a revista não seria espaço exclusivo de sociólogos rurais enquanto um grupo profissional, mas aceitaria artigos de pesquisadores em áreas afins das Ciências Sociais, de professores de escolas secundárias e de agentes dos serviços sociais voltados para as populações rurais. NELSON, Lowry *et al.* "Statement of the Editorial Board". *Rural Sociology*, v. 1, n. 1, 1936, p. 5.

Frey indicou que a LSU poderia arcar com os custos de publicação dos primeiros números da revista e, por esta razão, Smith acabou se tornando o primeiro editor executivo do periódico.⁵⁷ O primeiro número de *Rural Sociology* veiculou trabalhos acerca das implicações do *New Deal* para as populações rurais que haviam, em sua maioria, sido apresentados no encontro da Seção de Sociologia Rural de 1935.

A criação da revista precipitou a fundação, em 1937, da *Rural Sociological Society*, ponto culminante de uma série de insatisfações que vinham se acumulando entre os membros da Seção de Sociologia Rural da ASS, que pleiteavam, além de maior espaço para a divulgação de seus trabalhos, regras menos rígidas quanto à possibilidade de participação dos sociólogos rurais nas diversas sessões de estudo que a ASS promovia em seus encontros anuais.⁵⁸ Ao lado de O. D. Duncan, Charles Loomis e Fred Frey, Smith fazia parte de um grupo de descontentes com a falta de reconhecimento que a ASS parecia demonstrar para com os estudos desenvolvidos pelos sociólogos rurais, batendo-se pela criação de uma organização independente (Collard, 1984: 327).

A fundação de uma nova associação não foi, todavia, ponto pacífico nas discussões acerca da necessidade de fortalecer o *status* profissional dos sociólogos rurais.⁵⁹ Para se contrapor à posição conciliatória de antigos membros da Seção de Sociologia Rural como Dwight Sanderson, que temiam que a autonomização do grupo representasse o rompimento de seus vínculos com a ASS, Smith, reagindo a apelos de O. D. Duncan⁶⁰, então chefe do Departamento de Sociologia da *University of Minnesota*, fez circular amplamente memorando que os sociólogos rurais da LSU haviam elaborado defendendo a criação de uma associação nacional inteiramente independente. No documento, eles argumentavam que uma organização

⁵⁷ SMITH, T. Lynn. *How I became a rural sociologist*. TLSP, Box 2, Folder 61, 1973, pp. 29-31.

⁵⁸ Segundo as regras da ASS, a apresentação de trabalhos por membros da associação nos encontros era limitada a uma das Seções de Estudo, o que impedia que os sociólogos rurais se envolvessem nos debates realizados pelas demais Seções (Holik & Hassinger, 1987).

⁵⁹ Em 30 de dezembro de 1936, durante a reunião anual da Seção de Sociologia Rural da ASA, um comitê formado por Dwight Sanderson (presidente), John H. Kolb, Carl C. Taylor, B. O. Williams e O. D. Duncan foi designado para considerar medidas visando a “uma organização mais satisfatória dos sociólogos rurais”. *Minutes of Annual Business Meeting of the Section on Rural Sociology, American Sociological Society, held at the Morrison Hotel, Chicago, Illinois, December 20, 1936*. 2f. Rural Sociological Society of America Papers, The State Historical Society of Missouri, doravante RSS, Folder 43. O comitê produziu propostas divergentes acerca da nova organização dos sociólogos rurais. O relatório da maioria (Sanderson, Kolb, Taylor e Williams) sugeriu reformas na constituição da ASS para que a Seção dos Sociólogos Rurais continuassem como uma unidade afiliada da associação ainda que gozando de maior autonomia ao passo que o relatório da minoria (Duncan) propunha que o grupo de sociólogos rurais da ASS se declarasse independente da organização principal e constituísse de imediato uma associação autônoma. *Minutes of Annual Business Meeting of the Section on Rural Sociology, American Sociological Society, held at the Claridge Hotel, Atlantic City, New Jersey, December 29, 1937*. 4f. RSS, Folder 43. Uma análise minuciosa do processo que levou à criação da Rural Sociological Society encontra-se em Holik & Hassinger (1987).

⁶⁰ DUNCAN, O. D. [Carta] 27 nov. 1937, Stillwater [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. RSS, Folder 51.

nesses moldes constituía a melhor maneira de aprimorar as relações deterioradas entre os sociólogos rurais e os demais membros da comunidade de sociólogos: “A Sociologia Rural não mais despertaria os antagonismos que são produtos inevitáveis das relações que quaisquer subgrupos mantêm com os grupos maiores a que pertencem”.⁶¹ Alegavam, ademais, que a criação de uma associação autônoma abriria a possibilidade para que profissionais não necessariamente formados em Sociologia viessem a se somar ao grupo sem que fossem obrigados, para tanto, a se filiar à ASS⁶², razão que se compreende quando se considera que economistas agrícolas, agentes de extensão rural e professores de escolas rurais também tomavam parte nos debates promovidos pelos sociólogos rurais em seus encontros.⁶³ Smith e seus colegas sociólogos de Louisiana buscaram explicar o aparente paradoxo que consistia em afirmar, no plano epistemológico, o pertencimento da Sociologia Rural à Sociologia Geral e, ao mesmo tempo, defender a necessidade de sua separação no plano organizacional, indicando que, por meio da nova sociedade, os sociólogos rurais poderiam se dedicar às demais sessões de estudo da ASS sem ter de sacrificar, com isto, sua participação nos fóruns dedicados à sua especialidade.⁶⁴

A *Rural Sociological Society* acabou por se constituir como uma associação autônoma, aberta tanto a sociólogos rurais quanto a outros profissionais interessados na área, e desvinculada das regras da ASS, ainda que formalmente filiada a esta.⁶⁵ Smith foi eleito o primeiro secretário-tesoureiro da organização, tornando-se, em 1941, seu presidente, elementos que evidenciam que o envolvimento do sociólogo no processo de construção da associação foi significativo.⁶⁶ Participantes do evento interpretaram a autonomização do grupo como uma resposta às tensões no interior da ASS decorrentes, em grande medida, do

⁶¹ FRED, Frey C.; HOFFSOMMER, Harold C.; LOTT, E. H.; SCHULER, Edgar A.; SMITH, Marion B.; SMITH, T. Lynn. [Memorando] 10 dez. 1937. *To the Committee on Better Organization for Rural Sociologists*. RSS, Folder 49, p. 2

⁶² Idem, p. 3.

⁶³ As minutas dos encontros da Seção de Sociologia Rural indicam que entre os defensores da organização de uma associação autônoma, independente das regras estipuladas pela ASS, estava Bonny Youngblood, economista agrícola formado na *University of Wisconsin* que então trabalhava no *Office of Experiment Stations* do Departamento de Agricultura dos EUA. SECTION ON RURAL SOCIOLOGY. *Minutes of Annual Business Meeting of the Section on Rural Sociology, American Sociological Society, held at the Morrison Hotel, Chicago, Illinois, December 20, 1936*. 2f.

⁶⁴ Idem, p. 2. A crença de que os sociólogos rurais tinham contribuições a fazer às demais áreas de trabalho da ASS é expressa por Nelson (1969: 130) em sua análise da história organizacional da Sociologia Rural nos EUA: “A Sociologia Rural não era um campo de interesses verdadeiramente especializado comparável a Família, População, Metodologia ou Comunidade. A Sociologia Rural era, na verdade, tão abrangente em seu conteúdo quanto a própria Sociologia. A Seção [de Sociologia Rural da ASS] era, portanto, um enclave dentro da associação maior ao invés de ser uma parte orgânica desta”.

⁶⁵ RURAL SOCIOLOGY. Constitution. Rural Sociological Society – News and Announcement. *Rural Sociology*, v. 4, n. 1, pp. 128 – 131.

⁶⁶ *Minutes of Annual Business Meeting of the Section on Rural Sociology, American Sociological Society, held at the Claridge Hotel, Atlantic City, New Jersey, December 29, 1937*. 4f. RSS, Folder 43.

status inferior que os sociólogos em geral atribuíam à Sociologia Rural⁶⁷, marcada por uma abordagem prática cujo valor científico era controverso⁶⁸, mas que constituía o tipo característico de pesquisa conduzida pelos sociólogos rurais no âmbito dos serviços de extensão rural (Martinez-Brawley, 1980: 553; Collard, 1984: 327).

1.3. O comunitarismo sociológico de T. Lynn Smith e a crítica à *plantation* sulista

Os primeiros estudos sociológicos de T. Lynn Smith, que datam do início dos anos 1930, refletem a preocupação com os destinos das comunidades rurais americanas frente ao vertiginoso processo de modernização da agricultura nos EUA nas primeiras décadas do século XX, que implicou a mecanização da lavoura e a crescente comercialização e integração da produção agrícola de famílias fazendeiras, até então relativamente autossuficientes, ao mercado, impulsionados pela disseminação do automóvel como item de consumo de massa e a expansão da malha rodoviária do país pelos rincões do Sul profundo, do Meio Oeste e da Costa do Pacífico. Smith partilhava das apostas de seu professor da *University of Minnesota*, Carle Zimmerman, e de sociólogos como Edmund de S. Brunner, do *Institute of Social and Religious Research*, de cujos *surveys* sobre as vilas norte-americanas ele havia participado durante a pós-graduação, sobre a capacidade de resistência ou sobrevivência dos povoados e pequenos centros comerciais das zonas rurais frente ao avanço dos meios de transporte e comunicação, que conduzia à elevação dos padrões de vida dos agricultores e a conexões cada vez mais frequentes e numerosas entre as populações rurais e os centros urbanos mais desenvolvidos, relativamente distantes do seu local de residência.⁶⁹

Contrariando a ideia de que os vilarejos estavam em declínio, perdendo cada vez mais espaço, na competição econômica, para os centros comerciais das grandes e médias cidades, Carle Zimmerman, professor de Smith, sustentava a tese de que esses povoados (contendo geralmente entre 500 e 2500 habitantes) se mantinham com base em uma crescente divisão do trabalho, provendo serviços comerciais que os centros mais desenvolvidos não podiam realizar, como o fornecimento de itens de primeira necessidade às fazendas das redondezas. O que era mais importante para Zimmerman, contudo, era o fato de que os vilarejos não

⁶⁷ SANDERSON, Dwight. Remarks by the president. News Notes and Announcements – The Annual Meeting of the Rural Sociological Society, Detroit, Michigan, December 28-30, 1938. *Rural Sociology*, v. 4, n. 1, 1939, p. 124.

⁶⁸ BRUNNER, Edmund S. Sociology Tomorrow. *Rural Sociology*, v. 11, n. 2, 1946, p. 96.

⁶⁹ ZIMMERMAN, Carle. *Farm trade centers in Minnesota, 1905-1929: a study in rural social organization*. St. Paul: University of Minnesota, Agricultural Experimental Station, Bulletin 269, sept. 1930, p. 29; KOLB, John H; BRUNER, Edmund de S.. “Rural Life”. In ESTADOS UNIDOS. *Recent social trends in the United States – Report of the President’s Research Committee on Social Trends*. New York: McGraw-Hill, 1933, pp. 497-552.

exerciam apenas funções comerciais, devendo ser considerados igualmente como centros em torno dos quais as novas comunidades rurais poderiam vir a se desenvolver conforme se tornassem mais frequentes os contatos entre as famílias de agricultores e os centros comerciais de pequeno e médio porte sob o seu raio de alcance.⁷⁰

Zimmerman acreditava que o encurtamento das distâncias e o estreitamento do contato do homem do campo com o mundo urbano e industrial das cidades, ainda que servisse para ampliar seus horizontes e elevar seu padrão de consumo, não excluía a necessidade de associações em escala local, nas áreas próximas à sua residência, para fins morais, educacionais e religiosos, o que, sociologicamente, supunha, a seu ver, o funcionamento de instituições como a escola e a igreja, cuja área de atuação deveria ser repensada para que a vida comunitária do campo não se desintegrasse sob o influência deletéria das filosofias materialistas e secularizantes dos centros metropolitanos.⁷¹

Se a pequena escola ('one-room school') e a pequena igreja ('open country church') do campo estavam em decadência dada à maior mobilidade horizontal das populações rurais, que agora não mais se restringiam à sua vizinhança para o estabelecimento de trocas comerciais, essas instituições deveriam ser reestabelecidas a partir das vilas ou pequenos povoados que polarizavam parte dos interesses econômicos dos agricultores e atendiam a um número considerável de famílias das zonas rurais do entorno. As vilas foram imaginadas, nesse sentido, como os novos centros da moderna comunidade rural emergente e elas deveriam prover serviços não apenas comerciais, mas também educacionais e religiosos, abrindo-se à participação dos agricultores das redondezas em seus conselhos deliberativos, de modo a desenvolver nas populações rurais o sentimento de pertencimento. Nas vilas residiam as esperanças de Zimmerman de que a modernização do campo resultasse na reorganização, mas não na extinção, da vida comunitária, ainda que em bases territoriais mais amplas, o que serviria para contrabalançar o processo de atomização e pulverização das relações sociais e o individualismo exacerbado característicos das grandes cidades, que seriam marcadas pelo aumento da prevalência de doenças mentais, da taxa de suicídio e do número de divórcios, fenômenos decorrentes, na opinião do sociólogo, do enfraquecimento do "poder e [da] coesão de unidades sociais, como a família".⁷² A comunidade, pensada como grupo de localidade caracterizado pela capacidade de ação conjunta de famílias que frequentavam as mesmas instituições, como a escola e a igreja, constituía valiosa e poderosa fonte de solidariedade

⁷⁰ ZIMMERMAN, *Op. cit.*, 1930, p. 29.

⁷¹ *Idem*, p. 28.

⁷² ZIMMERMAN, *Op. cit.*, 1930, p. 23.

social, atendendo a carências “atemporais” e “perenes” dos seres humanos por suporte moral e religioso, e, como tal, não poderia, nem deveria, ser facilmente varrida do mapa com o avanço da urbanização e da industrialização, ainda que os vínculos econômicos dos fazendeiros não mais se encerrassem em sua localidade, distribuindo-se de maneira fragmentada por centros comerciais e industriais mais ou menos distantes.

Em sua defesa da vila como novo centro aglutinador da comunidade rural, Zimmerman critica a tese de que mudanças econômicas levavam necessariamente, cedo ou tarde, a mudanças equivalentes na vida social e cultural, visão que, segundo o sociólogo, os teóricos norte-americanos da mudança cultural mantinham e que remontava, em última análise, ao “materialismo histórico” da “escola marxista”.⁷³ Para Zimmerman, esta corrente teórica não atentava para “certos fatores permanentes da natureza humana”, como “a necessidade de uma família ou de uma filosofia de vida salutar”, que não se alteravam automaticamente a partir de mudanças na “cultura material”: “Os homens podem ainda cultivar a terra com tratores mesmo que eles acreditem na santidade da família ou em um Deus pessoal”.⁷⁴ Zimmerman acreditava que a nova vida social dos agricultores não poderia seguir os mesmos passos do desenvolvimento de sua vida econômica, que supunha o estabelecimento de vínculos, conforme a conveniência, com diferentes centros comerciais, inclusive com as regiões metropolitanas, devendo subsistir formas locais de vida associativa nas zonas rurais da nova e moderna sociedade de massas norte-americana que servissem de esteio moral aos indivíduos.⁷⁵ A crítica de Zimmerman às visões deterministas da mudança social se combinava à aposta de que instituições tradicionais, como a família e a igreja, poderiam ser preservadas no curso do processo de modernização, perspectiva que se mostrava, em geral, afinada com as posições anticomunistas de seu colega de trabalho, Pitirim Sorokin, cujos ideais comunitaristas rurais buscavam se colocar como uma alternativa às propostas “coletivizantes” de engenharia social para o campo.

Na esteira dessa visão, Smith afirma, em sua tese de doutorado, centrada no tema da mudança em vilas rurais do Meio Oeste⁷⁶, que a crescente divisão do trabalho em curso entre os pequenos e grandes centros comerciais das zonas rurais implicava a complementaridade de

⁷³ Idem, p. 29.

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ Zimmerman afirma que a vida social das famílias de fazendeiros organizada em torno dos pequenos povoados ou vilas apresentava melhores índices em se tratando da “observação dos costumes” e dos “padrões espirituais ou psicológicos de vida” quando comparada à vida social dos agricultores que se estruturava exclusivamente em torno dos grandes centros urbanos, marcada pela instabilidade mental da população, pela postura filosófica hedonista, pelo individualismo e pela “desorganização pessoal”. Idem, p. 49.

⁷⁶ SMITH, T. Lynn. *An Analysis of the Changes in Social Organization of the American Agricultural Village from 1900 to 1930*. Ph.D. dissertation. University of Minnesota, 1932. University of Minnesota Archives.

funções, e não a competição, entre essas áreas e deveria conduzir, cedo ou tarde, a um novo tipo de solidariedade social local em substituição às formas até então vigentes, geograficamente circunscritas à vizinhança.⁷⁷ A comunidade emergente, baseada na ampliação dos “contatos sociais” dos agricultores para além dos grupos de sua convivência imediata, vicinais e familiares, era marcada pelo crescimento de associações construídas em torno de “interesses especiais”, e não necessariamente pelo pertencimento à mesma vizinhança, e pelo enfraquecimento da solidariedade social fundada nos laços de parentesco.⁷⁸ As vilas, na medida em que passavam a exercer funções econômicas complementares aos grandes centros comerciais, demonstravam ser capazes, todavia, de sobreviver ao tornado das transformações modernizadoras provocadas pelo encurtamento das distâncias, tendência que, segundo Smith, deveria ser considerada nos planos de ação das lideranças locais se essas pretendessem reajustar a vida de suas comunidades às mudanças trazidas pela urbanização e pela industrialização.⁷⁹

Para Smith, a mudança no padrão de organização dos grupos locais no campo parecia inexorável e, na medida em que ampliava o horizonte social dos agricultores e diminuía os conflitos facciosos produzidos por um mundo “familista” e provinciano, desejável.⁸⁰ Não obstante, ele partilhava das apreensões de seu professor de Minnesota quanto à viabilidade de novas formas de associação local, que exibissem unidade, coesão e capacidade de ação conjunta, em um mundo de crescente individualismo e impessoalidade decorrentes da pulverização dos vínculos sociais, não mais construídos e mantidos em torno dos mesmos grupos, mas distribuídos por diferentes associações, mais ou menos distantes do local de

⁷⁷ Smith afirma fazer uso da noção de divisão do trabalho seguindo a obra do sociólogo francês Émile Durkheim, que recebeu ampla divulgação na *University of Minnesota* por intermédio de Pitirim Sorokin. SMITH, T. Lynn. “Sorokin’s Rural-Urban Principles”. In ALLEN, Philip J. (Ed.), *Pitirim A. Sorokin in Review*. Durham: Duke University Press, 1963, pp.188-205. Anotações das aulas ministradas por Sorokin em Minnesota encontram-se em TLSP, Box 1, Folder 80. O conceito durkheimiano parece se utilizado por Smith, e também por Zimmerman, no intuito de evidenciar a tese de que a produção agrícola, além de consequências econômicas e materiais, também possuía implicações morais e sociais, devendo o processo de modernização das zonas rurais ser pensado a partir de seus efeitos sobre a vida associativa, ou “comunitária”, local.

⁷⁸ As mesmas conclusões são expostas na primeira pesquisa que Smith realiza na Estação Agrícola Experimental da Universidade Estadual de Louisiana, concebida nos moldes do seu estudo de doutorado. SMITH, T. Lynn. *Farm Trade Centers in Louisiana, 1901 to 1931*. Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Agricultural Experiment Stations, Bulletin n. 234, jan. 1933.

⁷⁹ “Se os líderes em centros comerciais pequenos visualizarem corretamente o papel que os pequenos centros comerciais estão aptos a desempenhar e fizerem as adaptações correspondentes, o choque das mudanças presentes e futuras pode ser suavizado”. SMITH, T. Lynn. *Op. cit.*, jan. 1933, p. 55.

⁸⁰ SMITH, T. Lynn. Trends in Community Organization and Life. *American Sociological Review*, v. 5, n. 3, jun. 1940, pp. 325-334; SMITH, T. Lynn. The Role of the Community in American Rural Life. *Journal of Educational Sociology*, v. 14, n. 7, mar. 1941, pp. 387-400. SMITH, T. Lynn & FRY, Martha Ray. *The population of a selected cut-over area in Louisiana*. Baton Rouge: Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Agricultural Experiment Stations, Louisiana Bulletin n. 268, jan. 1936, p. 46.

residência das famílias.⁸¹ A existência da “comunidade”, embora afirmada por Smith, é vista como problemática na medida em que esta é concebida enquanto grupo local formado por segmentos heterogêneos, de estrutura intrincada, cujos limites geográficos, englobando diferentes vizinhanças, eram difíceis de definir com precisão e cujas formas de cooperação deveriam estar baseadas não mais no compartilhamento de interesses econômicos, religiosos e políticos ou de vínculos de parentesco entre famílias vizinhas mas no “reconhecimento consciente de diferenças básicas, falta de autossuficiência, e interdependência mútua das partes”, à maneira da solidariedade orgânica de Durkheim.⁸²

A reflexão sociológica em torno da “comunidade” não constituiu apanágio dos sociólogos rurais que, como Smith, haviam se formado sob a ascendência intelectual de Sorokin e Zimmerman na *University of Minnesota*, permeando, com efeito, a produção em Ciências Sociais como um todo por longo período, nos EUA e alhures.⁸³ Ainda assim, a julgar pelas narrativas oferecidas por Brunner (1957), Nelson (1969) e Smith (1974) sobre a história da Sociologia Rural nos EUA, é possível afirmar que essa disciplina, em particular, nasceu sob o signo da comunidade, e isto na medida em que o esforço de legitimação daquela enquanto ciência implicou a busca incessante pela comprovação da existência desta enquanto entidade social concreta, e não imaginada, do mundo rural. Não à toa, Charles Galpin, que divisou um método para a delimitação dos contornos físicos das comunidades mereceu, entre os sociólogos rurais, o título de *founding father* da disciplina nos EUA.

⁸¹ Smith afirma que a comunidade rural emergente do processo de modernização não poderia mais constituir um “grupo cumulativo”, devendo se aproximar de uma “associação funcional”, categorias que extrai da obra de Sorokin, Zimmerman e Galpin. No primeiro caso, os mesmos indivíduos estariam associados aos mesmos grupos (familiares, territoriais, políticos, religiosos) de modo que a coincidência dos vínculos sociais assim formados reforçaria a coesão moral, a integração social e o sentimento de pertencimento entre seus membros, estando o indivíduo submerso na vida do grupo. No segundo caso, os vínculos seriam estabelecidos em torno de interesses individuais específicos, não necessariamente coincidentes com outros vínculos, o que implicava a possibilidade de que a proximidade espacial entre duas famílias não se traduzisse, por exemplo, em solidariedade para fins religiosos ou políticos. SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carle; GALPIN, Charles. *A Systematic Source Book on Rural Sociology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, v. 1, 1930, pp. 305-361.

⁸² SMITH, T. Lynn. The Role of the Community in American Rural Life. *Journal of Educational Sociology*, v. 14, n. 7, mar. 1941, p. 396.

⁸³ O alemão Ferdinand Tönnies é considerado um dos primeiros teóricos a pensar de modo sistemático sobre a noção de comunidade. Seu livro, *Gemeinschaft und Gesellschaft*, foi traduzido para o inglês em 1957 por Charles Loomis, antigo aluno de Sorokin e Zimmerman em Harvard e sociólogo rural próximo a Smith. Todavia, enquanto Tönnies se valeu das ideias de “comunidade” e “sociedade” como categorias analíticas dicotômicas no intuito de refletir sobre formas distintas e contrastantes de vínculo ou relação social que, não obstante, davam indicação de existir nas diferentes formações sociais concretas, historicamente existentes, os sociólogos rurais, seguindo os passos de Galpin, parecem ter reificado a noção de comunidade ao procurar identificar seus limites físicos, pensando-a como uma entidade geograficamente circunscrita a uma área territorial contígua, próxima da escala espacial do próprio indivíduo. Ver, a esse respeito, TÖNNIES, Ferdinand. “The summing up”. *In Community & Society (Gemeinschaft und Gesellschaft)*. Translated and Edited by Charles P. Loomis. New York: Harper, 1963 [1887], pp. 248-249.

Antes de se tornar diretor da *Division of Farm Population and Rural Life* do *Bureau of Agricultural Economics* do Departamento de Agricultura no início dos anos 1920, Galpin havia elaborado, na *University of Wisconsin*, engenhosa técnica para estudar as teias de conexões que ligavam as famílias de fazendeiros dispersas no interior do estado às pequenas vilas e centros comerciais locais, chegando à conclusão de que, contrariamente à crença de que o homem rural era um “individualista” ou “homem sem comunidade”⁸⁴, vivendo em isolamento, sua vida supunha o funcionamento de comunidades rurais que, ainda que sem fronteiras nítidas ou legalmente reconhecidas, existiam, e podiam ser apontadas por um complexo procedimento de mapeamento e identificação dos estabelecimentos comerciais e instituições religiosas e educacionais de que os fazendeiros se serviam. A comunidade era discernível nesses “emaranhados de vida humana” que, não obstante, constituíam um “sistema unitário de inter-relações”.⁸⁵

Imbuídos do mesmo espírito, Sorokin e Zimmerman haviam, em *Principles of Rural-Urban Sociology*, cerrado fogo contra as concepções “individualizantes” ou atomizadoras do homem do campo, fornecendo exemplos de práticas de ajuda mútua e cooperação vicinal de diferentes países que evidenciavam os elos comunitários mantidos pelas populações rurais.⁸⁶ De modo semelhante, Smith criticava as teses de que o fazendeiro dos EUA desejava viver em isolamento, sendo marcado pela falta de “apoio às instituições sociais” e de “participação nos assuntos públicos”, afirmando que mesmo sob as condições adversas à formação de laços sociais que marcaram o padrão dispersivo de povoamento dos EUA, baseado em um sistema de divisão da terra em amplos terrenos quadrangulares, os agricultores norte-americanos exibiam inclinações gregárias, como atestavam os pequenos agrupamentos de residências familiares que se formavam nas encruzilhadas das estradas do país.⁸⁷

⁸⁴ A ideia de que o homem do campo era um “individualista” pode ser encontrada na obra de sociólogos rurais norte-americanos como Newell L. Sims, que emprega o termo para indicar o isolamento do agricultor norte-americano, sua dificuldade para estabelecer laços de cooperação social e mesmo sua aparente fraca exposição à “pressão social”: “Extremo individualismo é uma das atitudes notáveis do fazendeiro [*farmer*]. Seu ponto de vista é o do ‘eu’ ao invés de ser o do ‘nós’. [...] Fatores sociais são relativamente negligenciáveis nos cálculos [do fazendeiro]. Por essa razão o fazendeiro tem sentido dificuldade em se envolver em trabalho de equipe e esforço coordenado. [...] O hábito de confiar-se em seus próprios pensamentos se coloca como impeditivo à assembleia para discussão, à discussão amigável em assembleia, e conseqüentemente à integração de ideias na comunidade”. SIMS, Newell LeRoy. *Elements of Rural Sociology*. 3a Ed. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1947 [1928], pp. 378-279.

⁸⁵ GALPIN, Charles J. *The Social Anatomy of an Agricultural Community*. Madison: Agricultural Experiment Station of the University of Wisconsin, Research Bulletin n. 34, may 1915, p. 18.

⁸⁶ SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carle. *Principles of Rural-Urban Sociology*. New York: Henry Holt and Company, 1927, pp. 511-521.

⁸⁷ SMITH, T. Lynn. The Social Effects of Land Division in Relationship to a Program of Land Utilization, *Journal of Farm Economics*, v. XVII, n. 4, Nov. 1935, pp. 704-705.

A dimensão prático-política desta matriz de pensamento comunitarista, expressa paradigmaticamente nos estudos de Galpin, apontava para a necessidade de se considerarem, nos planos de reforma das condições de vida do campo, os “grupos naturais” e as “formas naturais” de associação existentes nas localidades assim como os costumes e tradições das populações rurais. A afirmação da existência da comunidade equivalia à crença de que a intervenção social pretendida por reformadores e governos não operava em um vazio de relações, mas devia partir das forças em atuação na sociedade, e contar com elas, na condução do processo de mudança. Esse expediente argumentativo, com enfoque sobre a necessidade de pesquisas sociológicas acerca das comunidades locais como garantia da eficiência das ações reformadoras, será retomado durante o *New Deal* de Roosevelt pelos sociólogos rurais a fim de justificarem a relevância de seu trabalho junto às diversas agências governamentais então criadas (*Federal Emergency Relief Administration, Civil Work Administration, Agricultural Adjustment Administration, Resettlement Administration, etc.*), mas estará conjugado, de modo saliente, à defesa do princípio da democracia política. Em um período em que o planejamento e as políticas do governo federal para todo o território norte-americano ganhavam magnitude, era preciso exorcizar o fantasma do totalitarismo e dos planos quinquenais garantindo que as comunidades rurais participassem do processo de implementação das políticas para as zonas rurais lançadas pelo corpo de burocratas dos escritórios de Washington, como aquelas destinadas ao controle da produção agrícola, ao reassentamento de famílias de agricultores e à assistência aos segmentos mais afetados pela crise econômica.

Os ideais participativistas que informavam a visão comunitarista da Sociologia Rural se evidenciaram, mais do que em qualquer outro projeto, no “Cooperative Land-Use Program”, experimento em planejamento conduzido pelo *Bureau of Agricultural Economics* do Departamento de Agricultura em fins dos anos 1930 que procurava envolver tanto os diferentes níveis de governo quanto as populações rurais na avaliação e na elaboração das políticas para o campo. Os sociólogos rurais, sob a direção de Carl Taylor⁸⁸, que havia substituído Galpin como

⁸⁸ Oriundo de uma família de pequenos fazendeiros de classe média do estado de Iowa, no cinturão do milho, Carl Cleveland Taylor (1884-1975) iniciou sua carreira como ministro protestante, concluindo, em 1914, o mestrado em Psicologia na *University of Texas* e, em 1918, o doutorado em Sociologia na *University of Missouri*, onde travou contato com as teorias institucional-econômicas de Thorstein Veblen. Depois de atuar como professor da *University of Missouri*, Taylor ingressou, no início dos anos 1920, no quadro docente da *North Carolina State College*, onde se tornou decano da pós-graduação. No Sul, ele realizou pesquisas sobre as condições de vida degradantes dos trabalhadores rurais e meeiros das grandes plantações. Taylor foi partidário de movimentos reformadores em prol dos agricultores norte-americanos, tendo sido um defensor da prática de cooperativas agrícolas, da taxa progressiva da propriedade fundiária e da ampliação da representação dos pequenos e médios fazendeiros na vida política nacional. No governo Roosevelt, ele atuou como diretor da *Division of Subsistence Homesteads* do *Department of Interior* (1933-34), diretor regional da Seção de Política de Terras da *Agricultural Adjustment Administration* (1934-35) e diretor assistente da *Resettlement*

chefe da *Division of Farm Population and Rural Life*, participaram ativamente da iniciativa, atuando junto às populações locais na delimitação das “comunidades naturais” de modo a garantir que estas estivessem representadas nos comitês regionais responsáveis por formular, em nível local e de modo coordenado, os programas de ação para a agricultura a cargo das agências do governo federal e das estações agrícolas experimentais dos estados (Gilbert, 2008; Gilbert, 2015). Carl Taylor sintetizou a filosofia subjacente ao experimento ao afirmar, em uma conferência para agricultores do estado de Oklahoma, que “a atividade dos líderes dos grupos locais sempre [era] um corretivo democrático a qualquer coisa que [pudesse] tender para a desunião nacional, por um lado, ou para o totalitarismo nacional, por outro”.⁸⁹

De vida curta, o experimento em “planejamento cooperativo” foi interrompido no início dos anos 1940 por decisão de um Congresso hostil ao *New Deal* e receoso de medidas que pudessem pôr em xeque o poder dos grandes fazendeiros reunidos em torno da *American Farm Bureau Federation* (Gilbert, 2015). Não obstante, ele é revelador do sentido comunitarista-participativista que os sociólogos rurais buscaram imprimir às políticas públicas levadas a cabo no período. Smith não constituiu exceção a essa regra. Embora convencido da importância do papel do Estado, especialmente do poder executivo em nível federal, na promoção de reformas estruturantes da sociedade, tendendo a enxergar no *New Deal* de Roosevelt a oportunidade de enfrentamento das desigualdades regionais nos EUA que afetavam especialmente as populações rurais do Sul do país⁹⁰, o sociólogo defendeu, sobretudo, a

Administration (1935-37), tornando-se, em 1935, chefe da *Division of Farm Population and Rural Life*. Taylor assumiu posição de relevo entre os sociólogos rurais norte-americanos, atuando como um dos principais mediadores entre esses cientistas e o corpo técnico-burocrático das agências do *New Deal*. Nas palavras de Smith, ele se revelou “uma fortaleza em assuntos sociológicos dentro dos círculos governamentais por dezoito anos”. Em 1939, Taylor foi eleito presidente da *Rural Sociological Society* e, em 1946, da *American Sociological Association*. Como se indicará no segundo capítulo, o sociólogo foi ainda um dos atores-chaves nos planos do Departamento de Estado e do Departamento de Agricultura norte-americanos envolvendo o recrutamento de sociólogos rurais para pesquisas na América Latina durante a Segunda Guerra Mundial. A carreira de Taylor assumiu uma feição nitidamente internacional no pós-guerra, quando atuou como assessor para projetos de “desenvolvimento de comunidade” junto à *International Cooperation Administration*, às Nações Unidas e aos programas de cooperação internacional da *Ford Foundation* na Índia. Ver Smith (1975); Larson & Zimmerman (2008) e Gilbert (2015).

⁸⁹ TAYLOR, Carl C. *Democracy and Group Leadership*. Address, Farmers Institute of Public Affairs, Oklahoma, July 27, 1940. USDA, Bureau of Agricultural Economics. Carl C. Taylor Papers, Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell University Library, p. 7.

⁹⁰ A partir de suas pesquisas na Estação Agrícola da Universidade Estadual de Louisiana, Smith chegou à conclusão de que a Louisiana possuía uma proporção pequena de pessoas em idade produtiva quando comparada ao número de dependentes por família, fato que era agravado pela forte tendência migratória da força de trabalho rural local para outras regiões do país. A nação, e o governo federal em particular, deveriam reconhecer suas obrigações para com o estado da Louisiana, que arcava com os custos da educação pública de crianças e jovens que, em grande parte, acabavam exercendo sua vida profissional produtiva em outros estados da federação. A Louisiana também apresentava altas taxas de analfabetismo e reunia parcela significativa da população negra norte-americana, que exibia, segundo Smith, uma formação deficiente, em razão da herança escravocrata, para o trabalho, para a vida econômica independente e para o exercício da cidadania política. SMITH, T. Lynn. *The*

descentralização na formulação e implementação das políticas⁹¹, a participação das comunidades e a necessidade de compreensão da forma como estas, a partir de seus costumes ('folkways'), reagiam aos programas assistenciais do governo, de modo que se reduzissem ao mínimo os conflitos entre técnicos e administradores das políticas e as populações locais. Smith se mostrava preocupado, em particular, com a tendência de que os trabalhadores desempregados auxiliados pelo Estado acabassem por constituir um grupo apartado do restante da comunidade em razão do estigma, bem característico da cultura norte-americana, que pesava sobre aqueles que exibissem sinais de dependência material. O sociólogo sublinhava ainda a necessidade de que o Estado se mantivesse sensível aos canais tradicionais de ajuda aos pobres mantidos pelas associações religiosas e voluntárias dos povoados, buscando integrá-los, de maneira harmônica, às políticas governamentais.⁹²

A imaginação comunitarista dos sociólogos rurais norte-americanos, fundada na crença acerca das virtudes da vida em comunidade, fez-se presente nos diversos experimentos de engenharia social levados a cabo no governo Roosevelt que ambicionavam criar, a partir do zero, núcleos de povoamento nas zonas rurais, como os programas de assentamento de agricultores empobrecidos em novas colônias agrícolas a cargo da *Resettlement Administration*, a construção de comunidades-modelos no Vale do Tennessee que integrou os planos de revitalização das áreas agrícolas da região a partir da instalação de usinas hidrelétricas pela *Tennessee Valley Authority*, e a surpreendente política adotada pela *War Relocation Authority*, no início da Segunda Guerra Mundial, tendo em vista a formação de laços comunitários entre as famílias de japoneses que haviam sido encaminhadas compulsoriamente pelo exército para campos de concentração (Immerwahr, 2015). Enquanto economistas e engenheiros tenderam a enfatizar os números relativos à produção e aos custos operacionais dos projetos, os sociólogos rurais buscaram, sobretudo, identificar as condições capazes de garantir o desenvolvimento de comunidades fortes e coesas entre as populações-alvo das políticas (Idem: 44).

Em meio aos debates sobre a necessidade de realojamento de famílias arruinadas pela Grande Depressão, que redundaram na criação, pelo governo Roosevelt, de agências voltadas para políticas de reassentamento, Smith advogou a adoção de programas de colonização calcados no padrão de ocupação territorial de famílias de pequenos fazendeiros de ascendência francesa vivendo ao sul da Louisiana, que forneciam, a seu ver, uma base

Population of Louisiana: its composition and changes. Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Agricultural Experiment Stations. Louisiana Bulletin, n. 293, nov., 1937, pp. 79-80.

⁹¹ Idem, 1937, p. 80.

⁹² SMITH, T. Lynn. *The emerging community*. Sem data, pp. 19-30. TLSP, Box 3, Folder 12.

ecológica segura para uma pujante vida comunitária.⁹³ O grupo tinha por hábito se estabelecer em estreitos porém compridos lotes de terra retangulares, uns vizinhos aos outros, com uma das extremidades, que geralmente margeava um rio ou uma estrada, reservada à sede da residência, e a outra, à plantação. Na visão de Smith, tratava-se de uma alternativa à forma de povoamento predominante na história norte-americana, baseada na fixação de fazendas dispersas com base na divisão de terras em largos lotes quadrangulares, à maneira de um tabuleiro de xadrez ('checkerboard system'). Embora o padrão tradicional fosse vantajoso do ponto de vista dos custos da produção, uma vez que os fazendeiros residiam nas próprias terras que eram cultivadas e, à diferença das vilas nucleadas dos camponeses europeus, não se viam forçados a realizar longos e constantes deslocamentos até a lavoura, ele implicava "custos sociais", como o isolamento das famílias. Esse sistema, que havia se cristalizado em uma época de autossuficiência relativa dos agricultores, não possuía mais razão de ser em um mundo rural cuja produção se voltava, cada vez mais, para o mercado. O padrão retangular de ocupação do solo prevalecente entre as populações rurais do sul da Louisiana, por outro lado, além do baixo custo econômico, era favorável ao contato frequente e estreito entre as famílias dos agricultores, que conseguiam viver em proximidade física, possibilitando o desabrochar de uma vida comunitária de "ajuda mútua", de envolvimento com instituições como a igreja e a escola, e de ampla participação na vida política da localidade.⁹⁴

Smith também estava convencido de que práticas cooperativas características daquelas populações, como o sistema de distribuição diária de carne fresca que resultava de acordos tácitos entre o açougueiro e as famílias de agricultores vivendo em uma mesma área, poderiam ser igualmente úteis para projetos de engenharia comunitária, e isto na medida em que representavam uma forma de cooperação adaptada às circunstâncias modernas⁹⁵, em que os laços de solidariedade local em bases contratuais, instituídos e mantidos a partir do reconhecimento de interesses econômicos complementares, tendia a prevalecer sobre formas

⁹³ Um dos primeiros experimentos do *New Deal* envolvendo a construção de novas comunidades ocorreu no âmbito de um programa federal a cargo da *Subsistence Homesteads Division*, de 1933, destinado à criação de pequenas fazendas de subsistência em áreas suburbanas para famílias pobres do campo e da cidade, que poderiam, assim idealizavam os seus administradores, dividir seu tempo entre o trabalho assalariado na fábrica e o cultivo agrícola para consumo próprio. Em 1935, foi criada a *Resettlement Administration*, agência voltada para políticas de redistribuição de terras que refletiu os esforços do governo Roosevelt para enfrentar o problema da pobreza no campo, especialmente no Sul do país. Os sociólogos rurais se envolveram estreitamente com essas iniciativas, a começar por Carl Taylor, que atuou como chefe da Divisão de Assentamento Rural da *Resettlement Administration*. Ver Kirkendall (1966), especialmente os capítulos 5, 6 e 7.

⁹⁴ SMITH, T. Lynn. An Analysis of Rural Social Organization among the French-Speaking People of Southern Louisiana. *Journal of Farm Economics*, 1934, 16, v. 4, pp. 680 – 688; SMITH, T. Lynn. The Social Effects of Land Division in Relationship to a Program of Land Utilization. *Journal of Farm Economics*, 1935, 17, v. 4, pp. 702 – 709.

⁹⁵ SMITH, T. Lynn. & POST, Lauren C. The Country Butchery: A Co-operative Institution. *Rural Sociology*, v. 2, n. 3, set. 1937, pp. 335-337.

de solidariedade mais “espontâneas”, “pessoais”, “inconscientes”, isto é, anteriores ao cálculo racional individual, características dos grupos de vizinhança da sociedade de fronteira da época dos “pioneiros”, formas de solidariedade fundadas sobre o parentesco, a tradição e a forte identidade de crenças e interesses.⁹⁶

A crença de Smith na ideia de “comunidades naturais” nas zonas rurais, noção que supunha a aposta na capacidade de ação conjunta, para fins de cooperação, de famílias vivendo em uma mesma localidade, não implicou desatenção para com situações marcadas por fortes cisões de classe e de raça, em que se tornava difícil imaginar a existência de grupos de vizinhos unidos por laços de solidariedade comunal, o que era especialmente verdadeiro nas áreas de *plantation* dos estados sulistas. A partir de sua experiência na Estação Agrícola Experimental de Louisiana, Smith havia chegado à conclusão de que a maior parte da população rural dos EUA, que se concentrava na região Sul do país, ao invés de constituir um todo homogêneo, era permeada por clivagens e seccionada em camadas que incluíam desde os proprietários de grandes fazendas (*landlords*) até arrendatários de terra (*farm tenants*), meeiros (*sharecroppers*) e trabalhadores (*laborers*). Na abertura de seu livro sobre a Sociologia Rural, o sociólogo salientava que o pequeno fazendeiro de classe média do Meio Oeste estava longe de representar o típico agricultor norte-americano, de modo que, se a disciplina quisesse fazer jus a seu objeto nos EUA, ela deveria considerar, sobretudo, o estudo dos diversos segmentos que constituíam as populações rurais sulistas.⁹⁷

Smith estava a par dos estudos sociológicos realizados no contexto do *New Deal* que haviam contribuído para a veiculação de visões mais nuançadas do mundo rural americano, com frequência idealizado a partir de imagens positivas do Meio Oeste, chamando a atenção para os temas da pobreza e da desigualdade (Kirkendall, 1966), como *Shadow of the Plantation* (1934), de Charles Johnson; *Tenants of the Almighty* (1943), de Arthur Raper; e *Landlord and Tenant on the Cotton Plantation* (1936), de T. J. Woofter Jr. e outros, além do volume organizado por Carl Taylor, *Disadvantaged classes in American Agriculture* (1938), um dos primeiros sociólogos rurais a evidenciar, nas palavras de Charles Galpin (1938: 51), os “violentos contrastes insuspeitos” entre os níveis de vida e educação de trabalhadores rurais e grandes fazendeiros do *Deep South*. Sorokin e Zimmerman, que haviam sido, em grande medida, responsáveis pela socialização acadêmica de Smith na *University of Minnesota*, eram igualmente sensíveis às divisões existentes no interior do mundo rural. Em

⁹⁶ SMITH, T. Lynn. Trends in Community Organization and Life. *American Sociological Review*, v. 5, n. 3, jun. 1940, p. 334.

⁹⁷ SMITH, T. Lynn. *The Sociology of Rural Life*. New York and London: Harper & Brothers, 1940.

seus volumosos compêndios de Sociologia Rural, eles haviam feito da estratificação social um dos principais eixos investigativos da disciplina⁹⁸, observando que o regime da grande plantação capitalista, embora possuísse vantagens econômicas relativamente a outras formas de exploração da terra, como a pequena fazenda familiar, frequentemente ensejava “antagonismos sociais”, “luta de classes” e “instabilidade social”, comprometendo o “bom funcionamento das instituições da comunidade” e a “eficiência das atividades políticas dos agricultores”, e isto na medida em que fazia prevalecer, no lugar da “independência”, da “iniciativa”, da “autoconfiança” e do “espírito democrático”, o “servilismo”, a “passividade” e a “imprevidência” entre as massas rurais.⁹⁹ Aproximando-se desta compreensão, Smith desenvolveu uma visão crítica da *plantation* enquanto *complexo cultural* fundado em *relações paternalísticas* entre trabalhadores e proprietários que estava na raiz do quadro de pobreza, ignorância e apatia de populações como as do Delta do Mississippi.¹⁰⁰

A análise da estrutura social da *plantation*, ao invés de conduzir Smith à reavaliação ou rejeição da matriz de pensamento comunitarista – aparentemente insuficiente para dar conta, no plano teórico-conceitual, de formações sociais altamente estratificadas –, implicou, todavia, o movimento inverso de crítica da realidade em termos de programas reformadores que a conduzissem à realização daqueles ideais de comunidade, que, de acordo com os sociólogos rurais, supunham, do ponto de vista material, a existência de uma sociedade de classe média de pequenas fazendas familiares.¹⁰¹ Não apenas tomava-se este modelo de organização social como o predominante no Meio Oeste dos EUA, associado, no imaginário social norte-americano, a fazendeiros empreendedores e independentes representados pela figura do *yeoman*, como também se julgava, na esteira do pensamento político de Thomas Jefferson, que este grupo constituía a base da cidadania em um regime republicano e democrático (Kirkendall, 1987; Gilbert, 2015). Durante o *New Deal*, os sociólogos rurais haviam se batido por políticas de redistribuição de terras visando à multiplicação, pelo

⁹⁸ SOROKIN, P.; ZIMMERMAN, C.; GALPIN, C. *A systematic source book in Rural Sociology*. Minneapolis: University of Minnesota, 1930, v. 1, chap. VII.

⁹⁹ *Idem*, p. 393.

¹⁰⁰ SMITH, T. Lynn. Tenure Problems and Research Needs in the South: Discussion. *Journal of Farm Economics*, 19 (1), 1937, pp. 143 – 147.

¹⁰¹ O uso da noção de comunidade em Ciências Sociais, por supor relações marcadas pela coesão, consenso, compartilhamento de valores e interesses, forte senso de pertencimento e homogeneidade social de seus integrantes, foi objeto de diversas críticas que apontavam para a miopia do conceito em relação à dimensão do conflito da vida social, como aquele produzido por diferenças de classe (Wright Mills, 1943; Costa Pinto, 1947; Immerwahr, 2015). É difícil avaliar em que medida essas críticas são aplicáveis aos sociólogos rurais norte-americanos. Embora reconhecendo o conflito, Smith não parece tê-lo concebido como uma dimensão intrínseca da vida social, mas como aspecto acidental, discrepante do funcionamento normal dos grupos sociais e, como tal, patológico e passível de correção mediante planos de reforma, o que sugere a força político-cognitiva da matriz de pensamento comunitarista que informou sua sociologia.

território nacional, de fazendas familiares com o objetivo de combater a pobreza no campo, que associavam à vida de trabalho nas grandes plantações. A defesa da pequena propriedade familiar foi uma das marcas da participação dos sociólogos rurais nas discussões que presidiram, em 1937, a criação da *Farm Security Administration*, agência que lançou, entre outras medidas, programas destinados à aquisição de terra por parte de trabalhadores e pequenos arrendatários com base no provimento de assistência técnica, educação agrícola e empréstimos de longo prazo pelo governo federal (Kirkendall, 1966: 127-129). Smith acreditava que o fracionamento da terra em pequenos e médios lotes de tamanho suficiente para a manutenção de fazendas familiares constituía importante passo para a elevação dos “padrões de vida insatisfatórios” entre as populações do Sul, onde se concentrava a massa rural de despossuídos do país.¹⁰² A viagem que o sociólogo realizou pela América do Sul em 1939 reforçou essa crença, convencendo Smith de que “a agricultura em larga escala” havia sido “uma maldição para toda a parte sul [dos EUA]”.¹⁰³

1.4. Uma sociologia para a política de boa vizinhança e uma política de boa vizinhança para a sociologia

Entre maio e setembro de 1939, T. Lynn Smith realizou visitas a diferentes países da América do Sul e Central contando, para tanto, com recursos da *Julius Rosenwald Fund* e da LSU. No plano de trabalho que submeteu à *Rosenwald Fund* a fim de pleitear a bolsa, Smith indica a intenção de se familiarizar com os “sistemas de educação agrícola e organização rural” da região, considerando-se, sobretudo, seus “aspectos sociais e econômicos”, e de travar contato com líderes, especialistas, programas e agências governamentais dedicadas à educação para a agricultura.¹⁰⁴ O plano de trabalho revela o interesse de Smith em observar diretamente “comunidades e instituições rurais típicas” dos vários países.¹⁰⁵ Segundo o sociólogo, a viagem poderia lhe oferecer ainda a oportunidade de examinar o “sistema de

¹⁰² SMITH, T. Lynn. [Carta] 14 fev. 1939, Baton Rouge [para] PIPKIN, C. W., Baton Rouge. 1f. Carta ao decano da escola de pós-graduação da Universidade Estadual da Louisiana contendo o seguinte memorando: “What can be done to make rural life in the South as attractive as it is in other parts of the nation?”; JOHNSTON, Oscar. [Carta] 21 maio 1940, Scott, Mississippi [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 3f.; SMITH, T. Lynn. [Carta] 22 maio 1940, Baton Rouge [para] JOHNSTON, Oscar, Scott, Mississippi. 1f. TLSP, Box 3, Folder 58.

¹⁰³ SMITH, T. Lynn. [Carta] 11 set. 1939, Baton Rouge [para] BENEDICT, M. R., Berkely. 1f. TLSP, Box 3, Folder 58.

¹⁰⁴ SMITH, T. Lynn. *Plan of work*. ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Fisk University Special Collections and Archives, doravante FUSC, Box 448, Folder 5, p. 1, s./d.

¹⁰⁵ Idem, p. 1.

Hacienda” e a “ação recíproca entre fatores raciais e culturais neste que é o sistema de produção agrícola em larga escala mais importante do mundo”, e continha, portanto, conforme observava, considerável valor comparativo para a análise das plantations sulistas dos EUA.¹⁰⁶ Na justificativa de seu plano de trabalho, Smith argumenta que seu interesse no estudo dos povos e costumes latino-americanos remontava a incursões que fizera ao México em 1933, 1935 e 1938, durante os recessos de verão da universidade, ressaltando ainda que sua viagem visava contribuir para uma melhor compreensão acerca das condições e possibilidades para o intercâmbio e as trocas acadêmicas entre os EUA e os demais países do continente americano. De acordo com o decano da escola de pós-graduação da LSU, o cientista político Charles W. Pipkin, a viagem de Smith seria oportuna na coleta de informações que pudessem orientar os planos em gestação, na instituição, envolvendo atividades de ensino e pesquisa direcionadas para a América Latina.¹⁰⁷

Ainda que as viagens realizadas por Smith ao México em meados de 1930, quando acompanhou seu antigo professor Carle Zimmerman¹⁰⁸ em breves *surveys* de reconhecimento pelas principais áreas rurais do país, tenham despertado seu interesse acadêmico pelas populações rurais latino-americanas – interesse que o sociólogo, por vezes, procurou associar, em uma leitura retrospectiva, à sua infância e adolescência no Vale do San Luis, no Colorado, área próxima ao Rio Grande com marcada presença de colonos mexicanos¹⁰⁹ –, a identificação da trajetória e atuação profissionais de Smith com a América Latina, que se tornará uma constante no pós-guerra, decorreu, em grande parte, dos avanços da Política de Boa Vizinhaça nos anos 1930. Lançada ainda durante o primeiro mandato presidencial de Roosevelt, a nova política para a América Latina pretendia substituir o antigo intervencionismo, de caráter militar, que até então havia marcado as ações do governo norte-americano na região, por medidas de cooperação visando à construção de uma “solidariedade interamericana”. Embora se comprometesse com o princípio da soberania nacional de cada república americana, a nova política de Roosevelt procurava assentar o pan-americanismo,

¹⁰⁶ Ibidem, p. 2.

¹⁰⁷ SMITH, T. Lynn. *Letters of Reference*. ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, FUSC, Box 448, Folder 5, s./d..

¹⁰⁸ Zimmerman vinha realizando viagens de estudo em missões do governo norte-americano, a começar por pesquisas que realizou sobre as populações rurais da Tailândia no início dos anos 1930. Em 1934, ele integrou uma comissão para assuntos cubanos indicada pela *Foreign Policy Association* para analisar os problemas do país, contribuindo com a redação do relatório *Problems of the New Cuba*. Segundo Rios (1972: 112), em 1935, Zimmerman e Smith cogitaram a possibilidade de realizar visita ao Brasil, especialmente às áreas destinadas ao cultivo de algodão, tendo em vista obter informações capazes de auxiliar nos programas governamentais de assistência às plantações algodoeiras do Sul dos EUA, projeto que, todavia, não se realizou.

¹⁰⁹ SMITH, T. Lynn. *Plan of work*. ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, FUSC, Box 448, Folder 5, p. 2, s./d.; SMITH, T. Lynn. *My own work as assessor técnico em colonización y parcelación*. TLSP, Box 1, Folder 76, s./d.

isto é, os ideais de maior integração continental, sob a égide dos EUA, de modo que o país fosse capaz de se contrapor à forte e tradicional ascendência europeia sobre a vida econômica, cultural e intelectual das nações ao sul do Rio Grande (Moura, 2012: 39 – 47). O avanço do nazi-fascismo na Europa, a perspectiva de um conflito mundial iminente e a percepção de uma ameaça crescente representada pela presença alemã no continente americano fizeram com que os EUA redobrassem seus esforços de aproximação com os países latino-americanos, o que implicou, especialmente a partir de meados dos anos 1930, uma série de propostas e acordos de colaboração com os governos da região de natureza comercial, militar, cultural e científica (Idem).

O fato de que a busca pelo estabelecimento de relações com cientistas sociais latino-americanos por parte de Smith tenha ocorrido na esteira da política externa de Roosevelt não nos deve, todavia, conduzir à conclusão de que as atividades do sociólogo na região significaram tão somente uma das formas pelas quais o governo norte-americano buscou propagar e reforçar os ideais pan-americanistas, exercendo a atividade diplomática por outros meios, isto é, mediante o fortalecimento de trocas no âmbito das artes, da ciência e da cultura entre os países do continente, frente de ação que, no mundo da diplomacia, foi denominada “relações culturais”. Como se indicará a seguir, enquanto os EUA fomentaram trocas intelectuais e científicas na região para atingir fins geopolíticos que julgavam estratégicos, centrados na defesa, sob sua liderança, dos países do hemisfério ocidental, Smith, que foi um dos atores envolvidos no processo de estreitamento dessas relações, especialmente com o Brasil, buscou, por seu turno, fazer avançar a agenda dos próprios sociólogos rurais norte-americanos, o que implicava a extensão de suas pesquisas sobre as populações rurais a outras regiões do globo e a ampliação do raio de influência da Sociologia Rural que vinha se institucionalizando nos EUA mediante o estabelecimento de relações com intelectuais locais que pudessem se tornar interlocutores, difusores ou veiculadores da disciplina, desencadeando um movimento virtuoso de circulação e legitimação internacionais dos saberes, técnicas e profissionais associados àquele ramo do conhecimento sociológico.¹¹⁰

Em 1939, ano em que Smith realizou sua primeira viagem por países da América do Sul, a tarefa de estreitar relações culturais com a região havia se tornando urgente para o governo norte-americano frente ao que se acreditava ser o recrudescimento da investida ideológica alemã no continente americano (Espinosa, 1977). Em 1936, durante a Conferência

¹¹⁰ Historiadores que se debruçaram sobre as trocas científicas entre as Américas ocorridas no âmbito do Pan-Americanismo e da Política de Boa Vizinhança assinalaram igualmente esse movimento de mão dupla a partir do qual, segundo Kropf & Howell (2017), os EUA se valeram da ciência para fazer avançar a diplomacia enquanto os cientistas se valeram da diplomacia para fazer avançar sua ciência.

Interamericana para a Manutenção da Paz, realizada em Buenos Aires, a delegação norte-americana havia dado um passo importante para o incremento dessas relações, obtendo dos representantes das demais nações do continente o compromisso com a promoção do intercâmbio regular de professores e alunos (Idem).¹¹¹ Em julho de 1938, foi criada, no interior do Departamento de Estado, a Divisão de Relações Culturais, que deveria se encarregar da seleção dos candidatos às bolsas de intercâmbio, além de estimular outras atividades de aproximação cultural com a América Latina, como a tradução de livros e a manutenção de bibliotecas e centros de cultura norte-americana (Ibidem). Em agosto de 1939, o Departamento de Estado, por meio de circular enviada às suas embaixadas nos diferentes países do continente, solicitava informações sobre as regras que os governos locais vinham estabelecendo tendo em vista a implementação do acordo de intercâmbio acadêmico, indicando que o congresso americano havia autorizado o uso de recursos para que os EUA iniciassem seu programa de bolsas para professores e alunos.¹¹²

O fato de que Smith tenha realizado sua viagem como representante da LSU ilustra, de modo significativo, a forma como os EUA procuraram levar adiante seu programa de relações culturais. Receoso de que os esforços do governo federal neste setor fossem entendidos como interferência desmedida do Estado em uma esfera de atividades que, conforme ditava o credo liberal dominante, deveria estar a cargo da iniciativa privada e de associações voluntárias ou, o que era pior, como simples instrumento de propaganda nacionalista a serviço dos interesses geopolíticos do país, à maneira do que os norte-americanos julgavam ser a prática das grandes potências do velho mundo, o governo Roosevelt procurou estimular o envolvimento das universidades e das fundações filantrópicas a fim de garantir que as ações do poder público fossem vistas como afinadas com o interesse de setores da própria sociedade norte-americana no estreitamento dos laços entre as Américas (Ninkovich, 1981: 13-14).

¹¹¹ O acordo foi acompanhado da sugestão de que para que, além dos governos, as instituições privadas dos diferentes países se envolvessem no esforço de cooperação intelectual entre as Américas. Até julho de 1939, Brasil, Chile, Costa Rica, República Dominicana, EUA, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru e Venezuela haviam ratificado o tratado, que previa a troca anual de ao menos dois alunos de pós-graduação ou professores da educação básica ('teachers') entre os países signatários, devendo o país de origem do candidato arcar com os custos de deslocamento e o país de destino, com os custos envolvendo a matrícula na universidade estrangeira e a hospedagem. O acordo também previa a troca anual de ao menos um professor universitário entre cada um dos países. O governo norte-americano indicava sua preferência para que esses professores desenvolvessem atividades de ensino a fim de garantir que os outros povos do continente tomassem conhecimento do "progresso da ciência, das humanidades e da tecnologia dos EUA". WELLES, Sumner [Acting Secretary of State] [Carta] 23 ago. 1939, Washington D.C. [para] CAFFERY, Jefferson [American Ambassador], Rio de Janeiro. 4f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), doravante NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5061, Decimal Number 811.42732 Student Exchange.

¹¹² WELLES, Sumner [Acting Secretary of State] [Carta] 15 ago. 1939, Washington D.C. [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 2f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5061, Decimal Number 811.42732 Student Exchange.

Atendendo ao chamado de Roosevelt, a LSU vinha projetando medidas em prol da cooperação intelectual entre os países do continente, como a criação de uma “escola de agricultura pan-americana”.¹¹³ O diretor do *College of Agriculture* da universidade, J. G. Lee, Jr., historiando o envolvimento da instituição com os esforços pan-americanistas dos EUA, assinala o impulso conferido pelo secretário de Agricultura de Roosevelt, Henry A. Wallace, a essas atividades, especialmente à ideia de que a universidade deveria buscar atrair, cada vez mais e de modo sistemático, estudantes da América Latina.¹¹⁴ Filho de fazendeiros empreendedores de classe média e economista agrícola formado na faculdade de agricultura de seu estado natal, Iowa, no Meio Oeste dos EUA, Wallace, que possuía trânsito no mundo dos *land-grant colleges* do país, foi um dos intelectuais-chaves do *New Deal* rural e esteve à frente do Departamento de Agricultura durante os dois primeiros mandatos de Roosevelt (Gilbert, 2015). Wallace acreditava que a cooperação interamericana no âmbito da agricultura constituía um dos pilares da “solidariedade hemisférica”. A seu ver, o fortalecimento do comércio de produtos agrícolas entre as Américas poderia ser obtido tanto a partir do controle da produção de excedentes do hemisfério ocidental que não pudessem ser escoados para os próprios mercados do continente quanto por meio do desenvolvimento do potencial produtivo, na América Latina, de *commodities* tropicais em relação às quais havia grande demanda nos EUA, como borracha, abacá e cinchona. O cultivo desses produtos, considerados estratégicos para os esforços de guerra, poderia ser mais bem explorado mediante cooperação técnica e científica promovida pelos governos dos diferentes países.¹¹⁵

Após visita de Wallace ao campus da LSU em 1938, e entendimentos com a Divisão de Relações Culturais¹¹⁶, J. G. Lee, Jr. foi convidado pelo governo Roosevelt, em 1940, a compor, junto com quadros dirigentes do *College of Agriculture* da *University of Florida*, do *Museum of Comparative Zoology* de Cambridge e do *College of Agriculture* da *University of California*, um Comitê para Cooperação Interamericana em Educação Agrícola destinado a

¹¹³ SMITH, T. Lynn. *Plan of work*. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5, p. 1, s./d..

¹¹⁴ COMMITTEE ON INTER-AMERICAN COOPERATION IN AGRICULTURAL EDUCATION. *Minutes of the Meeting of November 7, 1940*. Washington D.C.: Department of Agriculture. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-49. Box 16, Folder “Education 1”, p. 24.

¹¹⁵ WALLACE, Henry A. Inter-American Agricultural Cooperation. *Foreign Agriculture*, v. IV, n. 5, maio 1940, pp. 275-286.

¹¹⁶ COMMITTEE ON INTER-AMERICAN COOPERATION IN AGRICULTURAL EDUCATION. *Minutes of the Meeting of November 7, 1940*. Washington D.C.: Department of Agriculture. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-49. Box 16, Folder “Education 1”, p. 24.

fomentar o interesse dos *land-grant colleges* pelo estreitamento de relações com a América Latina.¹¹⁷

A LSU almejava atuar como vanguarda das instituições de ensino do país nos planos de cooperação interamericana. Em texto de 1940 produzido com o fim de divulgar as medidas que a universidade vinha implementando nesse sentido, afirmava-se que a instituição se encontrava em posição privilegiada no tocante à política norte-americana de aproximação com a América Latina. Conforme o documento, o estado de Louisiana não apenas contava, devido à história de sua colonização, com expressivo número de católicos descendentes de franceses e espanhóis – segmento da população que eram “cultural e espiritualmente” mais próximos dos povos latino-americanos¹¹⁸–, como sua economia e mercado de trabalho eram similares àqueles observados na região, o que se refletia nos cursos técnicos ofertados pela universidade, como aqueles relativos à engenharia do açúcar, à agricultura do algodão e do arroz, à medicina e às doenças tropicais, nos quais era comum encontrar estudantes da América do Sul e Central.¹¹⁹ Para expandir as atividades em prol do pan-americanismo, a universidade deveria conferir maior espaço ao ensino do Espanhol no currículo, equiparando-o àquele dedicado a línguas como o Francês e o Alemão, além de introduzir cursos de Português, que estavam ausentes do programa da maior parte das universidades norte-americanas.¹²⁰ Ademais, cursos sobre América Latina, que já vinham sendo conduzidos pelo Departamento de História, deveriam ser introduzidos nos Departamentos Geografia, Sociologia, Administração e Economia, de modo que a LSU se tornasse uma referência na formação profissional de nacionais e estrangeiros em problemas e instituições da região.¹²¹ Bolsas para alunos de intercâmbio e professores visitantes da América Latina se faziam igualmente necessárias.¹²²

Em palestra pelo rádio de 1940, Smith afirma que a aproximação com a América Latina oferecia aos cientistas norte-americanos a oportunidade de estenderem à região a observação dos fenômenos caros aos vários ramos do conhecimento. Ademais, experiências latino-americanas em políticas de uso da terra e educação, como a mexicana, eram úteis para

¹¹⁷ WALLACE, Henry A. *Memorandum for chiefs of bureaus and offices*. June 10, 1940. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940 - 1944. Central Decimal File. Box 3827, 811.42710 AGR. ED. COMM./6.

¹¹⁸ LOUISIANA STATE UNIVERSITY. *Louisiana State University's Role in Improved Latin American Relations*. 16f. TLSP, Box 1, Folder 68, 1940, p. 2.

¹¹⁹ LOUISIANA STATE UNIVERSITY. *Louisiana State University's Role in Improved Latin American Relations*. 16f. TLSP, Box 1, Folder 68, 1940, p. 4.

¹²⁰ *Idem*, p. 6.

¹²¹ *Ibidem*, p. 7.

¹²² *Ibid.*, pp. 10-13.

se pensar os problemas do campo enfrentados pelas populações rurais dos EUA. Em se tratando da Política de Boa Vizinhança, Smith argumenta que professores e alunos constituíam, mais do que industriais, negociantes e viajantes ocasionais ou turistas, os agentes ideais para a promoção do entendimento entre os países, dada a disposição que teriam para compreender, sem pré-julgamentos ou considerações estritas de ganho econômico, os costumes, as realizações e os problemas de outros povos, lançando as bases para a apreciação mútua de suas distintas filosofias e visões de mundo.¹²³ A defesa do sociólogo do intercâmbio acadêmico estava afinada com o discurso difundido pelos quadros do Departamento de Estado do governo Roosevelt, segundo o qual o aprimoramento das relações culturais contribuiria para desfazer antigas desconfianças na América Latina, modificando a visão, disseminada na região, de que os EUA constituíam uma potência arrogante que cultivava projetos imperialistas de dominação (Espinosa, 1977: 72-73).

A viagem de Smith pela América Latina em 1939 foi facilitada pelo Departamento de Estado que, por meio de suas embaixadas e consulados, intermediou o contato do sociólogo com autoridades governamentais, burocratas, escritores e professores universitários da região. Conforme consta em carta de Smith a Richard Pattee, funcionário da Divisão de Relações Culturais, o itinerário do sociólogo incluiu as seguintes cidades: Lima (Peru), La Paz (Bolívia), Arica, Valparaíso, Santiago (Chile), Buenos Aires (Argentina), Montevideo (Uruguai), Assunção (Paraguai), São Paulo e Rio de Janeiro (Brasil).¹²⁴

A passagem de Smith pelo Brasil ocorreu em agosto de 1939. Em sua visita ao Rio de Janeiro, ele estabeleceu contato, entre outros, com Oliveira Vianna, autor de *Populações Meridionais do Brasil*¹²⁵, e com professores de ciências sociais da Universidade do Distrito Federal, como Arthur Ramos e Delgado de Carvalho, com os quais discutiu os planos da LSU para a implementação do intercâmbio acadêmico com a América Latina. Historiando o início das trocas entre Brasil e EUA no âmbito das Ciências Sociais, Smith, em uma análise que por

¹²³ SMITH, T. Lynn. *Exchange of professors and students*. 8f. TLSP, Box 1, Folder 77, 1940.

¹²⁴ SMITH, T. Lynn. [Carta] 12 maio 1939, Baton Rouge [para] PATTEE, Richard, Washington D.C. 1f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 42, Folder 032-SMITH, T. Lynn.

¹²⁵ A obra de Oliveira Vianna, com a qual Smith entra em contato provavelmente nesta primeira viagem, foi decisiva para a elaboração de seu diagnóstico sociológico sobre o Brasil rural, como se indicará no segundo capítulo. Em 1940, Smith adquiriu, para a biblioteca do Departamento de Sociologia Rural da Estação Agrícola Experimental da LSU, os textos *Populações Meridionais do Brasil, Raça e Assimilação* e *O Povo Brasileiro e sua Evolução* (Introdução ao Recenseamento do Brasil de 1920), de Oliveira Vianna, e enviou ao pensador fluminense, por via marítima, exemplar de seu livro *The Sociology of Rural Life*, lançado naquele mesmo ano. SMITH, T. Lynn. *Progress Report to the General Education Board concerning the development of the research program in Rural Sociology at the Louisiana Agricultural Experiment Station*. RAC, General Education Board Records. Series 1, Box 445, Folder 4699, s./d., p.21; OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. [Carta] 11 mar. 1940, Niterói [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 1f. TLSP, Box 22, Folder 23.

vezes assume a forma de depoimento pessoal, evoca suas lembranças da situação pela qual então passava o corpo de professores universitários do Rio de Janeiro com o fechamento da Universidade do Distrito Federal por ordens do Ministro da Educação e Saúde de Vargas, Gustavo Capanema, e a conseqüente transferência de parte dos quadros da instituição para a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.¹²⁶

Para estabelecer contatos no Brasil, Smith se valeu especialmente dos canais de comunicação abertos por Robert Park, mantidos pelo sociólogo e seu aluno da Universidade de Chicago, Donald Pierson, desde meados dos anos 1930, quando o último realizou pesquisa sobre relações raciais na Bahia para sua tese de doutorado (Maio & Lopes, 2017).¹²⁷ As relações de Park com o Brasil remontam à viagem que realizou a diversos países do globo ainda no início dos anos 1930, quando procurou expandir as possibilidades de estudo comparativo acerca dos padrões de contato interétnico e intercultural de diferentes regiões do mundo, o que incluía a China, a Índia, a África do Sul e o território do Havaí (Valladares, 2010 & Silva, 2012). Park buscou dar continuidade a essa ambiciosa agenda de pesquisas internacionais quando se transferiu, em 1934, para a Universidade de Fisk, em Nashville, Tennessee, no Sul dos EUA. Sua aproximação com Smith data deste período e esteve relacionada ao interesse compartilhado pelas relações raciais entre os sulistas.¹²⁸ Em 1935, após retornar de viagem que realizara à Louisiana a fim de observar os diferentes grupos

¹²⁶ SMITH, T. Lynn. "Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships". In SMITH, T. Lynn. *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, pp. 8-24.

¹²⁷ Pierson forneceu a Smith cartas de apresentação endereçadas ao antropólogo Arthur Ramos, ao educador Anísio Teixeira, que havia sido secretário de Educação do Distrito Federal durante a administração de Pedro Ernesto, e ao missionário metodista norte-americano Hugh Clarence Tucker, que fixara residência no Rio de Janeiro no final do século XIX e fora um dos fundadores do Instituto Brasil – Estados Unidos (IBEU), centro de difusão da cultura norte-americana, criado em 1937. PIERSON, Donald [Carta] 13 maio 1939, Nashville [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 2f. FDP, Pasta 6.

¹²⁸ Smith julgava relevante estudar a situação da população negra vivendo nas grandes plantações do Sul, afirmando que o status de "arrendatário de terras" ("farm tenant") que os fazendeiros sulistas geralmente atribuíam aos agricultores negros da região escamoteava sua verdadeira posição social, de trabalhadores dependentes, incapazes de conduzir uma vida autônoma. É esclarecedor, a esse respeito, o esboço de uma apresentação de Smith realizada para a *Southern Sociological Society* sobre a posse de terra nas zonas de agricultura em larga escala do Sul norte-americano, que se encontra em meio à sua correspondência com Park. TLSP, Box 16, Folder 16. À preocupação com os efeitos sociais da *plantation* sobre a população negra se somou, com a aproximação de Park, o interesse de Smith em explorar, sob o ângulo da Sociologia de Chicago, a dinâmica das relações interétnicas em Louisiana. Em 1938, por intermédio de Park, Smith publicou no *American Journal of Sociology*, periódico sob o controle editorial dos sociólogos da Universidade de Chicago, artigo analisando a forte capacidade assimiladora das populações rurais de ascendência francesa do Sul da Louisiana, evidenciada pelo fato de terem rapidamente incorporado, pelo casamento, grupos provenientes de outras matrizes nacionais, como a espanhola e a anglo-saxã, fixando, nas gerações mais novas, a cultura de matriz francesa. PARK, Robert [Carta] 17 maio 1938, Chicago [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 1f. TLSP, Box 16, Folder 16; SMITH, T. Lynn. Acculturation among the Louisiana French. *American Journal of Sociology*, v. 44, n. 3, nov. 1938, pp. 355-364.

étnicos que habitavam a parte sul daquele estado¹²⁹, Park procurou estreitar seu contato profissional com Smith, convidando-o a participar do Seminário de Contatos de Raça e Cultura que havia iniciado na Universidade de Chicago.¹³⁰ De acordo com Smith, durante visitas à LSU e à sua residência em Baton Rouge, Park havia lhe manifestado seu grande interesse pelo estudo das relações raciais no Brasil.¹³¹

Embora sua primeira viagem ao Brasil possuísse uma finalidade ampla no terreno das relações culturais, voltada para a promoção do intercâmbio acadêmico entre o país e a Louisiana, Smith também não descuidou da possibilidade de expandir as pesquisas em Sociologia Rural que os estudiosos norte-americanos vinham realizando nos EUA e em outras partes do mundo. Ele procurou convencer os diplomatas norte-americanos de que seria interessante promover estudos sociológicos sistemáticos das populações rurais brasileiras, ideia que recebeu a acolhida imediata do cônsul geral em São Paulo, Carol Foster, um dos maiores entusiastas da política norte-americana de relações culturais entre os quadros do corpo diplomático em atuação no país.¹³² Escrevendo a Frank Aydelotte, reitor de *Swarthmore College*, na Pensilvânia, e membro da *Guggenheim Foundation*, que havia iniciado um programa de bolsas de estudo para brasileiros, Foster indagou-o, logo após a visita de Smith a São Paulo, sobre a possibilidade de financiamento de “surveys sociológicos e econômicos” que fizessem o levantamento dos “recursos humanos e naturais” do Estado de São Paulo, e eventualmente de todo o Brasil, e pudessem servir para determinar as principais “necessidades da população”, à semelhança dos estudos conduzidos ainda no início dos anos 1930 pelo antigo professor de Smith na *University of Minnesota*, Carle Zimmerman, enfocando níveis de vida, propriedade da terra, atividade econômica e orçamento familiar das populações rurais do Reino de Sião (atual Tailândia) e de Cuba.¹³³ Na carta, Foster expressa a

¹²⁹ SEMINAR IN RACE AND CULTURE CONTACTS. *Minutes of the meetings of the divisional Seminar in Race and Culture Contacts*. University of Chicago, 1935, TLSP, Box 16, Folder 16, p. 2.

¹³⁰ PARK, Robert [Carta] 5 fev. 1935, Chicago [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 1f. TLSP, Box 16, Folder 16.

¹³¹ SMITH, T. Lynn. “Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships”. In SMITH, T. Lynn. *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, p. 17.

¹³² Foster havia, como parte de seus inúmeros esforços neste terreno, atuado junto a *John Guggenheim Foundation* para que esta incluísse o Brasil no seu programa de bolsas de estudo para latino-americanos nos EUA. Ele também desempenhou importante papel nas negociações entre a Escola de Sociologia e Política e o governo norte-americano envolvendo a contratação do sociólogo Donald Pierson para lecionar e desenvolver pesquisas em São Paulo. AYDELLOTE, Frank [Carta] 24 jul. 1939, Swarthmore [para] FOSTER, Carol, São Paulo. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33.

¹³³ FOSTER, Carol [Carta] 19 ago. 1939, São Paulo [para] AYDELLOTE, Frank, Swarthmore. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33, p. 2. Zimmerman realizou estudo entre os agricultores de Sião em 1930 a partir de convite da associação de missionários protestantes sediada nos EUA, *International*

opinião de que estudos dessa natureza poderiam contribuir para a formulação de políticas públicas a serem adotadas tanto pelas instituições filantrópicas norte-americanas quanto pelas agências do governo brasileiro, já que muito pouco se sabia efetivamente, com base em pesquisas, sobre as condições de vida das populações rurais do país.¹³⁴

A ideia de Smith de promover pesquisas em Sociologia Rural no Brasil também recebeu a acolhida entusiasmada, em São Paulo, de Paul Vanorden Shaw, que em carta ao sociólogo referiu-se ao projeto como “Brazil-Land-Men’s Institutions Project”¹³⁵, expressão comumente utilizada por Smith para referir a seu interesse sociológico primacial no estudo das relações entre o homem e a terra. Filho de um missionário norte-americano presbiteriano que viera ao Brasil para lecionar no colégio Mackenzie, em São Paulo, ainda no final do século XIX¹³⁶, Paul Shaw havia se formado pelo Departamento de História de *Columbia University* e atuara como professor de História Latino-Americana no Panamá antes de ter sido indicado para assumir, em 1936, a cadeira de História da Civilização Americana da Universidade de São Paulo, fato à época destacado pelo cônsul Carol Foster, que intermediara as negociações para sua contratação, como um passo importante para o “progresso das relações não-comerciais entre Brasil e EUA”.¹³⁷ Em São Paulo, Shaw passou a defender uma política cultural mais agressiva dos EUA no Brasil, capaz de fazer frente à presença, nos meios universitários paulistas, de professores franceses e italianos, que, além do prestígio tradicional de que gozavam em um país cujas elites ainda mantinham forte identificação com o mundo intelectual europeu, contavam com o financiamento de seus governos – à diferença do que faziam os EUA, que hesitavam em tomar medidas que pudessem ser interpretadas como ingerência do Estado no âmbito das trocas científicas e culturais com outros povos.¹³⁸

Missionary Council, tendo sido encarregado de avaliar a atividade missionária cristã na região, cuja população era predominantemente budista. Em 1934, sob os auspícios da *Foreign Policy Association*, dos EUA, e do governo cubano, Zimmerman estudou os níveis e padrões de vida de diversas famílias de agricultores do país. SMITH, T. Lynn. *Zimmerman’s Sociological Survey of Rural Siam*. TLSP, Box 1, Folder 85, s./d.; SMITH, T. Lynn. *The development of sociological studies of Latin America in the United States*. TLSP, Box 1, Folder 73, s./d..

¹³⁴ FOSTER, Carol [Carta] 19 ago. 1939, São Paulo [para] AYDELLOTE, Frank, Swarthmore. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33, p. 2

¹³⁵ SHAW, Paul Vanorden [São Paulo] para SMITH, T. Lynn. [Baton Rouge], 8 de setembro de 1939, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, FUSC, Box 448, Folder 5, p. 1, 2f.

¹³⁶ CORREIO PAULISTANO. Falecimentos – Augusto F. Shaw. *Vida Social. Correio Paulistano*, quarta-feira, 4 de outubro de 1939, p. 4.

¹³⁷ FOSTER, Carol [Carta] 23 mar. 1936, São Paulo [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5060, Folder III, p.2.

¹³⁸ No início do ano de 1937, pouco tempo após assumir sua cadeira na USP, Shaw escreveu ao Departamento de Estado solicitando a intercedência do órgão a seu favor junto à fundação filantrópica *Carnegie Endowment for International Peace* tendo em vista o apoio financeiro da instituição para a criação de um centro de estudos americanos na universidade que servisse de modelo de programa de cooperação intelectual para os demais países

A atuação de Shaw em São Paulo, não apenas como professor mas como colaborador do jornal *O Estado de São Paulo*, espaço em que comentava temas da conjuntura nacional e internacional, tomando partido da “democracia americana” contra os “totalitarismos” da Europa Central¹³⁹, lançou-o no centro de incidentes diplomáticos que tornaram breve sua permanência na universidade e que indicam como a batalha no terreno das relações culturais, ainda que velada, vinha ganhando corpo no Brasil com o acirramento das hostilidades na arena internacional e o aumento da apreensão dos EUA diante da posição de seus vizinhos ao Sul, especialmente em face da atitude ambivalente do Estado Novo de Vargas, calcada em um “equilíbrio pragmático” em face das forças em disputa, para com as potências do Eixo (Moura, 2012).¹⁴⁰ O aviso inesperado, no início de 1940, pelo então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Alfredo Ellis Jr., de que o contrato de Shaw não seria renovado acionou o alarme do consulado norte-americano em São Paulo, que alertou o Departamento de Estado para o efeito negativo que a ação poderia acarretar para os planos de aproximação cultural dos EUA, fato que se tornava ainda mais grave quando se considerava que o interventor de São Paulo havia decidido dar continuidade ao trabalho dos professores italianos na universidade.¹⁴¹ A razão que motivou a ordem quanto ao término das atividades de Shaw na USP, que partira da Presidência da República, foi objeto de intensa especulação

da América Latina, pedido que foi recusado por Washington, que apontava para o risco de a iniciativa ser interpretada, por outras nações da região, como uma pretensão descabida dos EUA e do Brasil de liderarem as políticas nesse terreno. DEPARTMENT OF STATE. *Memorandum*, 22 de março de 1937. Washington D.C.: Division of Latin American Affairs, Department of State, NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5060, Folder III, Doc. 811.42732/40; SHAW, Paul Vanorden [*Carta*] 24 fev. 1937, São Paulo [para] WELLES, Sumner [Assistant Secretary of State], Washington D.C.. 4f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5060, Folder III, Doc. 811.42732/40. Em 1939, diante da possibilidade de os professores italianos da USP retornarem à Europa, Shaw foi encarregado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de obter, por intermédio do governo norte-americano, uma missão de professores dos EUA para disciplinas como História da Civilização, História das Américas, Sociologia, Antropologia, Economia política, Psicologia, Filosofia, Geografia e Educação. SHAW, Paul Vanorden [*Carta*] 8 set. 1939, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 2f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5, p. 1.

¹³⁹ Ver, por exemplo, SHAW, Paul Vanorden. Fascismo e Democracia. *O Estado de São Paulo*, quinta-feira, 20 de abril de 1939, p. 4; SHAW, Paul Vanorden. Do ponto de vista de um planeta.... *O Estado de São Paulo*, domingo, 4 de junho de 1939, p. 4; SHAW, Paul Vanorden. Pan-americanismos. *O Estado de São Paulo*, domingo, 5 de novembro de 1939, p. 4.

¹⁴⁰ No campo discursivo, grupos de oposição ao Estado Novo tenderam a explorar as afinidades entre o regime autoritário instalado em 1937 no Brasil e os governos totalitários, o que também constituía motivo de apreensão para o governo norte-americano. Em carta endereçada a Smith logo após o contato que travaram em São Paulo, Shaw observava que “ainda levará tempo para que o Brasil esteja completamente ganho novamente para nós e para a Democracia. A recente alteração pelo Presidente de uma decisão do Supremo Tribunal Federal mostra que nós não temos mais garantias constitucionais”. SHAW, Paul Vanorden [*Carta*] 8 set. 1939, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 2f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5, p. 1.

¹⁴¹ FOSTER, Carol [*Carta*] 27 jan. 1940, São Paulo [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 5f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77.

por parte dos diplomatas norte-americanos, e uma das suspeitas recaiu sobre a influência que membros da ala do governo simpática ao nazi-fascismo e favorável ao alinhamento do Brasil com a Alemanha, como o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, e o Ministro da Justiça, Francisco Campos, teriam exercido sobre a decisão de Vargas.¹⁴² A intervenção do embaixador norte-americano no Brasil, Jefferson Caffery, junto a Campos, conseguiu reverter a medida, que estava prestes a ser tomada, conforme a justificativa oficial, em função de decreto-lei de abril de 1939 estipulando que estrangeiros poderiam exercer cargos públicos somente em se tratando de comprovada especialidade técnica para a qual não houvesse brasileiros habilitados.¹⁴³ Todavia, a ação do embaixador não foi suficiente para impedir, um ano depois, em fins de 1940, que Shaw fosse desligado, em definitivo, da USP após ter proferido, para estudantes de Harvard em visita à cidade, conferência em que traçava um diagnóstico bastante pessimista acerca das possibilidades de o Brasil defender sua soberania em caso de guerra dado o conjunto de seus problemas sociais e econômicos¹⁴⁴, discurso que repercutiu negativamente entre os brasileiros presentes.¹⁴⁵

¹⁴² FOSTER, Carol [Carta] 2 fev. 1940, São Paulo [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77; FOSTER, Carol [Carta] 10 fev. 1940, São Paulo [para] THOMSON, Charles [Acting Chief, Division of Cultural Relations], Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77.

¹⁴³ CAFFERY, Jefferson [Carta] 8 fev. 1940, Rio de Janeiro [para] CAMPOS, Francisco, Rio de Janeiro. 1f; CAMPOS, Francisco [Carta] 14 fev. 1940, Rio de Janeiro [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1940, Box 77; FOSTER, Carol [Memorando] 8 fev. 1940, São Paulo [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1 f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1940, Box 77.

¹⁴⁴ Embora não tenha sido possível localizar o conteúdo da conferência de Shaw, esse pode ser inferido por comentários que o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, simpático aos EUA e ao ideário pan-americanista, teceu sobre o mesmo depois que o professor norte-americano lhe comunicou acerca das reações adversas à sua fala. Shaw indicara que fatores como a mortalidade infantil, a desnutrição e a falta de coesão e unidade entre as diferentes regiões e setores da população brasileira comprometiam a capacidade de pronta resposta do país ao ataque de uma potência inimiga. ARANHA, Oswaldo [Ministro das Relações Exteriores] [Carta] 20 set. 1940, Rio de Janeiro [para] SHAW, Paul Vanorden, São Paulo. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. X, Box 42.

¹⁴⁵ FOSTER, Carol [Carta] 13 ago. 1940, São Paulo [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77. O modo ostensivamente engajado como Shaw procurou agir no Brasil, exagerando, conforme opinião de Pierson confidenciada a Park, a importância de seu papel como “ponta-de-lança” na “luta cultural” travada no país em prol dos ideais “pan-americanistas” e “democráticos”, não estava necessariamente de acordo com a forma como o governo norte-americano intentava agir no terreno das relações culturais. PARK, Robert [Carta] 5 out. 1939, Nashville [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 2f; PIERSON, Donald [Carta] 12 nov. 1939, São Paulo [para] PARK, Robert, Nashville. 5f. FDP, Pasta 2. A forma pouco discreta pela qual Shaw se manifestava acerca de temas espinhosos da conjuntura brasileira foi objeto de crítica na correspondência confidencial que o embaixador Jefferson Caffery trocou com funcionários do Departamento de Estado em meados de 1941. Na ocasião, o governo brasileiro resolvera cassar o registro de jornalista mantido por Shaw, que passara a atuar como correspondente internacional da *Overseas News*, agência

Ao regressar aos EUA em fins de 1939, Smith procurou interessar a *Julius Rosenwald Fund*, que havia financiado parte de sua viagem pela América do Sul e Central, nas atividades profissionais que Paul Vanorden Shaw vinha desenvolvendo na USP.¹⁴⁶ Estas poderiam eventualmente conduzir a parcerias com outros acadêmicos norte-americanos que viabilizassem pesquisas em Sociologia Rural no Brasil, conforme planos que Smith e Shaw haviam esboçado conjuntamente¹⁴⁷, como também eram relevantes, conforme o sociólogo argumentava, para as disputas entre europeus e norte-americanos, que então se intensificavam, no terreno das relações culturais na América do Sul. De acordo com Smith, Shaw merecia consideração porque constituía um caso importante, na região, em que um professor norte-americano já se encontrava integrado a uma instituição de ensino local.¹⁴⁸ Shaw, todavia, não contava com o forte apoio governamental de que dispunham os professores italianos, alemães e ingleses que atuavam no país.¹⁴⁹

Ainda que a sugestão aventada por Smith envolvendo apoio financeiro a Shaw não tenha recebido resposta favorável da *Rosenwald Fund*, que alegou que o escopo de suas políticas se encontrava, naquele momento, restrito ao Sul dos EUA¹⁵⁰, ela demonstra que o sociólogo partilhava da visão, que vinha se cristalizando entre os atores envolvidos na ofensiva cultural norte-americana na América do Sul, de que a cidade de São Paulo constituía polo estratégico para o desenvolvimento da cooperação intelectual e científica que o governo norte-americano pretendiam levar a cabo na região. O chefe da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado, Ben Cherrington, após regressar de viagem de reconhecimento

de notícias sediada em Nova Iorque, em função do envio de notícias sobre o país consideradas inverídicas pelas autoridades brasileiras, decisão que a embaixada norte-americana conseguiu, em seguida, reverter. CARREFERY, Jefferson [Carta] 28 fev. 1941, Rio de Janeiro [para] DUGGAN, Larry, Washington D.C.. 1f; DUGGAN, Larry [Carta] 19 mar. 1941, Washington D. C. [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1f; BURDETT, William C. [Carta] 4 junho 1941, Rio de Janeiro [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 3f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1941, Box 109, Folder 842. Por ocasião da decisão da USP de terminar o contrato de Shaw, o cônsul Carol Foster confirmou as impressões de Charles Thomson, funcionário da Divisão de Relações Culturais, de que o professor norte-americano dificilmente conseguiria corrigir sua habitual maneira “loquaz” e “imprudente” de discursar. FOSTER, Carol [Carta] 12 nov. 1940, São Paulo [para] THOMSON, Charles [Acting Chief, Division of Cultural Relations], Washington, D.C.. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. X, Box 42.

¹⁴⁶ LYNN SMITT, T. [Carta] 16 set. 1939, Baton Rouge [para] REYNOLDS, George M., Chicago. 1f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

¹⁴⁷ SHAW, Paul Vanorden [Carta] 8 set. 1939, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 2f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

¹⁴⁸ SMITH, T. Lynn. [Carta] 12 set. 1939, Baton Rouge [para] REYNOLDS, George M., Chicago. 1f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ REYNOLDS, George M [Director for Fellowships, Julius Rosenwald Fund] [Carta] 18 set. 1939, Chicago [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 1f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

por diversas cidades sul-americanas no início de 1939, quando participou da Conferência Interamericana de Lima, no Peru, escreveu ao cônsul Carol Foster informando-o de que São Paulo havia lhe causado forte impressão: “Retornei com a impressão de que em nenhum outro ponto da América do Sul e Central há uma prontidão maior para se cooperar cultural e intelectualmente com os EUA do que em São Paulo”.¹⁵¹ Por ocasião da visita de Cherrington à cidade, Foster havia organizado uma recepção em sua residência à qual compareceram importantes nomes da elite paulista, associados à USP, à Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e ao Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), como Antônio Carlos Pacheco e Silva, Jorge Americano, Murilo Mendes, Cyro Berlinck e Francisco de Salles Oliveira, pai de Armando de Salles Oliveira, antigo interventor do estado de São Paulo e uma das principais lideranças políticas locais que, desde 1938, em razão de sua oposição ao Estado Novo, encontrava-se em exílio na França.¹⁵² Em carta de janeiro de 1939 endereçada a Cherrington, Foster sublinhava o interesse crescente da elite paulista em estreitar relações culturais com os EUA e informava ter sido procurado por Cyro Berlinck, diretor da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), e Roberto Simonsen, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a fim de que auxiliasse ambos na obtenção de um professor de Sociologia e outro de Economia tendo em vista a realização de pesquisas na cidade, o que tencionavam fazer mediante auxílio financeiro da *Rockefeller Foundation*.¹⁵³ A contratação de Donald Pierson, que veio a ser o sociólogo selecionado para atuar na ELSP, em substituição ao também norte-americano Samuel Lowrie, contou, em considerável medida, com os esforços do corpo diplomático, interessado em se valer da disposição favorável que importantes quadros dirigentes locais demonstravam em relação aos EUA para fazer crescer a presença norte-americana em São Paulo.¹⁵⁴ Na mesma carta a Cherrington, Foster afirmava ainda que o governo italiano vinha lançando mão de agressivas táticas de

¹⁵¹ CHERRINGTON, Ben [Carta] 11 abril 1939, Washington D. C. [para] FOSTER, Carol, São Paulo. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33.

¹⁵² PERSONS OF SÃO PAULO, BRAZIL, WHO WERE PRESENT AT THE MEETING ON CULTURAL RELATIONS HELD ON 19 JANUARY 1939 AT THE RESIDENCE OF CONSUL GENERAL FOSTER. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33. Essa importante fração das classes dirigentes paulistas esteve à frente do Partido Democrático de São Paulo, da Revolta Constitucionalista e da fundação do jornal *O Estado de São Paulo*. cujos membros participaram do antigo Partido Democrático de São Paulo, da Revolta Constitucionalista de 1932 e da fundação do jornal *O Estado de São Paulo*. Para uma análise de seu envolvimento em iniciativas reformadoras no campo da cultura, como a criação do IDORT e da ELSP, ver Limongi (2001 [1989]).

¹⁵³ FOSTER, Carol [Carta] 27 jan. 1939, São Paulo [para] CHERRINGTON, Ben, Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33, p.2.

¹⁵⁴ O engenheiro e industrial Roberto Simonsen, fundador do IDORT e um dos principais mantenedores da ELSP, demonstrava apreço especial pelas Ciências Sociais praticadas nos EUA (Del Vecchio & Diéguez, 2008).

propaganda cultural no Brasil e observava, a título de conclusão, que a viagem de Cherrington à capital paulista havia sido interpretada, pelas elites locais, como um gesto “encorajador e oportuno” do governo norte-americano.¹⁵⁵

Em comunicações à *Rosenwald Fund*, Smith ponderava que obstáculos consideráveis teriam que ser vencidos para que os EUA pudessem incrementar suas relações culturais com a América do Sul e Central por meio de políticas de intercâmbio acadêmico. Na opinião do sociólogo, problema mais grave do que a falta de domínio das línguas espanhola e portuguesa por parte da maioria dos acadêmicos norte-americanos era a diferença não desprezível que existia entre os sistemas universitários dos EUA e da América do Sul. Enquanto o primeiro havia alcançado um grau de profissionalização que possibilitava que seus quadros vivessem exclusivamente do trabalho acadêmico, no segundo caso o que se observava era a prática da docência como uma das inúmeras atividades desempenhadas pelos ocupantes das cadeiras, nomes geralmente vinculados a profissões liberais (médico, advogado, engenheiro) ou a cargos nos governos indicados para postos na universidade mais pelo reconhecimento difuso de suas realizações em áreas estranhas ao mundo acadêmico do que por um sistema institucionalizado de formação e seleção profissionais. Essa diferença dificultava a troca de professores universitários, especialmente porque os norte-americanos, durante sua permanência no estrangeiro, dificilmente conseguiriam, à semelhança dos sul-americanos, complementar sua renda exercendo funções outras que não acadêmicas.¹⁵⁶

Em que pesem os óbices identificados por Smith para o intercâmbio, o sociólogo conseguiu obter, junto ao *General Education Board* da *Rockefeller Foundation*, bolsa para que o antropólogo brasileiro Arthur Ramos lecionasse durante o ano letivo de 1940-1941 na *Louisiana State University*, o que pode ser considerado o resultado imediato mais tangível, para os planos de estreitamento das relações acadêmicas, da viagem do sociólogo rural pela América Latina em 1939. Formado na Faculdade de Medicina da Bahia nos anos 1920, Ramos se tornara catedrático de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal em 1936 e, após o fechamento da instituição pelo Estado Novo, passou a ocupar a cadeira de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Desenvolvendo inicialmente trabalhos no âmbito da Psiquiatria e da Medicina

¹⁵⁵ FOSTER, Carol [Carta] 27 jan. 1939, São Paulo [para] CHERRINGTON, Ben, Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33, p.2.

¹⁵⁶ SMITH, T. Lynn. [Carta] 13 out. 1939, Baton Rouge [para] REYNOLDS, George M., Chicago. 2f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

Legal, Ramos, que se reivindicava continuador da obra de Raymundo Nina Rodrigues, tornou-se conhecido no campo da Antropologia pelos estudos africanistas (Maio, 1997).

Em seu pedido de auxílio às fundações filantrópicas para a viagem de Ramos aos EUA¹⁵⁷, Smith o apresenta como “provavelmente a maior autoridade em questões raciais em toda a América do Sul”, observando que a experiência de um estudioso proveniente de um país de composição racial miscigenada como o Brasil, que havia avançado consideravelmente na solução dos problemas decorrentes do contato entre as raças, poderia fornecer contribuições importantes para alunos e professores de uma universidade sulista como a de Louisiana, cujo Departamento de Sociologia, por meio da atuação de Fred C. Frey, vinha se dedicando ao ensino e à pesquisa no terreno das relações raciais.¹⁵⁸ Provavelmente pesaram a favor da concessão da bolsa a Ramos sua proficiência em inglês, aspecto destacado por Smith e outros norte-americanos¹⁵⁹, e seu contato prévio com cientistas sociais como Robert Park, Donald Pierson e Ruth Landes. O nome de Ramos também vinha se tornando conhecido nos EUA por esse período, como atesta a publicação, em inglês, em 1939, de um manuscrito de sua autoria intitulado “The Negro in Brazil”, texto traduzido por Richard Pattee, funcionário da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado. De acordo com Smith, o psicólogo social formado em Chicago Kimball Young, ao saber de sua viagem ao Brasil, sugeriu-lhe fortemente que entrasse em contato com Ramos.¹⁶⁰

O interesse acadêmico estrito de Smith na visita de Ramos residia, conforme expôs em carta ao antropólogo, na possibilidade de que este explorasse o tema das relações raciais de um ponto de vista não apenas teórico mas também prático, que sugerisse formas de se atenuarem os “conflitos de raça e cultura” a partir de sua experiência brasileira.¹⁶¹ Para tanto, ambos acordaram que o professor brasileiro ficaria responsável pelas aulas regulares, que já faziam parte do currículo, sobre relações raciais para o curso de graduação e por um

¹⁵⁷ Antes de recorrer ao *General Education Board* da Fundação Rockefeller, Smith sondou a possibilidade de financiamento pela *Rosenwald Fund*, cujas políticas eram especialmente voltadas para candidatos negros ou para estudiosos brancos dedicados a questões do Sul do EUA.

¹⁵⁸ SMITH, T. Lynn. [Carta] 13 out. 1939, Baton Rouge [para] EMBREE, Edwin R. [President, Julius Rosenwald Fund], Chicago. 2f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5. Smith se vale de termos semelhantes ao solicitar recursos para a Fundação Rockefeller, referindo-se a Ramos como a “maior autoridade brasileira em raça”. SMITH, T. Lynn. [Carta] 3 nov. 1939, Baton Rouge [para] MANN, Albert R. [Vice President, General Education Board, Rockefeller Foundation], Nova Iorque. 2f. RAC, General Education Board Records. Series 1, Box 446, Folder 4414.

¹⁵⁹ PARK, Robert. *Arthur Ramos* [carta de recomendação sem destinatário], 6 fev. 1940, Nashville. FUSC FUSC, PARK, Robert E. Collection (Original), 1909-1946, Box 5, Folder 12.

¹⁶⁰ SMITH, T. Lynn. “Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships”. In SMITH, T. Lynn. *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1974, p. 19.

¹⁶¹ SMITH, T. Lynn. [Carta] 17 nov. 1939, Baton Rouge [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 1f. Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), Seção de Manuscritos, Arquivo Arthur Ramos, doravante AAR.

seminário avançado, para alunos pós-graduados, sobre raças e culturas do Brasil, o que foi feito durante o ano letivo norte-americano de 1940-1941. Smith possuía a expectativa de que a passagem de Ramos pela LSU pudesse contribuir para impulsionar os cursos e as pesquisas sobre relações raciais no Sul dos EUA que o sociólogo rural vinha procurando consolidar no Departamento de Sociologia do *College of Arts and Sciences* da universidade juntamente com o colega Fred C. Frey e o ex-aluno, Vernon J. Parenton, que vinha realizando, sob sua supervisão, estudos sobre aculturação e organização social de comunidades de agricultores de ascendência francesa que habitavam o Sul da Louisiana.¹⁶²

Por sua vez, a oportunidade que a passagem de Ramos pelos EUA representava do ponto de vista do estreitamento das relações culturais com a América do Sul não escapou nem a Smith nem a seus pares no campo da Sociologia Rural que, a exemplo de Carle Zimmerman, Nathan Whetten e Lowry Nelson, procuraram garantir que o antropólogo brasileiro ministrasse conferências nas universidades a que estavam vinculados, isto é, Harvard, Connecticut e Minnesota, respectivamente.¹⁶³ A reação mais entusiasmada à presença de Ramos nos EUA, contudo, partiu do economista agrícola M. L. Wilson, intelectual-chave do *New Deal* Rural que então exercia o cargo de diretor dos Serviços de Extensão Agrícola do Departamento de Agricultura de Roosevelt. Em carta a Smith de janeiro de 1941, Wilson não se utilizou de meias palavras ao destacar a importância, para a política norte-americana nas Américas, de que o antropólogo brasileiro, que qualificou como um intérprete da “cultura e dos problemas da América Latina”, circulasse o mais que pudesse pelos EUA, preferencialmente em um “tour” que o permitisse travar contato, por meio de seminários, com as lideranças rurais, agentes dos serviços de extensão agrícola e representantes das principais faculdades de agricultura do país. Wilson justificava a relevância que atribuía à visita de Ramos ao afirmar que a “defesa hemisférica [era] de enorme importância para a democracia e para as nossas atividades de defesa geral”.¹⁶⁴

¹⁶² SMITH, T. Lynn. [Carta] 3 nov. 1939, Baton Rouge [para] MANN, Albert R. [Vice President, General Education Board, Rockefeller Foundation], Nova Iorque. 2f. Rockefeller Archive Center, doravante RAC, General Education Board Records. Series 1, Box 446, Folder 4414.

¹⁶³ ZIMMERMAN, Carle [Carta] 28 mar. 1941, Cambridge [para] FERGUSON, W. S., Cambridge. 1f; WHETTEN, Nathan [Carta] 17 mar. 1941, Storrs [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 1f. . TLSP, Box 14, Folder 20; SMITH, T. Lynn. [Carta] 9 dez. 1940, Baton Rouge [para] NELSON, Lowry, St. Paul. 1. TLSP, Box 14, Folder 19. A correspondência de Smith com Ramos neste período é acompanhada de uma série de cartas que o primeiro trocou com diversos sociólogos norte-americanos do país, como Jesse Steiner, B. O. Williams, Paul Landis e Howard Odum, a fim de lhes chamar a atenção para a possibilidade de que o antropólogo brasileiro ministrasse conferências ou palestras nas instituições de ensino em que lecionavam. Cf. TLSP, Box 14, Folders 19 & 20.

¹⁶⁴ WILSON, M. L. [Carta] 4 jan. 1941, Washington D. C. [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 2f. TLSP, Box 14, Folder 19.

As apostas dos norte-americanos quanto aos frutos que esperavam colher do fortalecimento dos vínculos com Ramos foram ao menos parcialmente realizadas na medida em que o antropólogo se tornou um importante divulgador, no Brasil, das “ciências sociais norte-americanas”, inclusive da Sociologia Rural.¹⁶⁵ Ramos foi responsável, por exemplo, pela revisão da edição brasileira do livro de Smith, “Sociology of Rural Life”, publicada pela Casa do Estudante do Brasil em 1946. Em comentário à obra publicado na revista de cultura geral *Diretrizes*, em 1940, o antropólogo assinalou as afinidades existentes entre sua abordagem e a do sociólogo rural norte-americano no que dizia respeito ao estudo dos agrupamentos humanos, e isto à medida que ambos conferiam destaque aos fatores culturais e ambientais, em detrimento dos biológicos e raciais, na explicação dos comportamentos e das instituições. Nas palavras de Ramos, Smith estava com “as boas e sadias doutrinas”¹⁶⁶ que germinaram no novo mundo e que “destruíram as velhas teses dos teóricos europeus” relativas à raça.¹⁶⁷ No contexto das disputas ideológicas globais que marcaram as décadas de 1930 e 1940, as afinidades das posições de ambos a respeito do determinismo racial implicaram igual convergência na condenação do nazi-fascismo europeu. Entre o final dos anos 1930 e o início dos anos 1940, Ramos havia publicado diversos manifestos e artigos contra as ideologias racistas e a favor das Forças Aliadas (Maio, 2015).

Não se deve perder de vista, por outro lado, que a associação de Ramos com os *scholars* norte-americanos também respondia a interesses profissionais perseguidos pelo antropólogo brasileiro. Desde ao menos a segunda metade dos anos 1930, Ramos vinha buscando meios de incrementar sua formação nos EUA, tendo manifestado a Pierson, em meados de 1938, seu desejo de estudar na *University of Chicago* e em *Northwestern*, onde se encontrava o antropólogo Melville Herskovits.¹⁶⁸ Quando, em fins de 1939, Smith propôs a Ramos que ministrasse aulas na LSU, o antropólogo enxergou o convite, ademais, como uma oportunidade para expandir o horizonte de suas investigações sobre a herança cultural africana no novo mundo, e isto uma vez que poderia observar de perto a situação das populações negras das *plantations* do *Deep South*.¹⁶⁹ Ao longo dos anos 1940, Ramos e Smith ainda cultivaram o ambicioso projeto de realizar, conjuntamente, uma “expedição

¹⁶⁵ Ver, por exemplo, DIRETRIZES. Um sábio brasileiro nas universidades americanas. *Diretrizes*, agosto de 1940, pp. 29-31; RAMOS, Arthur. O ensino das ciências sociais. *O Observador Econômico e Financeiro*, n. 102, julho de 1944, pp. 87-90; RAMOS, Arthur. Os grandes problemas da antropologia brasileira. *Sociologia*, v. X, n. 4, 1948, pp. 213 – 226.

¹⁶⁶ RAMOS, Arthur. A sociedade rural. *Diretrizes*, abril de 1940, p. 30.

¹⁶⁷ Idem, p.31.

¹⁶⁸ PIERSON, Donald [Carta] 21 jun. 1938, Nashville [para] PARK, Robert, Chicago. 2f. FUSC FUSC, PARK, Robert E. Collection (Supplement 1), 1923-1943, Box 5, Folder 13.

¹⁶⁹ RAMOS, Arthur [Carta] 27 nov. 1939, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. AAR.

sociológica” às colônias portuguesas da África, a começar por Angola, combinando pesquisas sociológicas sobre as formas associativas rurais e os tipos de povoamento que lhes eram característicos com estudos antropológicos da cultura local¹⁷⁰, ideia, todavia, que não se realizou devido à morte do antropólogo em fins daquela década. Da mesma forma, a passagem de Ramos pelos EUA em 1940-1941 – ocasião em que pôde tomar parte de atividades acadêmicas de prestigiosas universidades, como *Northwestern*, *Minnesota* e *Chicago*, graças, em grande medida, aos contatos mantidos por Herskovits, Smith e Park nessas instituições – foi um dos fatores que contribuíram para a projeção internacional que a carreira do antropólogo brasileiro veio a adquirir no âmbito das Ciências Sociais no pós-guerra, marcadas pela hegemonia global das tradições norte-americanas de pesquisa, e que se refletiu, por sua vez, na indicação de seu nome para ocupar o cargo de diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco em 1949 (Maio, 1997: 37).

Os cursos que Arthur Ramos ministrou na LSU foram alardeados por Smith como um importante feito da instituição no âmbito das relações com a América Latina. Em texto publicado décadas depois da visita de Ramos, o sociólogo rural fazia questão de afirmar que seus cursos estiveram entre os primeiros dedicados exclusivamente à América Latina a serem ministrados em cursos universitários de Sociologia nos EUA, tendo servido de pontapé inicial para que aulas a respeito da região se tornassem uma constante na LSU.¹⁷¹

A partir de sua viagem pela América do Sul e Central em 1939, Smith se tornou cada vez mais envolvido com a política de aproximação cultural dos EUA. Assim que regressou aos EUA, o sociólogo rural, representando o reitor da LSU¹⁷², tomou parte na conferência organizada pela Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado dedicada ao tema das “Relações Interamericanas no Campo da Educação”, evento realizado em novembro de 1939 que reuniu, em Washington, centenas de representantes de associações de ensino, universidades e fundações filantrópicas para que debatessem estratégias para o estreitamento das relações das instituições de ensino do país com a América Latina e tomassem

¹⁷⁰ RAMOS, Arthur [Carta] 31 ago. 1946, Rio de Janeiro [para] OLIVEIRA, José Osório de [Agência Geral das Colônias], Lisboa. 3f; RAMOS, Arthur [Carta] 11 jun. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. AAR.

¹⁷¹ SMITH, T. Lynn. “Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships”. In SMITH, T. Lynn. *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1974, p. 19.

¹⁷² HERBERT, Paul M. [Acting President, Louisiana State University] [Carta] 6 nov. 1939, Baton Rouge [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington DC. 1f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5053, 811.42710 Washington-Education/946.

conhecimento das ações do governo nesse terreno.¹⁷³ No início de 1940, Smith foi indicado para servir como presidente da Comissão para Assuntos Interamericanos da LSU, grupo criado por sugestão do próprio sociólogo com a finalidade de tratar de questões como a assistência aos alunos estrangeiros no campus, a seleção de estudantes latino-americanos para bolsas de estudo e o incremento na troca de publicações com os países do continente.¹⁷⁴ Em cartas ao sociólogo Donald Pierson, que então havia sido contratado para lecionar na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Smith se mostrava determinado a obter bolsas em Louisiana para alunos brasileiros que Pierson eventualmente indicasse.¹⁷⁵

Smith buscou associar suas atividades no âmbito das relações culturais com a América Latina à agenda dos sociólogos rurais norte-americanos, o que se refletiu não apenas em sua tentativa de interessar norte-americanos vivendo no Brasil na possibilidade de condução de estudos empíricos no país mas também nos esforços para obter colaboradores conhecedores dos povos latino-americanos para a publicação de artigos na revista *Rural Sociology*, da qual era editor.¹⁷⁶ Entretanto o sociólogo rural não parecia acreditar ser possível, ao menos não no futuro imediato, conduzir, ele próprio, pesquisas na região, como indica carta de março de 1940 a Pierson, em que Smith observa: “Espero que em algum momento dentro dos próximos cinco ou dez anos uma oportunidade se desenvolva que me permita passar mais tempo no Brasil”.¹⁷⁷ Como se verá a seguir, a guerra, da qual Smith participou na qualidade de analista agrícola em missões do governo norte-americano no Brasil, na Colômbia e em El Salvador, antecipando as projeções do sociólogo rural, acabou sendo decisiva para a viabilização de seus interesses de pesquisa na América Latina e para sua crescente identificação, a partir dos anos 1940, com a área de estudos latino-americanos nos EUA.

¹⁷³ DEPARTMENT OF STATE. *Conference on Inter-American Relations in the Field of Education*. Nov. 1, 1939, n. 556. 3f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5054, 811.42710 Washington-Education/1025.

¹⁷⁴ SMITH, T. Lynn; FRENCH, Arden O. [Director of Foreign Student Affairs, Louisiana State University] [Carta] 14 nov. 1939, Baton Rouge [para] FREY, Fred C. [Dean of the University], Baton Rouge. 1f. Louisiana State University Archives, Office of the Chancellor Records, 1835-2005, Box 26.

¹⁷⁵ SMITH, T. Lynn. [Carta] 2 mar. 1940, Baton Rouge [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 1f. TLSP, Box 14, Folder 18.

¹⁷⁶ SMITH, T. Lynn. [Carta] 23 jan. 1940, Baton Rouge [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 1f. TLSP, Box 14, Folder 18.

¹⁷⁷ SMITH, T. Lynn. [Carta] 2 mar. 1940, Baton Rouge [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 1f. TLSP, Box 14, Folder 18.

Capítulo 2 – Estreitando relações com o Brasil: diplomacia, sociologia e assistência técnica na atuação profissional de T. Lynn Smith

Introdução

O interesse acadêmico de T. Lynn Smith pela América Latina se consolida a partir de 1942, quando conduz investigações especiais no Brasil, junto à embaixada norte-americana no Rio de Janeiro, no contexto de missão conjunta do Departamento de Estado e do *Office of Foreign Agricultural Relations* do Departamento de Agricultura (OFAR), inaugurando uma série de viagens que realizará ao país a serviço do governo norte-americano.

Neste capítulo, examinamos, inicialmente, como o campo das atividades agrícolas no continente americano foi considerado fundamental para os EUA a partir do acirramento do conflito mundial, principalmente com a crise da oferta de borracha e de outros materiais estratégicos para a guerra, chamando a atenção para o papel que se atribuiu aos sociólogos rurais no desenvolvimento dos planos de cooperação esboçados pelas autoridades norte-americanas. Considerando as circunstâncias da viagem realizada por Smith ao país em 1942 por ocasião dos esforços de guerra, detemo-nos na análise dos nexos que ligam o diagnóstico do Brasil rural que emerge de seus relatórios não apenas a matrizes norte-americanas de pensamento mas também a tradições locais de interpretação do país, em que assumem proeminência as teses do insolidarismo e dos efeitos simplificadores do latifúndio, conformadoras de um estilo de pensamento cuja expressão paradigmática se encontra no livro *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna.

Em seguida, nossa análise se volta para a relevância que as atividades dos sociólogos rurais nos países latino-americanos assumiram para o OFAR a partir da experiência de Smith e de seus pares da Sociologia Rural durante a guerra. Argumentamos que, ao mesmo tempo que Smith procurou legitimar o uso do conhecimento sociológico no âmbito dos programas de assistência técnica a cargo do governo norte-americano, buscando um espaço para sua especialidade no interior das agências do Estado, seu interesse primacial residia na consolidação da Sociologia Rural enquanto campo científico e na expansão das pesquisas e das redes de atores que pudessem garantir a circulação das ideias e práticas da disciplina para além do território norte-americano. Nesse sentido, as missões de Smith na América Latina forneceram as condições para que o sociólogo construísse uma reputação acadêmica, nos EUA, enquanto estudioso dos problemas da região.

Na sequência, concentrando-nos nas atividades de Smith no terreno das relações culturais com o Brasil nos anos 1940, examinamos seus esforços em prol do estabelecimento de laços de cooperação científica com o mundo intelectual e acadêmico brasileiro, cujo ponto culminante, neste período, foi a atuação do sociólogo à frente do *Institute of Brazilian Studies*, fundado em 1947 na *Vanderbilt University*, em Nashville, Tennessee.

Por fim, consideramos o programa de engenharia social elaborado por Smith para o Brasil, centrado na reforma agrária e na educação rural, plano cujas diretrizes, embora possam ser inferidas do diagnóstico que produziu sobre o país durante a guerra, vieram à luz a partir de uma série de intervenções do sociólogo ao debate público brasileiro no pós-guerra, consubstanciando-se no memorando que redigiu a pedido do ministro da Agricultura do Segundo Governo Vargas, João Cleofas, em 1952, quando realizou atividades de aconselhamento no âmbito do programa de assistência técnica norte-americana conhecido como Ponto IV. Ao examinarmos o diagnóstico sociológico de Smith sobre as populações rurais brasileiras, retomamos a análise do entrecruzamento das distintas matrizes de pensamento que se processou na sua produção intelectual. Ao apontar para os efeitos deletérios da estrutura fundiária concentracionista brasileira sobre a vida comunitária do país e os limites que aquela impunha ao exercício da democracia política e à racionalização da produção agrícola, Smith dialogava não apenas com as experiências dos sociólogos rurais do *New Deal* e com a matriz comunitarista que informava os pesquisadores norte-americanos, mas também com as teses de Oliveira Vianna. Embora apresentassem fortes afinidades, essas tradições de conhecimento possuíam implicações políticas incongruentes, o que se refletiu em certa ambivalência, e mesmo aporia, nas recomendações práticas que Smith teceu tendo em vista o desenvolvimento das comunidades rurais brasileiras. Argumentamos que a análise da forma como o sociólogo rural norte-americano se apropriou de teses consagradas pela obra de Oliveira Viana oferece a oportunidade para se reexaminar o argumento de Cronshaw (1982) segundo o qual o trabalho técnico internacional que Smith realizou a cargo do governo norte-americano foi o resultado, tão somente, da transposição de uma ideologia modernizadora gestada no Meio Oeste dos EUA a outros contextos nacionais.

2.1. Os sociólogos rurais vão à guerra

Em 29 de outubro de 1941, Carl Taylor, chefe da *Division of Farm Population and Rural Welfare*, divisão de pesquisas do *Bureau of Agricultural Economics* onde se concentrava a atividade dos sociólogos rurais vinculados à burocracia do Estado, enviou carta

a Smith indagando-lhe sobre a possibilidade de realizar uma viagem de estudos, com duração de aproximadamente um ano, a serviço do Departamento de Estado e do Departamento de Agricultura a um dos seguintes países: Argentina, Brasil e México.¹⁷⁸ O convite foi recebido com entusiasmo por Smith, que observou: “Se é o que penso, é o tipo de coisa pela qual eu estive esperando e para a qual eu vinha tentando me preparar”.¹⁷⁹ Dos três países, Smith indicou inicialmente preferência pela Argentina, e isto, conforme informou a Taylor, em razão do número de contatos profissionais que já havia realizado naquele país e por crer que seu domínio da língua espanhola fosse melhor do que a habilidade com o Português.¹⁸⁰ No arranjo final dessas viagens, Taylor acabou, no entanto, optando pela missão à Argentina, deixando Smith com o segundo país na sua ordem de preferências, o Brasil. Ao México foi enviado, por sugestão de Smith, seu antigo colega Nathan L. Whetten.¹⁸¹

As três viagens marcaram o início de uma sequência de estudos que sociólogos rurais realizaram em diferentes países da América Latina ao longo da guerra e nos anos que se seguiram ao conflito mundial a serviço do *Office of Foreign Agricultural Relations* (OFAR), agência do Departamento de Agricultura responsável pela coleta de informações sobre a produção agrícola e os mercados internacionais e pelo estabelecimento de acordos comerciais com outros países envolvendo a importação e a exportação de commodities como algodão, açúcar e café.¹⁸² Essas atividades deram origem à publicação de uma série de livros que, inaugurada por *Brazil, People and Institutions* (1946), de Smith, teve continuidade com: *Rural Life in Argentina* (1948), de Carl Taylor; *Rural Mexico* (1948), de Nathan Whetten; *Rural Cuba* (1950), de Lowry Nelson; *Bolivia, Land, People and Institutions* (1952), de Olen Leonard, e *Colombia: Social Structure and the Process of Development* (1967), de Smith. Esses trabalhos, ao pretenderem fornecer um retrato amplo das nações latino-americanas em questão, destoavam dos modelos de pesquisa que vinham se rotinizando entre os sociólogos rurais norte-americanos, como os estudos empíricos com base em trabalho de campo

¹⁷⁸ TAYLOR, Carl. [Carta] 29 out. 1941, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 2f. TLSP, Box 15, Folder 3.

¹⁷⁹ SMITH, T. Lynn. [Carta] 3 nov. 1941, Baton Rouge [para] TAYLOR, Carl, Washington D.C. 2f. TLSP, Box 15, Folder 3.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Antigo colega de *Brigham Young University* e da *University of Minnesota*, e professor de Sociologia de *Connecticut State College*, Whetten provinha de uma família de pequenos fazendeiros mórmons que haviam se fixado no norte do México, em área próxima à fronteira com os EUA. SMITH, T. Lynn. *My own work as assessor técnico em colonización y parcelación*. TLSP, Box 1, Folder 76, s./d, p. 3; NELSON, Lowry. *Eighty: One man's way there. A memoir by Lowry Nelson*. Mimeo., abril de 1973. TLSP, Box 16, Folder 28, p. 75.

¹⁸² Um sucinto histórico do interesse do Departamento de Agricultura norte-americano em desenvolver estudos no exterior se encontra em WHEELER, L. A. *The Department of Agriculture and Its Relation to the Foreign Service*. 15f. Sem data. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations, 1942-49, Box 68, Folder “Public Relations 8 - Speeches-Lectures”.

intensivo, geralmente circunscritos a pequenas localidades ou regiões, e as análises estatísticas conduzidas mediante procedimentos de amostragem.¹⁸³ Segundo Taylor, ao recorrerem às “origens do povo” e à “história do desenvolvimento do país” em questão no esforço de compreender seus problemas, os livros sobre as nações latino-americanas também contrastavam com os estudos sincrônicos, e a-históricos, que, via de regra, eram conduzidos nos EUA.¹⁸⁴ Essas obras, no entanto, não deixaram de exibir as marcas da orientação prático-normativa da Sociologia Rural que se consolidou durante o *New Deal* de Roosevelt, que apontava para um mundo rural moderno, que gozasse de elevados padrões de consumo e racionalidade produtiva, idealmente organizado em torno da pequena propriedade familiar e de uma vida comunitária e associativa pujante, visão sociológica que se evidencia quando se consideram as principais questões que estruturam as obras produzidas por aqueles sociólogos rurais a partir de suas viagens pela América Latina, a saber: as feições e a estrutura das comunidades rurais desses países (“grupos de localidade”); seus aspectos populacionais e instituições (família, igreja, escola, associações rurais, formas de governo local); níveis e padrões de vida; as modalidades de ocupação, distribuição, cultivo, posse da terra e seus efeitos sociais (a “relação do homem com a terra”); e o grau de participação das populações rurais nas diversas associações locais e nacionais.¹⁸⁵ Como indicaremos a seguir, a visão sociológica reformadora que se tornou característica do *New Deal* também se fez presente na análise desenvolvida por Smith acerca do Brasil rural.

Smith exerceu um papel relevante na forma como se estruturaram essas missões internacionais na medida em que foi responsável por indicar, a partir de sua rede de contatos profissionais, nomes de sociólogos rurais que vieram a atuar junto ao governo norte-americano, como Lowry Nelson, seu antigo professor de *Brigham Young University*, com quem havia se iniciado na pesquisa sociológica de comunidades rurais, e Olen Leonard, que se formara na *Louisiana State University* em 1943, após defender tese de doutorado, sob

¹⁸³ TAYLOR, Carl. Early Rural Sociological Research in Latin America. *Rural Sociology*, v. 25, n. 1, 1960, pp.1-8.

¹⁸⁴ Idem, p. 6. Como se verá a seguir, neste capítulo, ao recorrer à história brasileira para lançar luzes sobre os problemas sociais do Brasil rural, Smith se apoiou em conhecidos intérpretes nacionais, como Oliveira Vianna, o que explica em grande medida a ascendência que, ao lado do enquadramento característico da Sociologia Rural dos EUA, matrizes de pensamento locais exerceram sobre sua visão sociológica do país.

¹⁸⁵ Além destas obras de fôlego, que ambicionavam fornecer uma visão geral dos países em questão, diversos estudos mais tópicos, tratando deste ou daquele aspecto da sociedade ou da população rural, envolvendo esta ou aquela região do território nacional, foram desenvolvidos por Smith em El Salvador, por Nathan Whetten na Guatemala, por Olen Leonard no Equador e na Bolívia e por Charles Loomis no Peru e na Costa Rica no âmbito das atividades de cooperação técnica da OFAR. LOOMIS, Charles; PROVINCE, John H; SETZIER, F. M.; STEWARD, Julian; DUNCAN, W. Rural sociologists in Latin America. *Applied Anthropology*, v. 4, n. 4, 1945, pp.50-52; LESSER, Alexander. *Survey of Research on Latin America*. Washington D. C.: Committee on Latin American Anthropology, Division of Anthropology and Psychology, National Research Council, Agosto 1946, pp. 75-82.

orientação de Smith, tratando do efeito dos tipos de divisão da propriedade da terra prevalecentes em El Cerrito (vila situada na fronteira dos EUA com o México) sobre a organização social local.¹⁸⁶ O papel de Smith nessas indicações se compreende, por seu turno, se se tem em vista a importância que tiveram as viagens realizadas pelo sociólogo durante a guerra – primeiro ao Brasil, em 1942 e, em seguida, à Colômbia e a El Salvador, em 1943 – para consolidação de sua reputação como estudioso da América Latina.

Os sociólogos rurais viajaram à América Latina na qualidade de membros do “Auxiliary Foreign Service”, uma categoria de funcionários especiais, extranumerários, que o Departamento de Estado passou a recrutar a partir de fundos emergenciais da Presidência da República em resposta à necessidade de expansão das ações de inteligência e pesquisa do corpo diplomático. Em 27 de maio de 1941, Roosevelt havia declarado estado de emergência nacional ilimitada, determinando que os EUA organizassem sua defesa para eventuais ameaças ou agressões do Eixo a qualquer país ou território do hemisfério ocidental.¹⁸⁷ Além de sociólogos rurais, economistas, cientistas políticos e especialistas em relações públicas, selecionados das fileiras do mundo acadêmico norte-americano e de órgãos do governo federal, foram chamados a desempenhar, temporariamente, tendo em vista a demanda crescente por informações do exterior, a função de analistas junto a consulados e embaixadas no continente americano e alhures.¹⁸⁸

Foi considerável o número de cientistas sociais norte-americanos mobilizados para os esforços de guerra, empregados em agências de inteligência ou do serviço militar norte-americano, como o *Office of Strategic Services*, dos quais os nomes de Ruth Benedict e Margaret Mead são considerados exemplos significativos (Price, 2008). Na América Latina, é conhecido o trabalho de pesquisa desenvolvido por antropólogos, a exemplo das atividades realizadas por Charles Wagley na Amazônia no âmbito dos programas de cooperação em

¹⁸⁶ SMITH, T. Lynn. [Carta] 3 nov. 1941, Baton Rouge [para] TAYLOR, Carl, Washington D.C. 2f. TLSP, Box 15, Folder 3; SMITH, T. Lynn. [Carta] 13 março 1944, Baton Rouge [para] LOOMIS, Charles, Washington D.C. 1f. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations, 1942-49, Box 39, Folder “Projecs – Rural Sociology 3-1”; LEONARD, Olen. *The Role of the Land Grant in the Social Organization and Social Processes of a Spanish-American Village in New Mexico*. A thesis submitted to the Graduate Faculty of the Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in the Department of Sociology. LSU Historical Dissertations and Theses. Disponível em: https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_disstheses/?utm_source=digitalcommons.lsu.edu%2Fgradschool_disstheses%2F7875&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. Acesso em: 16/06/2017.

¹⁸⁷ ESTADOS UNIDOS. *Proclamation of Unlimited National Emergency*. 27 de maio de 1941. Disponível em: <https://www.ibiblio.org/pha/timeline/410527awp.html>. Acesso em 10/08/2017.

¹⁸⁸ SHAW, G. Howland [Assistant Secretary of State] [Circular Instruction] 22 set. 1941, Washington D.C. [para] American Diplomatic and Consular Officers in the other American Republics. 2f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 248, Decimal Number 120.31 Auxiliary 2/A. Ver também DERPARTMENT OF STATE. Foreign Service Auxiliary. *Department of State Bulletin*, v. 5, jul.-dez. 1941, pp. 283-284.

saúde a cargo do governo brasileiro e do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (CIAA), órgão criado em 1940 por ordem do Conselho de Defesa Nacional dos EUA a fim de estreitar as relações com os países da região por meio do estímulo a atividades educacionais, científicas, sanitárias e econômicas, estas últimas centradas na produção e compra de materiais estratégicos (Figueiredo, 2009). O mundo acadêmico se mobilizou para a guerra, a exemplo de associações científicas como a *American Anthropological Association* e a *Society for Applied Anthropology* (Price, 2008).

Segundo o depoimento de Carl Taylor, que presidiu os debates do *Committee on Participation of Sociologists in National Affairs* durante a reunião anual da *American Sociological Society* de 1941, realizada em fins de dezembro, algumas semanas depois do ataque japonês a Pearl Harbor, havia “um grande desejo, quase ansiedade, entre os sociólogos de serem úteis nas atividades presentes de defesa e de guerra”.¹⁸⁹ Diversas apresentações constantes da programação do evento expressam o interesse de pesquisadores pelo engajamento, especialmente por parte dos sociólogos rurais: “Rural Population and National Defense” (C. E. Lively); “The Community as a Basis for Social Planning and Social Action in Agricultural Action Programs and Defense” (Douglas Ensminger e Charles Loomis); “Rural Public Welfare and National Defense” (Dwight Sanderson); “Rural Institutions and National Defense” (Edmund deS. Brunner); “The Role of the Rural Sociologist in National Defense” (John Kolb).¹⁹⁰ Em carta enviada a Taylor a 11 de dezembro de 1941, dias após a declaração de guerra dos EUA ao Império do Japão, Smith, que, neste período, ainda aguardava a confirmação da viagem de estudos a ser realizada a serviço do Departamento de Estado, demonstrou o empenho em tomar parte nos esforços de guerra “em qualquer posição em que minhas habilidades possam ser postas a serviço de uma finalidade útil”.¹⁹¹

Ainda que as primeiras missões dos sociólogos rurais na América Latina tenham se iniciado em 1942, meses após a entrada dos EUA na guerra, planos para a condução de estudos sociológicos entre as populações rurais da região vinham sendo cultivados desde fins da década de 1930. A ideia partira do então vice-presidente dos EUA, Henry Wallace, economista agrícola do Meio Oeste norte-americano que servira como secretário de Agricultura de Roosevelt nos dois primeiros mandatos de seu governo. Em 1939, quando o

¹⁸⁹ TAYLOR, Carl. Participation of Sociologists in National Affairs. *American Sociological Review*, v. 7, n. 2, 1942, p. 158.

¹⁹⁰ AMERICAN SOCIOLOGICAL SOCIETY. *Program of the thirty-sixth annual meeting of the American Sociological Society – December 27, 29 and 29, 1941*. Disponível em: http://www.asanet.org/sites/default/files/1941_annual_meeting_program_0.pdf. Acesso em: 07/07/2017.

¹⁹¹ SMITH, T. Lynn. [Carta] 11 dez. 1941, Baton Rouge [para] TAYLOR, Carl, Washington D.C. 1f. TLSP, Box 15, Folder 3.

Departamento de Estado incorporou a seus postos diplomáticos na América Latina a função de adido agrícola, em um esforço de ampliar a equipe de funcionários encarregada de produzir relatórios sobre as medidas governamentais e a situação econômica dos países da região que possuíssem implicações para os interesses norte-americanos, Wallace vislumbrou a possibilidade de que esses quadros contribuíssem para o estudo das condições necessárias à implementação de sua tão almejada política de cooperação interamericana na esfera da agricultura, centrada no aumento do comércio de commodities com os EUA, especialmente de produtos tropicais não competitivos com o mercado norte-americano.¹⁹²

Erwin Keeler, antigo funcionário do *Bureau of Agricultural Economics* do Departamento de Agricultura que havia assumido o posto de adido agrícola no Brasil, em memorando ao embaixador Jefferson Caffery de fevereiro de 1940, observou que as agências do governo federal esperavam que investigações mais substantivas sobre o desenvolvimento de longo prazo da agricultura brasileira fossem conduzidas, considerando-se não apenas as políticas governamentais destinadas ao setor, mas também “fatores naturais (solo e clima), populacionais (grupos étnicos, disponibilidade e eficiência da força de trabalho, salários, padrões de vida) e um número de diversos fatores (posse da terra, valor da terra, crédito, equipamento mecânico, infraestrutura de transporte e organizações comerciais)”.¹⁹³ Um ano depois, Keeler se queixava do volume de trabalho sob sua responsabilidade e solicitava auxílio de Washington, salientando que as lacunas e imprecisões dos dados do governo brasileiro relativos à agricultura exigiam viagens frequentes às áreas produtoras de *commodities* e observações de primeira mão sobre a atividade agrícola.¹⁹⁴

Em setembro de 1941, após expressar insatisfação com o trabalho que vinha sendo realizado pelos adidos agrícolas na América Latina, Wallace propôs que sociólogos rurais fossem enviados à região por meio do Departamento de Estado.¹⁹⁵ A relevância que Wallace

¹⁹² MESSERSMITH, C. S. [Department of State] [Carta] 13 out. 1939, Washington D.C. [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 4f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 280, Decimal Number 121.5832/2. Wallace vinha se batendo pelo fortalecimento do poder de compra de países latino-americanos por meio do aumento da venda de commodities da região para os EUA em detrimento das trocas comerciais tradicionalmente mantidas com a Europa a partir do estímulo ao cultivo de produtos, como a borracha, que não competissem com a produção dos fazendeiros norte-americanos. Ver, a esse respeito, o primeiro capítulo.

¹⁹³ KEELER, Erwin P. [Memorando: Nature of Agricultural Reports Desired by Department of Agriculture] 1 fev. 1940, Rio de Janeiro [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 4f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 280, Folder 121.5832/5.

¹⁹⁴ KEELER, Erwin P. [Memorando: Request for assistance in agricultural reporting work] 3 março 1941, Rio de Janeiro [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 3f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1941, Box 92, Folder 123.

¹⁹⁵ BURSLEY, Herbert S. [Department of State, Division of the American Republics] [Memorando] 15 set. 1941, Washington D.C. [para] SHAW, Howland, Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 59, General

atribuía à Sociologia Rural para os programas de ação do *New Deal* não constituía uma novidade. No período em que esteve à frente do Departamento de Agricultura, a divisão de pesquisas dos sociólogos rurais crescera exponencialmente em número de pessoal e recursos (Larson & Zimmerman, 2003: 33-34).

De acordo com Smith (1957: 15), M. L. Wilson, intelectual-chave do *New Deal* rural e antigo braço direito de Wallace no Departamento de Agricultura que havia se tornado, no início dos anos 1940, diretor dos serviços de extensão rural do órgão, foi um importante veiculador, nos altos escalões do governo, da ideia de que a condução de pesquisas sociológicas na América Latina poderia auxiliar nos planos de cooperação agrícola interamericana, especialmente em se tratando do trabalho de extensão rural a ser realizado em torno das estações agrícolas experimentais que os EUA planejavam construir, a partir de acordos bilaterais, em diferentes países da região.

Em fins dos anos 1930, durante sua gestão como subsecretário do Departamento de Agricultura, Wilson havia organizado conferências com importantes nomes das Ciências Sociais dos EUA, a exemplo de Robert Park, Robert Redfield, Charles Johnson, Lloyd Warner, Conrad Arensberg e Kimball Young, no intuito de chamar a atenção do corpo de funcionários do órgão para a dimensão cultural envolvida no processo de intervenção governamental sobre as práticas agrícolas dos fazendeiros (Gilbert, 2015: 170-175). Sua crença no valor instrumental de disciplinas como a Antropologia Cultural, a Psicologia Social e a Sociologia Rural para as atividades de planejamento do governo federal no âmbito da agricultura foi exposta em artigos que publicou no período. Wilson argumentava que a transmissão de técnicas agrícolas avançadas, desenvolvidas pela atividade de pesquisa das estações agrícolas, às populações rurais exigia o conhecimento das formas de organização social e das culturas, ou “sistemas de valores”, locais. As agências governamentais precisavam conquistar a adesão dos agricultores a seus programas de ação, o que implicava o reconhecimento de que os valores e as concepções de vida de técnicos e das populações-alvo das políticas não eram necessariamente coincidentes.¹⁹⁶ Em reunião da Comissão para

Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 280, Folder 121.58/81; SHAW, Howland. *Memorandum of conversation with Dr. Louis G. Michael*. 19 set. 1941. 2f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 280, Folder 121.58/81.

¹⁹⁶ Nas palavras de Wilson: “Um estudo da cultura frequentemente parece colocar freios em qualquer tipo de ação [educacional no âmbito da extensão rural], pois os antropólogos culturais, psicólogos sociais e sociólogos estão constantemente indicando quão difícil é introduzir um novo elemento na cultura se a tentativa se faz da maneira errada. Mas uma compreensão de como a cultura realmente funciona pode fazer desse conhecimento um meio para facilitar a mudança cultural. O que mais se precisa na pesquisa em agricultura hoje em dia é de conhecimento científico acerca das várias formas de cultura entre os fazendeiros e dos sistemas de valores em seu interior”. WILSON, M. L. *The Democratic Processes and the Formulation of Agricultural Policy*. *Social Forces*, v. 19, n. 1, 1940, p. 8.

Cooperação Interamericana em Educação Agrícola realizada em novembro de 1940, após se referir à viagem que T. Lynn Smith havia realizado à América do Sul no ano anterior, Wilson destacou, nessa mesma linha de argumentação, a importância, para a Política de Boa Vizinhança, de uma compreensão antropológica profunda, por parte dos norte-americanos, das culturas e dos povos vivendo ao sul do Rio Grande – povos que eram, em sua maioria, conforme ponderava, índios ou descendentes miscigenados de índios.¹⁹⁷

O interesse do Departamento de Agricultura em promover pesquisas sobre as condições sociais e culturais em que a produção agrícola na América Latina era conduzida a fim de obter informações que pudessem embasar a política de “cooperação hemisférica” de Henry Wallace e M. L. Wilson refletiu-se em um memorando enviado aos sociólogos rurais pelo Departamento de Estado no início de 1942 contendo a descrição das atividades a serem realizadas na região. De acordo com o documento, os sociólogos rurais deveriam:

Coletar e interpretar dados sobre a organização social no âmbito da agricultura, da produção agrícola e do consumo (incluindo hábitos alimentares) e sobre as relações entre a agricultura e outras partes da economia nacional; coletar e analisar dados sobre os vários grupos étnicos da população, a extensão em que tais grupos foram assimilados à cultura doméstica, e a extensão em que permaneceram como ilhas culturais e, portanto, possivelmente como grupos subversivos na vida nacional; reunir, compilar e analisar outros dados populacionais e sociais que contribuirão para a compreensão da ligação dos elementos da população rural com a vida cotidiana do país; estudar e interpretar o papel da imprensa e de outras agências produtoras de opinião pública entre as diferentes classes do país; aconselhar e prestar consulta ao corpo diplomático, consular e outros representantes técnicos dos Estados Unidos interessados em problemas socioeconômicos do país na medida em que estes se relacionem aos problemas mais amplos de cooperação hemisférica./ Os estudos previamente indicados formarão a base para a análise e interpretação daquelas forças sociais que influenciam as relações econômicas, sociais e políticas do país com outras nações; particularmente daqueles fatores sociais e psicológicos (instituições, costumes, tradições) que impedem ou implementam a compreensão entre aquela nação e os Estados Unidos.¹⁹⁸

O memorando expressava a articulação entre as agendas de dois importantes órgãos do poder executivo federal (Departamento de Agricultura e Departamento de Estado) e dos

¹⁹⁷ COMMITTEE ON INTER-AMERICAN COOPERATION IN AGRICULTURAL EDUCATION. *Minutes of the Meeting of November 7, 1940*. Washington D.C.: Department of Agriculture. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-49. Box 16, Folder “Education 1”, p. 44.

¹⁹⁸ CHRISTY, Donald H. [Acting Director, Office of Foreign Agricultural Relations] [Memorando] 14 jan. 1942, Washington D.C. [para] Departamento de Estado. 1f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 248, Decimal Number 120.31 Auxiliary/ 28.

sociólogos rurais norte-americanos, operação de “costura” de interesses e, ao mesmo tempo, de legitimação da atividade profissional do sociólogo que não era estranha àqueles cientistas sociais, acostumados a sintonizar a formulação e a condução de seus estudos às demandas práticas das estações agrícolas e dos escritórios de Washington. Essa articulação de interesses não era, no caso do Departamento de Agricultura, difícil de ser obtida pelo fato de que, ao menos no que dizia respeito a quadros-chaves da agência, como Henry Wallace e M. L. Wilson, economistas agrícolas que traziam em sua formação as marcas da visão reformadora e modernizante dos agricultores-proprietários (*farmers*) de classe média do Meio Oeste (Gilbert, 2015: 25-59), havia forte afinidade de pontos de vistas quanto ao que se considerava relevante no estudo das populações rurais, e isto à medida que tanto a Sociologia Rural que se praticava nos EUA quanto os organismos de Estado responsáveis pelas políticas para o campo – que impulsionaram, ademais, a institucionalização da disciplina no país – eram marcados por uma matriz comunitarista, jeffersoniana, de pensamento.

A própria minuta do memorando havia sido elaborada pelo sociólogo rural Carl Taylor a pedido do Departamento de Agricultura, e isto porque, de acordo com Taylor, o Departamento de Estado desconhecia as atividades profissionais comumente desempenhadas pelos sociólogos.¹⁹⁹ Das tarefas estipuladas por Taylor, apenas duas não foram incorporadas à versão final do documento: uma dizia respeito ao “encorajamento de intercomunicações sociais entre as Américas por meio do estudo, pesquisa, viagem e programas de intercâmbio nas Ciências Sociais” e outra, à função de “interpretar a cultura, instituições e atitudes do povo do país para o governo e o povo dos Estados Unidos e, inversamente, interpretar a vida e a cultura do povo dos Estados Unidos para o povo do país”.²⁰⁰

Ainda assim, como a análise do memorando evidencia, Taylor logrou convencer o Departamento de Estado quanto à pertinência do trabalho dos sociólogos rurais em duas frentes de ação consideradas de extrema importância para o órgão. Uma tratava da promoção de maior “compreensão”, conforme expressão de que se vale o documento, entre os EUA e as nações latino-americanas, preocupação que remonta à Política de Boa Vizinhança de Roosevelt, mas que havia se tornado premente com o início do conflito na Europa. Outra, igualmente urgente tendo em vista o ataque a Pearl Harbor, dizia respeito à necessidade de se

¹⁹⁹ Conforme Taylor informou a Smith: “[Donald] Christy [diretor em exercício do Office of Foreign Agricultural Relations] e eu descobrimos que o Departamento de Estado até agora não possui uma descrição do cargo adequada [para os sociólogos rurais a serem empregados nas missões na América Latina]. Aparentemente eles não sabem o que é um sociólogo. Christy, portanto, me pediu que eu tentasse escrever tal descrição do cargo. Estou lhe enviando uma cópia do que eu escrevi. Eles podem não aceitar o documento, mas eu o escrevi a fim de cobrir o que eu gostaria de fazer caso eu queira ir, e eu posso querer ir”. TAYLOR, Carl. [Carta] 26 nov. 1941, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 3f. TLSP, Box 15, Folder 3.

²⁰⁰ Idem.

avaliar em que medida as colônias de italianos, alemães e japoneses que haviam se fixado em diferentes áreas do continente americano constituíam focos potenciais de hostilidade que tornavam a região vulnerável à invasão pelas forças do Eixo.²⁰¹ A esse respeito, Taylor não se valeu de meias palavras ao propor que os sociólogos rurais reunissem informações acerca da composição étnica desses países a fim de analisarem “a extensão em que tais grupos foram assimilados à cultura doméstica, e a extensão em que permaneceram como ilhas culturais e, portanto, possivelmente como grupos subversivos na vida nacional”.²⁰²

Os sociólogos rurais, por outro lado, buscaram garantir que suas missões para o governo norte-americano viabilizassem a condução de estudos que, dentro das limitações de tempo e recursos que se impunham, tinham o propósito de lançar as bases para a ampliação do conhecimento sociológico das populações rurais a partir da inclusão de novas regiões e países no rol das sociedades até então estudadas por aqueles pesquisadores.²⁰³ Tal objetivo os levou a debater as categorias de análise que deveriam conjuntamente adotar na realização de seus respectivos trabalhos de campo a fim de que os resultados dos estudos fossem comparáveis.²⁰⁴ O fato desses sociólogos terem buscado se valer da ocasião para fazer avançar sua ciência com base na coordenação de esforços em torno da análise comparativa de diferentes casos nacionais dos fenômenos que estudavam torna precipitada qualquer avaliação

²⁰¹Diversos documentos do Departamento de Estado e de seus postos diplomáticos na América Latina atestam a apreensão, desde a segunda metade dos anos 1930, com os “nacionais” de potências estrangeiras e seus descendentes que residiam nas Américas. Em setembro de 1940, por exemplo, o subsecretário de Estado Sumner Welles solicitava ao corpo diplomático norte-americano atuando nos países do continente que aumentassem a frequência no envio dos relatórios tratando da atividade de “fascistas”, “nazistas”, “comunistas”, “espanhóis” e “japoneses” na região. WELLES, Sumner [Memorando “Non-american activities in the American Republics”] 25 set. 1940, Washington D.C. [para] Chiefs of American Diplomatic Missions in the American Republics. 3f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 3128, Decimal Number 800.20210/543.

²⁰² TAYLOR, Carl. [Carta] 26 nov. 1941, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 3f. TLSP, Box 15, Folder 3.

²⁰³ TAYLOR, Carl. Early Rural Sociological Research in Latin America. *Rural Sociology*, v. 25, n. 1, 1960, pp.1-8.

²⁰⁴ Em carta a Smith e a Whetten de maio de 1942, quando já se encontrava a serviço da embaixada norte-americana em Buenos Aires, Taylor esboçou uma relação de categorias que poderiam pautar a coleta e a organização das informações sobre as populações do México, da Argentina e do Brasil: “Fatores populacionais (dados populacionais brutos; estatísticas vitais; composição étnica; migrações); Cinturões ecológicos e culturais da nação (áreas conforme o uso que se faz da terra; áreas culturais; divisões políticas); Organização das vizinhanças e das comunidades e padrões de povoamento (organização da vila, aldeia, centro comercial ou urbano; vizinhanças e comunidades locais); agências e instituições sociais (localização e funcionamento de instituições sociais básicas nas áreas rurais; grupos e agências voluntárias); estrutura de classes (classes econômicas; grupos étnicos; classes institucionais e tradicionais – grandes e pequenos proprietários, classes que podem seguir divisões étnicas ou outras); Padrões e níveis de vida (níveis de vida das populações rurais nas diferentes áreas); padrões de vida (aspirações em termos de residência, vestimenta, educação, lazer, conforto); relações entre os níveis de vida e os padrões de vida; canais, técnicas e práticas de comunicação (estrutura de transportes; informações e instalações de correios; telefones; rádio; jornais; cinemas); o papel do público e da opinião pública na vida rural (a parte ou posição atribuída à população rural nos assuntos nacionais; o público rural; o funcionamento da opinião pública). TAYLOR, Carl. [Carta] 8 maio 1942, Buenos Aires [para] SMITH, T. Lynn., Rio de Janeiro & WHETTEN, Nathan, Cidade do México. 8f. TLSP, Box 15, Folder 3.

reducionista acerca das atividades desenvolvidas por esses pesquisadores enquanto produto de mera instrumentalização das ciências sociais por parte dos interesses geopolíticos dos EUA.

2.2. Smith descobre o Brasil profundo

Smith chegou ao Brasil em fevereiro de 1942, permanecendo no país até janeiro do ano seguinte na qualidade de analista agrícola sênior associado ao adido agrícola Erwin Keeler, da embaixada norte-americana no Rio de Janeiro. Durante esse tempo, o sociólogo realizou incursões aos estados de São Paulo (ao longo dos sucessivos meses em que esteve no país), Belo Horizonte (22 a 29 de abril e 23 a 26 de junho), Paraná (19 a 20 de maio e 13 a 15 de agosto), Goiás (18 a 23 de junho), Santa Catarina (16 a 18 de agosto), Rio Grande do Sul (18 a 28 de agosto), Mato Grosso (2 a 10 de outubro), Mato Grosso do Sul (10 a 14 de outubro), Pará (30 de novembro a 4 de dezembro), Amazonas (4 a 7 de dezembro), Maranhão (8 a 10 de dezembro), Piauí (10 a 14 de dezembro), Ceará (14 a 17 de dezembro), Rio Grande do Norte (17 a 19 de dezembro) e Pernambuco (19 a 23 de dezembro).²⁰⁵ Smith não se limitou a visitas às capitais desses estados, adentrando os distritos rurais. Nas páginas iniciais de *Brazil: People and Institutions* (1946), livro que reuniu seus achados da viagem ao Brasil, o sociólogo fornece uma síntese dos deslocamentos que realizou:

Não menos do que um período de seis meses foi gasto em viagens pelo interior. Visitei cada um dos estados em pelo menos uma ocasião e fiz repetidas visitas àqueles mais acessíveis do Rio de Janeiro. As rotas percorridas e os meios de transporte empregados [...] somam cerca de 39.180 km. Destes, cerca de 20.225 foram percorridos de avião, 14.625 de trem, 3.510 de automóvel, ônibus ou caminhão e 760 em embarcações de vários tipos. Este total não inclui as excursões a cavalo e em lombo de mula por dentro de várias comunidades.²⁰⁶

Nessas incursões, Smith realizou, além de observações de campo, o levantamento de dados oficiais de órgãos das administrações estaduais e locais voltados para as áreas de educação, estatística, agricultura, terras e colonização, servindo-se também de informações de agências como o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).²⁰⁷ A circulação pelo território brasileiro que foi possível ao sociólogo rural norte-americano, assim como a “cooperação cortês” que, em suas palavras, obteve de funcionários do governo brasileiro, somente se tornam inteligíveis quando se

²⁰⁵ É possível reconstituir o itinerário de Smith a partir do minucioso e circunstanciado registro de suas despesas de viagem para o Departamento de Estado. TLSP, Box 11, Folders 26 & 27.

²⁰⁶ SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p. 3.

²⁰⁷ SMITH, T. Lynn. [Carta] 22 out. 1942, Rio de Janeiro [para] MICHAEL, L. G. [Office of Foreign Agricultural Relations], Washington D.C. 2f. TLSP, Box 11, Folder 27.

considera o alinhamento do Brasil aos EUA no contexto da Segunda Guerra Mundial, posição que se consolidou ao longo do ano de 1942.²⁰⁸ Um dos marcos na construção dessa aliança foram as negociações entre Vargas e Roosevelt por ocasião da Conferência dos Ministros das Relações Exteriores realizada no início daquele ano, no Rio de Janeiro, que resultaram no rompimento das relações do Brasil com o Eixo e em uma série de acordos bilaterais que estipulavam o provimento de equipamento militar e industrial ao país pelos EUA em troca da exclusividade norte-americana na compra de excedentes de produtos primários estratégicos para a guerra, como a borracha, cujas fontes asiáticas haviam sido comprometidas em decorrência do conflito (Moura, 2012).

Os pontos principais que constituíram a missão que o governo norte-americano confiara a Smith transparecem em suas anotações de viagem: no interior de São Paulo, além de tomar nota de grandes fazendas dedicadas à produção de algodão, açúcar e café, *commodities* importantes no comércio exterior, Smith registra a presença “conspícua” de japoneses nas proximidades de localidades rurais como Marília.²⁰⁹ Desde o ataque japonês a Pearl Harbor, os EUA haviam redobrado seus esforços para conhecer a extensão e o modo de fixação dos japoneses e de seus descendentes no continente americano.²¹⁰ Em setembro de 1942, Smith envia ao Departamento de Estado relatório em que busca estimar o número total de japoneses e seus descendentes em São Paulo assim como a distribuição espacial de suas colônias no interior do estado a partir de informações do censo e de agências de imigração.²¹¹ O sociólogo avaliava que essas comunidades constituíam “uma ameaça genuína à segurança

²⁰⁸ SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p. 5. Em Teresina, conforme Smith registra em seu diário, foi necessário explicar às autoridades locais que cidadãos norte-americanos, à diferença de outros estrangeiros, não precisavam de salvo-conduto para poderem transitar entre as cidades. SMITH, T. Lynn. “Leaves from My Diary”. In SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, pp. 115-116.

²⁰⁹ SMITH, T. Lynn. *Field Notes*. TLSP, Box 7, Folder 55, p. 28.

²¹⁰ Relatório da Divisão de Inteligência das Operações Navais da Marinha norte-americana de 21 de agosto de 1941 registrava que a demanda por estudiosos capazes de analisar a situação dos japoneses no Brasil havia sido temporariamente satisfeita pelas atividades que Smith vinha realizando junto ao adido agrícola, o que não excluía a necessidade de pesquisas pormenorizadas das colônias de japoneses, especialmente no estado de São Paulo. RIDGE, T. L. [Naval Attaché]. *Intelligence Report*. Intelligence Division, Office of Chief of Naval Operations, Navy Department. 21 ago. 1942. NARA, Record Group 38, Records of the Office of the Chief of Naval Operations, Confidential Reports of Naval Attachés, 1940 – 1946, Box 551. Em 21 de maio de 1943, o secretário de Estado Cordell Hull transmitia ao embaixador norte-americano no Brasil, Jefferson Caffery, relatório confidencial preparado para o *Office of Strategic Services* pelo geógrafo da *University of Michigan* Robert B. Hall, especialista em estudos nipônicos, durante viagem de campo realizadas em meados de 1942 a uma diversidade de países da América Latina: México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil e Venezuela. HALL, Robert B. *Field Notes on the Japanese in Latin America*. Office of Strategic Services, Research and Analysis Branch, n. 791. 26 mar. 1943. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, Strictly Confidential General Records, 1940-1946, Box 15, Folder 1.

²¹¹ SMITH, T. Lynn. *Japanese immigration and the number and distribution of Japanese population in the state of São Paulo, Brazil*. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agriculture. Box 5, Folder 1942 – 1943.

nacional”.²¹² No Sul do Brasil, os passos de Smith o levaram em direção a cidades de colonização alemã, como Blumenau.²¹³ Em Londrina, o sociólogo se pôs a par dos planos de colonização da Companhia de Terras do Norte do Paraná.²¹⁴ Na extremidade norte do país, em pequenas localidades do Maranhão, Smith observou a atividade dos coletores de sementes de babaçu, rica fonte de óleo vegetal cuja demanda havia aumentado com a guerra, levando os agricultores locais a abandonarem o cultivo de produtos alimentícios básicos e gerando uma crise de abastecimento no mercado interno. No Pará, o sociólogo percorreu os municípios de Bragança e Santa Isabel, detendo-se em pequenas pensões ao longo do caminho a fim de investigar as razões do baixo número de trabalhadores migrantes do Nordeste que chegavam às zonas de extração da borracha na Amazônia.²¹⁵ As viagens de Smith pelo Pará foram realizadas na companhia do antropólogo Charles Wagley, de *Columbia University*, que chegara ao Brasil em 1939 a fim de estudar grupos indígenas vivendo no país e treinar pesquisadores mediante convênio com o Museu Nacional. Durante a guerra, Wagley atuou, sob os auspícios do *Institute of Inter-American Affairs*, nos quadros do Serviço Especial de Saúde Pública, órgão criado a partir de acordo bilateral entre os governos brasileiro e norte-americano que, entre outras medidas, vinha implementando, junto a *Rubber Reserve Company*, agência norte-americana voltada para a aquisição de borracha, um programa de migração tendo em vista o provimento de assistência médica às populações rurais recrutadas para o trabalho nos seringais amazonenses (Campos, 2006; Figueiredo, 2009).

Ao final de seus deslocamentos, Smith produziu relatório sobre a força de trabalho brasileira empregada em atividades agropecuárias e extrativistas, debruçando-se, como sociólogo, sobre a variável ou fator humano que deveria ser levada em conta nos planos de cooperação interamericana destinados ao incremento da produção de materiais estratégicos no país.²¹⁶ Em meados de 1943, já de volta aos EUA, Smith redigiu, na sede do Departamento de Agricultura, em Washington, seu relatório final.²¹⁷ Abrangendo diferentes aspectos da população e da vida social brasileira, tais como dados demográficos relativos à mortalidade,

²¹² SMITH, T. Lynn. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*. Confidential report, 20 jan. 1943. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor, p. 3.

²¹³ SMITH, T. Lynn. *Field Notes*. TLSP, Box 10, Folder 18, p. 19.

²¹⁴ SMITH, T. Lynn. *Field Notes*. TLSP, Box 7, Folder 55, p. 30.

²¹⁵ SMITH, T. Lynn. *Field Notes*. TLSP, Box 10, Folder 18, pp.34-35.

²¹⁶ SMITH, T. Lynn. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*. Confidential report, 20 jan. 1943. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor.

²¹⁷ SMITH, T. Lynn. *Brazil: the population and the relations of the people to the land*. Washington D.C.: United States Department of Agriculture, Office of Foreign Agricultural Relations, 20 ago. 1943. TLSP, Box 8, Folder 30.

fertilidade, crescimento, distribuição da população pelo território, imigração e migrações internas, níveis e padrões de vida, formas de ocupação da terra, distribuição e tamanho da propriedade fundiária e estrutura dos grupos de localidade (vizinhanças e comunidades rurais), o texto serviu de base para a publicação, três anos depois, pela *Louisiana State University Press*, do seu *Brazil: People and Institutions* (1946), extenso volume cuja primeira edição possui 843 páginas, entremeadas por mapas, gráficos e fotografias.

A visão de Smith sobre o Brasil que emerge do conjunto de textos produzidos pelo sociólogo durante suas atividades no país em 1942 é marcada pela percepção de contrastes. Percorrendo localidades entre Curitiba e Blumenau, ele registra, em seu diário de campo, a variação nos modelos de habitação rural, com as casas de pau-a-pique “típicas dos caboclos” dando lugar, gradativamente, a construções de alvenaria em estilo alemão.²¹⁸ No interior de São Paulo e do Rio Grande do Sul, o sociólogo nota as diferenças entre as instalações suntuosas de usinas e estâncias, que começavam a adotar maquinário agrícola moderno, e os casebres rústicos cobertos de palha dos pequenos lavradores, que se valiam apenas da enxada e da primitiva e predatória prática da “agricultura do fogo” (“derrubadas e queimadas”) para o cultivo de itens destinados ao consumo próprio, como a mandioca e o feijão.²¹⁹

A ideia da coexistência de distintos Brasis foi recorrente em sucessivas interpretações que escritores nacionais e estrangeiros produziram acerca do país, apresentando desdobramentos na produção sociológica realizada no contexto da institucionalização universitária das Ciências Sociais (Lima, 1999). Tal leitura dualista, da qual é emblemática a obra de Euclides da Cunha, será retomada, à sua maneira, por Smith no capítulo introdutório de seu livro sobre o Brasil, significativamente intitulado “Um mosaico cultural”. Nele, o sociólogo afirma que as mudanças na paisagem experimentadas pelo viajante que partia das grandes cidades do país, como Rio de Janeiro e São Paulo – centros urbanos em que “um cidadão do mundo se sente em casa” –, em direção aos rincões dos estados do Mato Grosso e do Amazonas equivaliam a recuos no tempo:

Conforme se avança pelo interior, especialmente pelas porções mais montanhosas, estradas, caminhões e automóveis dão lugar a trilhas, caminhos de terra, cavalos, caravanas de burros de carga e carros de boi. Máquinas a eletricidade ou a vapor são substituídas por moinhos de água, do tipo comum nos Estados Unidos há mais ou menos um século. Outros aspectos da paisagem cultural pertencem àquilo que na maior parte dos Estados Unidos é considerado parte de um passado

²¹⁸ SMITH, T. Lynn. “Leaves from My Diary”. In SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p. 94.

²¹⁹ Idem, p. 95.

quase esquecido. Viajando pelo interior de Minas Gerais eu era constantemente lembrado dos primeiros anos de infância passados nos estados de Colorado e Novo México, nas Montanhas Rochosas. Mas nas porções interioranas dos estados do Nordeste, eu me deparei com um ambiente cultural que pertencia a um passado que eu conhecia apenas por meio dos livros. Em partes do Maranhão, Pará, Amazonas, Goiás e Mato Grosso, há lembretes vívidos de que o homem do neolítico ainda deve ser levado em consideração por coletores de borracha e outros que queiram extrair os frutos da natureza.²²⁰

A leitura de Smith das variações regionais brasileiras em termos de “sobreposição de épocas” ou de “demora cultural”, noções empregadas pelo sociólogo, foi comum a cientistas sociais em atuação no país que compartilhavam os referenciais teóricos da Sociologia produzida nos EUA, como Emílio Willems e Donald Pierson, que enxergavam essas diferenças como resultado do maior ou menor grau de isolamento das populações interioranas, presas a culturas tradicionais imemoriais, em face da civilização moderna dos grandes centros urbanos (Lima, 1999; Maio *et al.*, 2013). A noção de um *continuum* rural-urbano, que equivalia a um gradiente de tipos de agrupamentos sociais que variavam entre os extremos da “cultura de folk” e da “civilização”, ganhara popularidade nos meios acadêmicos norte-americanos com os estudos que o antropólogo Robert Redfield, da *University of Chicago*, conduzira com uma equipe de pesquisadores na Península de Yucatan, no México, na primeira metade dos anos 1930.²²¹ Por outro lado, a ideia de que uma compreensão realista do Brasil deveria partir da constatação de sua heterogeneidade (regional, étnica e sociocultural) não era estranha a tradições locais de conhecimento normativamente comprometidas com a problemática da construção da nação e da unidade política (Bittencourt, 2013). Este foi o caso da ensaística de Oliveira Vianna, autor cuja obra, principalmente *Populações Meridionais do Brasil*, teve impacto decisivo sobre o diagnóstico de Smith acerca do país, como se indicará a seguir.

A visão de Smith sobre os contrastes do Brasil incide particularmente sobre as condições de vida da população rural e os elementos da “cultura material” de que esta se valia no seu esforço produtivo. São as práticas identificadas à cultura cabocla, em particular, que representam, para o sociólogo, o que há de primitivo, rotineiro e “atrasado” na agricultura do país. Smith aciona uma série de imagens que se cristalizaram em torno das populações sertanejas, consagradas especialmente pela literatura brasileira, ao associar o caboclo à

²²⁰ SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p. 23.

²²¹ REDFIELD, Robert. *Civilização e Cultura de Folk: Estudo de Variações Culturais em Yucatan*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1949.

imprevidência, à falta de aspirações materiais (“baixo padrão de vida”), a um regime de trabalho irregular e intermitente, ao nomadismo e à devastação do meio ambiente por meio de métodos agrícolas primitivos. O sociólogo, no entanto, não vincula a condição do caboclo, que identifica como sendo, via de regra, racialmente miscigenado, a um “mal de raça”.²²² À semelhança do que fizera o movimento sanitarista da Primeira República, e apoiando-se nos estudos sobre alimentação produzidos pelo médico e geógrafo Josué de Castro em Pernambuco, Smith afirma que as populações rurais eram, sobretudo, malnutridas e enfermas:

À medida que atravessamos, de caminhão ou de trem, o Maranhão, o Piauí, o Rio Grande do Norte, o Ceará e a Paraíba, a cada parada haverá uma multidão numerosa de cegos, aleijados, e outras tantas pessoas inválidas pedindo esmolas. Em tais circunstâncias é provável que nos lembremos da frase do famoso médico brasileiro Miguel Pereira, ‘O Brasil é um vasto hospital’, e que reflitamos: ‘Sim, o

²²² No Brasil, visões deterministas racializantes que condenavam o caboclo, e que se expressaram, por exemplo, nos primeiros textos literários produzidos por Monteiro Lobato acerca da personagem Jeca Tatu, vinham sendo tensionadas, desde as primeiras décadas do século XX, por movimentos reformadores, como o movimento sanitarista da Primeira República, que fizeram a denúncia da situação de abandono e doença em que viviam as populações rurais (Lima & Hochman, 1996), fato que Smith registra em um de seus relatórios ao observar que intelectuais brasileiros como Roquete Pinto e Gilberto Freyre se empenhavam por demonstrar que deficiências em saúde e alimentação, e não a miscigenação, estavam na raiz da apatia característica das populações sertanejas. SMITH, T. Lynn. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*. Confidential report, 20 jan. 1943. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor, p. 39. Embora partilhada por Smith, essa visão estava longe de ser consensual entre os técnicos enviados pelo governo norte-americano em viagens de pesquisa ao interior do Brasil. Em sua avaliação do relatório de Smith sobre a força de trabalho brasileira, o OFAR havia chamado a atenção, por exemplo, para o fato de que o sociólogo evidenciava “certas opiniões que são geralmente aceitas no Brasil mas que não são muito bem conhecidas entre scholars dos países de língua inglesa, a saber, que a denominada inércia e falta de iniciativa de parte da população rural devem-se primariamente a fatores sanitários e dietéticos e não necessariamente ao clima e à mistura inter-racial”. OFFICE OF FOREIGN AGRICULTURAL RELATIONS. *Memorandum*. 3 maio 1943. TLSP, Box 11, Folder 28. Após realizar viagem de campo pelo interior do Maranhão em abril de 1942, o economista Edgar R. Burkland, então trabalhando como analista agrícola para o consulado norte-americano no Pará, indicou, como uma das principais razões para o estágio primitivo de desenvolvimento da agricultura naquele estado, “a natureza intrínseca do próprio povo”: “Com uma mistura de sangue do Índio e do Preto, os descendentes dos colonizadores portugueses nunca tiveram nenhum desejo por atividades agrícolas em uma escala ampla e intensiva”. BURKLAND, Edgar R. *Agriculture in the State of Maranhão*. 16 maio 1942. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 4513, Decimal Number 832.61/54, p.1. Acerca dos trabalhadores de Belém do Pará empregados pelo Instituto Agrônomo do Norte na produção de borracha, o técnico W. Andrew Archer avaliava que o problema era “sério”: “não apenas os trabalhadores são escassos, mas também, em sua maioria, não possuem iniciativa nem orgulho em seu trabalho. Racialmente, são, em sua maioria, uma mistura do sangue do Índio e do Preto. Sem uma vigilância constante, ou eles não fazem nada ou fazem seu trabalho de maneira errada. É verdade que seu salário é miserável e sua dieta, insuficiente, de modo que esses dois fatores podem explicar sua falta de interesse no trabalho. Farinha não é um alimento que produza energia”. ARCHER, W. Andrew. *Progress Report from the Instituto Agronomico do Norte at Belem, Para, Brazil*. Office of Foreign Agricultural Relations, U. S. Department of Agriculture. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 4513, Decimal Number, 832.61/ 102, p. 4.

Brasil seria um grande hospital se todas essas pessoas estivessem recebendo tratamento em instituições consolidadas.²²³

Em uma atitude que reflete a identificação do sociólogo com a vida laboral no campo, e que traz as marcas de sua trajetória, formação acadêmica e atuação profissional durante o *New Deal*, Smith demonstra empatia pela sorte do caboclo, expressão que, conforme explica ao leitor norte-americano, era empregada pelas elites e classes médias brasileiras em referência às massas de trabalhadores rurais empobrecidos, sem instrução, de horizontes sociais restritos, categoria que traía, contudo, em razão de sua conotação depreciativa, o “presunçoso sentimento de superioridade” das camadas urbanas, observava o sociólogo.²²⁴ Há, no entanto, ambivalência na avaliação de Smith acerca da vida do caboclo. Se a miséria e a escassez material dessas populações eram dignas de pena, seu conhecimento íntimo da floresta e sua inserção em um ambiente natural generoso, quase paradisíaco, serviam para minorar a gravidade de sua situação, à diferença do quadro de privação por que passavam, por exemplo, os lavradores norte-americanos arruinados pela crise econômica trazida pela civilização moderna, capitalista, que estimulava a produtividade ao mesmo tempo que estabelecia delicados nexos de forte interdependência econômica entre a produção agrícola das populações locais e os mercados nacionais e internacionais. Durante viagem a pequenas cidades rio-grandenses, Smith registra em seu diário de campo:

Um homem com dois bois, quatro homens com seis, em áreas onde o arado é usado! Um homem com apenas um machado e uma enxada em todos os outros lugares! E isso para cultivar o arroz, o algodão, assim como as castanhas e a borracha – tudo trabalho manual! Fossos, estradas, tudo feito manualmente e sem o auxílio da máquina! Em tais condições, a soma total jamais poderá ser grande o suficiente para se converter em um alto nível de vida para todos./ Entretanto uma vez que um homem com sua faca pode rapidamente construir um abrigo, já que algumas poucas vestes podem ser prontamente obtidas, e já que ‘plantando dá!’, ou então, na maior parte do território, ‘a natureza dá’; há menos sofrimento real derivado da falta de comida, vestimenta e habitação do que na maioria dos lugares. Ainda assim, apesar das advertências das assistentes sociais, não consigo resistir ao apelo do menino em Santa Maria, em Uruguaiana, ou em outras vilas, que

²²³ SMITH, T. Lynn. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*. Confidential report, 20 jan. 1943. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor, p. 37. Neste relatório, acerca da alimentação dos brasileiros, Smith faz referência, entre outros estudos, a dois trabalhos de Josué de Castro: *As condições de vida das classes operárias no Recife* (1935), *Alimentação e Raça* (1936) e *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana* (1937).

²²⁴ SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p. 27. Ainda segundo Smith: “No rádio, na imprensa, e nos palcos, o caipira, o caboclo, o matuto e o roceiro em caricatura são uma fonte de divertimento para as classes médias e altas da sociedade brasileira urbana”. *Idem*, p. 28.

vivem perto dos matadouros e pedem dinheiro para comprar pão. Isso se torna particularmente verdadeiro se ele se apresenta descalço, enquanto estou tremendo dentro do meu casaco, como é o caso da noite de hoje.²²⁵

No contexto dos esforços de guerra, as condições de vida dos trabalhadores rurais se tornavam particularmente dramáticas no Norte do país, onde os governos brasileiro e norte-americano, que buscavam aumentar a produção da borracha, esbarravam no problema da escassez de mão-de-obra para o trabalho nos seringais. Descartando explicações biologizantes que atribuíam ao seringueiro um “instinto migratório”, como fizeram técnicos do Departamento de Comércio norte-americano durante expedição à Amazônia em 1924, Smith se volta para as “características do modo de vida” daquelas populações assim como para os “elementos de sua herança cultural ou social” que seriam conducentes ao nomadismo.²²⁶ Na avaliação do sociólogo, o caboclo não contava com bens materiais, feitorias e infraestrutura suficientes que o prendessem a uma determinada região, sendo capaz de improvisar uma choça rapidamente onde quer que se instalasse.²²⁷ Sua cultura, de raízes indígenas, munia-o dos conhecimentos necessários à vida errante nas florestas. O caboclo não aventava a possibilidade de elevar seu nível de vida por meio do trabalho metódico. Suas aspirações eram modestas, e não incluíam sequer a perspectiva de adquirir a propriedade da terra.²²⁸ Ademais, ele não contava com instituições sociais ou pequenos grupos que o vinculassem a uma localidade, como igrejas, escolas, associações comerciais e creditícias, e o barracão dos seringalistas, envolto em notícias de maus tratos, abusos, coação e escravidão por dívida, dificilmente constituía uma instituição capaz de promover a fixação do seringueiro e de sua família à terra.²²⁹

A avaliação de Smith quanto à produtividade agrícola nas grandes plantações do Sudeste e do Nordeste, responsáveis por *commodities* que tinham grande peso nos mercados internacionais, como o café, o açúcar, o algodão e o arroz, era igualmente negativa. Ainda que, de acordo com o sociólogo, algumas propriedades, especialmente em São Paulo, viessem introduzindo técnicas agrícolas aprimoradas, ele conclui que, em geral, as *plantations* faziam

²²⁵ SMITH, T. Lynn. “Leaves from My Diary”. In SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p. 99.

²²⁶ SMITH, T. Lynn. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*. Confidential Report, 20 jan. 1943. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor, p. 66.

²²⁷ Idem, pp. 63-65.

²²⁸ Ibidem, p. 66.

²²⁹ Ibid., p. 65-66.

uso excessivo de mão-de-obra pouco qualificada e não investiam nem capital nem maquinário no processo produtivo capaz de tornar o trabalho manual atraente e eficiente.²³⁰

No esforço de tornar inteligível a situação do trabalho e da produtividade no Brasil rural, Smith recorre a uma compreensão da história social do país que é devedora, sobretudo, de marcos interpretativos estabelecidos por Oliveira Vianna em *Populações Meridionais do Brasil*.²³¹ Nascido em uma família de fazendeiros no interior do Rio de Janeiro, e de formação jurídica, Vianna atuou como consultor do Ministério do Trabalho durante o Primeiro Governo Vargas e sua obra veio a ser identificada como uma das fontes de sustentação ideológica do regime de 1937. Vianna ficou conhecido pelas críticas ao ordenamento jurídico-político liberal instituído pela Primeira República, que estaria em descompasso com a realidade social brasileira mais profunda. Com base em um diagnóstico que apontava para a heterogeneidade sociocultural, regional e étnica do Brasil e para a ausência de formas amplas de solidariedade social para além do âmbito familiar capazes de conferir vertebração ao povo e às instituições do autogoverno, o autor de *Populações Meridionais do Brasil* prescrevia a ação virtuosa de um Estado forte e centralizador na organização da sociedade e na construção de uma ordem pública garantidora de direitos.²³² Ainda que a visão hierarquizante que se insinua na obra de Vianna, e que se evidencia, por exemplo, na sua adesão ao racionalismo, assim como seu encaminhamento político autoritário para os problemas da amorfia e do particularismo familista e desagregador contrastem com as premissas igualitaristas e participativistas da sociologia de Smith, a obra do escritor fluminense assumiu centralidade na leitura que o norte-americano desenvolveu a respeito do Brasil, especialmente em se tratando de suas considerações acerca do papel simplificador exercido por uma estrutura fundiária concentracionista, marcada pelo latifúndio, sobre a formação da sociedade brasileira e do insolidarismo social reinante no país. Com efeito, são essas teses, que conformam uma matriz autoritária de pensamento, e que encontram expressão paradigmática em *Populações*

²³⁰ Ibid., pp. 42-44.

²³¹ OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Populações meridionais do Brasil*. 4a ed., São Paulo: Companhia Nacional, 1938 [1920]. Valemo-nos da edição do livro de Vianna à qual Smith faz referência neste período. Além de *Populações*, o sociólogo rural também cita, em seus textos, *Evolução do Povo Brasileiro*.

²³² A controversa obra de Oliveira Vianna despertou as leituras e as reações as mais diversas, de rejeição e aprovação, que variaram conforme o contexto de recepção de seus trabalhos (Oliveira, 1993). Concentrando-se no teor sociológico dos textos de Vianna, diferentes autores têm procurado qualificar seu autoritarismo (se instrumental ou substantivo) assim como o horizonte político-normativo de suas reflexões sobre os dilemas da sociedade brasileira. Ver Santos (1978), Werneck Vianna (1997), além do livro organizado por Bastos & Moraes (1993). Mais recentemente, têm sido assinalados os desdobramentos de sua abordagem relativamente a determinadas questões-chaves da produção sociológica brasileira ulterior à institucionalização universitária das ciências sociais no país, como as possibilidades de ação coletiva, as relações público-privado no Brasil e as condições sociais para o exercício da democracia e da cidadania no país (Villas Bôas, 2004; Botelho, 2010; Brasil Junior, 2017; Lopes & Maio, 2017). As ideias de Vianna, como sugere o caso de Smith, tiveram repercussão, ademais, para além do contexto intelectual brasileiro.

Meridionais do Brasil, e não o conjunto da obra de Vianna, ou suas posições individuais quanto a este ou àquele tema, que devem ser consideradas no exame do diálogo que Smith travou com tradições locais de conhecimento ao tentar decifrar o país.²³³

Ao se voltar para a história, Smith recorre à ideia, presente em *Populações Meridionais do Brasil*, de que a colonização do território brasileiro a partir da grande propriedade rural havia representado uma ruptura com a tradição portuguesa da pequena propriedade, o que acabou sendo decisivo para a forma como a cultura e a sociedade brasileiras se estruturaram.²³⁴ Tal havia sido o poder modelador da grande propriedade rural na história do país, que ela estava na origem da forma rotineira, simplificada, com que a agricultura era praticada, com excessivo uso de mão-de-obra em detrimento do investimento em tecnologia, e isto se aplicava tanto às monoculturas exportadoras quanto à pequena agricultura de subsistência.²³⁵ As práticas de cultivo prevaletentes entre os camponeses portugueses haviam, no processo de ocupação dos novos territórios, cedido ao hábito das queimadas na preparação da terra para o plantio característico da cultura indígena. Conjugado ao forte e generalizado estigma que pesava sobre o trabalho braçal, herança de séculos de escravidão, o latifúndio estava na raiz de uma estrutura social rudimentar, composta, por um lado, por uma massa de trabalhadores rurais, sem terra e itinerantes, e, por outro, por elites proprietárias de fazendas avessas às tarefas manuais, em que não havia espaço para uma classe média de pequenos fazendeiros progressistas, dispostas a incrementar sua atividade produtiva em busca de níveis de vida mais elevados, rompendo com a inércia do caboclo e com os arcaísmos e práticas rotineiras do latifundiário.²³⁶

A forma de povoamento centrada na grande propriedade rural também havia resultado em uma distribuição dispersiva e isolacionista da população pelo território, afetando a forma como se constituíram os grupos de localidade (vizinhanças e comunidades), marcados

²³³ Análises circunstanciadas da elaboração de *Populações Meridionais do Brasil* têm assinalado tensões e soluções de continuidade nas interpretações sustentadas pelo autor ao longo da obra (Bittencourt, 2013). Para os fins da presente tese, interessa-nos, sobretudo, explorar determinadas teses expressas no livro de Vianna, especialmente a partir da Segunda Parte da obra, que, a despeito da maneira como se articulam logicamente ao restante da produção intelectual do autor, podem ser tomadas como marcos interpretativos da formação social brasileira conformadores de um estilo de pensamento, ou ainda, como forma coletivamente compartilhada e recorrente de compreensão do país.

²³⁴ SMITH, T. Lynn. *Brazil: the population and the relations of the people to the land*. Washington D.C.: United States Department of Agriculture, Office of Foreign Agricultural Relations, 20 ago. 1943. TLSP, Box 8, Folder 30, p.77. Cf. OLIVEIRA VIANNA. *Populações Meridionais do Brasil*, p. 44.

²³⁵ SMITH. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*, Confidential report, 20 jan. 1943. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor, pp. 40 – 41.

²³⁶ SMITH. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*, Confidential report, 20 jan. 1943. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor, p. 59.

por fracos laços de solidariedade para além do âmbito familiar. Em sua avaliação da comunidade rural no Brasil, Smith foi impactado pela tese do insolidarismo, também expressa classicamente por Oliveira Vianna em *Populações Meridionais do Brasil*, segundo a qual haveria uma “carência de instituições de solidariedade social em nosso povo”, isto é, de formas de associação ou “ação em conjunto” visando a interesses ou utilidades comuns, como as tradições de cooperação vicinal ou os conselhos comunais.²³⁷ Para Vianna, a amorfia da sociedade brasileira resultava do predomínio histórico do grande domínio rural, com sua independência socioeconômica, no processo de colonização do país, que ensejara círculos de solidariedade restritos aos clãs e às famílias, constituindo a “única forma de solidariedade social que realmente *sentimos*, [...] única que realmente praticamos”.²³⁸

Como se indicou no primeiro capítulo, a comunidade constituiu o objeto por excelência da Sociologia Rural nos EUA e os praticantes da disciplina se empenharam em provar a existência daquela enquanto agrupamento social empiricamente observável à medida que a própria razão de ser de sua especialidade científica dependida do conhecimento que afirmavam possuir das formas de vida associativa das zonas rurais. É deste modo que, ao invés de afirmar *tout court* a ausência de laços de solidariedade social amplos para além da família no Brasil, Smith irá enveredar por uma análise baseada em projeções quanto ao futuro das formas associativas de suas localidades rurais. Embora o sociólogo enxergue, partindo das teses de Oliveira Vianna, as formas de solidariedade como marcadas pelo familismo, sua aposta irá recair sobre a capacidade de expansão comunitária desses vínculos.

Smith afirma que as zonas rurais brasileiras estavam mais atrasadas do que os estados sulistas dos EUA em se tratando do desenvolvimento de suas comunidades, que permaneciam em um “estado amorfo”.²³⁹ O sociólogo enxerga no “clã” de Oliveira Vianna um “grupo de vizinhança”, unidade social anterior à comunidade na escala de desenvolvimento dos laços de solidariedade, em que prevaleciam relações face a face e práticas de ajuda mútua. Smith nota que, no Brasil, esses grupos eram formados, via de regra, por famílias que orbitavam os domínios de um fazendeiro. Embora não se detenha na qualificação dos vínculos de cooperação no interior desses grupos, o sociólogo não deixa de notar seu caráter assimétrico:

Há uma rica variedade de agrupamentos de vizinhança no Brasil. Em termos gerais, cada fazenda brasileira deve ser considerada como uma

²³⁷ OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Populações Meridionais do Brasil*. 4a ed., São Paulo: Companhia Nacional, 1938 [1920], p. 205.

²³⁸ Idem, p. 219, grifo do autor.

²³⁹ SMITH, T. Lynn. *Brazil: the population and the relations of the people to the land*, Washington D.C.: United States Department of Agriculture, Office of Foreign Agricultural Relations, 20 ago. 1943. TLSP, Box 8, Folder 30, p. 101.

vizinhança, embora muitas delas sejam suficientemente grandes e circunscrevam tão completamente as vidas de seus habitantes que entram para a categoria de comunidade. Isto se dá especialmente com as grandes fazendas de café em São Paulo, e com as usinas de açúcar, em que a colônia de trabalhadores é grande, onde existe uma capela e talvez uma escola no núcleo, e em que o grosso de todos os gêneros é vendido no depósito onde as famílias são obrigadas a fazer suas compras. Certamente, se esses pequenos mundos sociais também exercessem funções políticas, seriam classificados como comunidades. / Mas a maior parte das fazendas são menores, simples nódulos de povoação espalhados pela paisagem brasileira. Em cada uma dessas pequenas localidades, grandemente distanciadas uma da outra, vive um pequeno grupo de famílias – as do proprietário, seus parentes, e um número variado de empregados, agregados, camaradas, moradores e parceiros.²⁴⁰

Smith indica ainda a existência de “grupos de vizinhança” formados por famílias de “intrusos”, sitiantes e outras classes do povo, que não sofreram a influência e o controle de um fazendeiro, isto é, não se transformaram em seus camaradas e agregados”, vivendo nas encostas de serras, em casas de taipa ao longo do litoral, às margens dos rios ou em pequenas clareiras nas florestas. Todavia, de acordo com o sociólogo, considerando-se o insulamento físico, o horizonte social estreito e o exíguo número de relações que mantinham, circunscritos à área de sua residência, esses grupos não chegavam a constituir comunidades.²⁴¹

Afinado com as observações de Oliveira Vianna acerca do peso da solidariedade clânica e parental na história social do Brasil, Smith conclui que os vínculos familiares e vicinais absorviam quase que por inteiro as preocupações dos indivíduos, restando muito pouco para o desenvolvimento de atividades em “áreas maiores e mais completas de interação social, tal como a comunidade”.²⁴² Além do familismo, do isolamento geográfico e da autossuficiência econômica do latifúndio, o predomínio da agricultura de subsistência entre as camadas pobres, a rígida estrutura de classes e a baixa escolaridade da população dificultavam o desenvolvimento de comunidades rurais pujantes e integradas com base na construção de contatos e relações mais regulares entre os grupos locais de agricultores e as vilas e cidades.

Imbuído de otimismo sociológico, Smith acreditava, todavia, que o insolidarismo, longe de ser crônico, tendia a ceder lugar a associações mais frequentes, para fins de ação comum, para além dos locais de residência das famílias, o que constituía, propriamente, a “comunidade”, e isto na medida em que as relações entre os pequenos centros representados pelas sedes municipais e as populações dos arredores se estreitassem sob o influxo do desenvolvimento dos

²⁴⁰ Idem, pp. 99 – 100.

²⁴¹ Ibidem, p. 103.

²⁴² Ibid., p. 99.

meios de comunicação e transporte. Repetindo as observações de Galpin relativamente aos fazendeiros norte-americanos do Meio Oeste, Smith afirmava que o homem rural brasileiro não era “um homem sem comunidade”, ainda que os contornos geográficos desta ainda não estivessem completamente delimitados no presente e sua constituição plena se apresentasse apenas como uma tendência.²⁴³ Assim como vinha ocorrendo nos EUA, a modernização representada pela quebra do isolamento rural constituía uma mudança bem-vinda na medida em que ampliava os horizontes sociais dos agricultores e apontava para a promessa de elevação do seu patamar de consumo e bem-estar. À diferença da sociedade norte-americana, todavia, as comunidades rurais brasileiras em formação não pareciam correr o risco, na visão de Smith, da fragmentação e da pulverização ocasionadas pelo individualismo atomizador que irradiava das grandes cidades, que punha em xeque as formas tradicionais locais de solidariedade social. Em seus textos sobre o Brasil, não se encontram indicações equivalentes à preocupação que expressava, e que era comum a seus pares norte-americanos da Sociologia Rural, quanto à necessidade de redefinição do papel econômico desempenhado pelas vilas e aldeias dos EUA tendo em vista a sobrevivência destas enquanto lócus da vida comunitária local diante das forças da urbanização e da industrialização.²⁴⁴

Em realidade, o Brasil, aos olhos de Smith, poderia vir a realizar, no futuro, a utopia comunitarista de Galpin relativamente às “comunidades rurbanas”, isto é, áreas de interação social de fisionomia bem marcada, formadas a partir da integração das populações das fazendas a um único centro (sede municipal) para o qual convergiriam idealmente as funções políticas, religiosas, sociais e comerciais da localidade, à diferença do que parecia ser a tendência nos EUA, em que as famílias de fazendeiros estabeleciam vínculos, para propósitos variados (comerciais, recreativos, religiosos, educacionais) com distintas vilas e cidades, distribuindo de modo fragmentado laços de solidariedade entre diferentes centros.²⁴⁵

O potencial comunitário que Smith enxerga no Brasil resultava, a seu ver, de determinadas características da sociedade e da cultura do país. Enquanto a legislação dos EUA

²⁴³ Ibid., pp. 90.

²⁴⁴ Ver, a esse respeito, o primeiro capítulo.

²⁴⁵ SMITH, T. Lynn. *Brazil: the population and the relations of the people to the land*. Washington D.C.: United States Department of Agriculture, Office of Foreign Agricultural Relations, 20 ago. 1943. TLSP, Box 8, Folder 30, p. 93. Em artigo de 1944, Smith retoma a questão, afirmando que, por comparação com os EUA, o desenvolvimento de comunidades integradas no Brasil parecia mais promissor: “No futuro, o Brasil pode vir quase a realizar o sonho do Dr. Galpin quanto ao que poderia dar-se nos Estados Unidos. Uma grande porção das pequenas cidades podem vir a ser centros sociais e econômicos bastante completos em si para servir todos os sítios, fazendas, povoados e vilas nos municípios que trazem os seus nomes. Essas comunidades *rurbanas* consistirão, então, de um centro, além de uma zona tributária circundante num raio de 15 a 25 quilômetros do centro para o qual convergem as instituições”. SMITH, T. Lynn. *The locality group structure of Brazil*. *American Sociological Association*, v. 9, n. 1, 1944, p. 49.

permitia que as pequenas cidades do interior adquirissem autonomia desvinculando-se das áreas rurais circunvizinhas (“separate incorporation”), os municípios brasileiros, seguindo padrão mais centralizador, abrangiam necessariamente, e por força da lei, tanto as vilas que lhes serviam de sede como os distritos e as zonas rurais sob sua influência, tornando-se a unidade político-administrativa ideal em torno da qual a comunidade rural poderia crescer e fixar seus limites. Da mesma forma, a relativa homogeneidade religiosa do país, marcado pela forte ascendência da Igreja Católica, que contrastava com a variedade de denominações religiosas da América do Norte, somada à ausência de fortes clivagens segundo linhas de cor no interior das vizinhanças, contribuíam, na visão do sociólogo norte-americano, para tornar menos intrincada a estrutura das comunidades brasileiras emergentes, reforçando sua coesão, à diferença do que se observava no interior dos EUA.²⁴⁶

Embora Smith não o afirme, sua avaliação positiva dos fatores que seriam favoráveis à integração comunitária no Brasil estava em sintonia com tradições locais de pensamento que, preocupadas sobretudo com a construção da nacionalidade a partir de populações e regiões consideradas heterogêneas, enfatizavam a necessidade de políticas integradoras a partir do alto, do Estado, em nítido contraste com os valores do liberalismo individualista norte-americano. Com efeito, o que o sociólogo rural registra como fatos (as tendências integracionistas inscritas na sociedade e na cultura brasileiras) havia sido produto de ideais políticos de *nation-building*. O fato de Smith ter sido capaz de valorar positivamente esses elementos indica que, para além das conhecidas diferenças na cultura política dos dois países, havia pontos de contato entre as vertentes estatizantes do pensamento brasileiro do período, das quais as teses de Oliveira Vianna foram expressões significativas, e a revisão do *laissez-faire*

²⁴⁶ SMITH, T. Lynn. *Brazil: the population and the relations of the people to the land*, Washington D.C.: United States Department of Agriculture, Office of Foreign Agricultural Relations, 20 ago. 1943. TLSP, Box 8, Folder 30, pp. 92 – 94. Smith se surpreende com a onipresença das capelas e das igrejas-matrizes, que se sobressaíam na paisagem arquitetônica das pequenas vilas e cidades do interior do Brasil, e constituíam importantes marcadores na identificação dos moradores com a região e na construção de seu sentimento de pertencimento ao lugar. No caso das relações raciais, o sociólogo seguiu os passos de Donald Pierson em sua avaliação do peso relativo que a cor assumia na estruturação dos grupos e camadas sociais no Brasil (Maio & Lopes, 2017). A visão integracionista, pró-miscigenação, que constituía, segundo Pierson, a ideologia oficial do Brasil a respeito dos padrões de arranjo inter-racial que deveriam existir no país foi expressa, por sua vez, na obra de autores como Gilberto Freyre e Oliveira Vianna, guardadas as suas diferenças (Bastos, 1993). Os ideais integracionistas de Oliveira Vianna, que supunham uma aposta no branqueamento (étnico, racial) progressivo da população brasileira parece ter repercutido no pensamento de Smith, ademais, em sua reiteração da crença de que, no futuro, a sociedade brasileira seria cada vez mais branca do ponto de vista racial, crença que o sociólogo rural busca justificar, contudo, com base em considerações demográficas e sociológicas, como as ondas imigratórias de europeus a partir do século XIX e a maior vulnerabilidade e mortalidade da população negra em razão de suas condições de vida, e não a partir de uma suposta superioridade do material genético do branco sobre os demais grupos. SMITH, T. Lynn. *Brazil: the population and the relations of the people to the land*. Washington D.C.: United States Department of Agriculture, Office of Foreign Agricultural Relations, 20 ago. 1943. TLSP, Box 8, Folder 30, pp. 23-24.

operada pelo *New Deal*, que, no esforço de fazer frente à grande depressão que se abatera sobre a nação norte-americana, havia conferido relevo inaudito às possibilidades de o Estado intervir na sociedade, inaugurando a era dos experimentos em planejamento governamental e engenharia social, iniciativas das quais os sociólogos rurais participaram ativamente e que constituíram marco importante na consolidação de sua disciplina nos EUA.²⁴⁷ As afinidades transnacionais entre essas diferentes matrizes de pensamento tornar-se-ão ainda mais evidentes nas proposições de ordem prática elaboradas por Smith tendo em vista a aceleração do ritmo do processo de integração de famílias e grupos de vizinhança em comunidades e o incremento das condições de vida das populações rurais brasileiras, ideias que terão publicidade a partir do lançamento do livro *Brazil: People and Institutions*, de 1946, e de viagens que realiza ao Brasil nos anos que se sucederam ao conflito mundial, no início da Guerra Fria.

2.3. Sociologia rural e assistência técnica norte-americana na América Latina

A missão de Smith no Brasil em 1942 a serviço do Departamento de Estado e do Departamento de Agricultura dos EUA foi elemento importante para a legitimação da atividade profissional dos sociólogos rurais junto ao OFAR. A partir das experiências Smith no Brasil, de Carl Taylor na Argentina, e de Nathan Whetten no México, a agência passou a se valer, de modo regular, do auxílio de cientistas sociais para o desenho de suas políticas de cooperação técnica na América Latina, ligando-os especialmente às atividades de extensão rural que faziam parte dos programas de assistência técnica em agricultura levados a efeito pelo governo norte-americano e por instituições filantrópicas como a *Rockefeller Foundation* em países como Peru, Colômbia, Equador, El Salvador e Costa Rica, e que tinham por objetivo difundir, entre os agricultores, o conhecimento e as técnicas desenvolvidas nas estações agrícolas experimentais postas em operação em diversas localidades da América Latina mediante acordos bilaterais entre os EUA e os governos locais. De acordo com Leslie A. Wheeler, diretor do OFAR, a continuidade dos esforços para obter informações de natureza sociológica sobre os vários países das Américas do Sul e Central se justificava, ademais, em face da necessidade de o Departamento de Agricultura elaborar seus programas educacionais destinados a formar técnicos latino-americanos nos diversos ramos profissionais da agricultura, entre os quais se

²⁴⁷ Ao analisar em perspectiva transnacional as elucubrações jurídicas de Oliveira Vianna em torno do corporativismo, Teixeira (2018) assinalou o diálogo que o autor de *Populações Meridionais do Brasil* estabeleceu com estudiosos do direito norte-americano que buscavam um arcabouço jurídico e teórico compatível a um sistema político (o *New Deal* de Roosevelt) que, em sua visão, se colocava como alternativa tanto ao antigo liberalismo do *laissez-faire* quanto aos ‘totalitarismos’ europeu e soviético.

incluíam agentes de extensão rural, sem perder de vista as peculiaridades sociais e culturais da região:

Quando o Departamento de Agricultura iniciou seu programa de estágio para profissionais da agricultura oriundos das outras Repúblicas [americanas], tornou-se necessário explorar as possibilidades de se obter pessoas adequadamente treinadas para analisar os sistemas existentes de difusão de práticas, técnicas e habilidades agrícolas aperfeiçoadas. A fim de que esse programa seja realizado, é essencial ter-se a descrição dos serviços existentes voltados para a disseminação do conhecimento agrícola refletidos contra um pano de fundo que indique a composição da população, as relações prevalecentes do homem com a terra, o padrão geral de organização social rural, e os padrões de vida do país em questão. Caso estejam faltando instalações educacionais do tipo em questão, ou caso essas existam apenas de forma embrionária em um dado país, é, ainda assim, essencial saber o real estado de coisas. O trabalho do tipo que foi realizado em 1942 por três sociólogos rurais enviados pelo Departamento de Estado à Argentina, ao Brasil e ao México, e aquele que acaba de se iniciar no Peru, é extremamente útil.²⁴⁸

Os quadros dirigentes do OFAR haviam se convencido de que o trabalho dos sociólogos rurais era pertinente na medida em que a transmissão de práticas modernas de cultivo a partir das estações agrícolas somente poderia ser planejada e implementada de modo inteligente e eficaz se precedida pela inspeção minuciosa das condições sociais e culturais e da estrutura das comunidades que eram objeto dos planos de racionalização da agricultura, centrados no aumento da produção de materiais estratégicos e bens primários considerados “complementares”, isto é, não-competitivos com aqueles disponíveis no mercado norte-americano.²⁴⁹

Para o processo de rotinização da atividade de pesquisas em Sociologia Rural a cargo do OFAR muito contribuíram os estudos sobre extensão rural realizados por Charles Loomis no Peru e por Smith na Colômbia. Antigo aluno de Carl Taylor no *North Carolina Agricultural College* e com doutorado em Harvard, para onde se dirigira no início dos anos 1930 a fim de acompanhar as aulas de Pitirim Sorokin, Loomis integrava os quadros da *Division of Farm Population and Rural Welfare* do Departamento de Agricultura, divisão chefiada por Taylor, quando foi convidado, no início de 1943, para conduzir investigações na estação agrícola

²⁴⁸ WHEELER, Leslie A. [Director, OFAR]. *Memorandum to the Department of State*. 1943. TLSP, Box 9, Folder 49, pp. 1-2.

²⁴⁹ ALLEE, Ralph H. [Chief, Division of Latin American Agriculture, OFAR] [Carta] 26 fev. 1944, Washington D.C. [para] HINES, Lee [Director, Estacion Experimental Agricola del Ecuador], Quito. 1f. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects – Rural Sociology 2.

experimental de Tingo Maria, no Peru, especializada no cultivo e extração de matérias primas utilizadas na fabricação de borracha e quinina.²⁵⁰ Além de delinear o quadro vigente das práticas de cultivo, níveis e padrões de vida das populações peruanas a fim de que o impacto do trabalho de extensão agrícola nas localidades pudesse ser avaliado, o estudo de Loomis apontava para os canais de comunicação informais, pré-existentes, das comunidades que deveriam ser empregados para a transmissão do conhecimento técnico-científico relativo à produção de modo que este fosse aceito pelos agricultores.²⁵¹ Recorrendo a um expediente argumentativo que havia se tornado habitual entre os sociólogos rurais desde os trabalhos de Charles Galpin, Loomis afirmava que as políticas de extensão rural não operavam em um vazio de relações sociais, devendo seus planejadores levar em consideração as “lideranças naturais” existentes nas comunidades que, por deterem prestígio social, constituíam atores-chaves na propagação das novas técnicas vindas de fora e importantes vocalizadores das necessidades e problemas das localidades tais como percebidos pela ótica dos seus habitantes.²⁵² Na esteira dos testes sociométricos de Jacob L. Moreno, que provocaram uma verdadeira febre, nos EUA dos anos 1930, entre sociólogos e psicólogos interessados no estudo dos “pequenos grupos” e das relações interpessoais (Immerwahr, 2015), Loomis buscou avaliar a natureza e mensurar a força dos vínculos que as famílias de colônias agrícolas peruanas mantinham entre si com base na frequência com que elas se visitavam ou prestavam auxílio umas às outras a fim de mapear as redes de relações que formavam a trama viva da comunidade.²⁵³

O apelo do estudo de Loomis residia em grande medida em sua abordagem quantitativa, repleta de diagramas (“sociogramas”) e expressa em linguagem matemática. Os resultados de sua investigação receberam a aprovação entusiasmada do agrônomo e especialista em solo Ross E. Moore, diretor-assistente do OFAR, que, em janeiro de 1944, escrevera ao chefe da estação agrícola experimental do Equador, Lee Hines, assinalando os méritos do trabalho: “A maioria de nós sabe que um dos problemas mais difíceis com que nos defrontamos no desenvolvimento do fornecimento adequado de produtos estratégicos e complementares é aquilo que pode ser

²⁵⁰ Informações biográficas sobre Charles Loomis encontram-se na entrevista que o sociólogo concedeu a J. Thomas May e Peter K. New em 1979. VAN WILLIGEN, J.; MAY, Thomas & NEW, Peter. *Conversation with one of Sfaa's founders. An interview of Charles Loomis*. Society for Applied Anthropology Oral History Project, University of Kentucky, 1979. Disponível em: <http://sfaa.net/news/index.php/archive/vol-24-2013/vol-24-3-feb-2013/oral-history-project/conversation-one-sfaas-founders-interview-charles-p-loomis/>. Acesso em 10/10/2017.

²⁵¹ LOOMIS, Charles. *Extension work at Tingo Maria, Peru*. 28 dez. 1943. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 43, Reports – Charles Loomis, pp. 10 – 12.

²⁵² Idem.

²⁵³ Ibidem.

denominado o problema humano”.²⁵⁴ Moore informava a M. L. Wilson, diretor dos Serviços de Extensão Rural do Departamento de Agricultura, estar “complemente convencido da contribuição que pelo visto a Sociologia Rural e a Antropologia Aplicada podem fazer ao desenvolvimento do trabalho de extensão para o nosso Escritório”.²⁵⁵

Um dos desdobramento da pesquisa de Loomis no Peru foi sua nomeação para a chefia da *Division of Extension and Training* do OFAR, onde deveria supervisionar as atividades a serem desenvolvidas no âmbito do “Foreign Agriculture Rural Sociological Project”, iniciado em outubro de 1943.²⁵⁶ Elaborado em conjunto com a divisão chefiada por Carl Taylor, o projeto estipulava o provimento de auxílio de cientistas sociais no planejamento dos serviços de extensão rural em países latino-americanos, a realização de estudos sobre colonização e povoamento, a coleta de dados referentes à população e à organização social rural e a elaboração e avaliação dos programas de treinamento do Departamento de Agricultura destinados à formação de técnicos para a região.²⁵⁷

Ao deixar o OFAR em agosto de 1944 para ingressar no Departamento de Sociologia e Antropologia do *Michigan State College*, Loomis foi substituído pelo sociólogo rural Olen Leonard, que passara a trabalhar no órgão em fins de 1943 por indicação de Smith. À frente da *Division of Extension and Training*, Leonard produziu estudos sobre os grupos de localidade, posse da terra e atitudes de populações rurais do Equador tendo em vista o desenvolvimento de serviços de extensão rural e projetos de colonização no país, além de auxiliar os governos do Peru e da Guatemala na formulação de programas de educação rural.²⁵⁸ Em fins dos anos 1940, assumiu o cargo, em substituição a Loomis, o sociólogo rural e antropólogo Glenn Taggart, que havia colaborado com o estabelecimento dos serviços de extensão rural e educação de adultos

²⁵⁴ MOORE, Ross E. [Carta] 21 jan. 1944, Washington D.C. [para] HINES, Lee [Director, Estacion Experimental Agricola del Ecuador], Quito. 1f. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects – Rural Sociology 2.

²⁵⁵ MOORE, Ross E. [Carta] 18 jan. 1944, Washington D.C. [para] WILSON, M. L., Washington D.C. 1f. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects-Rural Sociology 2.

²⁵⁶ ESTADOS UNIDOS. *Memorandum of agreement between the Office of Foreign Agricultural Relations and the Bureau of Agricultural Economics, United States Department of Agriculture*, 15 out. 1943. 3f. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects – Rural Sociology.

²⁵⁷ Idem. A respeito do projeto, ver ainda: ALLEE, Ralph H. [Chief, Division of Latin American Agriculture, OFAR] [Carta] 16 out. 1943, Washington D.C. [para] TAYLOR, Carl, Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 19, Extension Work.

²⁵⁸ LOOMIS, Charles; PROVINCE, John H; SETZIER, F. M.; STEWARD, Julian; DUNCAN, W. Rural sociologists in Latin America. *Applied Anthropology*, v. 4, n. 4, 1945, pp.50-52. Um dos estudos de Leonard no Equador foi publicado em relatório do OFAR: LEONARD, Olen E. *Pichilingue: a study of rural life in Coastal Ecuador*. Foreign Agriculture Report n. 7. Office of Foreign Agricultural Relations, Washington D.C., mar. 1947.

da estação agrícola experimental de El Salvador.²⁵⁹ Embora não tenham sido examinados em profundidade pela literatura, esses trabalhos, somados às pesquisas de escopo mais abrangente conduzidas por Smith na Colômbia, por Nelson em Cuba e por Leonard na Bolívia, em missões conjuntas do Departamento de Agricultura e do Departamento de Estado, representaram um dos esforços mais significativos, no âmbito das políticas de assistência técnica dos EUA, em prol da promoção de investigações sociológicas sistemáticas na América Latina, esforços que somente encontram equivalente, nos anos 1940, nas atividades levadas a cabo na região pelos antropólogos e sociólogos a serviço do programa de cooperação científica do *Institute of Social Anthropology* da *Smithsonian Institution* (Figueiredo, 2009; Faulhaber, 2011).²⁶⁰

As missões internacionais de Smith durante a guerra influíram decisivamente sobre a construção do espaço que as ciências sociais vieram a ocupar nos programas de assistência técnica a cargo do OFAR. Após concluir seu relatório final acerca do Brasil, o sociólogo partiu, em setembro de 1943, para a Colômbia, onde colaborou na elaboração das políticas governamentais destinadas à colonização de terras e à reforma agrária, além de examinar as condições sociais e culturais locais tendo em vista o desenvolvimento de serviços de extensão rural em torno de importantes estações agrícolas do país (Cronshaw, 1982; Lorek, 2013).²⁶¹ Em seguida, em dezembro daquele ano, Smith conduziu investigações em El Salvador a fim de sondar as possibilidades de difusão de técnicas agrícolas avançadas entre os agricultores

²⁵⁹ LOOMIS, Charles; PROVINCE, John H; SETZIER, F. M.; STEWARD, Julian; DUNCAN, W. Rural sociologists in Latin America. *Applied Anthropology*, v. 4, n. 4, 1945, pp.50-52

²⁶⁰ Referências aos diferentes estudos conduzidos por sociólogos rurais a cargo do OFAR encontram-se em: LOOMIS, Charles; PROVINCE, John H; SETZIER, F. M.; STEWARD, Julian; DUNCAN, W. Rural sociologists in Latin America. *Applied Anthropology*, v. 4, n. 4, 1945, pp.50-52; LESSER, Alexander. *Survey of Research on Latin America*. Washington D. C.: Committee on Latin American Anthropology, Division of Anthropology and Psychology, National Research Council, Agosto 1946, pp. 75-82; TAYLOR, Carl. Early Rural Sociological Research in Latin America. *Rural Sociology*, v. 25, n. 1, 1960, pp.1-8; NELSON, Lowry. Rural Sociology: Some Inter-American Aspects. *Journal of Inter-American Studies*, v. 9, n. 3, 1967, pp. 323 – 338. Como indicam cartas trocadas entre Charles Loomis e Julian Steward, antropólogo então à frente das atividades do *Institute of Social Anthropology* em Washington, houve tentativas de coordenação das atividades dos pesquisadores do OFAR e da *Smithsonian* em países onde ambos os grupos atuavam, como o Peru. LOOMIS, Charles P. [Carta] 4 jan. 1944, East Lansing. [para] STEWARD, Julian, Washington D.C. 1f. National Anthropological Archives, Suitland (Maryland), Records of the Institute of Social Anthropology, Box 8, L Correspondence, 1940-52.

²⁶¹ Em análise retrospectiva, Smith assinala a importância geopolítica e estratégica dos acordos de cooperação dos EUA com o governo colombiano no âmbito da agricultura, que se concluíram depois da visita de uma missão de representantes da Colômbia a Washington: “Em meio à preocupação vital com a defesa do Canal do Panamá, em um tempo em que submarinos alemães estavam causando estrago no Caribe (e alguns deles sendo abastecidos no Rio Hacha e em outros pontos da costa da Colômbia), quando esforços para se construir a rodovia interamericana estavam sendo envidados freneticamente, quando parecia provável que os alemães conseguiriam se apossar de Dakar, e num período em que, 40 anos depois do ‘Incidente do Panamá’, o governo colombiano raramente tinha coisas boas a dizer sobre os Estados Unidos, a presença da Missão veio como maná dos céus”. SMITH, T. Lynn. *As it passes before my eyes: a narrative with accompanying documents of some of the more significant developments in man-land relationships in Colombia since 1940*. Prepared for the Conference on ‘Modern Colombia: The Challenge of Regional Diversity’ at the University of Alabama, March 11-13, 1974. TLSP, Box 9, Folder 17, p. 16.

locais.²⁶² Smith tornou a realizar breves visitas à Colômbia em 1944, 1945 e 1946, envolvendo-se com os programas dos setores liberais e reformadores das classes dirigentes do país voltados para a remodelação da agricultura e das relações sociais no campo, iniciativas que contaram com o apoio de instituições como a *Rockefeller Foundation* e que convergiam, em seus objetivos, segundo o sociólogo, com os ideais que advogava para as populações rurais: um mundo de pequenas comunidades de famílias fazendeiras de classe média.²⁶³ Ainda a serviço do OFAR, Smith retornou ao Brasil em agosto de 1945, permanecendo no país durante três meses a fim de examinar os programas de colonização em curso no estado de Goiás e as possibilidades de organização comunitária que se abriam diante das intenções do governo brasileiro de aproveitar o potencial hidrelétrico do Rio São Francisco.²⁶⁴ Concebido nos moldes do empreendimento modernizador levado a cabo pela *Tennessee Valley Authority* em áreas rurais estagnadas do Vale do Tennessee, iniciativa que se tornou um dos principais marcos dos experimentos de engenharia social do *New Deal*, o plano de construção de usinas nas cachoeiras de Paulo Afonso constituía a pedra angular de ambicioso projeto de desenvolvimento econômico e integração regional acalentado pelas autoridades brasileiras.

Os estudos de Smith tiveram forte acolhida entre os dirigentes do OFAR. Sua investigação sobre os níveis e padrões de vida, a distribuição da posse da terra, as técnicas agrícolas e o perfil demográfico do pequeno município rural de Tabio, nas proximidades de Bogotá, foi considerada um exemplo do trabalho que os sociólogos rurais poderiam desenvolver para o órgão.²⁶⁵ Nas palavras de Olen Leonard: “A reação de [Ross] Moore [diretor-assistente

²⁶² Sobre as missões de Smith na Colômbia e em El Salvador neste período, ver: SMITH, T. Lynn [Carta] 4 jan. 1944, Washington D.C. [para] HULL, Cordell, Washington D.C. 2f. TLSP, Box 9, Folder 65. Os relatórios de Smith produzidos por ocasião dessas viagens foram publicados na forma de artigos. SMITH, T. Lynn. The cultural setting of agricultural extension work in Colombia. *Rural Sociology*, v. 10, n. 3, pp.235-246; SMITH, T. Lynn. Notes on Population and Rural Social Organization in El Salvador. *Rural Sociology*, v. 10, n. 4, 1945, pp. 360-379.

²⁶³ SMITH, T. Lynn. *As it passes before my eyes: a narrative with accompanying documents of some of the more significant developments in man-land relationships in Colombia since 1940*. Prepared for the Conference on ‘Modern Colombia: The Challenge of Regional Diversity’ at the University of Alabama, March 11-13, 1974. TLSP, Box 9, Folder 17.

²⁶⁴ SMITH, T. Lynn. *Colonization and settlement in Central Goiaz*, jan. 1946. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1946 – 1949. Brazil, Box 533 Folder “Land Policies 1946-1949”; SMITH, T. Lynn. *Report on the population and social organization in the central portion of the Sao Francisco Valley*, 24 jan. 1946. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 98, Reports Brazil; DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Possibilidades de Imigração e Colonização da Zona em que está situada a Paulo Afonso. Chegaram ontem ao Recife, procedentes de Itaparica, os professores norte-americanos T. Lynn Smith e Hilgard O’Reilly Sternberg, da Universidade do Brasil – Suas declarações ao ‘Diário. *Diário de Pernambuco*, 25 de agosto de 1945, p.3.

²⁶⁵ SMITH, T. Lynn. *Tabio: a study in rural social organization*. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 68, TABIO.

do OFAR] foi a de que [o relatório] deve ser publicado o quanto antes em benefício daqueles que ainda não estão certos do que a pesquisa em Sociologia Rural tem a oferecer”.²⁶⁶

As missões de Smith no Brasil, na Colômbia e em El Salvador durante a guerra serviram ainda para que selasse em definitivo sua reputação enquanto especialista em assuntos latino-americanos junto aos círculos governamentais. A maior indicação a esse respeito foi o convite que recebeu de Ralph H. Allee, responsável pela *Division of Latin American Agriculture* do OFAR, para que se tornasse chefe da *Division of Extension and Training*, encarregando-se das atividades de pesquisa em ciências sociais que comporiam a seção de colaboração técnica da agência na América Latina, proposta que Smith não aceitou, optando, em lugar de uma posição na burocracia do Estado, por dar continuidade à carreira acadêmica.²⁶⁷

A recusa de Smith em integrar os quadros do Departamento de Agricultura pode ser compreendida quando se tem em vista que seus interesses primaciais giravam em torno da consolidação, a partir da universidade, do campo da Sociologia Rural nos EUA, campo relativamente recente para cuja construção o sociólogo havia participado ativamente ao se envolver, ainda em fins dos anos 1930, na fundação tanto de sua associação profissional quanto de seu periódico.²⁶⁸ As tarefas delineadas pelo OFAR parecem ter sido aceitas de bom grado por Smith somente à medida que lhe acenavam para o acúmulo de informações sociológicas acerca de países como Brasil e Colômbia e para o incremento nas relações acadêmicas internacionais, constituindo um canal para a expansão das pesquisas e do círculo de atores envolvidos com a Sociologia Rural para além do território norte-americano.²⁶⁹

²⁶⁶ LEONARD, Olen E. [Carta] 14 out. 1944, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 68, TABIO.

²⁶⁷ ALLEE, Ralph H. [Carta] 22 jul. 1944, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Bogotá. 3f. TLSP, Box 14, Folder 13.

²⁶⁸ Em entrevista, Charles Loomis, colega de Smith que dedicou os dez primeiros anos de sua carreira à burocracia do Estado, trabalhando na divisão de Taylor e também no OFAR, antes de se tornar professor no *Michigan State College*, chama a atenção para as diferenças de status existentes entre posições no governo e no mundo acadêmico e para a primazia que o sistema de valores do mundo científico assumia mesmo para os sociólogos rurais associados profissionalmente ao funcionalismo público, fator que igualmente auxilia na compreensão das escolhas profissionais de Smith: “[...] todos nós, na *Division [of Farm Population and Rural Life]*, do Departamento de Agricultura], sentíamos que era necessário manter nossas ‘raízes’, por assim dizer, na academia, e nós recebíamos bons recursos para viagens. Esperava-se que nós comparecêssemos aos congressos e apresentássemos trabalhos. Nós sabíamos que não éramos tão bem avaliados como os acadêmicos. Era muito difícil ter suas publicações avaliadas da maneira que eles tinham as deles. Mas nós sabíamos que o nosso sistema de classificação vinha da nossa comunidade profissional. Sabíamos que tínhamos que manter esses contatos”. VAN WILLIGEN, J.; MAY, Thomas & NEW, Peter. *Conversation with one of Sfaa’s founders. An interview of Charles Loomis*. Society for Applied Anthropology Oral History Project, University of Kentucky, 1979. Disponível em: <http://sfaa.net/news/index.php/archive/vol-24-2013/vol-24-3-feb-2013/oral-history-project/conversation-one-sfaas-founders-interview-charles-p-loomis/>. Acesso em 10/10/2017.

²⁶⁹ No início de 1945, diante das incertezas quanto à disponibilidade orçamentária do OFAR, Smith chegou a cogitar a possibilidade de aceitar uma proposta da *Inter-American Educational Foundation*, agência criada pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* em 1941, para examinar o problema da debilidade da

2.4. Smith e a área de estudos latino-americanos

A agenda acadêmica que Smith perseguiu na América Latina se evidencia desde as primeiras viagens do sociólogo à região. Dos seus relatórios de pesquisa para as agências governamentais norte-americanas, ele extraiu uma quantidade apreciável de artigos científicos publicados em revistas como *Rural Sociology*, *American Sociological Review*, *Social Forces*, *Journal of Land and Public Utility Economics*, *Inter-American Economic Affairs*, *Sociologia* e *Revista Brasileira de Geografia*, além de livros como *Brazil: People and Institutions* (1946) e *Colombia: Social Structure and the Process of Development* (1967). Em 1943, o sociólogo foi indicado por Dwight Sanderson, então presidente da *American Sociological Society*, para presidir o *Committee on Sociology in Latin American Countries* da associação, grupo responsável por examinar as possibilidades de cooperação acadêmica entre os sociólogos das Américas do qual participaram Carl Taylor, Nathan Whetten, Donald Pierson, Clarence Senior, William Rex Crawford e Franklin Frazier.²⁷⁰ Ele foi convidado ainda, em 1944, para integrar o *Joint Committee on Latin American Studies*, vinculado ao *National Research Council*, ao *American Council of Learned Societies* e ao *Social Science Research Council*, associações dedicadas a políticas de fomento à atividade científica.

Ao longo de sucessivas visitas ao Brasil nos anos 1940, Smith procurou tecer uma rede de contatos locais que pudessem servir como vetores para o desenvolvimento e a circulação de conhecimento nos marcos da Sociologia Rural que praticava nos EUA, buscando, ao mesmo tempo, garantir sua posição como mediador, ou elo de ligação, nessas trocas. Durante a guerra, quando exerceu a função de analista agrícola da embaixada norte-americana no Rio de Janeiro, Smith retomou suas atividades no terreno das relações culturais, que tiveram início em 1939, o que lhe ofereceu a oportunidade de circular entre os meios intelectuais brasileiros, criando e reforçando vínculos no país. Em junho de 1942, o sociólogo participou, em Goiânia, do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, apresentando trabalho acerca das relações entre as políticas educacionais norte-americanas e o fenômeno da

educação básica no Brasil a fim de poder retornar ao país e incrementar os dados acerca das populações rurais que havia obtido durante sua viagem de 1942. SMITH, T. Lynn [Carta] 6 jan. 1945, Baton Rouge. [para] ALLEE, Ralph H., Washington D.C. 1f; ALLEE, Ralph H. [Carta] 10 fev. 1945, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. TLSP, Box 10, Folder 32.

²⁷⁰ Nas palavras de Sanderson: “Espero realmente que você esteja disposto a atuar como presidente desse grupo uma vez que acredito que você conhece melhor do que qualquer outra pessoa a situação da América Latina como um todo”. SANDERSON, Dwight. [Carta] 28 abril 1942, Ithaca [para] SMITH, T. Lynn., Rio de Janeiro. 1f. TLSP, Box 13, Folder 1.

migração campo-cidade.²⁷¹ No Rio de Janeiro, a convite de Arthur Ramos, encarregou-se de conferência na Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, grupo da Universidade do Brasil, tratando da importância de análises envolvendo a composição étnica das populações e, por sugestão da embaixador Jefferson Caffery, realizou ainda uma apresentação no Instituto Brasil – Estados Unidos sobre o tema das mudanças que vinham ocorrendo no perfil demográfico da sociedade norte-americana.²⁷² A tarefa que mais demandou tempo de Smith no setor cultural, todavia, foi o curso de Sociologia Rural que ministrou em São Paulo. De maio a dezembro de 1942, ele ficou responsável por um “Seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Análise Populacional e Sociologia da Vida Rural” no Departamento de Sociologia e Antropologia da Escola de Sociologia e Política (ELSP) com base em acordo entre a instituição, o governo de São Paulo e a embaixada norte-americana, que custeou suas viagens à capital paulista para aquele fim. O acordo, que foi costurado por Donald Pierson, previa a condução, sob a supervisão de Smith, de trabalhos de campo em comunidades rurais do estado de São Paulo pelos estudantes, que ao fim do curso procederiam à análise do material coletado e forneceriam ao sociólogo o direito sobre o uso dos resultados das pesquisas.²⁷³

No início dos anos 1940, Smith, que havia se tornando “liaison editor” da revista *Rural Sociology* para a América Latina, buscou atrair interessados em se associar ao periódico no Brasil. Obteve de Antônio Carneiro Leão, catedrático de Administração Escolar e Educação Comparada do Curso de Pedagogia e Didática da Faculdade Nacional de Filosofia e autor, entre outras obras, de *A sociedade rural, seus problemas e sua educação* (1940), o aceite para que atuasse como editor colaborador da revista.²⁷⁴ Além de Carneiro Leão, Carlos Borges Schmidt, engenheiro agrônomo e funcionário da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo que frequentou o curso de Smith na ELSP, e o antropólogo Emílio Willems, professor da ELSP e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, conhecido por suas pesquisas sobre cultura cabocla e aculturação de imigrantes alemães no Brasil, acabaram publicando artigos, por intermédio de Smith, no periódico dos sociólogos rurais norte-

²⁷¹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Notáveis educadores estrangeiros no Congresso de Goiânia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1942, Primeira Seção, p. 6.

²⁷² A MANHÃ. Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1942, p. 5; A MANHÃ. Conferências. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1942, p. 7.

²⁷³ PIERSON, Donald. [Carta] 22 abril 1942, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn., Rio de Janeiro. 1f. TLSP, Box 11, Folder 26.

²⁷⁴ SMITH, T. Lynn [Carta] 23 dez. 1943, Baton Rouge. [para] CARNEIRO LEÃO, Antônio, Rio de Janeiro. 1f. TLSP, Box 13, Folder 14.

americanos.²⁷⁵ Junto a Arthur Ramos, importante mediador entre Smith e os círculos intelectuais brasileiros, o sociólogo acordou ainda a tradução, pela Casa do Estudante do Brasil, do seu livro *The Sociology of Rural Life*, obra publicada no país em 1946 que contava com revisão e prefácio do antropólogo brasileiro.²⁷⁶

A formação acadêmica de brasileiros nos EUA também permanecia nos horizontes de Smith. Em 1942, ele esteve por trás das negociações que levaram Hilgard O'Reilly Sternberg, formado no curso de História e Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi), à pós-graduação em Geografia na *Louisiana State University*. O estabelecimento de contatos com geógrafos brasileiros se compreende quando se tem em vista que Smith se valeu de informações provenientes de órgãos como o Conselho Nacional de Geografia e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na elaboração de suas análises sobre o Brasil.²⁷⁷ Durante visita ao país em 1945, quando, a serviço do Departamento de Agricultura norte-americano, analisou processos de colonização em curso no Centro-Oeste do país, o sociólogo foi acompanhando por Sternberg em viagens de estudo à região Nordeste. Na ocasião, Smith se pôs à procura de candidatos à bolsa de mestrado para o curso de Sociologia Rural na Louisiana. Escrevendo a Sternberg, afirmou: “Como você sabe, estou bastante ansioso para tomar parte no treinamento de especialistas brasileiros neste campo [Sociologia Rural] de modo que possamos manter relações estreitas de cooperação ao longo dos anos”.²⁷⁸ A ideia, conforme carta do geógrafo a Smith permite entrever, era formar “líderes no campo da Sociologia” capazes de agir de modo coordenado com o sociólogo rural norte-americano.²⁷⁹ O plano começou a se materializar com a viagem de estudos aos EUA, em 1946, de José Arthur Rios, que frequentara as primeiras turmas de ciências sociais da FNFi e que Smith conhecera por intermédio de Sternberg.²⁸⁰ Ao lado de José Vicente de Freitas Marcondes, que também realizou a pós-graduação sob a orientação do sociólogo em

²⁷⁵ WILLEMS, Emílio. Some aspects of cultural conflict and acculturation in Southern Rural Brazil. *Rural Sociology*, v. 7, n. 4, 1942, pp. 375-84; SCHMIDT, Carlos Borges. Systems of Land Tenure in São Paulo. *Rural Sociology*, v. 8, n. 3, 1943, pp. 242-47; CARNEIRO LEÃO, Alberto. Problems of Rural Society in Brazil. *Rural Sociology*, v. 9, n. 2, 1944, pp. 170 – 177;

²⁷⁶ Ver, a esse respeito, a correspondência entre Arthur Ramos e T. Lynn Smith. AAR.

²⁷⁷ Ver, por exemplo, SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, pp. 815-816.

²⁷⁸ SMITH, T. Lynn [Carta] 29 jan. 1945, Baton Rouge [para] STERNBERG, Hilgard, Rio de Janeiro. 1f. TLSP, Box 15, Folder 1.

²⁷⁹ STERNBERG, Hilgard [Carta] 8 dez. 1944, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. TLSP, Box 15, Folder 1.

²⁸⁰ STERNBERG, Hilgard [Carta] 1 mar. 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. TLSP, Box 15, Folder 1.

Louisiana em fins dos anos 1940, Rios se tornou um dos principais elos de ligação de Smith com o Brasil.²⁸¹

Smith começou a colher os primeiros frutos de suas atividades no terreno da aproximação cultural entre Brasil e EUA no pós-guerra. Em 1946, o sociólogo foi convidado a ministrar um dos primeiros cursos de extensão da Universidade do Brasil a partir de negociações envolvendo a embaixada norte-americana no Rio de Janeiro, Hilgard Sternberg, que ingressara no corpo docente da FNFfi, assumindo a cadeira de Geografia Brasileira, e Carneiro Leão, que havia se tornado diretor daquela faculdade com o fim do Estado Novo. A viagem foi patrocinada pela *Division of Cultural Cooperation* do Departamento de Estado e realizou-se entre julho e setembro de 1946, durante o recesso acadêmico da *Louisiana State University*.²⁸² Organizado sob os auspícios do Departamento de Geografia, e tendo como referência os cursos de verão das universidades norte-americanas, o curso de Smith tratou das técnicas necessárias a uma “Análise das Populações” aplicada ao Brasil, abrangendo fenômenos como o crescimento populacional, natalidade e mortalidade, migrações e densidade demográfica.²⁸³ O público das aulas era constituído, majoritariamente, por professores de geografia das escolas secundárias e por quadros do Conselho Nacional de Geografia.²⁸⁴ A realização do curso, que coincidiu com a publicação, em inglês, de seu monumental livro sobre o Brasil e da tradução do seu volume introdutório à Sociologia Rural, foi seguida da condecoração do sociólogo norte-americano com o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade do Brasil, que recebeu do conselho universitário por sugestão de Carneiro Leão.²⁸⁵ Essa foi a primeira honraria que autoridades brasileiras concederam a Smith, a que vieram se somar título idêntico fornecido pela Universidade de São Paulo, em 1946, e a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, que o sociólogo recebeu na Flórida, em 1953,

²⁸¹ Tais vínculos se refletem na extensa correspondência que Smith manteve, até o final de sua carreira, no início dos anos 1970, com Rios e Freitas Marcondes. Cf. TLSP.

²⁸² COLLIGAN, Francis J. [Acting Assistant Chief, Division of International Exchange of Persons] [Carta] 6 maio 1946, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. TLSP, Box 10, Folder 33.

²⁸³ Smith também ministrou curso em Sociologia Rural na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, instituição que se propusera a hospedar o sociólogo durante sua permanência no país; doze aulas sobre o mesmo tema no Ministério da Agricultura, a pedido de João Gonçalves de Souza; duas conferências no Instituto Brasil – Estados Unidos; e uma terceira no Conselho Nacional de Geografia sobre os sistemas agrícolas prevaletentes no Brasil. SMITH, T. Lynn, Baton Rouge [Carta] 25 set. 1946, Baton Rouge [para]. BRICKELL, Herschel. [Division of Cultural Cooperation, Department of State], Washington D.C. 4f. TLSP, Box 10, Folder 34.

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ AZEVEDO DO AMARAL, Ignácio. [Reitor, Universidade do Brasil] [Carta] 5 ago. 1946, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Rio de Janeiro. 1f. TLSP, Box 10, Folder 33; CARNEIRO LEÃO, Antônio [Carta] 24 set. 1946, Rio de Janeiro [para] PAWLEY, William [Embaixador dos EUA no Brasil], Rio de Janeiro. 2f. TLSP, Box 10, Folder 34.

das mãos do vice-cônsul Clovis Nogueira da Silva, após ter atuado, como veremos na próxima seção, como consultor do governo brasileiro em planos de reforma agrária.²⁸⁶

Ao final de sua viagem de 1946 ao Brasil, Smith informou ao Departamento de Estado que Carneiro Leão e Sternberg constituíam valiosos aliados no empenho do governo norte-americano em fortalecer os laços acadêmicos com o país. Nas palavras do sociólogo, Carneiro Leão havia dado provas de ser “um genuíno líder no campo das relações interculturais” ao passo que Sternberg deveria ser considerado um dos professores brasileiros que “mais estavam fazendo para reorganizar o ensino superior no Brasil nos moldes com os quais se familiarizou ao realizar os estudos pós-graduados nos Estados Unidos”.²⁸⁷

O ponto culminante dos esforços de Smith para promover uma verdadeira rede de cooperação acadêmica entre Brasil e EUA foi sua atuação como primeiro diretor, entre 1947 e 1949, do *Institute of Brazilian Studies* da *Vanderbilt University*, em Nashville, Tennessee, para onde o sociólogo se mudou a convite do *chancellor* da universidade, Harvie Branscomb, que o nomeou ainda chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia da instituição.²⁸⁸ A escolha para dirigir o novo instituto recaiu naturalmente sobre o sociólogo, que já possuía, por esse tempo, reputação consolidada nos meios universitários norte-americanos enquanto estudioso da América Latina. Dados os inconvenientes que a transferência da Louisiana para o Tennessee representariam para Smith, sua esposa e filhos, a decisão de assumir a nova posição somente foi tomada após cuidadosas negociações com a universidade, tendo sido fator relevante, nesse caso, a crença do sociólogo de que conseguiria construir um poderoso centro de pesquisas nos EUA sobre a América do Sul especialmente voltado para o Brasil.²⁸⁹

Teólogo e educador especializado em administração acadêmica, Harvie Branscomb estivera no Brasil em fins de 1945 como chefe de missão formada por integrantes da *American Library Association* e da Biblioteca do Congresso a fim de delinear planos para a reorganização da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.²⁹⁰ Desde então, vinha buscando apoio para estruturar um centro de estudos brasileiros nos EUA que dispusesse de um acervo

²⁸⁶ REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Noticiário – T. Lynn Smith. *Revista Brasileira de Geografia*, ano 15, n. 4, 1953, pp. 649-651.

²⁸⁷ SMITH, T. Lynn, Baton Rouge [Carta] 25 set. 1946, Baton Rouge [para] BRICKELL, Herschel. [Division of Cultural Cooperation, Department of State], Washington D.C. 4f. TLSP, Box 10, Folder 34, p. 4.

²⁸⁸ BRANSCOMB, Harvie [Carta] 10 maio 1947, Nashville [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, doravante VUSC, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

²⁸⁹ SMITH, T. Lynn, Baton Rouge [Carta] 30 maio 1947, Baton Rouge [para] BRANSCOMB, Harvie, Nashville. 1f. VUSC, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

²⁹⁰ SHAE, Ralph R. International Activities of the American Library Association. *ALA Bulletin*, v. 41, n. 6, June 1947, p. 220.

bibliográfico substantivo sobre o país.²⁹¹ Não tendo despertado o interesse na empreitada entre os quadros de *Duke University*, onde lecionava, Branscomb logrou implementar seu projeto quando se transferiu para *Vanderbilt* em 1946, obtendo recursos da *Carnegie Corporation* com base em uma proposta de financiamento conjunto que estipulava a cooperação da instituição com três universidades sulistas igualmente interessadas no estudo da América Latina: a *University of North Carolina*, cujo enfoque se voltava para os países sul-americanos de língua espanhola; a *Tulane University*, dedicada a pesquisas sobre o caribe e a América Central, e a *University of Texas*, que dirigia sua atenção especialmente para o México.²⁹²

O *Institute of Brazilian Studies* foi inicialmente pensado como um centro que ofereceria cursos de graduação em Português, Espanhol, História, Literatura, Sociologia e Economia com “ênfase em América Latina”, além de especialização, a partir dos cursos regulares de pós-graduação mantidos pelos diferentes departamentos, em áreas como “história do Brasil”, “economia da América do Sul”, “problemas de comércio mundial”, “problemas sociológicos do Brasil”, “língua, literatura e instituições culturais brasileiras” e “instituições políticas latino-americanas”, exigindo-se dos alunos de mestrado e doutorado que adquirissem o comando da língua portuguesa e realizassem parte de seus estudos no Brasil.²⁹³

Embora a ambição dos idealizadores do *Brazilian Institute* fosse criar um centro em humanidades e ciências sociais dedicado ao ensino e à pesquisa acerca dos diferentes países sul-americanos, o Brasil adquiriu proeminência no título do empreendimento uma vez que, segundo Branscomb, esta constituía uma forma de o instituto se distinguir dos vários programas acadêmicos voltados para a América Latina que vinham sendo lançados nos EUA, programas que, via de regra, possuíam a pretensão de abarcar a região como um todo e que começavam a saturar as fundações filantrópicas com pedidos de financiamento.²⁹⁴ Da mesma

²⁹¹ BRANSCOMB, Harvie [Carta] 13 fev. 1947, Nashville [para] BORBA DE MORAES, Rubens, Rio de Janeiro. 2f. VUSC, Record Group 300, Box 271, Folder 19;

²⁹² PROPOSAL TO THE CARNEGIE CORPORATION FOR SUPPORT OF COOPERATION IN THE LATIN AMERICAN FIELD, 3 de maio de 1947. VUSC, Record Group 300, Box 218, Folder 48. 17f. Informações sobre a fundação do *Brazilian Institute* também podem ser encontradas em Suprinyak e Fernandez (2017), que centram sua análise no período em que o centro foi dirigido pelo economista Reynold E. Carlson.

²⁹³ BRANSCOMB, Harvie [Carta] 23 jul. 1947, Nashville [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 3f. VUSC, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

²⁹⁴ Para chegar às conclusões quanto à denominação do instituto, Branscomb manteve conversações com importantes nomes do mundo dos negócios e da filantropia dos EUA, como o magnata Nelson Rockefeller, um dos grandes entusiastas da política de aproximação com a América Latina durante a Era Roosevelt, que observou que os empresários norte-americanos já estavam fartos de propostas de estudo relativas ao México, e que “o sentimento geral agora era de que o Brasil era a grande oportunidade de desenvolvimento”. BRANSCOMB, Harvie [Carta] 5 jul. 1947, Nashville [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 3f. VUSC, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

forma, um centro de pesquisas que levasse o nome do Brasil e conferisse ênfase ao país estaria em melhores condições para barganhar o apoio oficial de seus governantes.²⁹⁵

Com efeito, Branscomb concebeu a ideia do instituto em meio ao *boom* dos denominados estudos de área, que se multiplicaram nos EUA no pós-guerra, na esteira da posição hegemônica que o país veio a assumir no cenário mundial e das feições que adquiriu sua política externa a partir do governo de Harry Truman, marcada pela preocupação em estender a ajuda norte-americana (especialmente de natureza técnico-científica e financeira, mas também militar) às diferentes regiões do globo como forma de garantir a estabilidade política e conter o avanço do comunismo (Berger, 1995).

Smith se mostrava em sintonia com essa visão. Em discurso dirigido aos membros da *Southern Sociological Society* durante o encontro da associação de 1948, o sociólogo afirmou que os cientistas sociais norte-americanos deviam compreender o papel preponderante que os EUA vinham exercendo no mundo do pós-guerra “por força das circunstâncias”, empreendendo esforços voltados para formação de pessoal, bibliotecas, cursos e projetos de pesquisa tendo em vista o acúmulo de conhecimentos sobre regiões como Oceania, Rússia, Balcãs, China, Índia, África, Mediterrâneo, Europa Ocidental e América Latina.²⁹⁶ Importantes tanto para a “ciência pura” quanto para a “ciência aplicada”, os estudos das “grandes áreas mundiais” (*world area studies*) ofereciam aos sociólogos rurais do *Deep South* a oportunidade de estenderem suas observações às massas rurais do globo que, embora pobres e atreladas a métodos primitivos de cultivo, representavam a esmagadora maioria da população mundial.²⁹⁷

À frente do *Institute of Brazilian Studies*, Smith conseguiu atrair cientistas sociais em atuação no Brasil a fim de ministrar cursos de verão, como Antônio Carneiro Leão, Emílio Willems e José Arthur Rios, além do padre jesuíta Roberto Saboia de Medeiros, diretor da Escola de Engenharia Industrial de São Paulo. Em *Vanderbilt*, o sociólogo orientou dois alunos norte-americanos que realizaram suas pesquisas no Brasil, Paul H. Price, que estudou a

²⁹⁵ Idem.

²⁹⁶ Nas palavras de Smith: “Apenas de modo hesitante, com um passo vacilante de cada vez, e sem a determinação precisa que caracteriza uma pessoa ou uma nação que está segura de si mesma, os Estados Unidos estão assumindo algumas responsabilidades que cabem à nossa nação enquanto maior potência industrial, comercial, financeira e militar do mundo. A posição em que fomos colocados por força das circunstâncias internacionais exigem uma orientação radicalmente distinta do nosso trabalho em relação àquela que prevaleceu no passado [...]. Devemos nos contentar em nos queixar porque os desdobramentos dos acontecimentos noticiados diariamente não se conformam à linha de ação que nós, em nossa infinita sabedoria, indicariamos como a mais inteligente? Ou devemos fazer a nossa parte e reunir, testar, organizar e sistematizar os fatos básicos da sociedade e das relações sociais em ao menos uma das grandes áreas do mundo?”. SMITH, T. Lynn. Needed Emphases in Southern Sociology. *Social Forces*, v. 27, n. 2, 1948, p. 156.

²⁹⁷ Idem.

assimilação e a aculturação de imigrantes poloneses no país, e Marion T. Loftin, que se dedicou à análise dos mesmos processos em comunidades japonesas locais.²⁹⁸ Foi ainda nesta instituição que Smith organizou, junto a Alexander Marchant, especialista em História da América Latina que havia trabalhado no setor de comunicação do corpo diplomático norte-americano no Brasil, o livro *Brazil: Portrait of Half a Continent* (1951), obra abrangendo diversos aspectos da vida social, econômica e cultural brasileira que contou com a participação, entre outros, de Arthur Ramos, Emílio Willems, Carlos Borges Schmidt, Roger Bastide, Antônio Cândido, José Arthur Rios e José de Freitas Marcondes. Em carta a Stanley Burnshaw, presidente da *Dryden Press*, editora que publicou o livro, o sociólogo escreveu: “É altamente importante que o nosso instituto de estudos brasileiros consiga fazer com que algumas obras substantivas estejam associadas ao seu nome”.²⁹⁹

O antropólogo Emílio Willems foi um dos principais articuladores nas negociações que resultaram na colaboração de professores da USP no referido volume, fazendo pessoalmente os convites a Roger Bastide e a Antonio Cândido, chamado em última hora a tratar do tema da “família brasileira” no lugar de Fernando de Azevedo, que havia ficado indisponível para o trabalho por questões de saúde.³⁰⁰ Willems vinha mantendo contatos com Smith desde a visita do sociólogo rural ao Brasil em 1942. Em *O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico*, opúsculo que mereceu a atenção dos estudiosos em função da importância prática que confere às ciências sociais nos processos de mudança social (Lima, 1999; Maio e Lima, 2009), o antropólogo se mirava, entre outros, no exemplo dos “especialistas em Sociologia Rural” dos EUA, que “cooperam, intimamente, com os departamentos técnicos e administrativos dos governos federal e estadual, para a solução de certos problemas rurais”.³⁰¹ Em 1946, em nota ao livro de Smith, *Sociologia da Vida Rural*, Willems constatava que, à diferença daquele país, o aumento dos estudos agrônômicos no Brasil ainda não se tinha feito acompanhar por um interesse equivalente pela pesquisa sociológica e antropológica sobre o mundo rural brasileiro.³⁰² Os vínculos que o antropólogo

²⁹⁸ SMITH, T. Lynn. “Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships”. In SMITH, T. Lynn *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1974, p. 22. Ver, ainda, VUSC, Records of the Institute of Brazilian Studies, Record Group 524, Box 819, Folder 29 & Box 821, Folder 7.

²⁹⁹ SMITH, T. Lynn [Carta] 28 maio 1948, Nashville [para] BURNSHAW, Stanley, New York. 3f. TLSP, Box 20, Folder 16.

³⁰⁰ BASTIDE, Roger [Carta] 7 set. 1948, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f; WILLEMS, Emílio [Carta] 25 ago. 1948, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f; WILLEMS, Emílio [Carta] 22 out. 1948, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. TLSP, Box 20, Folder 16.

³⁰¹ WILLEMS, Emílio. *O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1944, p. 29.

³⁰² WILLEMS, Emílio. “A Sociologia da Vida Rural”. *Sociologia*, v. 8, n. 2, 1946, pp. 317 – 138.

estabeleceu com o *Brazilian Institute* resultaram no convite, realizado por Smith, para que lecionasse em *Vanderbilt*, o que passou a fazer a partir de 1949, quando emigrou para os EUA.³⁰³

À época de sua inauguração, o *Brazilian Institute* foi objeto de publicidade no Brasil.³⁰⁴ Ele também desempenhou papel, ainda que eventual e modesto, nas relações diplomáticas do país com os EUA, somando-se aos esforços de aproximação entre os dois governos levados a cabo pelo Departamento de Estado nos primeiros anos da Guerra Fria, em um contexto em que os EUA buscavam garantir o alinhamento do Brasil ao denominado bloco ocidental (Moura, 1990). Em maio de 1949, por ocasião da visita oficial de Eurico Gaspar Dutra ao país, que incluiu a cidade de Nashville em razão do interesse especial que as ações da *Tennessee Valley Authority* possuíam para os planos de desenvolvimento regional do governo brasileiro, o chefe de Estado foi agraciado pelos membros do instituto com o título de presidente honorário, em uma solenidade meticulosamente organizada pela universidade com apoio do Departamento de Estado norte-americano.³⁰⁵ Ainda assim, aos menos nos primeiros anos, o instituto sofreu com a falta de recursos capazes de consolidar seu ambicioso programa, o que, junto com o que Smith afirmava ser um excesso de trabalho administrativo que não lhe deixava tempo para o ensino e a pesquisa, levou o sociólogo a deixar Nashville por uma posição, em julho de 1949, na *University of Florida*, onde permaneceu até o final de sua carreira.³⁰⁶

No pós-guerra, os programas de pesquisa que se estabeleceram em torno da América Latina não lograram um desenvolvimento comparável a outras iniciativas no terreno dos estudos de área, e isto em razão dos deslocamentos de interesse dos EUA que, até o final dos anos 1950, tenderam a priorizar, em seus planos de assistência técnica e econômica, regiões como a Europa, a Ásia e o Oriente Médio (Berger, 1995: 67).

³⁰³ SMITH, T. Lynn [Carta] 31 ago. 1948, Nashville [para] WILLEMS, Emílio, São Paulo. 1f. TLSP, Box 20, Folder 16.

³⁰⁴ O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO. Notas Avulsas. *O Observador...*, ano XII, n. 143, dez. 1947, p. 16; DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Nota sobre o Instituto de Estudos Brasileiros de Vanderbilt. *Diário...*, 11 jan. 1948, Literatura da Semana, p. 4; REVISTA CARIÓCA. Instituto de Estudos Brasileiros. *Revista...*, jan. 1948, Movimento Literário, p. 9; JORNAL DE NOTÍCIAS. Em poucas linhas.... *Jornal de Notícias*, 29 fev. 1948, p. 8.

³⁰⁵ Ver, por exemplo, STANDLEY, Frank [Office of the Special Assistant for Press Relations, Department of State] [Carta] 13 maio 1949, Washington D. C. [para] MCCOW, Robert [Public Relations Department, Vanderbilt University], Nashville. 1f. VUSC, Records of the Institute of Brazilian Studies, Record Group 900, Box 1989, Folder 36.

³⁰⁶ SMITH, T. Lynn [Carta] 8 jul. 1948, Nashville [para] MARCHANT, Alexander, Nashville. 1f. VUSC, Record Group 524, Box 820, Folder 11; SMITH, T. Lynn [Carta] 20 julho 1949, Nashville [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 2f. AAR.

Na Flórida, Smith deu continuidade ao ensino e à pesquisa sociológica sobre a América Latina. Em dezembro de 1952, escreveu ao agrônomo brasileiro João Gonçalves de Souza: “Estamos gradualmente obtendo o reconhecimento e os recursos de que precisamos para o nosso programa latino-americano, e eu creio que dificilmente outra instituição de ensino consiga manter o mesmo ritmo que o nosso nesta área de estudos nos próximos anos”.³⁰⁷ Em 1958, o sociólogo informava, todavia, ao *American Council of Learned Societies* que a pesquisa sociológica sistemática sobre a América Latina não havia sido, até então, incorporada à rotina das universidades norte-americanas, e isto em razão, especialmente, da falta de financiamento das fundações: “O primeiro centro de treinamento e pesquisa em que um programa permanente de investigação e formação sociológica relativo à América Latina possa ser conduzido ainda está para ser estabelecido”.³⁰⁸ Smith observava que eram tão poucos os sociólogos profissionalmente interessados na região que esses estavam sujeitos, em suas palavras, à “solidão intelectual”.³⁰⁹

A situação na outra extremidade das redes de Smith, o Brasil, parecia igualmente pouco promissora. Se, por um lado, o sociólogo logrou realizar parte do seu programa de intercâmbio na Flórida, garantindo que cientistas sociais como José Arthur Rios, José Vicente de Freitas Marcondes, Hiroshi Saito e Sugiyama Iutaka lecionassem na universidade³¹⁰, por outro, o afastamento do cenário brasileiro das ciências sociais, a partir de fins dos anos 1940 e início dos anos 1950, de interlocutores-chaves de Smith, como Arthur Ramos, Emílio Willems e Donald Pierson³¹¹, e a inserção periférica, no mundo acadêmico do país, de estudiosos que haviam sido formados sob sua orientação, como Rios e Freitas Marcondes, acabaram por tornar remota a probabilidade de que os canais de contato abertos pelo sociólogo viessem a se traduzir em influxos significativos de suas ideias sobre a produção sociológica local.³¹²

³⁰⁷ SMITH, T. Lynn [Carta] 9 dez. 1952, Gainesville [para] SOUZA, João Gonçalves de, Rio de Janeiro. 1f. TLSP, Box 13, Folder 5.

³⁰⁸ SMITH, T. Lynn. *Scholarship in Latin American Field: Sociology*. Prepared in 1958 for the meeting called by the American Council of Learned Societies, Chicago, nov. 6-8, 1958. TLSP, Box 1, Folder 79, p. 2.

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ SMITH, T. Lynn. “Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships”. In SMITH, T. Lynn *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1974, p. 21.

³¹¹ Ramos falece em 1949, logo após assumir o cargo de diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, Willems deixa o Brasil optando por uma carreira acadêmica nos EUA neste mesmo período, e as atividades de Pierson no país começam a sofrer uma série de interrupções a partir de meados dos anos 1950, por motivos de doença. Sobre as trajetórias de Willems e Pierson, ver Corrêa (1987).

³¹² Freitas Marcondes integrou, no início dos anos 1960, o Instituto de Estudos Rurais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo ao lado de pesquisadores como Alfonso Trujillo Ferrari e Hiroshi Saito. A iniciativa, que se mostrava fortemente sintonizada com a perspectiva sociológica de Smith, oferecendo disciplinas em Ciências Sociais Aplicadas ao Meio Rural Brasileiro, Liderança Rural, Reforma Agrária,

2.5. Transformando o caboclo em *farmer*

O empenho de Smith em tornar a América Latina sua área de expertise acadêmica não esteve dissociado da expectativa do sociólogo de influir sobre o debate acerca dos rumos que os países da região, especialmente o Brasil e a Colômbia, deveriam tomar a fim de alcançarem níveis de produtividade e um patamar de bem-estar social considerados afinados com as aspirações democráticas dos tempos modernos ou convergentes com o tipo de civilização rural do qual, no imaginário dos sociólogos rurais norte-americanos, os fazendeiros de classe média do Meio Oeste dos EUA haviam logrado se aproximar.³¹³ Com efeito, no mundo acadêmico norte-americano, as Ciências Sociais como um todo passaram a exhibir, com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, um forte acento normativo, privilegiando o tema da mudança no estudo dos povos do chamado terceiro mundo com base na assunção teleológica de que essas sociedades caminhavam para uma ordem social moderna cuja representação mais acabada se encontrava nas nações do Atlântico Norte, em especial nos EUA (Berger, 1995; Sztompka, 2005). Seus produtos intelectuais, como a teoria da modernização, repercutiram, em seus pressupostos, apreensões, compartilhadas por *scholars* e especialistas envolvidos com políticas de assistência técnica para as áreas pobres do globo, quanto à ameaça representada pelo comunismo para as democracias do Ocidente (Latham, 2000 & 2011; Gilman, 2003; Engerman et al., 2003).

A dimensão prático-normativa da análise sociológica de Smith remontava, todavia, a uma tradição disciplinar específica, a da Sociologia Rural, que nasceu de preocupações comunitaristas reformadoras e ganhou contornos fixos, institucionalizando-se, a partir de um

Colonização, Cooperativismo, Organização de Comunidade, Associativismo Rural, Extensão Rural, entre outras, não obteve êxito, porém (Rios, 1972: 203). Autores cujas obras sobre a vida rural ganharam notoriedade entre os estudiosos brasileiros, como Antonio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, formados na USP, mantiveram vínculos intelectuais mais fortes com a França do que com os EUA, vínculos cultivados especialmente a partir da atuação do sociólogo Roger Bastide, um dos primeiros a ocupar as cadeiras de Sociologia da instituição como membro da missão francesa. Pereira de Queiroz, cuja produção em Sociologia Rural adquiriu relevo, especialmente a partir da criação, em 1964, do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, do qual foi uma das fundadoras, manteve laços intelectuais duradouros com Bastide (Villas Bôas, 2014). Não se pretende, com essas observações, descartar eventuais diálogos que possam ter sido travados entre as gerações posteriores de cientistas sociais brasileiros de formação universitária e o comunitarismo sociológico de Smith, mas apenas indicar a ausência de elos significativos que conectassem de modo regular o sociólogo norte-americano aos centros de ensino e pesquisa de maior prestígio no Brasil. Interloquções com o pensamento de Smith foram estabelecidas, por exemplo, por antropólogos do Museu Nacional nos anos 1970, ainda que o tenham feito com propósito crítico, isto é, para rechaçar o que consideravam o uso inadequado, porque julgado apriorístico, da categoria “comunidade” no estudo das relações sociais de trabalhadores rurais no país (Carvalho, 2015: 193).

³¹³ Nas palavras de Smith: “Afirmaria [...] que a extraordinária importância das atividades da classe média foi o fator principal que fez deste país [EUA] o que ele é e, daí, a mentalidade que é peculiar a essa classe se haver tornado a nossa característica mais expressiva”. SMITH, T. Lynn. Juízos e opiniões correntes entre povos latino-americanos e que influem sobre a cooperação técnica. *Revista do Serviço Público*, v. 72, n. 1, 1958, p.6.

complexo de instituições (o Departamento de Agricultura do governo federal, os *land-grant colleges* e as estações agrícolas experimentais estaduais associadas a essas universidades) voltado para a formação técnica e a aplicação e difusão do conhecimento científico, conferindo a seus praticantes uma inclinação pragmática que as experiências de engenharia social do *New Deal*, período decisivo para a consolidação das pesquisas na área, contribuíram para reforçar. Ademais, como se indicou no primeiro capítulo, a sociedade norte-americana em seu conjunto estava longe de constituir, aos olhos desta tradição disciplinar, o modelo ideal de ordem social, e isto à medida em que as forças pulverizadoras da urbanização e da industrialização pareciam pôr em risco a própria existência das comunidades rurais, mergulhando os indivíduos e os grupos no conflito e na competição desenfreadas. Neste sentido, Smith e seus pares da Sociologia Rural, ainda que enxergassem as mudanças na periferia como inexoráveis, sopesavam com cautela seus efeitos no lugar de abraçar, sem reservas, discursos triunfalistas sobre a modernidade capitalista.

Os vínculos disciplinares de Smith, somados ao fato de que parte significativa de suas viagens foi realizada graças ao concurso de agências encarregadas de programas de assistência técnica, tornam compreensível por que o sociólogo rural não hesitou em expor suas ideias acerca daqueles que seriam os melhores remédios para as mazelas do mundo rural brasileiro, não enxergando incompatibilidades entre sua identidade de cientista e o rol de recomendações práticas que prescrevia às autoridades locais *enquanto* sociólogo, em uma atitude que contrastava com a de um dos principais representantes, nos anos 1940 e 1950, da ciências sociais de matriz norte-americana no Brasil, a saber, o sociólogo formado em Chicago Donald Pierson, que, a despeito de ter sido marcado por uma visão não menos normativa sobre a mudança social, tendeu a enfatizar a rigorosa separação entre os papéis do cientista e do reformador (Oliveira, 1995a; Maio *et al.*, 2013).

Embora seja possível inferir diretrizes práticas para o país a partir do diagnóstico sociológico que Smith elabora acerca das condições de vida e trabalho das populações rurais brasileiras e do grau de integração de suas comunidades como parte de sua missão junto à embaixada norte-americana no Rio de Janeiro em 1942, seu programa de engenharia social para o país somente adquire corpo e publicidade no pós-guerra.

Durante sua estada no Rio de Janeiro em 1946, por ocasião do curso de extensão universitária que ministrou na FNFi, Smith proferiu conferências e concedeu entrevistas a jornais brasileiros abordando a necessidade de modificações na cultura e nas estruturas sociais

das zonas rurais do país.³¹⁴ Smith estava a par dos projetos de educação rural e extensão agrícola que começavam a ser esboçados conjuntamente pelos governos brasileiro e norte-americano a partir de acordos bilaterais de assistência técnica e, não fossem seus encargos na LSU, muito provavelmente teria aceito o convite de John B. Griffing, representante, no Brasil, do *Office of Inter-American Affairs* no setor de Educação Rural, para conduzir *surveys* em localidades rurais do país destinados a orientar programas de ação.³¹⁵

Em 1952, após acompanhar, na qualidade de consultor técnico, os trabalhos da Comissão Nacional de Política Agrária (CNPA), Smith apresentou oficialmente seu plano de reformas para o Brasil rural por meio de um memorando submetido ao ministro da Agricultura do Segundo Governo Vargas, João Cleofas, quadro da União Democrática Nacional (UDN) de Pernambuco.³¹⁶ Criada em julho de 1951 por decreto presidencial, a comissão tinha por objetivo estudar e propor ao presidente medidas destinadas à “organização e [ao] desenvolvimento da economia agrícola e o bem-estar rural”, o que incluía: aumento da produtividade e do rendimento dos produtores rurais e o conseqüente barateamento dos preços pagos pelos consumidores; amparo ao trabalhador rural; criação de entidades representativas e cooperativas entre as “classes agrárias”; extensão do regime de previdência e assistência ao campo; “revisão das regras de direito positivo que regulam as relações entre proprietários, parceiros e foreiro”; “assistência e defesa do pequeno proprietário rural”; “barateamento da terra, através de desencorajamento de sua posse improdutiva ou especulativa, bem como revisão das normas legais sobre desapropriação para fins de colonização” e “ampliação substancial dos recursos dos órgãos públicos no sentido de tornar acessível a propriedade da terra ao maior número, através de um plano nacional de colonização”.³¹⁷

³¹⁴ SMITH, T. Lynn. Reerguer a vida municipal e abolir as queimadas. Os estudos que realiza sobre o Brasil o professor Lynn Smith, da Universidade de Louisiana, de novo entre nós. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, terça-feira, 2 de julho de 1946, p. 5; SMITH, T. Lynn. “Fazendas Familiares” para o êxito da nossa colonização rural. *A Noite*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 2 de julho de 1946, p. 9; SMITH, T. Lynn. Assim o professor T. Lynn Smith vê a paisagem rural brasileira. Rio de Janeiro, domingo, 21 de julho de 1946, p. 8; SMITH, T. Lynn. Sistemas Agrícolas. *Revista Brasileira de Geografia*, abril-junho de 1947, pp. 159-184; SMITH, T. Lynn. *Points developed in my conferencia on immigration at the Instituto Brasil-Estados Unidos last july (1946)*. TLSP, Box 10, Folder 33.

³¹⁵ GRIFFING, John B. [Carta] 30 jan. 1946, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f; SMITH, T. Lynn. [Carta] 6 fev. 1946, Baton Rouge [para] GRIFFING, John B., Rio de Janeiro, 1f. TLSP, Box 10, Folder 33. Para uma análise das iniciativas em educação e extensão rurais em diferentes regiões do Brasil levadas a cabo, no pós-guerra, por agências norte-americanas em parceria com o governo brasileiro, ver Silva (2009).

³¹⁶ Usineiro pernambucano e importante quadro da UDN, Cleofas foi nomeado ministro da Agricultura de Vargas em retribuição ao apoio que o partido havia concedido à sua campanha presidencial no estado de Pernambuco nas eleições de 1950 (Pantoja, 2010).

³¹⁷ BRASIL. *Decreto n. 29.803, de 25 de julho de 1951. Cria a Comissão Nacional de Política Agrária*. Diário Oficial da União, Seção 1, 26 de julho de 1951, p. 11107. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29803-25-julho-1951-338037-publicacaooriginal-1-pe.html>.

A CNPA foi instituída no bojo de uma série de medidas que Vargas pretendia implementar visando à promoção de reformas estruturais e proteção social no campo, em uma tentativa de estender a legislação trabalhista às populações rurais (Camargo, 2007).³¹⁸ Em 1951, o presidente havia submetido ao congresso projeto de criação do Serviço Social Rural e, no ano seguinte, autorizara a organização, no Ministério da Educação e Saúde, da Campanha Nacional de Educação Rural, iniciativa que ficou a cargo, em seus primeiros anos, de José Arthur Rios, sociólogo rural que havia realizado o mestrado na Louisiana sob orientação de Smith. A CNPA deveria priorizar “estudos e projetos relacionados com a reforma da legislação agrária e o acesso à terra própria”, o que constituía um esforço para retomar os debates acerca da reforma agrária impulsionado pela Constituição de 1946, que, em seu artigo 147, havia condicionado o uso da propriedade ao “bem-estar social”.³¹⁹ Durante a instalação da comissão, João Cleofas, referindo-se a recomendações da *Food and Agriculture Organization* (FAO), assinalava que o crescimento populacional que o Brasil vinha experimentando não havia sido precedido por um desenvolvimento equivalente da produção agrícola nacional, problema que deveria ser, no futuro imediato, enfrentado pelos países menos industrializados do globo mediante planos de reforma agrária.³²⁰

O pedido para que Smith atuasse junto à CNPA foi feito diretamente por Cleofas. Em carta dirigida à embaixada norte-americana com o propósito de formalizar a solicitação, o ministro da Agricultura de Vargas mencionava o “esforço geral do atual Governo no sentido de ativar a vida agrícola do país e de realizar, sem choques e sem medidas drásticas, uma reforma agrária no Brasil”.³²¹ A conexão de Smith com Cleofas foi estabelecida por intermédio de João Gonçalves de Souza que, na qualidade de secretário-executivo da CNPA,

³¹⁸ A embaixada norte-americana no Rio de Janeiro acompanhava de perto essas medidas, registrando o discurso de Vargas à sessão inaugural do congresso, em março de 1951, que apontava para a necessidade de o governo assistir os trabalhadores rurais na obtenção de suas próprias terras. Conforme ajuizava Robert Elwood, secretário da embaixada: “O problema criado pela alta proporção de famílias itinerantes, sem terra, na população rural total é um dos mais sérios que o Brasil enfrenta, não apenas do ponto de vista econômico, mas também político. É provável que qualquer tentativa de reforma agrária que afete os grandes proprietários encontre forte oposição no congresso”. ELWOOD, Robert [*Ofício*] 3 abril 1951, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE, Washington D.C. 8f. NARA, Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1950 – 1954. Brazil, Box 40, Folder “Brazil Agriculture”.

³¹⁹ BRASIL. *Decreto n. 29.803, de 25 de julho de 1951. Cria a Comissão Nacional de Política Agrária*. Diário Oficial da União, Seção 1, 26 de julho de 1951, p. 11107. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29803-25-julho-1951-338037-publicacaoriginal-1-pe.html>. Um dos efeitos da constituição foi a proposta legislativa encaminhada por Dutra ao congresso relativamente à reforma da terra, que, no entanto, não avançou (Camargo, 2007).

³²⁰ HOPKINS, John A. [Agricultural Attaché] [*Ofício*] 21 jan. 1952, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE, Washington D.C. 3f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. Central Decimal File. 1950-1954. Microfilm, 1489 Roll 17.

³²¹ CLEOFAS, João [*Carta*] 2 ago. 1951, Rio de Janeiro [para] Embaixada Norte-Americana, Rio de Janeiro. 1f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. Central Decimal File. 1950-1954. Microfilm, 1489 Roll 17.

havia publicado uma tradução de texto da Organização dos Estados Americanos (OEA) sob o título de *A reforma agrária no Brasil e no mundo* (Pantoja, 2010). Oriundo do Ceará, e formado em Engenharia Agrônômica na Escola Nacional de Agronomia (atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) e em Direito na Universidade do Brasil, Gonçalves de Souza ocupou cargos administrativos no Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura e na Secretaria de Agricultura da Prefeitura do Rio de Janeiro nos anos 1940, tornando-se, no início da década seguinte, delegado brasileiro na FAO.³²² Seu contato com Smith remontava à sua estada, entre 1944 e 1946, nos EUA, onde estudou Sociologia Rural com John Kolb, da *University of Wisconsin*. Em 1946, aproveitando a passagem de Smith pelo Brasil, Gonçalves de Souza convidou o sociólogo rural para ministrar curso introdutório à disciplina para quadros do Ministério da Agricultura, mantendo, desde então, interesse na possibilidade de que Smith prestasse auxílio no desenvolvimento de pesquisas no país.³²³

Articuladas, em Washington, pelo escritório do OFAR, as atividades de aconselhamento de Smith para o governo Vargas ocorreram no âmbito do Ponto IV, nome pelo qual ficou conhecido o programa de assistência técnica ao denominado terceiro mundo lançado pelo governo Truman em 1949, nos primórdios da Guerra Fria, em um momento em que as áreas pobres e “atrasadas” do globo passaram a ser vistas pelos EUA como particularmente suscetíveis à propaganda comunista. Neste período, o trabalho internacional dos sociólogos rurais norte-americanos, cujo marco inicial foram as atividades desenvolvidas na América Latina por Smith, Taylor, Loomis, entre outros, durante a guerra, adquiriu dimensões consideráveis, principalmente em razão de serem as populações do Sul global majoritariamente rurais (Immerwahr, 2015: 53). O sociólogo rural Arthur Raper, estudioso do problema da posse da terra no *Deep South* que se lançou em uma carreira internacional no campo da assistência técnica após participar, em fins de 1940, da elaboração dos planos de reforma agrária para o Japão sob ocupação dos Aliados, afirma, em artigo de 1954 para a revista *Rural Sociology*, que 75 pesquisadores da área haviam se envolvido, desde o final da guerra, com atividades no Oriente Médio, Ásia, África e América Latina na função de sociólogos rurais ou administradores, em missões majoritariamente associadas ao Ponto IV.³²⁴ Os sociólogos rurais norte-americanos contribuíram, em grande medida, para moldar os

³²² HOPKINS, John A. [Ofício] 18 set. 1950, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE & DEPARTMENT OF AGRICULTURE, Washington D.C. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1950-52, Box 448, Folder 312.

³²³ Ver, a esse respeito, a correspondência entre Gonçalves de Souza e Smith. TLSP, Box 13, Folders 4 & 5.

³²⁴ RAPER, Arthur. Rural sociologists and foreign assignments. *Rural Sociology*, v. 18, n. 3, pp. 264-266. Um breve apanhado da trajetória internacional de Raper se encontra em Immerwahr (2015: 54).

programas de assistência técnica internacional que ficaram conhecidos, a partir dos anos 1950, como “desenvolvimento de comunidade”, largamente adotados por agências norte-americanas como a *Foreign Operation Administrations*, precursora da *United States Agency for International Development* (USAID), e por organismos multilaterais como as Nações Unidas. Significativa a respeito do papel dos sociólogos rurais foi a feição internacional que assumiu a trajetória de Carl Taylor no pós-guerra, quando serviu como consultor para o desenvolvimento de comunidades na Índia (Gilbert, 2008: 434).

As visitas de Smith ao Brasil subsequentes ao seu trabalho para o Ponto IV estiveram associadas ao tema da reforma agrária. Em 1953, o sociólogo participou, como observador da Organização Internacional do Trabalho, do Seminário de Bem-Estar Social Rural da América Latina, realizado no Rio de Janeiro sob os auspícios das Nações Unidas. Na ocasião, Smith se encontrou diretamente com Vargas em uma audiência especial do presidente com participantes do evento no Palácio Rio Negro. Em 1956, em uma viagem de seis semanas financiada pelo Departamento de Estado, o sociólogo tornou a tratar da questão fundiária brasileira em uma série de conferências em diversas capitais do país.³²⁵ Em 1959, por ocasião do Seminário Internacional sobre Resistências à Mudança, organizado pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais no Rio de Janeiro, Smith redigiu trabalho, apresentado por seu ex-aluno José Arthur Rios, em que analisava o peso do latifúndio enquanto obstáculo à mudança social no Brasil.³²⁶ O debate sobre reforma agrária constituiu a razão das visitas de Smith ao país nos anos de 1961 e 1963.³²⁷

O programa de engenharia social de Smith para o Brasil, que implicava a alteração da estrutura fundiária concentracionista do país, apresenta as marcas dos experimentos do *New Deal* rural idealizados por Henry Wallace, M. L. Wilson e Carl Taylor e da orientação anticomunista que foi característica dos programas de auxílio internacional norte-americano no pós-guerra. O conjunto de medidas propugnado por Smith não se reduz, todavia, às experiências norte-americanas ou à matriz de pensamento comunitarista que imprimiu uma direção característica à produção dos sociólogos rurais naquele país, somente se tornando plenamente inteligível quando se considera o diálogo que o sociólogo estabeleceu com tradições locais de conhecimento, em especial com a obra de Oliveira Vianna, que lhe

³²⁵ CORREIO DA MANHÃ. Sociólogo americano falará sobre reforma agrária. *Correio da Manhã*, terça-feira, 17 jul. 1956, p. 3 e 11.

³²⁶ SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE RESISTÊNCIAS À MUDANÇA – FATORES QUE IMPEDEM OU DIFICULTAM O DESENVOLVIMENTO. 1959. Rio de Janeiro. *Anais do Seminário Internacional de Resistências à Mudança*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1959, pp. 157-167.

³²⁷ SMITH, T. Lynn. “Sociology in Brazil and the United States: some aspects of their interrelationship”. In SMITH, T. Lynn. *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico, 1974, p. 6.

ofereceu importante chave para a decodificação da paisagem rural brasileira. Embora tal diálogo, como se indicará a seguir, seja importante para a compreensão das tensões existentes na proposta de intervenção de Smith, eles tenderam a ser obscurecidos por interpretações que, construídas a partir dos pressupostos do nacionalismo metodológico, conceberam o trabalho do sociólogo como produto da transposição mecânica, para a América Latina, de uma ideologia modernizadora gestada no Meio Oeste dos EUA.³²⁸

Frente ao quadro de amorfia comunitária e baixos níveis de vida que grassavam nas zonas rurais brasileiras, Smith buscou apontar medidas capazes de acelerar o ritmo do processo de integração de famílias e grupos de vizinhança em comunidades e ao mesmo tempo incrementar as condições de vida das populações. Era preciso investir na infraestrutura de transportes e comunicação, bem como introduzir técnicas avançadas capazes de aumentar a produtividade agrícola e alterar os padrões de vida das massas rurais, incutindo-lhes novas aspirações que as vinculassem mais estreitamente aos centros comerciais. A modernização das práticas de cultivo exigia mudanças culturais visando à remodelação das atitudes e dos valores do homem do campo, o que só poderia ser alcançado mediante o fortalecimento de políticas públicas de âmbito local e de uma reforma agrária que alterasse a estrutura de classes, marcada pelo latifúndio. Smith enfatiza o papel da escola pública municipal no desenvolvimento de comunidades “altamente integradas em grupos sociais operantes”.³²⁹

No livro *Brazil, People and Institutions*, Smith discute a necessidade de aumento das atribuições dos governos locais, enfraquecidos pelo caráter centralizador da Constituição de 1937, advertindo que “os líderes brasileiros não [deviam] tentar fazer tudo do Rio de Janeiro”.³³⁰ O município, a unidade político-administrativa mais elementar da nação, deveria dispor de mecanismos de arrecadação a partir da taxa progressiva das propriedades rurais sob sua jurisdição a fim de poder custear os serviços essenciais de “proteção à vida e à propriedade, saúde, bem-estar, educação e estradas”.³³¹ Cada município deveria reservar recursos para a manutenção de ao menos uma escola secundária, pensada como agência difusora de novos hábitos e aspirações de vida entre as populações rurais.

Smith argumenta que a taxa progressiva da propriedade rural pelo município, além de assegurar a arrecadação necessária à prestação de serviços, viria a desestimular a retenção da

³²⁸ Ver, por exemplo, o artigo de CRONSHAW (1982). Embora sensível aos vetores intelectuais de diferentes contextos nacionais e regionais que influíram sobre o programa de engenharia social elaborado por Smith para a Colômbia, Lorek (2013), no título de seu trabalho, acaba reiterando a ideia de transposição.

³²⁹ SMITH, T. Lynn. The Locality Group Structure of Brazil. *American Sociological Review*, v. 9, n. 1, 1944, pp. 41-49.

³³⁰ SMITH, T. Lynn *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p.793.

³³¹ Idem, p. 793.

terra para fins especulativos, abrindo o caminho para programas governamentais de aquisição e parcelamento do latifúndio em pequenas propriedades familiares, ponto nevrálgico da reforma agrária proposta pelo sociólogo norte-americano. Era preciso assegurar a propriedade da terra, em extensão limitada às necessidades de uma família, àqueles que provassem sua disposição e capacidade para cultivá-la. Smith estava convencido da urgência de o Estado brasileiro adotar uma política nestes moldes. Por força do crescimento vegetativo da população, principalmente entre as elites rurais, que tinham prole numerosa, antigos latifúndios estavam se fragmentando, com o passar do tempo, no processo de partilha das heranças.³³² No caso das zonas de fronteira agrícola, o poder público devia se pautar por programas de colonização baseadas no assentamento de pequenos lavradores, preferencialmente de colonos do Sul do país e de famílias de camponeses europeus que, a par das técnicas agrícolas modernas, constituíam os agentes por excelência de difusão de padrões culturais avançados.³³³

Conjugando medidas como maior autonomia administrativa aos governos locais, municipalização dos serviços de educação e saúde, taxação da propriedade fundiária pelo município e políticas nacionais de fixação de fazendas familiares, o modelo de intervenção proposto por Smith visava à consolidação de uma classe média de agricultores no Brasil em substituição à rígida estrutura de classes gestada por séculos de latifúndio e escravidão. Era preciso transformar, nas palavras do sociólogo norte-americano, sertanejos e caboclos, assim como os segmentos decadentes das antigas famílias senhoriais, em “farmers e lavradores ativos”, isto é, uma classe de pequenos proprietários aptos a exercer simultaneamente as funções de capitalista-empendedor, administrador-gestor e trabalhador.³³⁴

A reforma agrária, garantindo ao lavrador a posse da terra, era o melhor caminho para se formar personalidades com iniciativa, ciosas de seus bens e níveis de vida, moral e politicamente autônomas, não diretamente subordinadas a um fazendeiro ou dele dependentes e, portanto, aptas a exercer cabalmente a cidadania.³³⁵ No contexto da Guerra Fria, a criação de uma classe média rural assumia especial relevo. De acordo com Smith, o agricultor deste estrato social era uma pessoa que possuía, naturalmente, “em alta conta o direito da propriedade privada” e não subestimava a contribuição das tarefas de administração no processo produtivo,

³³² SMITH, T. Lynn *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p. 511.

³³³ SMITH, T. Lynn Sistemas agrícolas. Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, 9 (2), p. 159 – 183.

³³⁴ Idem, p. 171.

³³⁵ SMITH, T. Lynn *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p.483.

jamais se ouvindo dele alegações de que a propriedade havia sido “roubada às massas”.³³⁶ Em entrevista ao jornal *O Globo* por ocasião dos serviços que prestou ao governo brasileiro em 1952, Smith afirmou que a “classe média [era] a espinha dorsal de uma nação [...] sem a qual a paz social [era] um mito”.³³⁷ A reforma das estruturas sociais do campo era a única maneira de evitar “o perigo comunista, que surgirá fatalmente nos meios rurais, com maior amplitude do que nos meios operários, caso mantido o regime do latifúndio”.³³⁸

A ideia de uma reforma agrária no Brasil nos moldes propostos por Smith estava afinada com as preocupações do governo norte-americano, como é possível perceber em ofício do adido agrícola John A. Hopkins enviado ao Departamento de Estado em que comunica a solicitação, feita pelo Ministro da Agricultura de Vargas, dos serviços do sociólogo rural: “A reforma agrária é considerada, tanto pelo Ministério da Agricultura [do Brasil] quanto pela Embaixada [norte-americana], projeto extremamente importante que, se conduzido de modo competente, pode muito bem prevenir a agitação agrária e modificar o sistema de posse e uso da terra no Brasil por muitos anos”.³³⁹ Seria, contudo, precipitado concluir, a partir desta convergência, que o receituário prático de Smith refletia tão somente o forte e agressivo anticomunismo que ganhara corpo no pós-guerra com a Doutrina Truman, quando, em realidade, esta postura político-intelectual era constitutiva da matriz de pensamento que informava o seu trabalho, como dão provas, especialmente, as críticas acerbas que seu mestre de Minnesota, o exilado russo Pitirim Sorokin, um dos sistematizadores da Sociologia Rural nos EUA, havia dirigido às experiências de coletivização da terra.³⁴⁰

³³⁶ SMITH, T. Lynn. Juízos e opiniões correntes entre povos latino-americanos e que influem sobre a cooperação técnica. *Revista do Serviço Público*, v. 72, n. 1, 1958, p.6.

³³⁷ SMITH, T. Lynn. A classe média rural é a espinha dorsal da nação. Entrevista ao Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1952, pp. 1 -2.

³³⁸ Idem, p.2.

³³⁹ HOPKINS, John A. [Agricultural Attaché] [Ofício] 17 ago. 1951, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE, Washington D.C. 3f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. Central Decimal File. 1950-1954. Microfilm, 1489 Roll 17.

³⁴⁰ Abordando a “crença na propriedade privada entre os camponeses-fazendeiros”, escrevem Sorokin e Zimmerman: “Apenas em um sentido do termo individualismo é possível argumentar, com algumas limitações, que a classe de camponeses-fazendeiros em fases urbanas [de evolução social] é ao menos tão individualista quanto os habitantes da cidade, a saber, no sentido de que elas se posicionam a favor da instituição da propriedade privada ou familiar (mas não estatal), a favor da responsabilidade pessoal de cada indivíduo ou família (mas não do Estado) na administração de seu próprio negócio, opondo-se ao Socialismo, ou Comunismo, e a outras formas de eliminação da responsabilidade, independência e autoconfiança individuais ou familiares em grau não inferior ao da população urbana em geral e até mais do que as classes operárias. Esse sentido de individualismo não guarda qualquer relação com sociabilidade, ou egoísmo, ou desconsideração pelo interesse dos outros homens. Em suma, não contém nada que poderia ser considerado como antissocial ou socialmente prejudicial. Ao contrário, o sentido bem desenvolvido de iniciativa e responsabilidade individuais representam antes uma característica social que é positiva e benéfica. Mesmo em uma ‘utopia’ socialista, essas características de responsabilidade deveriam ser valorizadas”. SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carle. *Principles of Rural-Urban Sociology*. New York: Henry Holt and Company, 1927, p. 518.

Da mesma forma, ao prescrever uma reforma que conferisse vertebração às classes médias rurais no Brasil, Smith explorava proposição contida em *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, segundo a qual a cultura cívica do Ocidente havia germinando em sociedades marcadas pelo regime da pequena propriedade.³⁴¹ Ainda que Vianna não tenha extraído orientações específicas, para o plano da ação prático-política, desta proposição (Chaguri & Bastos, 2015), ela constituiu importante elemento a partir do qual o sociólogo norte-americano estabeleceu canais de diálogo com tradições locais de conhecimento, procurando elaborar medidas que alterassem o quadro de amorfia comunitária brasileira.

O déficit social identificado por Vianna – a ausência de classes médias rurais – podia, e devia, ser superado, na perspectiva de Smith, combinando-se reformas legislativas que permitissem maior participação dos municípios na promoção do bem-estar social e políticas de Estado sociologicamente orientadas visando à redistribuição da propriedade fundiária. Embora o receituário de Smith divirja, explicitamente, e em suas linhas gerais, das soluções de corte autoritário preconizadas por Vianna, sua sociologia acaba sendo tensionada por essas últimas à medida que seu diagnóstico sobre o Brasil se deixou marcar, consideravelmente, pelas teses do insolidarismo e do peso do latifúndio na formação do país.

Não havia nada mais divergente do encaminhamento político ao problema do insolidarismo sugerido por Oliveira Vianna em *Populações Meridionais do Brasil* – que implicava a aposta em um Estado forte e centralizado nas mãos do executivo capaz de fazer frente às forças centrífugas das oligarquias rurais e promover a unidade nacional e a supremacia da lei e da ordem – do que a defesa de Smith do fortalecimento político-administrativo dos municípios e da garantia da participação de suas populações, majoritariamente rurais, no processo de desenvolvimento comunitário e implementação da reforma agrária.

A aposta de Smith na capacidade de o município levar a cabo parte substantiva de um programa de reformas partia da crença de que as instituições políticas locais constituíam o canal preferencial para a expressão das demandas da população e o centro aglutinador dos esforços coletivos em prol da comunidade. O ideal político subjacente à visão do sociólogo é evidenciado por uma declaração reproduzida pela imprensa brasileira durante sua visita ao Brasil em 1952, quando elaborou, por solicitação do ministro da Agricultura de Vargas, o memorando contendo as diretrizes para a reforma agrária:

[Quaisquer] deficiências que possa apresentar o autogoverno num humilde município rural – deficiências culturais ou técnicas – são

³⁴¹ OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Populações meridionais do Brasil*. 4a ed., São Paulo: Companhia Nacional, 1938 [1920], p. 169.

amplamente compensadas pela honestidade, pela virtude de cidadãos que se conhecem e que executam, com suas próprias mãos e seus próprios recursos, obras que estão diante da vista de todos.³⁴²

Smith não era hostil ao papel do Estado, especialmente do poder executivo em nível federal, na promoção de reformas estruturantes da sociedade, tendendo a enxergar no *New Deal* de Roosevelt a oportunidade de enfrentamento das desigualdades e desequilíbrios no campo, herdadas da tradição escravocrata sulista e agravadas pela modernização avassaladora das *plantations*, que, embora implicasse incremento técnico da produção, conduzia à proletarização das populações rurais. No entanto, à semelhança de outros sociólogos rurais norte-americanos da Era Roosevelt, como Carl Taylor (Gilbert, 2015), a tônica das recomendações práticas de Smith recaiu sobre a necessidade de incorporação das comunidades rurais ao planejamento governamental e às políticas públicas destinadas ao campo. Em face da sanha reformadora do Estado, os sociólogos rurais do *New Deal* sublinharam a relevância de se estudarem os “grupos naturais” do meio rural, de modo que o conhecimento sobre suas práticas, aspirações e valores pudesse fornecer diretrizes para os planos de intervenção a serem implementados.

Por seu turno, Oliveira Vianna, ainda que torne a associar sociologicamente, em textos tardios, como *Instituições Políticas Brasileiras*, publicado durante a redemocratização do pós-Estado Novo, a possibilidade de “um eleitorado consciente, capaz e livre” à existência de um “sistema de pequena propriedade largamente difundido”³⁴³, centra suas recomendações na necessidade de reformas institucionais centralizadoras, especialmente no âmbito da Justiça, visando ao controle dos efeitos do “espírito de clã” na vida pública e à garantia das liberdades civis da população. Ele tece duras críticas à incongruência entre o contexto social brasileiro e os ideais políticos que, a seu ver, animavam persistentemente as classes dirigentes do país, como o sufrágio universal e o municipalismo, fazendo nítida referência à Constituição de 1946. Mesmo quando cita Smith, Oliveira Vianna parece fazê-lo para reforçar a tese de que as instituições políticas brasileiras deveriam ter raízes em sua realidade social e cultural, como no caso da epígrafe que abre o capítulo IV do segundo volume de *Instituições Políticas Brasileiras*, que é atribuída ao sociólogo norte-americano: “É necessário insistir neste ponto – dado a tendência a julgar o Brasil um país jovem. Não há tal: os seus fundamentos culturais estão profundamente enraizados na tradição”.³⁴⁴ Significativamente, José Arthur Rios, sociólogo brasileiro que se

³⁴² CORREIO DA MANHÃ. Autonomia. *Correio da Manhã*, 18 set. 1952 (1º Caderno).

³⁴³ OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Instituições Políticas Brasileiras*, v. 2, Rio de Janeiro: José Olympio, 1949, p. 222.

³⁴⁴ Idem, p. 95.

formou sob a orientação de Smith em Louisiana, batendo-se, nos anos 1950, pela implementação de um programa de reforma agrária afinado com a visão do norte-americano e de políticas de educação e saúde para o campo com base na organização de comunidades, reagirá contra a ideia, sugerida, a seu ver, pela obra de Oliveira Vianna, de que a formação social brasileira condenava sua população a viver sob regimes autoritários. O ex-aluno de Smith, que era também um opositor do getulismo, critica a retórica realista de Vianna, que, a seu ver, fazia do passado uma camisa-de-força para as possibilidades de desenvolvimento do Brasil nos moldes das “grandes correntes do pensamento ocidental”, adiando indefinidamente a entrada das massas na vida política: “Há duas maneiras de levantar o nível de um povo: uma delas é habituá-lo à prática de regimes avançados, a outra é mantê-lo numa eterna minoridade, fazendo com que espere, na estufa das Ditaduras e dos regimes de força, a eclosão da sua plena capacidade política”.³⁴⁵

Por se aproximar, na elaboração do diagnóstico dos problemas da sociedade brasileira, de interpretações do país expressas em *Populações Meridionais do Brasil* e, não obstante, opor-se às soluções autoritárias e estatizantes que estas tenderam a justificar, o programa de engenharia social proposto por Smith se mostra, por vezes, ambivalente. Smith endossava a observação de Oliveira Vianna de que as instituições municipais haviam sido, tradicionalmente, instrumentalizadas por “chefetes locais”.³⁴⁶ Ainda que acreditasse que o desenvolvimento das cidades houvesse alterado ligeiramente essa situação, Smith afirmava que as populações rurais permaneciam em grande medida dispersas, isoladas, a mercê dos grandes fazendeiros e fora do raio de alcance das autoridades.³⁴⁷ Neste sentido, parece otimista a aposta do sociólogo norte-americano de que as câmaras e as prefeituras viessem a ser, com o tempo, o lugar por excelência da participação e do controle cidadãos em substituição às práticas rotineiras de dominação pessoal e apropriação privada da coisa pública. O papel destacado que Smith confere aos municípios, que deviam ser dotados de maior capacidade tributária, a fim de poderem, com base na taxação de terras sob sua jurisdição, implementar políticas visando à melhoria das condições da vida local, supunha, de antemão, a existência de uma comunidade de cidadãos ativos, aptos a controlar a adequada utilização dos recursos públicos; comunidade esta, no entanto, que seria corolário, e não causa, da reforma agrária. Reconhecendo, em certa medida, o paradoxo, Smith parece tentar contorná-lo, de maneira tópica, em seu memorando de 1952 quando observa que, embora a

³⁴⁵ RIOS, José Arthur. Democracia e marginalismo. *Carta da Resistência – Órgão da Resistência Democrática*. Rio de Janeiro, ano II, n. 55, maio 1949, p. 2nt. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

³⁴⁶ SMITH, T. Lynn *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946, p.742.

³⁴⁷ Idem, p. 773.

aplicação local de recursos arrecadados pelos próprios municípios oferecesse a melhor garantia contra o mau uso da verba pública, “em muitos [casos], sem dúvida, a inspeção federal e estadual [se fazia] necessária para salvaguarda dos fundos”³⁴⁸, ponderação que fazia eco à defesa das virtudes intervencionistas do poder central característica das teses de Oliveira Vianna, e que refletiam sua visão acerca dos débeis laços de solidariedade social das populações rurais quando comparados aos dos grandes domínios.

As marcas que a matriz autoritária de pensamento, tal como expressa na obra de Oliveira Vianna, deixou sobre o diagnóstico sociológico de Smith são evidentes no receituário prático que o sociólogo rural norte-americano veio a prescrever para o país. Elas nos convidam a repensar os sentidos usualmente atribuídos aos fluxos de ideias entre o Norte e o Sul globais, pondo em relevo o caráter transnacional da produção sociológica do passado, em especial daquela proveniente dos centros científicos hegemônicos. A relevância que a obra de Oliveira Vianna, em especial de *Populações Meridionais do Brasil*, assume na leitura de Smith sobre o Brasil rural aponta para as afinidades teóricas entre a Sociologia Rural norte-americana e tradições de conhecimento locais que assinalavam, igualmente, a importância dos padrões de povoamento e da estrutura fundiária das nações para a compreensão de sua dinâmica societal e política. Este diálogo transnacional também se operou no plano das utopias políticas, havendo afinidades, ainda que não absoluta convergência, entre o iberismo anti-individualista, de raízes católicas, de Oliveira Vianna, com sua valorização de formas comunitárias, embora hierarquizadas, de vida social (Carvalho, 1993; Werneck Vianna, 1997), e a apreensão, característica dos sociólogos rurais norte-americanos, quanto aos destinos das comunidades rurais submetidas às forças modernizadoras que ameaçavam ou atomizar a ordem social ou cindi-la em grupos de interesse irreconciliáveis, comprometendo as possibilidades de solidariedade, cooperação e associação. Em última análise, tanto Vianna quanto Smith estiveram pautados por modelos de sociedade que valorizam o consenso em detrimento do conflito, considerando este último como fenômeno patológico.

Não se pode perder de vista, por último, que tais diálogos transnacionais, envolvendo autores situados tanto ao Norte quanto ao Sul do globo, embora tenham informado significativamente a visão sociológica de Smith, não se traduziram, necessariamente, em igual difusão de seus trabalhos, que ficaram marcados por diferentes graus de provincianização. Smith considerava Oliveira Vianna como um dos “precursores” da Sociologia Rural na América Latina, ao lado de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Carneiro Leão, e a ele dedicou o maior número de linhas quando examinou, em fins dos anos 1950, as “obras

³⁴⁸ SMITH, T. Lynn *Memorandum. Ao Senhor João Cleophas, Ministro da Agricultura, Presidente da Comissão Nacional de Política Agrária*. Rio de Janeiro, 16 set. 1952, p. 9. TLSP, Box 3, Folder 74.

notáveis” produzidas na região, referindo-se a *Populações Meridionais do Brasil* como um dos “primeiros tratados sistemáticos sobre a sociedade rural produzidos nas Américas”, texto que “estava no mesmo nível, se não acima, de trabalhos dessa época de outros países”.³⁴⁹ É interessante notar que o balanço de Smith sobre o trabalho “pioneiro” de pensadores brasileiros no campo da Sociologia Rural não chegou, todavia, a ser veiculado, como originalmente se pretendia, junto ao levantamento do campo realizado pelo sociólogo a pedido da *International Sociological Association* e da Unesco, publicado em inglês e francês no primeiro número da revista *Current Sociology* de 1957³⁵⁰, e isto, segundo Smith, dadas as “limitações de espaço” do periódico.³⁵¹ O texto, que dava publicidade à obra de Oliveira Vianna, acabou sendo publicado em espanhol na *Revista Mexicana de Sociología*, em 1957³⁵², e em inglês em pequeno e obscuro volume que Smith organizou, em 1970, a partir de estudos de sua autoria sobre a América Latina.³⁵³ No opúsculo *Brazilian Society*, de 1974, que dedica a “seis amigos brasileiros” (José Vicente e Lili de Freitas Marcondes, José Arthur e Regina Rios, Hilgard O’Reilly e Carolina Sternberg), Smith, afinado com o antigo espírito da Política de Boa Vizinhança, assinala o fato de que seu “próprio trabalho sociológico havia sido fortemente influenciado por *scholars* brasileiros”, entre os quais inclui o autor de *Populações Meridionais do Brasil*, e observa que, desde os anos 1950, “dúzias de sociólogos bem qualificados dos dois países vinham participando, quase como ‘partes intercambiáveis’, nas instituições e processos educacionais e científicos um do outro”.³⁵⁴ No entanto, a hipótese, que poderia ser aventada a partir dos comentários de Smith, de que o trabalho de Oliveira Vianna tenha experimentado circulação equivalente àquela por que passou a obra do sociólogo rural norte-americano parece improvável, especialmente se se considera que ele não teve a sorte de ser vertido para o inglês, como ocorreu com o texto célebre de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, traduzido por Samuel Putnam.

Se os trabalhos de Smith não parecem ter oferecido um canal para que a obra de Oliveira Vianna se difundisse em circuitos internacionais, ou nos círculos acadêmicos dos

³⁴⁹ SMITH, T. Lynn. “The Development of Rural Sociology in Latin America”. *Studies of Latin American Societies*. New York: Anchor Books, 1970, p. 17.

³⁵⁰ SMITH, T. Lynn. Rural Sociology in the United States and Canada: a trend report. *Current Sociology*, v. 6, n. 1, 1957, pp. 5-18.

³⁵¹ SMITH, T. Lynn. “Introductory Note”. *Studies of Latin American Societies*. New York: Anchor Books, 1970, p. 4.

³⁵² SMITH, T. Lynn. El Desarrollo de la Sociología Rural en Latinoamérica. *Revista Mexicana de Sociología*, v. XIX, n. 1, jan.-abril, 1957, pp. 1-14.

³⁵³ SMITH, T. Lynn. *Studies of Latin American Societies*. New York: Anchor Books, 1970.

³⁵⁴ SMITH, T. Lynn. “Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships”. In SMITH, T. Lynn *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1974, p. 23.

sociólogos rurais norte-americanos, faz-se necessário ainda examinar a circulação de ideias no âmbito da Sociologia Rural que se operou no contexto intelectual brasileiro. Para este objetivo nos voltamos a seguir, considerando, para tanto, a trajetória e produção intelectual de um dos principais interlocutores de Smith no Brasil, José Arthur Rios.

Capítulo 3 – Ciência, comunitarismo e reforma no pensamento de José Arthur Rios

Introdução

A veiculação das ideias sociológicas sobre o Brasil rural de T. Lynn Smith no país se processou, especialmente, por intermédio de brasileiros que estudaram sob sua orientação na *Louisiana State University*, como foi o caso de José Arthur Rios, que procurou desenvolver uma Sociologia Rural aplicada nas áreas de educação rural e saúde pública nos anos 1950 e constituiu importante aliado de Smith em seu programa de engenharia social e reforma agrária. Neste capítulo, argumentamos que ao invés de ter sido difusor passivo dos ideais científicos e reformadores de Smith, Rios enxergou na Sociologia Rural norte-americana um instrumento capaz de promover a reestruturação da ordem social brasileira em um sentido democratizante e ao mesmo tempo sintonizado com os princípios de cooperação, harmonia e desenvolvimento da pessoa humana que foram característicos do pensamento social da Igreja Católica. Exploramos a hipótese de que a estreita vinculação de Rios a correntes sociológicas nos EUA, no lugar de refletir a adesão automática a ideias oriundas dos centros hegemônicos de produção científica por parte de um intelectual situado no Sul global, foi expressão de uma convergência transnacional de ideais comunitaristas que surgiram como reação à ameaça que as forças atomizadoras, massificadoras e tentaculares do Estado e do mercado modernos pareciam representar, nesta ótica comum, para a existência dos grupos locais, considerados fundamentais para o bem-estar coletivo e o exercício das liberdades.

Considerando-se, inicialmente, a trajetória de José Arthur Rios e sua formação intelectual, destaque é conferido à sua experiência na Faculdade Nacional de Filosofia e à sua aproximação, a partir do casamento com Regina de Figueiredo, filha de Jackson de Figueiredo, dos círculos da intelectualidade católica leiga reunidos no Centro Dom Vital, onde travou contato, entre outros, com Alceu Amoroso Lima, José Fernando Carneiro e Gustavo Corção. A inserção de Rios nestes círculos e seu envolvimento, no fim do Estado Novo, no movimento anti-getulista denominado Resistência Democrática, do qual participaram intelectuais das classes médias urbanas de diferentes colorações ideológicas unidos no repúdio ao que consideravam ser expressão do “totalitarismo”, foram decisivas para a forma como o sociólogo veio a compreender o Brasil e para o modo como interpretou os potenciais cognitivos e práticos da Sociologia de matriz norte-americana.

Os primeiros escritos de Rios que mobilizam uma literatura sociológica, como “A novela representativa da América Espanhola” (1941), expressam a recusa à tradição sociológica francesa na forma de uma crítica humanista, de fundo católico, ao determinismo positivista durkheimiano à semelhança de escritos do período de Alceu Amoroso Lima e Alberto Guerreiro Ramos, nos quais sobressaem as marcas do pensamento filosófico católico. O exame das cartas que Rios trocou, em 1945, com Donald Pierson e T. Lynn Smith evidencia a lógica de leitura que presidiu sua aproximação das Ciências Sociais que vinham sendo praticadas nos EUA. Sintonizado com a forma como se processou a recepção da sociologia de Pierson no Rio de Janeiro, Rios conferiu destaque ao alcance prático da disciplina e ao valor do seu instrumental de pesquisa para as tarefas de “descoberta” do Brasil e de solução de seus problemas sociais. A opção intelectual pela Sociologia de matriz norte-americana, que parecia a Rios como a “verdadeira ciência da comunidade”, irá se efetuar a partir dos contatos com Smith em meados dos anos 1940, sendo indissociável do trabalho de autoridades governamentais, diplomatas e cientistas sociais norte-americanos no sentido de ampliação e aprofundamento das trocas acadêmicas com a América Latina.

A análise se volta, em seguida, para o modo como Rios, a partir de sua experiência norte-americana, desenvolveu, simultaneamente, suas visões sociológicas sobre os EUA e o Brasil, como em um jogo de espelhos. O cotejo de textos de sua autoria a esse respeito que foram publicados, como crônicas de jornal, entrevistas e depoimentos, com documentos pessoais, como cartas e relatórios do sociólogo revela a forma como Rios construiu uma imagem positiva da experiência política norte-americana a fim de pôr em relevo a falta de enraizamento de uma cultura democrática no Brasil, sem deixar, contudo, de censurar os problemas que identificava com os EUA, como o racismo, o consumo e os comportamentos padronizados da sociedade de massas e a ameaça representada pelo avanço desenfreado e alienador da técnica e da especialização profissional para o desenvolvimento da “pessoa humana”. Argumenta-se, neste caso, que o elogio dos EUA não implicou, da parte de Rios, uma adesão sem reservas ao estilo de vida e ao padrão civilizacional que julgava típicos daquela sociedade, ainda que o expediente comparativo tenha sido acionado para a formulação de seu diagnóstico sobre o Brasil. Em realidade, a sociedade norte-americana foi valorizada em seus aspectos democráticos e participativos, que deveriam ser aproveitados, na perspectiva de Rios, para a construção de uma ordem social de bases comunitárias, na qual assumia primazia o funcionamento dos pequenos grupos locais.

O capítulo se concentra, por fim, no exame de textos produzidos por Rios em fins dos anos 1940, a partir de sua experiência de estudos em Louisiana, que lançam luzes sobre o

modo como, a partir da mediação da sociologia de Smith, o sociólogo operou a releitura de tradições de interpretação do país, principalmente da obra de Oliveira Vianna, no desenvolvimento de sua visão sobre o mundo rural brasileiro. Subscrevendo a tese do insolidarismo, mas recusando a via estatal-autoritária para a remodelação da sociedade brasileira, cujo desfecho deveria apontar para uma ordem democrática, a ênfase analítica de Rios recaiu sobre as fraturas de classe e a concentração fundiária que, a seu ver, haviam produzido historicamente o amorfismo das comunidades rurais brasileiras.

3.1. Do Centro Dom Vital à *Louisiana State University*

José Arthur Alves da Cruz Rios (1921 – 2017) nasceu na cidade do Rio de Janeiro em uma família de classe média. O pai, o último de sete filhos de Arthur César Rios, senador baiano da Primeira República, havia se tornado funcionário público municipal depois de migrar para a capital federal, transmitindo a Rios, desde cedo, o gosto pela leitura, especialmente pela literatura francesa.³⁵⁵ Após concluir o ensino secundário no Ginásio Bittencourt Silva e o curso complementar, à época obrigatório para a admissão na universidade, no Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro, ambos em Niterói, Rios ingressou, em fins dos anos 1930, na Faculdade de Direito daquele município, onde se formou em 1943.³⁵⁶ Datam dessa época os primeiros cursos de Sociologia que frequentou. Dos textos que havia lido no período, guardava a lembrança de *Princípios de Sociologia*, livro didático de Fernando de Azevedo, então bastante difundido, que constituiu um dos principais canais de divulgação da sociologia de Émile Durkheim no Brasil.³⁵⁷

Ainda na faculdade, Rios buscou, embora sem sucesso, inserção profissional como docente no Instituto de Educação de Campos e na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi), valendo-se, para tanto, dos estudos sobre literatura hispano-americana que desenvolveu sob inspiração do escritor e historiador pernambucano Silvio Julio de Albuquerque Lima, antigo professor do curso complementar de Niterói que também

³⁵⁵ RIOS, José Arthur. Entrevista concedida a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso em 13 de julho de 2006. Depoimentos orais do projeto ‘Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil’. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

³⁵⁶ RIOS, José Arthur. *Curriculum Vitae*. Rio de Janeiro, s./d. [Elaborado por ocasião de pedido de bolsa ao *Institute of International Education*]. 4f; RIOS, José Arthur [Carta] 21 maio 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios, doravante AJAR.

³⁵⁷ RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000. AJAR. Uma análise dos primeiros manuais de Sociologia que contribuíram para a rotinização da disciplina nas escolas encontra-se em Meucci (2011).

atuava como professor catedrático de História da América na FNFi.³⁵⁸ Adepto de uma perspectiva pan-americanista que não se confundia com a defesa do alinhamento dos países do continente aos EUA, mas se voltava para a construção de uma unidade regional a partir das raízes culturais ibéricas e católicas que aproximavam as nações latino-americanas, Silvio Julio repudiava, em igual medida, as filosofias e ideologias políticas, de origem europeia e russa, então em pugna no Brasil, consideradas autoritárias pelo escritor, e acreditava que os destinos do país estivessem ligados, necessariamente, à realização de ideais democráticos.³⁵⁹ Tais posições intelectuais forneceram a Rios uma primeira bússola para que se orientasse em meio às acirradas disputas ideológicas que marcaram o período, ajudando-o, conforme o sociólogo escreveu décadas mais tarde, “a superar a sedução do Integralismo e do Comunismo que faziam adeptos na nossa turma [do curso complementar]”.³⁶⁰

Após a conclusão do curso de Direito, além de exercer a advocacia, Rios enveredou pelo magistério, ministrando disciplinas em diferentes instituições de ensino, como História Geral e História do Brasil no Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Português, Latim e História da Civilização no Colégio Ibituruna, e História Moderna na Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Úrsula. Nesse período, foi ainda articulista da *Revista da Semana*.³⁶¹ Desempenhando um leque variado de atividades, o que incluía o ensino de

³⁵⁸ RIOS, José Arthur. *Curriculum Vitae*. Rio de Janeiro, s./d. [Elaborado por ocasião do pedido de bolsa ao *Institute of International Education*]. 4f; RIOS, José Arthur. *A novela representativa da América Espanhola*. Mimeo: Rio de Janeiro, 1941; JULIO, Silvio [Carta] 12 ago. 1942, Rio de Janeiro [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. 3f. AJAR.

³⁵⁹ Autor de obras como *Cérebro e Coração de Bolívar* (1931), Silvio Julio valorizou as conexões do Brasil com os demais países latino-americanos em seus escritos sobre a literatura e a história nacionais. Aderindo entusiasmadamente à Revolução de 1930, ele assumiu, entretanto, postura crítica em face do regime instaurado em 1937, o que o levou a ser preso por um breve período em 1943. Em 1938, declarou ao jornal colombiano *El Tiempo* que o povo brasileiro, profundamente religioso, não poderia aderir ao que considerava posições políticas extremadas, possuindo uma formação histórico-cultural que o conduziria à democracia (Dorella, 2006: 42).

³⁶⁰ RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000. As marcas da utopia ibero-americanista de Silvio Julio são patentes no discurso que Rios redigiu por ocasião do concurso de oratória organizado pelos alunos da Faculdade de Direito de Niterói em 1940: “O Brasil está indicado pela sua própria formação política a ser o iniciador da reconstrução nacional e o precursor da organização americana. [...] Do Brasil sairá [...] o germen da civilização ibero-americana que, vasada nos moldes clássicos greco-latinos, estruturada num sentido cristão, realizará o sonho bolivariano do Império da América. Eis a missão do Brasil no continente. A extensão de seu território, a fusão étnica que nele se operou, a sua concepção da ordem nova – tudo são fatores que a isso o dispõem. Ele lançará as bases do Império americano da democracia orgânica em face dos impérios totalitários da Europa que será o fundamento de um novo ciclo cultural [...], síntese de todas as culturas extintas. O Império da América será constituído por uma hierarquia de nações onde as mais fortes protegerão as menos poderosas e não um Congresso pan-americano, em que o aparente igualitarismo é na verdade uma subordinação das repúblicas mais fracas ao abutre norte-americano”. RIOS, José Arthur. *Discurso proferido por ocasião do concurso de oratória da Faculdade de Direito de Niterói*. Mimeo: Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1940. AJAR.

³⁶¹ Idem. RIOS, José Arthur. O encontro das raças. *Revista da Semana*, 17 jul. 1943, p. 13; RIOS, José Arthur. Atualidade de Dostoievski. *Revista da Semana*, 14 ago. 1943, p. 13; RIOS, José Arthur. Rilke, poeta essencial. *Revista da Semana*, 28 ago. 1943, p. 13; RIOS, José Arthur. A humanidade de William Saroyan. *Revista da Semana*, 25 set. 1943, p. 13.

diferentes disciplinas, Rios se encaixava no perfil do intelectual latino-americano traçado por Smith em 1939, quando de sua primeira viagem ao Brasil: generalistas que, distantes do mundo das especializações, dedicavam-se a inúmeras ocupações.³⁶²

O ingresso de Rios, em 1939, no recém-inaugurado curso de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi) mostrou-se, no entanto, um fator decisivo para que sua trajetória profissional viesse a ser, com o tempo, identificada à Sociologia. Criada naquele mesmo ano em substituição à extinta Universidade do Distrito Federal (UDF), a FNFi representou a vitória do projeto universitário acalentado pelo Ministro da Educação e Saúde de Vargas, Gustavo Capanema, e da força dos grupos confessionais que, reunidos em torno de Alceu Amoroso Lima, expressivo representante da intelectualidade católica leiga brasileira, buscavam influir sobre os rumos da educação no país. Amoroso Lima estivera na linha de frente de oposição à UDF, concebida conforme os ideais escola-novistas de um ensino público e laico associado à produção de conhecimento científico com base na realização de pesquisas (Barbosa, 1996). Desde sua criação, em 1935, a UDF foi alvo de fortes críticas, sobretudo dos católicos, que se exacerbaram com o processo de radicalização política que marcou o início dos anos 1930, quando grupos antagônicos como a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora vieram à luz. Após o levante comunista de 1935, Anísio Teixeira, diretor de instrução pública do Distrito Federal do governo Pedro Ernesto, e um dos idealizadores da UDF, foi afastado do cargo e, com ele, o reitor da universidade, Afrânio Coutinho, dando-se início ao clima de instabilidade administrativa que marcou a instituição em sua curta existência. A instauração do regime autoritário de 1937 forneceu as condições para que as pressões de Alceu Amoroso Lima e o descontentamento de Capanema, que julgava que a autonomia administrativa da UDF punha-se em desacordo com a legislação federal, resultassem finalmente, em 1939, no encerramento de suas atividades, com a transferência de alunos e alguns de seus professores para a nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro (Schwartzman *et al.*, 1984; Oliveira, 1995a; Ferreira, 2013).

Na FNFi, Rios travou contato com os professores da missão francesa contratada pelas autoridades brasileiras para lançar as bases do ensino das principais disciplinas do curso de Ciências Sociais: Jacques Lambert (Sociologia), André Gros (Política) e Maurice Byé

³⁶² SMITH, T. Lynn. [Carta] 13 out. 1939, Baton Rouge [para] REYNOLDS, George M., Chicago. 2f. FUSC, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

(Economia Política e História das Doutrinas Econômicas).³⁶³ A vinculação desses cientistas sociais a uma geração de pensadores católicos, que constituiu critério decisivo para o seu recrutamento, realizado por intermédio de George Dumas, reflete a ascendência que Alceu Amoroso Lima exerceu sobre a montagem dos cursos de humanidades, em um esforço de combater as visões secularizantes e anticlericais que julgava estarem sendo difundidas no Brasil, explícita ou implicitamente, pelas concepções pedagógicas científicas dos representantes da Escola Nova (Oliveira, 1995a; Almeida, 2001).³⁶⁴ Embora a produção intelectual dos professores franceses dificilmente possa ser reduzida a mero instrumento de combate ideológico arquitetado pelos círculos católicos, uma análise das apostilas dos cursos de Rios revela que, no caso de Jacques Lambert, suas aulas foram marcadas por ressalvas e críticas à sociologia de Émile Durkheim e estavam sintonizadas com a sociologia cristã de Alceu Amoroso Lima e com o empenho dos intelectuais católicos brasileiros em demonstrar que o naturalismo filosófico de extração positivista, como referiam-se à abordagem durkheimiana, não constituía a única escola ou vertente no mercado das ideias sociológicas, devendo ser questionado, sobretudo, quando, em suas tentativas de explicação do comportamento humano, chocava-se com os dogmas da Igreja.

Formado em Direito pela Universidade de Lyon em fins dos anos 1910, em uma época em que, na França, a Sociologia mantinha-se entrelaçada ao currículo dos cursos tradicionais de Direito e Filosofia, e demonstrando um duplo interesse pelas ciências jurídicas e sociais, Lambert estivera no Brasil pela primeira vez contratado para lecionar Sociologia na recém-criada Universidade do Rio Grande do Sul, entre 1937 e 1938, ao lado do economista Maurice Byé (Pereira de Queiroz, 1989; Lefebvre, 1990). Para além da publicação da obra mais conhecida de Lambert, *Os dois Brasis* (1957), em que expõe uma análise dualista do desenvolvimento da sociedade brasileira, marcada, a seu ver, por princípios divergentes de

³⁶³ Em seus primeiros anos, compuseram ainda o corpo docente do curso de Ciências Sociais da FNF: Arthur Ramos (ocupando interinamente a cadeira de Antropologia e Etnografia); Reinholt Berge (catedrático de História da Filosofia); René Poirier (professor contratado para a cadeira História da Filosofia); Jerzy Zbrozek (Ética); José Rocha Lagoa (catedrático interino de Complementos de Matemática); Jorge Kingston (catedrático interino de Estatística Geral e Aplicada) e Maurício Gracho Cardoso (professor catedrático interino de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas). Para uma relação dos professores assim como das cadeiras e disciplinas dos cursos, ver, respectivamente, Fávero (1989a: 37 – 41) e Fávero (1989c: 70).

³⁶⁴ Apesar de ser conhecida a participação dos católicos na estruturação da FNF (Schwartzman *et al.*, 1984; Oliveira, 1995a; Almeida, 2001), as concepções de sociologia de que se valeram nas disputas travadas com os escola-novistas em torno dos ideais de ciência, educação e sociedade que deveriam animar o funcionamento das instituições de ensino não foram objeto de análise sistemática pela literatura dedicada à História das Ciências Sociais no país, exceções feitas a Meucci (2006) e Brochier (2016), que examinaram os reflexos do movimento dos intelectuais católicos na proposta de uma “sociologia cristã” no Brasil, ideia veiculada por Alceu Amoroso Lima e seus epígonos em manuais introdutórios à disciplina utilizados especialmente nas escolas e universidades católicas. Como se indicará a seguir, a perspectiva sociológica de Rios se construiu a partir de diálogo tanto com a sociologia cristã quanto com vertentes da sociologia norte-americana.

organização social, um tradicional e o outro, moderno (Pereira de Queiroz, 1989), pouco se sabe, no entanto, acerca das concepções sociológicas que esposou ao tempo em que integrou a missão francesa e a natureza de sua filiação ao pensamento católico.

Há fortes indícios que apontam para o fato de que Lambert possuía trânsito entre os intelectuais católicos brasileiros. Em 1939, escreve prefácio elogioso ao livro didático de Amaral Fontoura, *Programa de Sociologia* (1940), obra tributária da sociologia cristã de Amoroso Lima (Meucci, 2006).³⁶⁵ Ademais, na FNFi, Hildebrando Leal, militante da ação católica proveniente da Paraíba e professor de Sociologia do Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio de Janeiro, desde fins dos anos 1930, atuava, ao lado de Luiz de Aguiar Costa Pinto, como assistente da cadeira de Sociologia sob responsabilidade de Lambert. Hildebrando Leal exercia essa função desde que a cadeira de Sociologia da antiga UDF fora ocupada por Amoroso Lima anos antes do fechamento da instituição.³⁶⁶

As conexões de Lambert com o pensamento católico se evidenciam em suas aulas na FNFi. Ainda que fizesse referência a diversos autores, como Pareto, Le Play, Worms, Spencer, Tarde, Simmel, Weber, Giddings, Maunier, e ao “método e [aos] resultados da sociologia descritiva” dos EUA, país que visitara a partir de uma bolsa de estudos da *Rockefeller Foundation*³⁶⁷, e definisse a Sociologia ao modo de Durkheim, enquanto a “ciência dos fatos sociais”, o professor francês advertia seus alunos de que o reconhecimento do caráter exterior e coercitivo da sociedade sobre as consciências individuais não anulava o postulado do livre-arbítrio inerente à ação humana.³⁶⁸ Observava igualmente que o fato de a natureza das sanções coletivas variar historicamente de acordo com a estrutura social em

³⁶⁵ LAMBERT, Jacques. “Carta-Prefácio”. In FONTOURA, Amaral. *Programa de Sociologia*. Porto Alegre: Edições Globo, 1940. Alceu Amoroso Lima escreveu a introdução à obra, assegurando os leitores de suas credenciais cristãs-católicas.

³⁶⁶ Carta sem autoria identificada apresentando Hildebrando Leal a Alceu Amoroso Lima em 10 de janeiro de 1936. Em 1945, Alceu Amoroso Lima solicitou a Gustavo Capanema que Hildebrando Leal assumisse interinamente a cadeira de Psicologia Educacional da FNFi. CAPANEMA, Gustavo. [Telegrama] 13 julho 1945, Rio de Janeiro [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Petrópolis, Rio de Janeiro, Correspondência, Arquivo 03, Gaveta 03, Pasta 233, nº/doc.: 29. Uma relação da lista de catedráticos e assistentes brasileiros recomendados por Amoroso Lima ao ministro Capanema quando da criação dos cursos da FNFi, em 1939, encontra-se em Fávero (1989b: 82).

³⁶⁷ A passagem de Lambert pelos EUA é referida em carta de Rudolf Heberle, professor de Louisiana State University, a Arthur Ramos e também era conhecida por Rios, que observa em um de seus depoimentos que o professor francês apresentava a seus alunos não apenas a sociologia de Durkheim mas também as abordagens empíricas que vinham sendo desenvolvidas nos EUA. HEBERLE, Rudolf [Carta] 29 jul/ 1942, Baton Rouge [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 2f. AAR; Entrevista de José Arthur Rios concedida a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso em 13 de julho de 2006. Depoimentos orais do projeto ‘Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil’. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Ao final de uma de suas primeiras aulas para o curso de Ciências Sociais da FNFi, Lambert fornece uma relação bibliográfica. “1ère leçon – La force de contrainte des faits sociaux”. In LAMBERT, Jacques. *Aulas de Sociologia pelo Prof. Lambert*. Mimeo: Rio de Janeiro, s./d., p. 2. AJAR.

³⁶⁸ LAMBERT, Jacques. “Théories évolutionnistes et histoire culturelle en matière d’organisation familiale”. In LAMBERT, Jacques. *Aulas de Sociologia pelo Prof. Lambert*. Mimeo: Rio de Janeiro, s./d., p. 2. AJAR.

questão, outra conhecida tese durkheimiana, não implicava, de forma alguma, o endosso de posturas filosóficas relativistas negadoras da “ordem moral e de um direito natural absolutos, eternos e imutáveis”. Lambert exemplificava seu raciocínio da seguinte forma: “[...] para fazer respeitar a regra ‘não matarás’, em uma sociedade relativamente primitiva, o antigo testamento prescrevia o talião; em uma sociedade mais evoluída, proíbe-se a vingança. Fim imutável, procedimento variável”.³⁶⁹ Lambert não deixava, ademais, de tomar partido em controvérsias que a sociologia durkheimiana havia despertado na França ao procurar submeter a religião e outras instituições consideradas sagradas pela Igreja Católica ao escrutínio de suas análises objetificantes. Acerca da família, por exemplo, ele argumentava em favor do caráter natural e atemporal de sua forma nuclear “cristã”, assentada sobre o princípio da união conjugal monogâmica, forma cuja existência não podia, a seu ver, ser considerada meramente o produto de configurações sociais e históricas contingentes, uma vez que era observada, inclusive, entre as denominadas sociedades primitivas.³⁷⁰

O clima intelectual na FNFi, marcado pela forte presença de sociologias que, se não se afirmavam, necessariamente, de maneira explícita, como cristãs, ao menos mostravam-se em conformidade com o pensamento católico, é importante para compreendermos a exposição de Rios a correntes intelectuais ligadas a esses grupos confessionais. Após completar o primeiro ano de estudos, Rios, que à época também cursava Direito, viu-se obrigado a trancar sua matrícula em razão de decisão do reitor da universidade, Raul Leitão da Cunha, que vetava a frequência simultânea em dois cursos. Ao final do ano de 1940, ele havia sido aprovado nos exames finais das disciplinas de História da Filosofia, Economia Política e Ética.³⁷¹

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ Segundo Lambert, Durkheim, ao identificar o clã como a forma mais elementar de organização familiar, reflexo de uma estrutura social pouco complexa e diferenciada, havia pretendido fazer da família conjugal nuclear uma “criação da sociedade”, em particular, “das civilizações mais evoluídas”, o que contrariava observações etnográficas da “Escola da História Cultural” acerca de sociedades primitivas como a dos pigmeus e dos vedas, marcadas por uniões monogâmicas relativamente estáveis. Lambert expunha a seus alunos que, em face da teoria durkheimiana acerca da origem social da família, surgira a “escola de sociologia católica”, que, sob a direção do padre Schmidt e com o nome de “escola de história cultural”, compreendia uma plêiade de pesquisadores, como Köppers, R. P. Trilles, R. P. Shebesta, que haviam elaborado uma “teoria finalista da família”: “Não apenas essa escola critica as teses durkheimianas com argumentos que parecem hoje irrefutáveis, não atacando propriamente os modos de raciocinar da escola durkheimiana mas os documentos sobre os quais esses raciocínios estão fundados, como também ela procura construir com precisão um processo de evolução da família bastante diferente daquele admitido pela escola sociológica”. Assim, as configurações social e historicamente variáveis assumidas pela família eram produto de deformações impostas à sua forma original e natural (isto é, a união conjugal monogâmica) por distintos “meios sociais”. LAMBERT, Jacques. “Théories évolutionnistes et histoire culturelle en matière d’organisation familiale”. In LAMBERT, Jacques. *Aulas de Sociologia pelo Prof. Lambert*. Mimeo: Rio de Janeiro, s./d., p. 17. AJAR.

³⁷¹ RIOS, José Arthur. *Curriculum Vitae*. Rio de Janeiro, s./d. [Elaborado por ocasião de pedido de bolsa ao *Institute of International Education*]. 4f. AJAR.

Ainda assim, a despeito de não ter concluído o curso, a passagem de Rios pela FNFi levou-o ao estabelecimento de relações que foram decisivas para sua adesão, em definitivo, ao catolicismo. Na turma de Ciências Sociais, em um encontro prenhe de consequências, ele conheceu Regina Alves de Figueiredo, com quem veio a se casar em 1943.³⁷² Regina era filha de Jackson de Figueiredo, importante liderança da intelectualidade católica leiga do país e fundador do Centro Dom Vital, instituição cujas conferências e cursos, que versavam sobre os mais variados temas filosóficos, sociológicos, educacionais e religiosos, Rios passou a frequentar no início da década de 1940, convertendo-se, nessa época, por influência da esposa, à religião católica.³⁷³ Entre os conferencistas do Centro Dom Vital estavam Alceu Amoroso Lima, Hamilton Nogueira, Alfredo Lage, Américo Piquet Carneiro, José Barreto Filho e José Fernando Carneiro.³⁷⁴ Datam deste período as leituras que Rios realizou da obra de Amoroso Lima, a exemplo de *Preparação à Sociologia* (1931).

Ainda que tenha falecido em 1928, aos 37 anos, Jackson de Figueiredo havia desempenhado papel destacado no movimento de reação católica que toma vulto no Brasil a partir dos anos 1920, quando, em um cenário de efervescência política ocasionado pela crise do pacto oligárquico e pela emergência de novos atores, vinculados aos setores médios urbanos, a Igreja procura recuperar sua antiga ascendência sobre a sociedade, enfraquecida desde a promulgação da Constituição republicana e laicizadora de 1891 (Salem, 1982). Em 1921, Jackson cria a revista *A Ordem* e, em 1922, ano marcado por movimentos artísticos-culturais e políticos renovadores, funda o Centro Dom Vital, lançando as bases para a ação apostólica do laicato a partir de um ideário que pregava a restituição da “unidade” e da “ordem moral” da sociedade brasileira, cujos valores e instituições, argumentava-se, ainda que moldados pelo catolicismo, haviam sido abalados pelo poder dissolvente do individualismo e do secularismo modernos (Idem). No centro da agenda dos católicos estava a questão do ensino. Embora constituísse pauta obrigatória dos reformadores do período, que apontavam para a necessidade de reconstrução nacional com base na ampliação e remodelação das escolas, a educação foi valorizada pelos católicos enquanto canal privilegiado para a recristianização do país e a formação de classes dirigentes aptas a operar a reaproximação entre Estado e Igreja. A valorização da educação implicou a pressão desses grupos para que mudanças fossem introduzidas no texto constitucional, que consagrava o princípio da laicidade, de modo a permitir a oferta do ensino religioso facultativo nas escolas

³⁷² RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000, p. 4. AJAR.

³⁷³ Idem.

³⁷⁴ Ibidem, p. 11.

públicas (Ibidem). O Centro Dom Vital foi um dos principais espaços de coordenação dos esforços destinados à preparação, conforme os princípios cristãos, das futuras elites políticas e intelectuais, esforços que, a partir do final dos anos 1920, sob a liderança de Alceu Amoroso Lima, que sucedeu Jackson de Figueiredo na presidência da organização, traduziram-se na fundação de uma série de organismos e instituições, como a Associação dos Universitários Católicos do Rio de Janeiro (1928), o Instituto Católico de Estudos Superiores (1932), e as Faculdades Católicas (1941), tornadas universidade em 1946.

O Centro Dom Vital forneceu a Rios um espaço de socialização e formação a um só tempo intelectual e política, especialmente pelo contato que travou com o médico cearense José Fernando Carneiro, com quem desenvolveu duradouros vínculos pessoais.³⁷⁵ Ao lado de Carneiro e de outros frequentadores da instituição, como Gustavo Corção e Sobral Pinto, Rios constituiu o núcleo dos católicos que participaram da denominada Resistência Democrática, bloco de oposição ao regime de Vargas criado ao final do Estado Novo. Heterogêneo do ponto de vista político-ideológico, o movimento, que incluía de liberais a militantes trotskistas como o crítico de arte Mário Pedrosa, era formado principalmente por segmentos das camadas médias urbanas, entre médicos, advogados, engenheiros e professores, e mirava, sobretudo, o combate ao getulismo e à possibilidade de permanência de Vargas no poder, ideia que havia adquirido força com o queremismo. Parte considerável dos integrantes do movimento, como Carlos Lacerda, ingressaram nas fileiras da União Democrática Nacional (UDN), fundada quando da retomada da vida partidária no país. Rios, entretanto, a convite de Fernando Carneiro, filou-se ao Partido Libertador, de Raul Pilla, que ficou conhecido pela defesa do parlamentarismo, e foi, ao lado da UDN, um dos partidos de oposição aos governos de Vargas, Kubitscheck e Goulart nas décadas seguintes (Leal & Flaksman, 1984).

Nos estertores do Estado Novo, a Resistência Democrática publicou um manifesto do qual Rios foi um dos signatários e cuja análise lança luzes sobre a visão política que passara a endossar, convergentes, ademais, com seus ideais humanistas católicos, como se indicará a seguir. Redigido, em grande parte, pelo escritor Luiz Camillo de Oliveira e pelo advogado Adauto Lucio Cardoso (Dulles, 2001: 336), o texto foi publicado no *Diário de Notícias* em 21 de abril de 1945 e reapareceu, alguns meses depois, na revista *A Ordem*, do Centro Dom Vital. O *Manifesto da Resistência Democrática aos Brasileiros* exigia a deposição de Vargas e a instalação imediata de um governo provisório capaz de garantir, sem percalços, as eleições para Presidente e para a futura Assembleia Constituinte.

³⁷⁵ RIOS, José Arthur. Comunicação Pessoal ao autor em 9 de maio de 2015.

O documento situava o Brasil em meio ao cenário global da Segunda Guerra, que interpretava como resultado do confronto entre as forças da “democracia” e do “totalitarismo”, concebidas não apenas como regimes políticos distintos mas como “concepções de vida” antagônicas.³⁷⁶ O regime autoritário implantado por Vargas em 1937 era expressão do “Estado Totalitário”, que supunha, antes de mais nada, uma filosofia indiferente à “realidade intangível” da “pessoa humana” e à “coletividade”, tratada como “aglomerado de indivíduos que não possuem direitos próprios”, “matéria dúctil e informe” à qual se buscava tão somente imprimir “a vontade do autócrata”.³⁷⁷ O “delírio das grandezas” do Estado Totalitário, que se refletia na “superstição da técnica e da organização burocrática por si mesmas”, excedia a “medida comum do homem”, e sua “aspiração ao monumental” exigia “o holocausto das coisas simples e normais da vida”.³⁷⁸ Procurando “determinar cada pormenor da vida da coletividade num intervencionismo crescente” e cercar a “vida dos cidadãos de uma teia complicada de leis e regulamentos”, aquele Estado acabava “entorpecendo a atividade social”, atrofiando a “iniciativa do indivíduo” e impondo um padrão abstrato e homogeneizador de organização da sociedade.³⁷⁹

O manifesto iniciava sua declaração de princípios postulando a realidade de “grupos que não devem ser constituídos nem absorvidos pelo Estado”, como “a sociedade internacional, as igrejas, a família, os sindicatos e associações profissionais”.³⁸⁰ Entre os pontos de seu programa político, figuravam o restabelecimento da federação, a descentralização, a “libertação da tutela governamental para todos os sindicatos e associações de classe”, a “suspensão progressiva do controle pedagógico federal sobre os estabelecimentos de educação” e, no âmbito da proteção social que competia ao Estado, a decretação de um “Código Agrário que proporcione aos trabalhadores dos campos os benefícios da justiça social [...] e lhes dê acesso à propriedade das terras”.³⁸¹ Argumento importante, destinado ao combate ao getulismo, que se sobressai no documento era a ideia de que “o bem-estar da coletividade”, ainda que fosse um ideal a ser perseguido, não poderia ser plenamente alcançado na ausência do regime democrático:

³⁷⁶ RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. Manifesto da Resistência Democrática aos Brasileiros. *A Ordem*, ano XXV, n. 7-8, jul.-ago. 1945, p. 125.

³⁷⁷ *Idem*, p. 125.

³⁷⁸ *Ibidem*, p. 125.

³⁷⁹ *Ibid.*, p. 126.

³⁸⁰ *Idem*, p. 130. Este ponto é reiterado em item subsequente, de número 35, da declaração, em que se lê: “O Estado deve proteção ao indivíduo e aos pequenos grupos contra a ação de grupos fortes que pretendem manejá-lo, explorá-lo ou submetê-lo, impedindo, em qualquer domínio, a sua livre determinação e o desenvolvimento dos seus esforços para a satisfação de suas necessidades materiais e espirituais”. *Idem*, p. 134.

³⁸¹ *Idem*, p. 149.

É urgente [criar] a convicção profunda de que o exercício da liberdade e dos direitos políticos não é um luxo para os povos, a que eles só devem aspirar quando atingem a um suposto grau de adiantamento e de cultura, como gostam de afirmar os sociólogos da Ditadura, mas é, pelo contrário, a condição indispensável para obterem os mais elementares meios de subsistência condizentes com a dignidade da vida humana.³⁸²

A participação de Rios em movimento político de oposição a Vargas que interpretava a experiência do Estado Novo na chave do “totalitarismo”, apostando na construção da democracia política brasileira a partir de forças da própria sociedade, lança luzes sobre sua leitura dos potenciais heurísticos e práticos das Ciências Sociais de matriz norte-americana, disciplinas que lhe pareciam particularmente sensíveis ao estudo dos grupos locais, cujo funcionamento as agências do Estado não podiam pretender substituir.

Em carta a Donald Pierson, um dos principais veiculadores, a partir de suas atividades docentes na ELSP, das Ciências Sociais que se praticavam nos EUA, especialmente da tradição de pesquisas da Universidade de Chicago, Rios afirma que seu contato com apostilas de cursos ministrados pelo norte-americano havia constituído “uma revelação do verdadeiro método sociológico, uma iniciação na Sociologia como ciência da comunidade”.³⁸³ A seu ver, a falta de uma sociologia assentada na pesquisa empírica sistemática acentuava “essa trágica desinteligência entre o homem e o meio em que vive, cujas consequências tantas vezes se têm projeto sobre a história do Brasil”.³⁸⁴ A ideia de comunidade não era estranha à cosmovisão social da Igreja, que marcou de modo significativo, como se indicará adiante, a produção intelectual de Rios. A Sociologia como ciência que atestava a existência de grupos intermediários entre o indivíduo e o Estado foi, ademais, recurso cognitivo de que lançaram mão importantes lideranças intelectuais católicas, como Alceu Amoroso Lima, especialmente após a Revolução de 1930, a fim de assinalar, em um período em que o poder público assumia papel cada vez mais preponderante na regulação do mundo do trabalho e em políticas de educação, saúde pública e proteção social, que a sociedade possuía lógica própria, autônoma, o que equivalia à reivindicação, frente aos poderes estabelecidos, de que instituições como a família e a igreja, consideradas perenes, naturais a toda forma de organização social, tivessem sua esfera de atuação reconhecidas e preservadas (Côrtes, 2002).

³⁸² Ibid., p. 129.

³⁸³ RIOS, José Arthur [Carta] 30 set. 1945, Rio de Janeiro [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 2f. Universidade Estadual de Campinas, Arquivo Edgar Leuenroth, Fundo Donald Pierson, doravante FDP, Pasta 44, p. 1.

³⁸⁴ Idem, p. 2.

A aproximação de Rios da Sociologia de matriz norte-americana se operou mediante colegas do curso de Ciências Sociais da FNFfi igualmente próximos dos círculos intelectuais católicos, como o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos. Ainda que em princípios dos anos 1940 Guerreiro Ramos estivesse em processo de revisão de suas crenças religiosas, ele havia mantido, no início de sua trajetória, estreita vinculação com a intelectualidade católica do país, frequentando, ao se mudar da Bahia para o Rio de Janeiro, o Mosteiro de São Bento (Azevêdo, 2006).³⁸⁵ Guerreiro Ramos travara contato com a sociologia de Chicago, por seu turno, por intermédio das aulas que Donald Pierson ministrara em fins de 1942 no Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) como parte de uma série de cursos e conferências realizados fora de São Paulo, em cidades como Florianópolis e Belo Horizonte, por estímulo da embaixada norte-americana no Rio de Janeiro (Maio & Lopes, 2015). Enveredando pela burocracia do Estado, Guerreiro estabeleceu forte interlocução com a produção sociológica dos EUA a partir de sua atuação no DASP e no Departamento Nacional da Criança (Lopes, 2012). Recordando-se deste período, Rios observa: “[...] vi esses autores [da Escola de Chicago], pela primeira vez, na mão de Guerreiro Ramos quando se preparava para o seu concurso a técnico de administração do DASP”.³⁸⁶

A possibilidade de que Rios aprofundasse seus conhecimentos acerca da Sociologia praticada nos EUA feita aventada por Hilgard O’Reilly Sternberg, que lhe sugeriu que pleiteasse bolsa de estudo para o mestrado em Sociologia Rural na *Louisiana State University* sob orientação de T. Lynn Smith. Sternberg, que conhecera Rios na FNFfi, onde havia concluído o curso de História e Geografia, foi um dos primeiros brasileiros que Smith conseguiu recrutar como parte de seus esforços de promoção do intercâmbio acadêmico. Após estudar Geografia na LSU sob orientação de Richard J. Russell durante dois anos, Sternberg, que regressara ao Brasil em fins de 1944, tornou-se importante colaborador do sociólogo rural em sua tentativa de construir uma rede de cooperação intelectual entre os dois países com base na formação de cientistas sociais brasileiros na universidade norte-americana.³⁸⁷ Em março de 1945, Sternberg escreve a Smith acerca de Rios:

Em atenção ao seu pedido para que procurasse possíveis estudantes de Sociologia Rural, eu tenho o seguinte a dizer: José Arthur Rios está interessado em problemas de Sociologia Rural, tendo completado o

³⁸⁵ Informações sobre a trajetória de Guerreiro Ramos se encontram em Oliveira (1995b) e Maio (1997).

³⁸⁶ RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000, p. 5. AJAR.

³⁸⁷ Nas palavras de Sternberg: “Estou muito interessado no seu plano. Acho sinceramente que o Brasil tem tudo a ganhar se enviar futuros líderes no campo da Sociologia para estudarem sob a direção de um eminente cientista e amigo sincero do meu país”. STERNBERG, Hilgard [Carta] 8 dez. 1944, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. TLSP, Box 15, Folder 1.

segundo ano do curso de Ciências Sociais da FNFi. Ele também é bacharel em Direito, professor de História (Geral e do Brasil) no Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Ele gostaria de se dedicar inteiramente ao trabalho em Sociologia Rural aqui no Brasil. Ele deseja estudar o assunto por completo sob sua orientação na LSU [...]. Eu não tenho ligações pessoais com Rios, mas tudo me leva a crer (inclusive seu histórico acadêmico) que ele é não apenas inteligente como também bastante diligente. Posso pessoalmente depor em favor de seu empenho e iniciativa, uma vez que tive a oportunidade de testemunhar seus repetidos (ainda que malsucedidos) esforços para obter assistência financeira do governo federal [brasileiro] e do governo do Estado do Rio com o propósito de ir à LSU.³⁸⁸

Embora Sternberg, conforme informa a Smith, não possuísse “ligações pessoais” com Rios, ambos mantinham vínculos estreitos com os círculos intelectuais católicos no Rio de Janeiro, elemento comum que certamente os aproximava e que sugere que a indicação do geógrafo não era inteiramente fortuita. Professor de Geografia Humana do Instituto Católico de Estudos Superiores no final dos anos 1930, época em que ainda era estudante da Universidade do Brasil, Sternberg é identificado, por ex-alunos e estudiosos de sua obra, ao grupo de católicos da FNFi.³⁸⁹ As fortes conexões do geógrafo com os católicos se patenteiam em cartas que escreve a Alceu Amoroso Lima quando de sua estada nos EUA. Em abril de 1943, pouco tempo depois de se instalar em Baton Rouge, Sternberg informa a Amoroso Lima que ainda não havia tomado parte no clube de estudantes católicos da LSU em razão do excesso de trabalho.³⁹⁰ O estudante de Geografia expressa, sobretudo, reconhecimento pelo auxílio prestado pelo presidente do Centro Dom Vital para que pudesse realizar a pós-graduação nos EUA, observando que sua interferência junto ao ministro Capanema havia sido decisiva na obtenção da autorização oficial necessária à viagem.³⁹¹

Por mais que os esforços norte-americanos, tanto do governo quanto do mundo acadêmico, em criar laços de cooperação e troca científica entre as Américas tenham tornado a presença da produção sociológica dos EUA mais saliente no cenário brasileiro, fator que não deve ser negligenciado quando se trata de compreender o interesse que as Ciências

³⁸⁸ STERNBERG, Hilgard [Carta] 1 mar. 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. TLSP, Box 15, Folder 1.

³⁸⁹ A ORDEM. Instituto Católico: ano letivo de 1940 – Matérias e Professores. *A Ordem*, v. XI, n. 101, 1940, p.96. O forte anticomunismo ao qual Sterneberg era associado na FNFi teria provocado atritos desencadeados pelo clima de radicalização política que se instaurou na universidade no início dos anos 1960, momento em que o geógrafo emigrou para os EUA, aceitando convite para se tornar professor da *University of California*, Berkeley. Ver, a esse respeito, Lacorte *et al.* (2011) e Kohlhepp (2017).

³⁹⁰ STERNBERG, Hilgard [Carta] 3 abr. 1943, Baton Rouge [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. 2f. Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Petrópolis, Rio de Janeiro, Correspondência, Arquivo 05, Gaveta 03, Pasta 397, n°/doc.: 11.

³⁹¹ Idem.

Sociais praticadas naquele país despertaram em Rios, tal aproximação somente se torna plenamente inteligível quando se considera que o intelectual brasileiro não foi um receptor passivo daquelas correntes de pensamento sociológico, mas delas se apropriou ativamente, conferindo-lhes sentidos próprios, associados tanto a seu engajamento político anti-varguista quanto à visão filosófico-antropológica humanista, de fundo católico, no interior da qual se movia. Buscando uma alternativa tanto ao liberalismo individualizante quanto aos diferentes totalitarismos que ameaçavam suprimir a personalidade humana, Rios valorizou a sociologia de matriz norte-americana em razão, sobretudo, da centralidade que nela assumiam os pequenos grupos, como a comunidade, grupos cuja relevância supunha a aposta de que, estando mais próximos da escala do indivíduo e de sua família, seriam capazes de servir de contrapeso tanto ao Estado tentacular quanto à sociedade de massa atomizadora, além de fornecerem as bases sociais para a construção da democracia no Brasil.

3.2. Entre o catolicismo e a sociologia norte-americana

A forma como Rios avalia os potenciais da sociologia de matriz norte-americana guarda fortes afinidades com as concepções sociológicas católicas esposadas por Alceu Amoroso Lima e os círculos intelectuais do Centro Dom Vital. As expectativas de Rios em relação às Ciências Sociais produzidas nos EUA depreendem-se das primeiras cartas que envia a Smith e Pierson, em um período em que se pusera decidido a estudar naquele país. A esses professores, Rios afirma que os trabalhos de Sociologia no Brasil, informados consideravelmente pela “escola sociológica francesa”, estavam “pesados de metafísica”, exibindo uma “embaraçante carga de especulação filosófica”. À diferença da orientação empírica que notabilizava a Sociologia nos EUA, no Brasil a prática da disciplina estava divorciada da “matéria propriamente sociológica, da realidade humana, que [...] deve constituir [seu] objeto primordial”.³⁹² Os sociólogos brasileiros ou eram dominados por matrizes francesas, perdendo-se em “especulações em torno da natureza da sociedade”, ou se entregavam a textos de “reconstrução histórica” elaborados a partir de trabalho arquivístico, “de gabinete”, sem qualquer respaldo na pesquisa de campo.³⁹³

As ponderações de Rios sobre a “sociologia francesa” merecem, no entanto, ser matizadas, e isto porque suas críticas se endereçavam à tradição durkheimiana, e não às

³⁹² RIOS, José Arthur [*Carta*] 30 set. 1945, Rio de Janeiro [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 2f. FDP, Pasta 44, p. 1. RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 maio 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. AJAR.

³⁹³ RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 maio 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. AJAR.

correntes católicas que, embora também em circulação na França, apresentavam divergências face ao naturalismo sociológico, como é possível perceber pelas aulas de seu antigo professor de Sociologia da FNF, o francês Jacques Lambert, permeadas por reservas às teses de Durkheim, como indicamos acima. Com efeito, Rios se valeu das disputas internacionais no âmbito das relações culturais, acentuadas, durante a guerra, pelos esforços do Departamento de Estado de sobrepujar a ascendência tradicionalmente exercida por países europeus como a França sobre os intelectuais latino-americanos, a fim de fazer ver aos professores norte-americanos a relevância, para o Brasil, de seus estudos nos EUA.

A forma como Rios se refere à sociologia “francesa”, a seu ver, marcada pelo distanciamento da “realidade humana”, como escreve a Pierson, apresenta afinidades com a oposição, feita pelos intelectuais católicos, à sociologia de extração durkheimiana, que, no Brasil, vinha sendo objeto de questionamentos ao menos desde que Alceu Amoroso Lima decidira se posicionar, no âmbito das disputas entre católicos e escola-novistas no terreno da educação, contra o que julgava ser a disseminação sub-reptícia de visões de mundo secularistas e anticlericais por meio do ensino das modernas ciências do homem. De Amoroso Lima, Rios havia lido, ainda nos anos iniciais de sua trajetória intelectual, livros e artigos acerca da sociologia cristã.³⁹⁴ Em *Preparação à Sociologia* (1931), livro publicado em meio aos debates sobre a educação suscitados pela Revolução de 1930 e à pressão dos católicos para que o ensino religioso nas escolas públicas fosse incorporado à Constituição, Amoroso Lima afirma, inspirado na antropologia humanista do francês Jacques Maritain, que o positivismo durkheimiano pressupunha uma filosofia naturalista, coisificante. Ao fazer da personalidade humana produto exclusivo da sociedade, igualando esta à natureza, ele redundava em um determinismo sociologizante incompatível com os dogmas cristãos, que postulavam, entre outros princípios, a existência de uma consciência individual ultraterrena e de uma vontade livre. Contra o naturalismo sociológico, imanentista, do qual fazia parte, por óbvio, o materialismo histórico de Marx, além do positivismo, Amoroso Lima erigiu uma sociologia cristã, que denominava “integral” em razão de sua disposição para reconhecer que a realidade humana não se esgotava em sua dimensão fenomênica, isto é, mundana e sensível, empiricamente verificável, mas também supunha uma dimensão espiritual. Conforme argumentava na esteira de Maritain, a Sociologia deveria ter como fundamento a noção de “pessoa humana”. Corrigindo a falsa ideia de que a sociedade possuía uma existência própria, exterior e independente do indivíduo, e afastando-se, ao mesmo tempo, dos ideais do antigo

³⁹⁴ RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000, p. 5. AJAR.

individualismo liberal, que fazia do indivíduo o fim da sociedade e do Estado, reduzindo o ser humano a uma existência físico-biológica atomizada, a sociologia integral postulava a existência de personalidades livres e capazes de vida moral porque dotadas de uma substância transcendente que tendia para uma finalidade divina:

Eis aí, em termos inequívocos, qual o sentido em que a sociologia cristã coloca o homem no centro da sociedade e faz dele o núcleo de toda a estrutura social. O indivíduo existe para a sociedade, a sociedade existe para a pessoa, a pessoa existe para Deus – eis a hierarquia social completa, que defendemos.³⁹⁵

De acordo com o esquema gnosiológico de Alceu Amoroso Lima, a Sociologia, reconhecendo a transcendência da pessoa humana, não deveria se colocar no topo da hierarquia das ciências, como havia pretendido Augusto Comte, mas admitir sua subordinação à Metafísica, ciência dos primeiros princípios, e à Ética. Em suas palavras:

A concepção cristã de sociologia [...], tendo uma base científica tão sólida quanto as demais [...], excede entretanto, de muito, a todas as demais no âmbito de sua concepção filosófica, que vence o unilateralismo que só vê uma face da realidade, e restaura a verdade em toda a sua plenitude./ Eis porque motivo não hesito em proclamar que a sociologia cristã é a mais elevada, a mais científica e a mais completa das concepções sociológicas./ O que não evita que ela também participe da precariedade de toda ciência social contemporânea, contra a qual as paixões humanas criam um ambiente quase insustentável. Isso não é surpresa alguma para a sociologia cristã, pois esta coloca o homem no centro de toda a sua concepção social e tanto a psicologia experimental como a teologia dogmática nos ensinam que o homem é um ente decaído, e que em sua alma se contêm tanto o gérmen de todas as grandezas, como a semente de todas as misérias.³⁹⁶

A tese de Rios sobre gêneros literários característicos da América Espanhola, que redigiu em 1941 tendo em vista o concurso, que não chegou a ser realizado, para a cadeira de Literatura do Instituto de Educação de Campos, município do estado do Rio de Janeiro,

³⁹⁵ LIMA, Alceu Amoroso. *Preparação à Sociologia*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1931, p. 78.

³⁹⁶ Idem, p. 31, grifos do autor. Amoroso Lima afirmava que o confronto entre a “sociologia finalista” ou “integral”, inspirada na filosofia cristã, e a “sociologia determinista” reproduzia, de modo análogo, no plano científico-intelectual, a disputa geopolítica global que opunha “na realidade social dos nossos dias [...] Roma e Moscou, o Vaticano e o Kremlin”. LIMA, Alceu Amoroso. Idem, pp. 16-17. As ideias defendidas por Alceu Amoroso Lima neste livro também terão repercussão nos anos seguintes, em 1943, quando, por ocasião da reforma do ensino superior anunciada pelo Ministro Capanema, o professor de ética da FNF, Jerzy Zbrozek, formado na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, será encarregado de elaborar uma proposta para a remodelação dos cursos de Ciências Sociais, voltando a carga contra o denominado naturalismo sociológico e despertando a reação adversa imediata de Luiz de Aguiar Costa Pinto, um dos professores de Sociologia da Universidade do Brasil. Ver ZBROZEK, Jerzy. *Reflexões sobre uma reforma do Ensino Superior das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

repercute a crítica católica, veiculada por Alceu Amoroso Lima, ao naturalismo positivista nas Ciências Sociais e indica em que medida ele havia aderido a concepções filosóficas humanistas cristãs. Ao advertir seus leitores contra os equívocos das abordagens sociológicas que pretendiam reduzir o conteúdo das obras literárias ao “meio social” do qual provinham seus autores, Rios critica os “unilateralismos” e o “determinismo” contidos no “sociologismo de Émile Durkheim”, que opunha o “meio circunstante” ao “ser humano”, “estabelecendo entre ambos um nexos causal que, partindo de fora para dentro, ignorava as raízes profundas e a finalidade transcendente do homem”.³⁹⁷ De acordo com Rios:

[É] difícil contrastar as absorventes teorias sociologistas, devido ao caráter imponderável dos fenômenos sociais, extremamente variáveis no tempo e no espaço. Chegou-se mesmo ao extremo de cindir a equação indivíduo mais sociedade em dois termos irreduzíveis, digladiando-se através da história. Mais acertados andam, para nós, os que, com Jackson de Figueiredo [fundador do Centro Dom Vital], Unamuno, Bardiaeff e Maritain [referências importantes para o pensamento católico do período] contrapõem a ambas absorções, – a do indivíduo pela sociedade ou a desta por aquele – a sua teoria da pessoa humana, entidade espiritual onde se harmonizam e completam as tendências centrífugas do indivíduo e as forças centrípetas da sociedade. [...] O fator mesológico só age sobre o indivíduo através da sociedade, traduzidos seus efeitos em efeitos sociais. E, dominando esse complexo de ações e reações está a pessoa humana, sobrepassando o indivíduo biológico, composição de forças, núcleo criador e eterno.³⁹⁸

Ainda que a tese de Rios jamais tenha sido defendida, seu objeto de estudo, concebido por influência de seu antigo professor do Instituto de Educação de Niterói, o escritor pan-americanista Silvio Júlio, levou-o a ser indicado por este, em fins de 1942, à cadeira de Literatura Hispânica da Universidade do Brasil, que havia se tornado vaga. Silvio Júlio era professor de História da América na FNF i e mantinha relações com Alceu Amoroso Lima. A vinculação de Rios ao pensamento católico é evidenciada em carta de recomendação que Silvio Júlio endereça a Amoroso Lima, intelectual-chave no recrutamento de professores da FNF i nesse período dada sua ascendência sobre o ministro Capanema. Além de ex-aluno do curso complementar de Direito, “jovem honrado, culto e talentoso”, que “estuda dia e noite”,

³⁹⁷ RIOS, José Arthur. *A Novela representativa na América Espanhola*. Tese para a cadeira de Literatura dos Institutos de Educação do Estado do Rio. Mimeo: Rio de Janeiro, 1941. AJAR, p.1.

³⁹⁸ Idem, p. 2.

e um dos “raríssimos brasileiros que conhecem, de verdade, a literatura hispano-americana”, Rios é qualificado, por Silvio Júlio, como “cristão sincero e integral”.³⁹⁹

A repercussão do pensamento católico sobre as primeiras turmas de Ciências Sociais da FNFⁱ também se evidencia em uma análise dos textos de Alberto Guerreiro Ramos, da mesma geração de Rios. A leitura humanista, crítica ao determinismo sociológico francês, durkheimiano, em chave semelhante a de Alceu Amoroso Lima, foi acionada por Guerreiro Ramos na sua avaliação dos potenciais cognitivos e práticos contidos na sociologia de matriz norte-americana tendo em vista o desenvolvimento de ações preventivas e terapêuticas sobre o chamado comportamento desviante de crianças e adolescentes infratores, questão que passou a lhe interessar no início dos anos 1940, quando ingressou no quadro docente dos cursos de Puericultura e Administração do Departamento Nacional da Criança (Lopes, 2012). A comparação entre as leituras de Guerreiro e Rios acerca da sociologia de Durkheim e do contraponto que lhe pareciam oferecer os sociólogos norte-americanos é significativa porque ambos não somente foram alunos dos primeiros cursos de Ciências Sociais da FNFⁱ, travando contato com a missão de professores franceses contratados por Gustavo Capanema, como também, ainda nos início de suas trajetórias intelectuais, estiveram sob o raio de influência da intelectualidade católica do país. Guerreiro, ademais, como se indicou acima, contribuiu para que Rios tomasse conhecimento da literatura sociológica dos EUA.

Repercutindo expediente argumentativo característico da “sociologia integral” de Alceu Amoroso Lima, Guerreiro Ramos afirma que a inovação teórica do “interacionismo social”, esquema conceitual adotado pela sociologia “científica” estabelecida especialmente pelos pesquisadores da Universidade de Chicago reunidos em torno de Robert Park e Ernest Burgess, residia na possibilidade de superação dos “unilateralismos” na explicação do comportamento humano, substituindo tanto o “hereditarismo” quanto o “ambientalismo” pela análise dos “fatores interativos”, biológicos e sociais, em jogo na modelação dos modos de agir, “os quais só [valiam] integrados na conjuntura total da personalidade”.⁴⁰⁰ Como exemplo de aplicação da perspectiva interacionista ao estudo dos problemas sociais, Guerreiro Ramos se vale do livro *Social Pathology*, de Lawrence Guy Brown, que afirmava que a “natureza

³⁹⁹ JÚLIO, Silvio [Carta] 12 ago. 1942, Rio de Janeiro [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. 3f. AJAR. A proposta, ainda que acolhida por Amoroso Lima, que a encaminha a Capanema, recebe do ministro resposta negativa: “[...] cabe-me comunicar-lhe que recebo com muita simpatia a pretensão do professor José Arthur Rios. Entretanto, estou informado de que o professor [uruguaio Enrique Rodrigues] Fabregat [cujo contrato com o governo brasileiro havia sido rescindido em 1941] pretende voltar ao exercício da cátedra e, nessas condições, não me é dado assumir compromisso em favor do aproveitamento daquele primeiro candidato”. CAPANEMA, Gustavo [Carta] 24 ago. 1942, Rio de Janeiro [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. 1f. AJAR.

⁴⁰⁰ GUERREIRO RAMOS, Alberto. “Uma concepção multidimensional do comportamento”. *Jornal de Pediatria*, v. X, n. 7, 1944, p. 32.

humana” de cada um resultava de um processo singular de interação entre suas heranças “orgânica” e “social”, interação necessariamente mediada, conforme argumentava, pela “experiência única” do indivíduo, “série de contatos e de acontecimentos da vida de uma personalidade” que constituía o seu “universo secreto”.⁴⁰¹

A recusa da sociologia de matriz norte-americana, tal como representada pelas vertentes teóricas de Chicago, em conceber a sociedade como uma entidade independente e anterior à existência dos indivíduos, hipostasiando-a, como fizera Durkheim, e sua ênfase sobre a interação, foi um dos elementos que favoreceram a aproximação de Rios, informado pela perspectiva humanista crítica ao positivismo francês, da produção sociológica dos EUA, que lhe parecia mais apta, pelos conceitos e instrumentos de pesquisa, a captar a “realidade humana”, que deveria constituir “o objeto primordial da Sociologia”.⁴⁰²

Além de oferecer uma alternativa ao determinismo sociológico durkheimiano, a sociologia de matriz norte-americana, com seu instrumental, parecia, aos olhos de Rios, acenar com a possibilidade de aplicação do conhecimento na solução dos problemas sociais do país. Essa lógica de recepção da sociologia praticada nos EUA, que tendeu a exacerbar o alcance prático ou o caráter aplicado da disciplina de uma maneira que contrastava com as reservas que, a esse respeito, demonstrava Donald Pierson, então um dos seus principais representantes no Brasil, foi comum a sociólogos recém-formados na FNFfi que, em início de carreira, participavam dos esforços de legitimação de seu *métier*, como Alberto Guerreiro Ramos e Luiz de Aguiar Costa Pinto (Maio & Lopes, 2015).

Tal leitura, que enfatizava os nexos entre ciência e intervenção social, não era, ademais, de todo incongruente com a Sociologia Rural de T. Lynn Smith, que demonstrava forte propensão a prescrever políticas e formas de intervenção sobre a sociedade. A Smith, Rios afirma que o Brasil precisava de “especialistas rurais”, de “sociólogos práticos”, capazes de conduzir pesquisas de campo como aquelas que haviam dado origem ao livro *Middletown*, de Robert e Helen Lynd, importante referência para os denominados estudos de comunidade,

⁴⁰¹ GUERREIRO RAMOS, Alberto. *Aspectos Sociológicos da Puericultura*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Criança, Imprensa Nacional, 1944, p. 25. Azevêdo (2006) afirma que uma antropologia filosófica humanista subjaz ao conjunto da obra de Guerreiro Ramos, para além dos temas, abordagens e conceitos variados de que se valeu ao longo de seu percurso intelectual. Embora a tese do autor, que privilegia a continuidade sobre a ruptura na análise da produção intelectual de Guerreiro, deva ser acolhida com reservas, sua análise lança luzes sobre a forma como o sociólogo aderiu, a partir de uma perspectiva filosófica católica, identificada ao “humanismo integral” de Jacques Maritain, à sociologia “científica” associada à produção acadêmica norte-americana.

⁴⁰² RIOS, José Arthur [*Carta*] 30 set. 1945, Rio de Janeiro [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 2f. FDP, Pasta 44, p. 1.

e isto uma vez que, segundo Rios, o país era uma “terra eminentemente agrícola” e “[seus] problemas [eram] mais agudos no campo do que nas cidades”:

Ainda que haja problemas urbanos como na maior parte do mundo, creio que os fatos de desajustamento rural estão mais diretamente implicados na economia vital do país. Nossos sertões [“backlands”] são um mundo desconhecido que espera por novos pioneiros, que levarão a eles todos os triunfos da civilização.⁴⁰³

É evidente, como indica a passagem acima, a linha de continuidade entre a percepção de Rios sobre o Brasil rural, do interior, e o pensamento social que, desde a obra de Euclides da Cunha, estabelecera chave de leitura do país estruturada em termos duais, contrastando a realidade rústica dos sertões à civilização do litoral (Lima, 1999).

A forma como Rios imaginava a intervenção social sobre o mundo rural se compreende, ademais, quando analisamos o programa político da Resistência Democrática, do qual ele foi um dos integrantes ativos. Há fortes afinidades entre diferentes documentos do grupo e a agenda sociológica reformadora de Rios. No intuito de solucionar as crises de abastecimento e garantir a produção de gêneros agrícolas a baixo preço, a Resistência propunha medidas visando à melhoria do “sistema de comunicação”, mecanização e aproveitamento intensivo da terra mediante políticas de crédito, além da extensão da legislação trabalhista e da assistência médico-sanitária ao campo.⁴⁰⁴ Era preciso promover o “acesso progressivo à propriedade das terras” pelo trabalhador, o que constituía uma das ações destinadas à promoção da “democracia econômica”, da qual a “democracia política” não poderia estar dissociada.⁴⁰⁵ Um regime democrático, todavia, e não totalitário, não deveria pretender estabelecer a palavra final acerca das políticas sociais e econômicas a serem adotadas, e, pautando-se pela “modéstia”, pela “medida” e pela “prudência”, reconhecia a necessidade de estudos aprofundados sobre os problemas do país.⁴⁰⁶

A defesa da pequena propriedade rural também se escorava em princípios veiculados pela sociologia cristã de Alceu Amoroso Lima, por sua vez informada pela doutrina social da Igreja que, desde as encíclicas papais *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo Anno* (1931), afirmavam a importância de uma reconstrução da ordem social moderna capaz de remediar os males ocasionados pelo capitalismo liberal, ideias que tiveram bastante repercussão entre os

⁴⁰³ RIOS, José Arthur [Carta] 21 maio 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. AJAR.

⁴⁰⁴ RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. *Programa de ação imediata da ‘Resistência Democrática’, em face da atual situação do país*. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1945. AJAR, p. 9.

⁴⁰⁵ Idem, pp. 9-10.

⁴⁰⁶ Ibidem, p. 11.

grupos católicos militantes na América Latina.⁴⁰⁷ Amoroso Lima argumentava que, em face do capitalismo concentrador da propriedade nas mãos de poucos e do comunismo, que a concentrava “nas mãos do Estado proletário”, a sociologia integral advogava o “distributivismo”, fundado na “disseminação intensiva da pequena propriedade, quer industrial, quer agrícola e comercial”.⁴⁰⁸ De acordo com Amoroso Lima, a concepção social cristã não considerava o direito de posse individual como absoluto, à maneira do liberalismo, subordinando a propriedade à sua “função social”, uma vez que devia servir ao desenvolvimento da “pessoa humana”, fim último da atividade econômica frente ao qual a produção de bens constituía apenas um meio.⁴⁰⁹ Conforme argumentava, o erro do sistema produtivo moderno era o de ter conferido autonomia à esfera econômica, libertando-a dos princípios morais que, na Idade Média, velavam por relações minimamente harmoniosas entre capital e trabalho e asseguravam aos trabalhadores rurais direitos sobre a propriedade agrícola.⁴¹⁰ A Sociologia não devia perder de vista o sentido transcendente da existência humana, ausente do mundo moderno que, dominado pelo ateísmo e pelo agnosticismo, havia entronizado, no lugar da preocupação com os destinos extramundanos do homem, a busca incessante pelo lucro e a produção material enquanto fins em si mesmos.⁴¹¹

Embora a agenda reformadora de Rios tenha se abeberado do pensamento social da Igreja, é importante destacar, que, à diferença de Alceu Amoroso Lima, Rios não reivindicará abertamente, ao se tornar sociólogo, uma “sociologia finalista” ou “integral” preocupada em indicar, ostensivamente, suas raízes na filosofia cristã ou no catolicismo, enveredando pela defesa da sociologia como ciência axiologicamente neutra e, enquanto tal, despida de rótulos ou filiações ideológicas explícitas, um ideal de ciência que tinha grande força entre os praticantes da disciplina nos EUA e que havia sido uma das notas dominantes na construção da identidade profissional de seus sociólogos. Rios buscará afirmar, isto sim, a compatibilidade entre a sociologia “empírica” e “científica” e a cosmovisão católica. Em 1957, por ocasião de um “curso de sociologia religiosa” que ministra para vigários de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, reunidos em torno do Seminário de Viamão, Rios argumentará que o reconhecimento da Sociologia enquanto ciência baseada no registro neutro dos fatos sociais e livre de “esquemas preconcebidos” não significava compromisso intelectual com o “positivismo”, o “materialismo” e o “mecanicismo” que haviam viciado a obra dos

⁴⁰⁷ Ver, a esse respeito, o livro organizado por Andes & Young (2016).

⁴⁰⁸ LIMA, Alceu Amoroso. *Preparação à Sociologia*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1931, p. 183.

⁴⁰⁹ Idem, p. 184.

⁴¹⁰ Ibidem, pp. 135-136.

⁴¹¹ Ibidem, p. 185.

fundadores da disciplina, a exemplo de Comte, Durkheim e Marx, sustentando a ideia de que o estudo objetivo da natureza, plano em que as relações sociais se desenrolavam, levaria, necessariamente, ao fim e ao cabo, ao reconhecimento de suas origens extramundanas, posição que fazia eco à tese filosófica tomista de que seria possível confirmar a existência do divino e do sobrenatural indiretamente, mediante a observação empírica de seus efeitos no mundo natural:

Participo da opinião de que é possível fazer Sociologia sem envolver uma filosofia social. E me refiro à ciência como tal. Acredito que a Sociologia como tal é possível. É possível um estudo objetivo da realidade social, desde que não misturemos noções filosóficas e a observação do real que estamos acompanhando. É possível, porque isto vem sendo feito. Isso nos dá, ao contrário do que muitos pensam, uma enorme vantagem. A delimitação de um terreno comum, ou digamos assim, de um terreno neutro, onde os fatos sociais possam ser analisados seja qual for a crença religiosa dos observadores, dos cientistas, dos estudiosos. Permite-nos demonstrar em condições puramente naturais o funcionamento do mundo natural [...]. E se nós nos colocarmos numa posição de objetividade dentro desses fatos sociais, nós (quando digo ‘nós’ me refiro também à Igreja), só teremos a lucrar com essa colocação. Nós vamos obter um campo que é aceito como terreno neutro para demonstrações que levarão àquilo que nós julgamos ser a Verdade Revelada [...]. É nesse terreno [mundo natural], é nesse setor que nós surpreendemos o homem nas suas relações sociais. É nesse plano, portanto, mas como sempre acontece, nós não podemos caminhar para a natureza, sem ver a todo o momento na natureza a ação da graça, a ação do Mundo Sobrenatural. De modo que qualquer demonstração que façamos, desde que esta demonstração antes de tudo seja feita com rigor, honestidade, objetividade científica, só tende a nos trazer mais uma vez a convicção destas verdades sobrenaturais, a crença cada vez maior na ação da graça sobre a natureza.⁴¹²

Destarte, apesar de Alceu Amoroso Lima e Rios terem se reconhecido como intelectuais católicos e se batido contra visões de mundo que acreditavam antagônicas à da Igreja, os dois conceberam as relações entre Sociologia e pensamento católico de modo divergente, fato que se torna inteligível se se consideram os distintos contextos em que refletiram acerca dessas vinculações. Amoroso Lima, escrevendo nos anos 1930, quando a Sociologia começava a ganhar certo grau de institucionalização a partir de sua introdução nos níveis secundário e superior de ensino, optou pela explicitação das distintas correntes filosóficas que se punham em confronto nos bastidores daquela ciência a fim de sinalizar para

⁴¹² RIOS, José Arthur. “Primeira Conferência, 15/5/57”. In *Curso de Sociologia Religiosa*. Mimeo: Rio de Janeiro, 1957, pp. 3-5. AJAR.

as pretensões hegemônicas da sociologia naturalista, de extração materialista ou positivista, que se enxergava como única ciência possível, e chamar a atenção para as alternativas abertas aos intelectuais católicos para a prática da Sociologia. Conforme sua argumentação, toda sociologia pressupunha uma filosofia subjacente, mesmo aquelas correntes que se pretendiam livres de pressupostos ontológicos e filosófico-antropológicos.⁴¹³ Por outro lado, a defesa de Rios da Sociologia como ciência livre de considerações filosóficas apontava para sua inserção em um mundo intelectual no qual o ideal de uma esfera científica autônoma para as investigações sociológicas galgava cada vez mais legitimidade. Nessas circunstâncias, a sociologia empírica, cujo desenvolvimento provinha especialmente dos EUA, embora não reconhecesse o debate filosófico de seus pressupostos como expediente que competisse ao sociólogo profissional, podia servir como o instrumento mundano, secular, para a promoção de um ordenamento social afinado com ideais humanistas de matriz cristã-católica e com aspirações políticas democráticas, e isto na medida em que parecia não somente fornecer acesso à realidade dos pequenos grupos de localidade como também atestar cientificamente sua relevância para o funcionamento da sociedade como um todo.

Assim, mesmo após sua primeira viagem aos EUA, entre 1945 e 1947, momento em que passará a fazer a defesa da institucionalização da Sociologia no Brasil como ciência fundada na pesquisa sistemática, Rios não abrirá mão de uma perspectiva humanista, de fundo católico, que permanecerá presente, de modo por vezes tenso, em suas considerações epistemológicas sobre a disciplina, e que se tornará evidente, sobretudo, no tipo de intervenção social propugnado pelo sociólogo. A sociologia de matriz norte-americana também não estava livre de censuras, ainda que privadamente, quando nela se insinuavam visões naturalistas, consideradas reducionistas, do comportamento humano em sociedade. Escrevendo da Louisiana ao amigo, o médico José Fernando Carneiro, Rios, então no início do seu mestrado, afirmava: “A filosofia dos text-books e dos professores é irritantemente primária. No meu compêndio de sociologia encontrei coisas de estarrecer, como, por

⁴¹³ Não é outro aliás o espírito de seu prefácio ao livro didático de Amaral Fontoura, *Programa de Sociologia*, escrito para alunos dos cursos complementares, preparatórios, à época, para o vestibular: “[O autor] tem o cuidado de expor, sempre que o assunto o exige, as várias correntes em jogo, sem procurar, como é tão comum em muitos compêndios, iludir o leitor pela adoção de uma determinada corrente, como se essa fosse a única e a verdadeira. Um dos perigos da Sociologia ensinada em nível secundário está justamente nesse duplo escolho. Ou se procede como o autor deste compêndio, expondo honestamente as constantes divergências de ponto de vista, e com isso se pode levar a confusão ou o cepticismo ao cérebro dos adolescentes, ou se faz, como desonestamente tantos outros, escamoteando as divergências e apresentando como ciência social o que é apenas hipótese pessoal ou ponto de vista sectário. O chamado sociologismo, tão corrente entre os que entre nós e alhures se ocupam com esses problemas, é típico desse perigoso subterfúgio”. LIMA, Alceu Amoroso. “Introdução”. In FOUNTOURA, Amaral. *Programa de Sociologia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940, pp.13-14.

exemplo, motivações da conduta humana deduzidas através do comportamento de meia dúzia de galinhas....”⁴¹⁴

3.3. A democracia na América e o autoritarismo no Brasil

Rios viajou aos EUA em março de 1946, permanecendo no país até setembro de 1947, com bolsa do *Institute of International Education*. Grupo privado com sede em Nova Iorque fundado ao final da Primeira Guerra Mundial com recursos de fundações filantrópicas, o *Institute of International Education* se estabeleceu como um dos principais centros, nos EUA, para a coordenação dos esforços de intercâmbio de estudantes e, no início dos anos 1940, quando os fluxos acadêmicos tradicionais com a Europa se viram comprometidos em razão da guerra, a agência, cujos quadros dirigentes haviam contribuído para a construção do programa de relações culturais do Departamento de Estado, integrou-se oficialmente à política governamental de aproximação com a América Latina, instituindo mecanismos de seleção e distribuição de bolsas de estudo a partir de comitês mistos, embaixadas e centros culturais em operação na região (Espinosa, 1977; Ninkovich, 1981). Relatórios do instituto indicam que, em meados dos anos 1940, diversos brasileiros receberam recursos da agência a fim de realizar seus estudos pós-graduados nos EUA, a exemplo de Hilgard Sternberg (Geografia, LSU), João Gonçalves de Souza (Sociologia Rural, *University of Wisconsin*), Lavínia Costa Villela (Sociologia, *Indiana University*), Henrique Stodieck (Sociologia, *University of Chicago*), Oracy Nogueira (Sociologia e Antropologia Social, *University of Chicago*), Ruy Galvão de Andrade Coelho (Antropologia Social, *Northwestern University*), Nelson de Souza Sampaio (Ciência Política, *Northwestern University*), Mauro Brandão Lopes (Ciência Política, *Yale University*), grande parte deles valendo-se da intermediação de sociólogos norte-americanos atuantes no Brasil como Donald Pierson (Pierson, 1987).⁴¹⁵

Na *Louisiana State University*, Rios realizou cursos de Introdução à Sociologia, Sociologia Rural e Demografia ministrados por Smith, além de tabular e analisar dados no

⁴¹⁴ RIOS, José Arthur [Carta] 21 abril 1946, Baton Rouge [para] CARNEIRO, José Fernando. 2f. AJAR.

⁴¹⁵ INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION. *Quarterly Report on Contract SCC-447*, 6 jan. 1945. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1945-1949. Central Decimal File. Box 4385, Folder 810.42711 SE 11-145; INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION. *Comprehensive list of students from the other American Republics enrolled in the United States Colleges and Universities during the academic year 1945-1946*. Washington D. C.: Clearing House on Student Interchange, Washington Bureau. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1945-1949. Central Decimal File. Box 4386, Folder 810.42711 SE 8-2046.

Institute for Population Research dirigido pelo sociólogo rural naquela instituição.⁴¹⁶ Entre seus professores estiveram Rudolf Heberle e William F. Ogburn. Alemão radicado nos EUA, Heberle era genro de Ferdinand Tönnies (autor do clássico *Comunidade e Sociedade*), de cuja obra era profundo conhecedor, e ministrou a Rios curso de Teoria Social. Ogburn, sociólogo de Chicago que era conhecido por suas pesquisas em torno do conceito de ‘demora cultural’, ofereceu, na qualidade de professor visitante, um seminário acerca dos efeitos sociais das mudanças tecnológicas.⁴¹⁷ Rios cursou ainda as disciplinas “Raça e Relações Raciais”, “Instituições Latino-Americanas” e “Organização Social Rural”.⁴¹⁸

Rios apresenta uma visão matizada da sociologia que se ensinava e se produzia nos EUA. Em entrevista ao jornal *A Noite* meses depois de seu regresso ao Brasil, ele observa, à maneira do que afirmava Pierson (Maio & Lopes, 2015), que os sociólogos norte-americanos, pelo investimento na criação de “métodos de apreensão da realidade social e uma trama de conceitos capaz de reter a sua essência”, vinham contribuindo para a superação das controvérsias entre correntes teóricas e “escolas” nacionais, “fase de imprecisão conceitual em que sociólogos americanos, franceses e alemães falavam uma língua ininteligível, fora dos respectivos grupos”.⁴¹⁹ Os norte-americanos renunciavam “asceticamente a enunciação de teorias sobre a vida social, [concentrando-se] numa conscienciosa acumulação de fatos, de dados empíricos, condição básica para o desenvolvimento de uma ciência digna deste nome”.⁴²⁰ Rios nota, todavia, o risco de que a atenção sobre técnicas de pesquisas absorvesse-os em demasia.⁴²¹ Em carta a Fernando Carneiro, o sociólogo observa:

Os professores, em geral, atingiram aquele estagio ideal de especialização em que o individuo não vê o que se passa nem à sua direita nem à sua esquerda. Como tal, são grandes pesquisadores, grandes coletores de dados, mas pobres cientistas na acepção integral da palavra. Culpo disso o sistema educacional vigente sem nenhum fundamento humanista, praticamente sem janelas para o mundo. A guerra melhorou um pouco essa situação. Revelou um horizonte para os rapazes que atravessaram o Atlântico. [...] Um dos meus

⁴¹⁶ Entrevista de José Arthur Rios concedida a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso em 13 de julho de 2006. Depoimentos orais do projeto ‘Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil’. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

⁴¹⁷ RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000, p. 7. AJAR.

⁴¹⁸ RIOS, José Arthur. *Report to the Institute of International Education*, 5 jun. 1946. 3f. AJAR. Também faziam parte do corpo docente do Departamento de Sociologia ao tempo em que Rios estudou em LSU, Marion B. Smith e Joseph S. Vandiver. LOUISIANA STATE UNIVERSITY AND AGRICULTURAL AND MECHANICAL COLLEGE. *University Bulletin*. Baton Rouge: Louisiana State University, the summer term, June 6 – August 9, 1947, p. 81.

⁴¹⁹ RIOS, José Arthur. A Expansão da Sociologia Rural no Brasil. Entrevista para *A Noite*, sexta-feira, 19 dez. 1947, p. 8.

⁴²⁰ Idem.

⁴²¹ Ibidem.

companheiros de quarto esteve na Inglaterra e na França e possui uma mentalidade muito mais arejada que a média dos seus colegas.⁴²²

De acordo com Rios, a divisão desmedida do trabalho científico e a valorização excessiva do dado que marcavam as Ciências Sociais nos EUA possuíam raízes na cultura do país, caracterizada por um “titanismo que a leva a sacrificar mais à técnica que ao espírito”, fazendo com que a “expansão [do homem] se [desse] inevitavelmente mais em extensão que em profundidade, mais no domínio da matéria que no reino do espírito”.⁴²³ Rios apresenta uma perspectiva crítica à produção norte-americana na área de Humanidades, considerada como filosoficamente pedestre e provinciana, destituída de tradições de pensamento robustas, como as europeias. Se essa atitude, que apontava para os riscos de compreensão fragmentada da realidade decorrentes da profissionalização da atividade do sociólogo e de um mundo acadêmico altamente especializado, reflete a socialização de Rios nas hostes do humanismo católico, ela é igualmente reveladora dos obstáculos postos à veiculação da cultura sociológica norte-americana na América Latina em geral, em que os modelos intelectuais europeus, associados especialmente à França, detinham forte prestígio.

As ponderações de Rios acerca da sociologia de matriz norte-americana chamam a atenção para os limites de sua “conversão” aos ideais de ciência e cientista dominantes nos EUA. A busca por uma conciliação entre o *ethos* profissional característico dos círculos sociológicos norte-americanos, com sua ênfase sobre a neutralidade axiológica – tendência que os anos da Guerra Fria recobriram com uma significação especial⁴²⁴, e o ideário

⁴²² RIOS, José Arthur [Carta] 21 abril 1946, Baton Rouge [para] CARNEIRO, José Fernando. 2f. AJAR. As impressões de Rios acerca dos primeiros cursos que frequentou encontram-se na correspondência com familiares e amigos. Em carta ao amigo Delson Curty, antigo colega da Faculdade de Direito, Rios lamenta seu “isolamento mental”, afirmando não encontrar “ressonâncias nem afinidades profundas” entre estudantes e professores: “Os cursos que estou tomando são de uma chatice irremediável. Não me ensinam nada de novo e os mestres porejam mediocridade. A única diferença que os separa dos nossos é que dizem lugares-comuns em inglês. O próprio Lynn saindo do campo da objetividade, do domínio seguro dos números e dos fatos, não respondo por ele. Em todo o caso, é o mais seguro de todos. Mas, por que diabo insiste em nos ler o diário de suas viagens à Colômbia, onde narra que tomou café com broa de milho às seis horas da manhã e que o burro lhe fugiu com as bagagens, cordilheira abaixo? Hoje, ouvi de um rapaz, meu colega de classe, a mesma queixa. Dizia ele: ‘Afinal, vim aqui para aprender técnicas de pesquisa e estou estudando a evolução do arado’. Quanto a mim, não estudo a evolução do arado, mas ponho pontos no mapa. Aliás, manda a verdade que te diga que já progredi nesse trabalho: comecei com os pontos; passei a somar números numa máquina; mas agora, com menos de um mês de prática, combino as duas coisas: pingo os pontos e somo-os na preciosa máquina”. RIOS, José Arthur [Carta] 15 abr. 1946, Baton Rouge [para] CURTY, Delson, Rio de Janeiro. 5f. AJAR.

⁴²³ RIOS, José Arthur. A Expansão da Sociologia Rural no Brasil. Entrevista para *A Noite*, sexta-feira, 19 dez. 1947, p. 8.

⁴²⁴ Em comunicação ao encontro anual dos sociólogos sulistas de 1948, no auge da Doutrina Truman, T. Lynn Smith, por exemplo, chamava a atenção para a necessidade de que aqueles cientistas, atuando tanto com conhecimento básico quanto com a aplicação, pusessem mais ênfase no “logos” do que nos “ismos” da sua ciência: “Em realidade, o nome de nossa disciplina é sociologia e não socialismo, ainda que a mentalidade popular não consiga ver a distinção. Recai sobre todos nós o imperativo de tornar essa diferença tão clara e inconfundível de modo que ninguém possa dela duvidar. Sempre deve ser feito o esforço para se diferenciar

reformador humanista de Rios levarão o sociólogo, anos mais tarde, a posições por vezes ambivalentes acerca das normas que deveriam pautar o trabalho sociológico no Brasil. Em entrevista de 1951 ao jornal *Tribuna da Imprensa*, Rios afirma que os sociólogos deveriam realizar pesquisa sob o patrocínio de “organizações desinteressadas”, mantendo-se ao abrigo “desta ou daquela ideologia”, mas, ao mesmo tempo, precisavam afastar a falsa crença de que “se faz pesquisa por pesquisa” e, ao invés de pretenderem “fechar-se na sua torre de marfim”, descuidando da “finalidade social” da pesquisa, do imperativo de “servir o bem comum”, deveriam se conscientizar do papel que lhes cabia desempenhar na “batalha que se trava[va] no Brasil pela reforma das estruturas econômicas e sociais”.⁴²⁵ Em texto de divulgação das Ciências Sociais para profissionais de saúde, publicado em 1953, Rios, marcado por esta mesma ambivalência, condena a pesquisa como um fim em si mesmo ao mesmo tempo em que se preocupa em afirmar a necessidade de distanciamento do cientista social em relação à esfera da ação prático-política:

[Quando] se assanha no sociólogo [a] vontade de execução, quando ele exorbita de suas funções de consultor para provar a mão em tarefas de planejamento e controle, podemos afirmar que está pondo em perigo sua vocação própria, que é o estudo despreconcebido [sic] dos fatos sociais.⁴²⁶

Assim como a apropriação dos ideais de ciência social vigentes nos EUA por parte de Rios é complexa, a leitura que realiza da sociedade norte-americana supõe, igualmente, uma avaliação nuançada, que mescla aprovação e crítica, e não implica, de modo algum, adesão irrestrita aos estilos de vida identificados àquele país. Rios enxerga positivamente, sobretudo, os aspectos democráticos, de participação social, que se depreendem da vida norte-americana, especialmente das pequenas vilas e cidades do interior, julgando-os sob o prisma toquevilleano das liberdades e da igualdade a partir de um jogo de contrastes cuja lógica implícita é a crítica implacável ao regime autoritário de 1937 no Brasil, considerado o produto de uma sociedade desigual, orientada por princípios hierarquizantes. A natureza intrinsecamente comparativa do olhar de Rios sobre os EUA é reconhecida pelo sociólogo quando afirma, em carta a Fernando Carneiro: “[...] encontro-me agora em melhor posição

doutrina, por um lado, e fatos estabelecidos, hipóteses testadas e teorias operacionalizáveis, por outro”. SMITH, T. Lynn. Needed Emphases in Southern Sociology. *Social Forces*, v. 27, n. 2, 1948, p. 154.

⁴²⁵ RIOS, José Arthur. Os estudos de sociologia no Brasil. Entrevista para *Tribuna da Imprensa*, 24 nov. 1951, ano 1, n. 32.

⁴²⁶ RIOS, José Arthur. Ciências sociais e saúde pública. *Boletim do SESP*, n. 38, 1953, p. 2. A interlocução de Rios, na área da saúde, com a sociologia de Guerreiro Ramos, orientada explicitamente por um projeto político de construção nacional, é elemento igualmente relevante para a compreensão de seu posicionamento a esse respeito (Maio & Lopes, 2012).

para ver nosso povo em perspectiva e aquilatar o que já tem realizado e o que lhe falta realizar”.⁴²⁷ Em crônicas para *O Globo* redigidas durante o mestrado em LSU, momento em que se assistiam às atividades da Assembleia Constituinte no Brasil, Rios confere ênfase às impressões positivas sobre a sociedade norte-americana, somando-se aos esforços de balanço crítico acerca da experiência política do Estado Novo:

Sempre que problema novo surge a desafiar a nação [norte-americana], os líderes que o percebem não vão clamar ao Congresso que conceda poderes extraordinários ao Executivo para que o resolva, mas descem à rua, dirigem-se ao homem comum, avisam-no e instruem-no, para que ele soberanamente decida.⁴²⁸

Na visão de Rios, a forte tradição de participação política dos EUA devia ser buscada na forma de organização de sua sociedade e nos valores que desposava, inexistindo preconceitos em relação ao trabalho ou barreiras intransponíveis à ascensão social. Uma cultura igualitária era instilada, desde cedo, nos futuros cidadãos por meio de suas instituições fundamentais, como a escola. Das observações de Rios a esse respeito, dignas de nota são aquelas relativas aos espaços de convivência da universidade:

[A] civilização americana acostuma [o homem] a comer em perfeita igualdade de classes. Na cafeteria, não há barreiras sociais, todos são iguais perante o prato, o que prenuncia que serão iguais diante da lei. Ali não se encontra esse monumento de servilismo e degradação humana que a civilização plutocrática criou: o garçom. Cada um serve a si mesmo. Empunha-se uma bandeja e, em fila, professores, reitores e alunos (não há precedência), vão empilhando sobre a mesma os pratos que mais lhe falam à gula igualitária.⁴²⁹

Há, não obstante, elementos da sociedade norte-americana que são objeto de desaprovação. Ainda que não explore o tema nos jornais, Rios chama a atenção para a realidade da segregação racial no Sul dos EUA, relatando, em depoimentos, diversos incidentes que testemunhou nesse sentido, a exemplo dos estudantes brasileiros que, por cederem o lugar a lavadeiras negras nos ônibus que circulavam pelo campus da universidade, eram repreendidos pelas autoridades locais.⁴³⁰ Na avaliação de Rios das relações raciais na

⁴²⁷ RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 abril 1946, Baton Rouge [para] CARNEIRO, José Fernando. 2f. AJAR.

⁴²⁸ RIOS, José Arthur. Só a ONU seria digna de receber o segredo da bomba atômica. *O Globo*, 17 jun. 1946.

⁴²⁹ RIOS, José Arthur. A Democracia também se aprende nas escolas. *O Globo*, 13 maio 1946.

⁴³⁰ Entrevista de José Arthur Rios concedida a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso em 13 de julho de 2006. Depoimentos orais do projeto ‘Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil’. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

Louisiana, o Brasil permanece como referência de fundo, concebido como caso positivo, em que se observava maior integração.⁴³¹

Embora não qualificado deste modo, o racismo também se insinua nas queixas de Rios acerca da falta de integração dos estudantes latino-americanos ao restante do corpo discente da instituição, “relativo isolamento” que o sociólogo aponta em relatório ao *Institute of International Education* como entrave à promoção de um real entendimento mútuo entre os povos das Américas.⁴³² Para além do fato de que parte dos alunos norte-americanos dividia quarto com estudantes latinos, eles se mantinham, via de regra, como grupos separados segundo indicava Rios. Fontes do governo norte-americano sugerem, do mesmo modo, que essas relações não eram destituídas de tensões. Em 1945, um ano antes do início dos estudos de Rios na LSU, a embaixada norte-americana na Nicarágua informava ao Departamento de Estado que um cidadão daquele país matriculado na universidade assim como um aluno venezuelano, depois de desentendimentos com estudantes locais, veteranos de guerra, haviam sofrido agressões físicas nas proximidades do campus.⁴³³ Uma das vítimas relatava que “não tinha problemas com os demais alunos mas que certa antipatia de alguns norte-americanos para com seus colegas latino-americanos vinha sendo manifestada”.⁴³⁴

Ademais, aos olhos de Rios, a sociedade norte-americana parecia sofrer com os males da moderna cultura de massas, padronizadora, niveladora e homogeneizante dos comportamentos, com frequência disposta a abrir mão do exercício autônomo do pensamento em nome da opinião das maiorias. Sua preocupação excessiva e irrefreável em gerar o maior número de bens materiais com base na racionalização da produção e do aprimoramento da técnica redundava em um utilitarismo agudo que deixava pouco espaço ao cultivo da vida espiritual. A esse respeito, escreve ao amigo Fernando Carneiro:

Para uma pessoa que se recusa terminantemente a abrir a boca ante arranha-céus e geladeiras e que não vê na invenção de uma nova máquina de abrir garrafas nenhum proveito real para a humanidade, esta civilização está exigindo severas retificações. Em primeiro lugar o que me escandaliza aqui é o culto da receita e do número. O americano imagina que há processos para tudo: para produzir uma nova raça de galinhas e criar filhos, para fabricar tintas e ser feliz no casamento. Ele não se satisfaz enquanto não constrói um esquema da situação e tenta inculcar esse esquema a todo o mundo como a melhor

⁴³¹ RIOS, José Arthur. *Second Report to the Institute of International Education*, 11 jun. 1947. 3f. AJAR.

⁴³² RIOS, José Arthur. *Second Report to the Institute of International Education*, 11 jun. 1947. 3f. AJAR.

⁴³³ FINLEY, Harold D. [Chargé d’Affaires, ad interim] [Ofício] 13 abril 1946, Managua [para] Secretary of State, Washington D.C. 2f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1945-1949. Central Decimal File. Box 4385, Folder 810.42711 SE 11-145.

⁴³⁴ Idem.

maneira de atingir o fim desejado. A quantidade enorme de inquéritos, de gráficos, de estatísticas que você encontra aqui a todo propósito, e mesmo sem propósito, obedece à intenção de agir com o maior número porque com a maioria deve estar a razão. Portanto, é preciso saber primeiro o que esta maioria pensa e como age. Os estatísticos tratam desse problema. Resolvido ele, estão tranquilos. Implicitamente preconizam a atitude do maior número como a mais sadia e racional.⁴³⁵

As grandes metrópoles norte-americanas sintetizavam, segundo Rios, as ameaças que as forças modernas da urbanização e da industrialização representavam para as coletividades. Em documento sem título encontrado em seu arquivo pessoal no qual realiza um balanço de suas impressões dos EUA, Rios afirma que Chicago, que considerava uma representante típica da “cidade moderna”, constituía um “fenômeno monstruoso”:

Foi em Chicago que vi, pela primeira vez, a miséria. Não a miséria a que estamos acostumados, impotência do homem de subir, de abrir caminho num país onde ainda há possibilidades infinitas para o trabalho humano, num país que está apenas começando a ser explorado. Mas a miséria que resulta, nas grandes civilizações industriais, da feroz concentração de todas as forças econômicas e sociais contra o indivíduo desnudando-o de seus atributos humanos, triturando-o no cadinho colossal das cidades, acantonando-o entre o álcool e o crime. [...] Naquele inverno sombrio, o mendigo aparece como o produto final da digestão da máquina, o resíduo último do processo capitalista. Nas ruas de Chicago, varridas pelo vento cortante que sopra do lago Michigan, à porta dos hotéis de luxo, ele cata restos nos monturos e dorme à sombra dos arranha-céus. Não, não é possível que as cidades sejam o que há de mais típico na democracia americana. Ao contrário, pelo esmagamento do valor-homem, pela superposição violenta de classes, pelo congestionamento da riqueza, pela dissolução do indivíduo na massa, pela desintegração forçosa da família e o distanciamento dos contatos, – elas são antidemocráticas. Não há dúvida que o seu titanismo, a princípio, nos arrebatava num sonho grandioso. Foi com pasmo que vi em Chicago trens que passavam por cima de minha cabeça, ao meu lado e sob meus pés. Foi com temor que meus olhos galgaram, andar por andar, arranha-céus mastodônticos cujo cimo se esfumava no céu cinzento. Aquilo tudo me aparecia, da janela do meu hotel de 3.000 quartos, ‘the greatest in the world’, segundo a gerência, – a criação ciclópica de uma raça de conquistadores que manipulam a pedra e o ferro como miolo de pão. [...] Quando me encontrei [...] na rua e vi as silhuetas dos arranha-céus compreendi que desenhavam o perfil de uma civilização anti-humana que realizaria, em futuro próximo, uma forma diferente de paganismo e de barbárie.⁴³⁶

⁴³⁵ RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 abril 1946, Baton Rouge [para] CARNEIRO, José Fernando. 2f. AJAR.

⁴³⁶ RIOS, José Arthur. Documento sem título. 12f. AJAR, pp. 4-5.

O “titanismo” da cidade moderna, com suas multidões amorfas, desprovidas de laços que interligassem de modo consistente indivíduos e grupos, era incompatível com formas de organização social capazes de assegurar a democracia, cujas raízes Rios identifica à vida comunitária que se fazia presente, de maneira mais saliente, nas zonas rurais dos EUA. Rios não contrapõe simplesmente o campo à cidade nem concebe o primeiro como um todo homogêneo, como evidenciam suas duras críticas aos “canaviais da Louisiana” e à “planura do Mississippi onde reina o algodão”, regiões do Sul norte-americano em que o viajante se defrontava, em suas palavras, com “cenas dignas das nossas favelas, choupanas periclitantes, habitadas por gente de cor de baixíssimo padrão de vida”.⁴³⁷ A oposição que Rios estabelece diz respeito, em realidade, a formas de organização da sociedade mais ou menos estratificadas que possibilitavam graus variáveis de cooperação nas relações entre indivíduos e grupos, condição *sine qua non*, a seu ver, para o exercício da democracia:

Lembro-me da prosperidade das fazendas que fui encontrando em meu caminho quando viajei de Detroit a New Orleans, cortando os Estados Unidos de norte a sul, e quando, indo de New Orleans a Washington, atravessei a Virginia [...]. Por toda parte, o mesmo tipo de homem solidamente plantado na terra, seguro, dessa segurança que advém de ter os pés sobre o chão próprio e não sobre o asfalto coletivo das cidades. Admirei-lhe o formidável senso da comunidade, a consciência que possuía do seu papel o desejo de cooperar quase transformado em instinto. Compreendi que nesse homem residia a força dos Estados Unidos, o seu arcabouço inamovível, e não nas grandes cidades dilaceradas pelos conflitos entre o capital e o trabalho ou nos latifúndios do sul pesando opressivamente sobre o negro. Embora nas cidades se forje o progresso técnico americano e se concebiam os grandes surtos de desenvolvimento material, elas ainda não resolveram o tremendo problema da preservação do homem ante a ação que também pode ser destrutiva do capital e da máquina. A democracia econômica que fundou-se sobre o Homestead Act [lei instituída por Abraham Lincoln em 1862 que assegurava o direito à propriedade de terras de domínio público em lotes de 160 hectares aos indivíduos que as cultivassem por cinco anos] distribuindo terras gratuitamente a todo aquele que quisesse abrir uma fazenda, - ainda é problemática nos grandes centros urbanos, onde o industrialismo favorece uma intensa estratificação social criando violentas oposições entre a opulência e a miséria.⁴³⁸

As observações críticas e matizadas de Rios a respeito dos EUA, país que admirava, ainda que com “muitas restrições”, são relevantes na medida em que tornam compreensível

⁴³⁷ Idem, p. 3.

⁴³⁸ Idem, pp. 8-9.

sua apropriação da sociologia de matriz norte-americana, em especial sua avaliação dos potenciais práticos da Sociologia Rural que T. Lynn Smith representava.⁴³⁹

Com efeito, ao se bater, como fará quando do seu regresso ao Brasil em fins dos anos 1940, por uma sociologia aplicada às zonas rurais do país tendo em vista a reforma de suas estruturas sociais, recorrendo, para tanto, a técnicas de organização de comunidades que vinham sendo propugnadas pelos sociólogos rurais norte-americanos, Rios não tomava como modelo acabado de ordem social a ser instituída a sociedade de massas norte-americana, mas visava à construção de uma utopia comunitarista que poderia se apoiar em seus aspectos democráticos, participativistas, observados, sobretudo, em pequenas vilas do interior, e contrapor-se às tendências do mercado moderno, atomizadoras e pulverizadoras, que, no lugar de grupos coesos, criavam aglomerados humanos informes e anônimos, cindidos por interesses materiais antagônicos. A apreensão dos sociólogos rurais norte-americanos em face da ameaça que a urbanização e a industrialização representavam para os laços de solidariedade social tradicionais, e a busca pelo estabelecimento, em bases renovadas, de formas de cooperação local frente a um mundo rural cada vez mais exposto ao individualismo anômico e à mercantilização da produção agrícola, por um lado, e ao Estado tentacular, por outro – reação que esteve na raiz do investimento teórico e investigativo desses cientistas sociais em torno da ideia de comunidade, como se indicou no primeiro capítulo – convergia com as preocupações reformadoras de Rios, de matriz cristã-católica, em promover uma ordem social regida pelos princípios de harmonia e cooperação sociais, em que a “pessoa humana” pudesse vir a se realizar plenamente. Juntas, ambas as perspectivas conformaram parte de uma imaginação comunitarista global que, frente às forças centralizadoras e impessoais da modernidade que pareciam pôr em risco a existência dos grupos locais e autônomos da sociedade, envolvendo-os em sua lógica acachapante, bateu-se por reformas no interior da ordem capazes de impedir a emergência dos totalitarismos. Tais afinidades transnacionais, que presidiram o contato de Rios com a Sociologia Rural de Smith, tornam inteligível o lugar destacado que esta tradição disciplinar veio a assumir em sua leitura do Brasil. Se não fossem modificadas a estrutura social e a cultura do país no sentido da formação de laços comunitários para além da família, este corria o risco, na avaliação de Rios, de se manter amorfo e, conseqüentemente, refém de regimes autoritários.

⁴³⁹ Frente à sugestão do pai, José Alves, para que se estabelecesse profissionalmente nos EUA, Rios afirma que retornar ao Brasil lhe parece “mais lógico, mais natural, do que ficar-me por aqui num país que não é minha pátria e pelo qual, fora de uma certa admiração e simpatia, - e estas com muitas restrições, - não sinto nenhuma ligação profunda”. RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 jun. 1946, Baton Rouge [para] RIOS, José Alves Cruz & RIOS, Umbelina de Castro, Rio de Janeiro. 2f. AJAR.

Nas primeiras interpretações sociológicas sobre o Brasil esboçadas por Rios, que vieram à luz a partir de seus estudos na Louisiana, a ênfase do sociólogo recaí sobre o latifúndio, que enxerga como relevante chave explicativa para compreender as debilidades históricas da sociedade brasileira. Em trabalho final para uma das disciplinas ministradas por Smith, Rios retoma a tese de Oliveira Vianna acerca da “função simplificadora do latifúndio”, afirmando que este havia engendrado uma “divisão rudimentar da sociedade rural em mestres e proletários”.⁴⁴⁰ Conforme argumentava Rios: “o latifúndio fez nascer o mesmo sistema de relações sociais baseado em um sistema bipolar de opressão e subordinação. E produziu os mesmos efeitos sobre a mentalidade das massas rurais moldadas por essas forças sociais”.⁴⁴¹ Ainda que houvesse desempenhado papel histórico na formação do país, funcionando como “unidade de controle social” em uma sociedade, como a colonial, exposta ao conflito e à anarquia e destituída de uma autoridade pública central influente e consolidada, o latifúndio havia criado “obstáculos ao autogoverno e à verdadeira democracia no Brasil” na medida em que o agregado, o peão e o colono estavam acostumados a “obedecer às injunções de seu senhor”, não possuindo, eles próprios “opinião política”.⁴⁴² Somente um sistema de melhor distribuição da propriedade da terra seria capaz de aumentar os níveis de vida do homem do campo e de “aproximá-lo um pouco mais da humanidade de qual ele presentemente se encontra ainda distante em muitas regiões do país”.⁴⁴³ Ainda que concordasse com o diagnóstico de Smith de que o quadro de concentração fundiária no Brasil viesse sofrendo alterações, Rios afirma que havia “muito ainda a ser feito”.⁴⁴⁴

Em sua dissertação de mestrado, intitulada *A demographic study of the State of Rio de Janeiro, Brazil* (1947), Rios chama a atenção, igualmente, para alguns dos efeitos deletérios, para a população local, da estrutura fundiária do estado do Rio de Janeiro, que se mostrava em sintonia com as tendências concentracionistas que predominavam no país como todo. O trabalho, que constituiu um exercício de análise populacional nos moldes da abordagem de Smith, e que reunia informações acerca do número e distribuição da população, composição étnica, proporção de contingentes rurais e urbanos, pirâmide etária, analfabetismo, ocupação, estado civil, mortalidade, natalidade e migrações internas, procurava traçar o perfil demográfico daquele estado a partir de dados estatísticos de agências governamentais como base para o desenvolvimento de diagnósticos sociológicos capazes de conferir respaldo às

⁴⁴⁰ RIOS, José Arthur. *The effects of the latifundia on Brazilian society*. Baton Rouge: Mimeo, 1947. 17f. TLSP, Box 14, Folder 25, p. 14.

⁴⁴¹ Idem, pp. 8-9.

⁴⁴² Ibidem, p. 15.

⁴⁴³ Ibid., p. 16.

⁴⁴⁴ Ibid., 12.

políticas sociais a serem implementadas pelo governo estadual, que, conforme argumentava Rios, deveriam forçosamente ser estendidas às zonas rurais se pretendessem contemplar a maioria da população.⁴⁴⁵ Na avaliação de Rios, o fato de os habitantes dos municípios interioranos, marcados por elevadas taxas de mortalidade infantil e analfabetismo, migrarem em direção à capital federal indicava que havia “fatores de instabilidade na população rural do Estado que busca por melhores padrões de vida que não podem ser encontrados dentro de seus limites”⁴⁴⁶, ao mesmo tempo que o passado rural, assentado no latifúndio, da região havia operado como obstáculo ao seu crescimento econômico, havendo diversos municípios fluminenses carecendo de uma “exploração mais racional da terra”.⁴⁴⁷

Ao regressar ao Brasil, Rios passará a propor, em artigos de revistas e jornais, formas de intervenção social para o campo em linhas com esse diagnóstico. O sociólogo avalia que as técnicas norte-americanas de “organização rural” podiam ser aplicadas ao país, que vinha sofrendo problemas semelhantes àqueles enfrentados décadas antes pelos EUA, como o êxodo rural, o isolamento social e geográfico do homem do campo e o latifúndio improdutivo.⁴⁴⁸ O que estava em jogo era a extensão dos serviços de educação, saúde e assistência ao campo, a integração de suas populações à nação e a reforma agrária fundada no sistema de pequenas fazendas familiares. Era preciso evitar que o “nosso matuto” se tornasse “presa das doutrinas que lhe acenam com o rádio, o automóvel e a geladeira em troca da liberdade”.⁴⁴⁹ Estando na raiz das desigualdades sociais, o latifúndio havia sido uma das causas desencadeadoras da crise política que redundara no regime de 1937, isto é, ele havia preparado “o caminho para as forças antidemocráticas, para a sublevação social e a anarquia que viriam colocar o país no dilema – comunismo ou ditadura”.⁴⁵⁰ Neste sentido, o destino da democracia brasileira dependia de profundas reformas nas estruturas sociais das zonas rurais.

Além de estar em sintonia com a sociologia de Smith, a visão de Rios sobre o mundo rural é em grande medida informada pelo diagnóstico de Oliveira Vianna acerca do insolidarismo. Em sua leitura de *Populações Meridionais no Brasil*, Rios enfatiza as profundas desigualdades produzidas pela estrutura fundiária, identificando-as como o principal fator inibidor de formas de solidariedade para além dos círculos parentais. Neste sentido, foi a “extensão desusada do grupo familiar” entre as elites latifundiárias e

⁴⁴⁵ RIOS, José Arthur. *A demographic study of the State of Rio de Janeiro, Brazil*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Baton Rouge, Louisiana, Louisiana State University, 1947, pp. 1-2.

⁴⁴⁶ Idem, p. x.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 213.

⁴⁴⁸ RIOS, José Arthur. A Expansão da Sociologia Rural no Brasil. Entrevista para *A Noite*, sexta-feira, 19 dez. 1947, p. 8.

⁴⁴⁹ Idem.

⁴⁵⁰ RIOS, José Arthur. A distribuição de terra e a reforma agrária. *Correio da Manhã*, sábado, 7 fev. 1948, p. 2.

escravagistas, que cresceram de modo descontrolado por concentrarem “riqueza e poder”, que inviabilizou historicamente a existência de grupos sociais diversificados, especialmente entre as camadas pobres, conduzindo à anarquia característica de grande parte da história social brasileira.⁴⁵¹ Exercendo o monopólio sobre a terra, a família de tipo patriarcal havia crescido “a ponto de atrofiar as demais esferas da vida social”.⁴⁵² Embora a dominação exercida por essas famílias senhoriais estivesse em decadência desde fins do século XIX, sua centralidade na formação social do país havia produzido efeitos duradouros no plano da cultura, traduzindo-se em padrões de comportamento altamente pessoalizados na esfera pública que entravavam a “maturidade política” da nação.⁴⁵³

Rios pondera que somente o “desenvolvimento harmonioso” da família, articulado ao de instituições igualmente relevantes, como a escola e a igreja, consideradas, tanto pelos católicos como pelos sociólogos rurais norte-americanos, como naturais e essenciais a todas as formas de sociedade, podia garantir o “florescimento de comunidades equilibradas [e evitar] a hipertrofia monstruosa do Estado”, que crescia no vácuo representado pela falta de grupos organizados.⁴⁵⁴ Aliada a uma política de redistribuição de terras, uma reforma educacional devia incidir sobre o fortalecimento das associações locais, estimulando a participação de suas lideranças.⁴⁵⁵ Contra a “mentalidade estatolátrica” das classes dirigentes, era preciso estimular o envolvimento das populações dos municípios na implementação das políticas sociais.⁴⁵⁶ Embora se colocasse nas antípodas do receituário autoritário que, em sua avaliação, o “realismo” sociológico de Oliveira Vianna implicava, Rios, não obstante, reiterava seu diagnóstico acerca dos efeitos deletérios, de amorfia e insolidarismo, decorrentes da preponderância do latifúndio na formação social brasileira.⁴⁵⁷

⁴⁵¹ RIOS, José Arthur. Classe e família no Brasil. *Digesto Econômico*, v. 6, n. 66, 1950, p. 130.

⁴⁵² *Idem*.

⁴⁵³ *Ibidem*, p. 134.

⁴⁵⁴ *Ibid.*, p. 134.

⁴⁵⁵ RIOS, José Arthur. A Reforma Agrária no Brasil. *Tribuna da Imprensa*, terça-feira, 8 ago. 1950, p. 3.

⁴⁵⁶ RIOS, José Arthur. O pinto e o ovo ou a reforma agrária. *Correio da Manhã*, terça-feira, 2 mar. 1948, p. 4.

⁴⁵⁷ A crítica contundente de Rios acerca das implicações políticas autoritárias da obra de Vianna é evidenciada na reação enérgica, registrada no boletim da Resistência Democrática, que dirige à publicação de um dos últimos livros do ensaísta fluminense, *Instituições Políticas Brasileiras* (1949), texto em que Vianna volta à carga contra o idealismo renitente das classes dirigentes, que, a seu ver, insistiam em pautar as instituições brasileiras conforme princípios, como o sufrágio universal, que estariam em desacordo com a realidade social do país. Rios afirma que o povo deveria ser habituado “à prática de regimes avançados”, sendo estimulado pelas elites, às quais cabia desempenhar seu “papel de fermento”. Contra o realismo sociológico que resultava em pessimismo quanto às possibilidades de democracia no Brasil, era preciso acreditar “no homem, no seu poder de escolha, no seu senso comum”: “Os que optam [pela via autoritária] não acreditam no homem como ser livre e racional, condicionando-o, por conseguinte, a toda sorte de determinismos geográficos e históricos, subordinando-o a tradições e costumes que teriam o único mérito da antiguidade. E, enquanto esperam que seus instrumentos científicos revelem o ponto em que a massa se transforma em povo, abrem os braços ao realismo dos golpes de Estado e dos regimes totalitários”. RIOS, José Arthur. Democracia e marginalismo. *Carta da Resistência – Órgão da Resistência Democrática*. Rio de Janeiro, ano II, n. 55, maio 1949, p. 2. AJAR.

Em fins dos anos 1940, ao buscar se estabelecer profissionalmente no Brasil e lutar, ao mesmo tempo, por espaços institucionais para a prática da Sociologia Rural no país, Rios envidará esforços, como se indicará no próximo capítulo, para pôr seu programa de reforma das estruturas sociais do campo em prática, passando a atuar em agências do Estado nas áreas de educação rural e saúde pública.

Capítulo 4 – Construindo a comunidade no Brasil: democracia, mudança social e o papel das ciências sociais em José Arthur Rios

Introdução

Os esforços de José Arthur Rios para, a um só tempo, conquistar espaços institucionais capazes de albergar a prática da Sociologia Rural e promover as reformas das condições de vida das populações rurais brasileiras constituíram dimensões indissociáveis de sua trajetória que, a partir de fins dos anos 1940, quando do retorno do sociólogo dos EUA, foi marcada, sobretudo, pela busca incessante de legitimação social dos potenciais práticos e cognitivos da disciplina no Brasil. Para reformar a sociedade a Sociologia Rural se fazia necessária, mas para viabilizar esta ciência no país também era preciso promover uma agenda de reformas, especialmente direcionada à tarefa de conferir vertebração às pequenas localidades e aos pequenos grupos que compunham as comunidades rurais brasileiras.

Inicialmente, o capítulo analisa as diferentes tentativas de inserção profissional de Rios enquanto sociólogo-pesquisador em agências do Estado e instituições de pesquisa, como a Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e a Fundação Getúlio Vargas, e sua descrença na universidade brasileira enquanto espaço institucional propício ao desenvolvimento científico. Nas intervenções de Rios aos debates sobre a reforma agrária por ocasião do projeto de lei apresentado pelo Governo Dutra em fins dos anos 1940, é possível entrever seus esforços dirigidos à legitimação das Ciências Sociais, especialmente da Sociologia Rural e da Antropologia, como áreas de conhecimento que deveriam orientar todo e qualquer programa de intervenção visando à reforma das estruturas sociais das zonas rurais. Ao propor maior proximidade entre os cientistas sociais e o poder público, Rios se apoiava tanto nas experiências de envolvimento profissional dos sociólogos rurais norte-americanos nos programas de revitalização de comunidades rurais levados a cabo na Era Roosevelt quanto nas ideias do antropólogo Emílio Willems relativas ao papel a ser desempenhado pelas ciências sociais em processos de mudança social.

As dificuldades e percalços com que Rios se defrontou ao buscar inserção profissional no Brasil na qualidade de sociólogo rural refletiam, em grande medida, a forma como se processou a institucionalização das Ciências Sociais no país que, embora tenham garantido espaço nas universidades, constituindo um dos cursos ofertados pelas faculdades de filosofia, ciências e letras a partir de fins dos anos 1930, não lograram, de imediato, associar de forma

sistemática ensino e pesquisa, nem, muito menos, conjugar ambos a atividades de extensão, o que era ainda mais importante se se considera o papel que este setor desempenhou na consolidação da Sociologia Rural enquanto disciplina nos EUA. Frente às incongruências nos modos como se estruturavam os sistemas universitários brasileiro e norte-americano, Rios lançou mão de estratégias na tentativa de instituir o ensino e a pesquisa da Sociologia Rural no Brasil que o conduziram a cursos técnicos e universitários de inequívoca orientação prática, como o Serviço Social, cuja aproximação foi facilitada pelos círculos católicos, assim como a agências do Estado que, desde o final dos anos 1940 e, com maior força, a partir do Segundo Governo Vargas, voltavam-se para a implementação de políticas sociais para as zonas rurais brasileiras mediante acordos com programas norte-americanos de assistência técnica nas áreas de Extensão Agrícola, Educação Rural e Saúde Pública.

Em seguida, são examinadas as atividades que, ao longo dos anos 1950, viabilizaram a atuação profissional de Rios como sociólogo. O capítulo se detém, nesse caso, sobre as políticas sociais de desenvolvimento rural e organização de comunidades de cuja formulação Rios participou a partir de sua inserção na Campanha Nacional de Educação Rural e no Serviço Especial de Saúde Pública, e explora suas concepções sociológicas comunitárias, que apontavam para um ideal de engenharia social em pequena escala. Discute-se em que medida aquelas políticas foram o resultado do encontro de diferentes vertentes de pensamento, anti-estatizantes e anti-centralizadoras, que se tornaram salientes no contexto da Guerra Fria. Consideram-se ainda os desdobramentos da Sociologia Rural de Rios na pesquisa que coordenou, sob a supervisão do frei dominicano francês Joseph-Louis Lebret, sobre as favelas da cidade do Rio de Janeiro. Rios avaliava o crescimento desordenado das cidades brasileiras como resultando, em última análise, da permanência de estruturas sociais arcaicas no campo, fenômeno que estava na raiz das massivas ondas migratórias dos sertões para os centros litorâneos. O modo como Rios procedeu, a partir de sua vinculação ao grupo de investigações de Lebret no Rio de Janeiro, ao pesquisar e intervir sobre a realidade social das favelas somente se torna inteligível quando se considera sua visada comunitarista, fazendo-se necessário destacar a linha de continuidade entre suas análises sobre as populações rurais e aquelas que desenvolveu acerca das camadas pobres urbanas.

Argumenta-se que o tipo de intervenção social delineado por Rios representou, no Brasil, a aposta em um modelo de desenvolvimento calcado no fortalecimento dos grupos de localidade ou comunidades, aposta que também se fez presente em iniciativas levadas a cabo, nos anos 1950, em diferentes áreas do denominado “terceiro mundo”, sob influxo de modelos de organização dos grupos propalados por sociólogos e reformadores comunitaristas norte-

americanos. A forma de intervenção adotada por Rios não foi, todavia, expressão de um alinhamento mecânico e automático com as propostas sociológicas norte-americanas gestadas no *New Deal* e em circulação em diversas partes do mundo ao término da Segunda Guerra Mundial, mas representou, em meio à Guerra Fria, a busca por alternativas, a partir de uma perspectiva reformadora presente em setores da Igreja Católica, tanto ao processo de proletarianização das massas rurais desencadeado pela modernização capitalista no campo quanto às soluções “coletivizantes” e “totalitárias” do socialismo que implicavam, nesta leitura, o agigantamento das burocracias dos Estados Nacionais. Neste sentido, a perspectiva sociológica de Rios exprimia uma aliança entre o pensamento reformador católico e a filosofia democratizante e participativista norte-americana. Subjacente à sociologia de Rios, encontra-se a percepção de que as ameaças que os processos de modernização representavam para o desenvolvimento da “pessoa humana”, conceito caro ao pensamento social da Igreja, atomizando a sociedade e colocando o indivíduo, sem grupos intermediários, diante das estruturas tentaculares do Estado e do mercado, deviam ser combatidas a partir da criação e do fortalecimento dos grupos locais, como a vizinhança, a escola e a igreja. Tais iniciativas deveriam estar articuladas a políticas que garantissem a propriedade da terra a famílias de pequenos agricultores e, no caso dos centros metropolitanos, promovessem o acesso à moradia nas favelas com base em cooperativas habitacionais comunitárias. A valorização de Rios do mundo social “em pequena escala” constituía a resposta aos efeitos alienantes que pareciam intrínsecos a processos acelerados de modernização, o que se refletiu em uma disputa pelos sentidos da ideia de desenvolvimento, expressa na ênfase do sociólogo sobre os aspectos “humanos” das mudanças induzidas nas zonas rurais em detrimento de considerações exclusivas sobre seus resultados “econômicos” – ênfase que se evidencia a partir da análise dos diálogos que Rios manteve, a partir do final dos anos 1950, com o movimento *Economia e Humanismo*. Ao mesmo tempo, este modo de intervenção, aos olhos do sociólogo, podia vir a corrigir o crônico insolidarismo social do Brasil, lançando as bases sociais para a construção da democracia política no país.

4.1. A sociologia no Rio de Janeiro: à procura de espaços institucionais

A expectativa inicial de T. Lynn Smith ao recrutar José Arthur Rios para os estudos pós-graduados na *Louisiana State University* era de que este pudesse integrar o corpo docente da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e atuar, no Rio de Janeiro, como elo de ligação nas redes de cooperação acadêmica em Sociologia Rural que projetava

para a América Latina. Em carta dirigida aos pais ainda no início dos estudos nos EUA, Rios confidencia conversa que tivera com Smith a esse respeito:

Estou ansioso, disse-me [Smith], para que você volte ao Brasil com sua formação sociológica adquirida. Estão descurando muito a Sociologia Rural e não compreendo por quê. Falarei sobre você ao Carneiro Leão [diretor da FNFi] e conversarei com o Hilgard [Sternberg, professor da cadeira de Geografia do Brasil] sobre o que você poderá fazer quando voltar ao Brasil.⁴⁵⁸

Em carta escrita ao fim do mestrado na Louisiana, Rios confirma aos pais os planos traçados pelo sociólogo norte-americano, que desejava que ele aplicasse “[seus] conhecimentos ao Brasil”: “Acho que tem razão, do contrário as bolsas que são concedidas a estudantes latino-americanos perderiam sua razão de ser”.⁴⁵⁹ A aposta de Smith de que Rios se tornasse um dos principais veiculadores da Sociologia Rural no Brasil se expressa em prefácio que escreveu ao livro que o ex-aluno almejava publicar a partir de sua dissertação de mestrado, projeto que, todavia, não chegou a ser concretizado:

É de se esperar que a análise populacional e outras porções fundamentais que compõe a matéria geral da Sociologia Rural receberão ênfase muito maior no Brasil no futuro do que eles receberam no passado. Do contrário, é difícil compreender como o grande país irá lidar de modo bem-sucedido com muitos de seus gigantescos problemas, tais como a má distribuição da população, a falta de segurança quanto à vida e à propriedade, o sistema inadequado de educação rural, o defeituoso sistema de relações entre o povo e a terra, a debilidade dos governos locais, além de problemas agudos de saúde e saneamento. Para a solução desses problemas nos Estados Unidos, os sociólogos rurais contribuíram em não pouca medida nos vários Estados em que eles têm trabalhado.⁴⁶⁰

Logo após retornar ao Brasil, Rios passa, contudo, a expressar pessimismo quanto à possibilidade de instituir a prática da Sociologia Rural no âmbito da FNFi. Em carta a Smith de setembro de 1947, ele assinala as dificuldades envolvidas naquela tarefa:

[...] não será fácil fazer com que as pessoas aqui se interessem por Sociologia Rural e Demografia. O país está em um estado muito ruim no que diz respeito às condições econômicas e culturais. [...]. Falta-nos planejamento e homens treinados para realizá-lo. Há muito amadorismo na nossa administração. [...] Eu entendo que eu tenha

⁴⁵⁸ RIOS, José Arthur [*Carta*] 18 maio 1946, Baton Rouge [para] RIOS, José Alves Cruz & RIOS, Umbelina de Castro, Rio de Janeiro. 6f. AJAR.

⁴⁵⁹ RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 jun. 1947, Baton Rouge [para] RIOS, José Alves Cruz & RIOS, Umbelina de Castro, Rio de Janeiro. 2f. AJAR.

⁴⁶⁰ SMITH, T. Lynn. *Forward* [to ‘A demographic study of the State of Rio de Janeiro, Brazil’]. Nashville: Mimeo., p.1. AJAR.

quase que pregar as novas ideias e procedimentos que aprendi em LSU. Há alguns dias, tive uma conversa um tanto desencorajadora com o Hilgard, que pensa que há pouquíssimas possibilidades para mim na Faculdade de Filosofia, uma vez que todas as cadeiras estão preenchidas. Isso mostra bem claramente a obsolescência do nosso sistema universitário, que não é flexível o suficiente para admitir um recém-chegado mesmo que ele traga algo novo para tratar.⁴⁶¹

Em 1948, com a previsão de abertura de concurso para a FNFi, Rios solicita a Smith carta de recomendação.⁴⁶² Na ocasião, Smith argumenta que a complementação da formação acadêmica de Rios com um doutorado em *Vanderbilt University* aumentaria suas chances para pleitear uma posição na universidade. Com esse propósito em mente, Rios viaja a Nashville em meados de 1948 para participar dos cursos de verão da instituição junto a outros cientistas sociais em atuação no Brasil, como Emílio Willems e Carneiro Leão, encarregando-se dos cursos de Introdução à Sociologia, Sociologia Rural e Problemas Sociais.⁴⁶³ O grave estado de saúde de sua esposa, contudo, obriga Rios a regressar ao Brasil e abandonar os planos acerca de um doutoramento nos EUA. No início dos anos 1950, a ambição de ingressar no corpo docente da FNFi parece descartada em definitivo:

Dadas as condições presentes, não posso esperar obter uma posição na Universidade e não quero mais isto. Qual seria o seu valor já que toda pesquisa é praticamente proibida? Meu mestrado foi inútil. Para começar como um ‘livre docente’ na Faculdade [Nacional de Filosofia], que é o primeiro passo, devo obter um bacharelado na Faculdade, sendo meu mestrado completamente desconsiderado. Além dessa posição, a única coisa que posso conseguir são contratos temporários para lecionar por um mês ou dois para uma sala vazia. Isto é triste, mas é como as coisas são. Não quero ser um professor de sociologia nessas condições.⁴⁶⁴

O empenho de Rios em viabilizar a prática da Sociologia Rural no mundo acadêmico brasileiro, conjugando ensino e pesquisa, traduziu-se ainda em planos que elaborou sobre “a nova ciência” para o reitor da Universidade Rural, criada em 1943, visando à introdução da

⁴⁶¹ RIOS, José Arthur [Carta] 28 set. 1947, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 25. Rios se refere à Faculdade Nacional de Filosofia como uma “cidadela inexpugnável”. RIOS, José Arthur [Carta] sem data, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 7f. AJAR.

⁴⁶² RIOS, José Arthur [Carta] 6 out. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 25.

⁴⁶³ SMITH, T. Lynn [Carta] 23 mar. 1948, Nashville [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 1f. TLSP, Box 14, Folder 25.

⁴⁶⁴ RIOS, José Arthur [Carta] 21 fev. 1951, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 26.

disciplina no seu currículo.⁴⁶⁵ Segundo Rios, o projeto, todavia, não teve desdobramentos em razão de profundas incompreensões quanto à natureza da Sociologia.⁴⁶⁶

É possível aquilatar as dificuldades que a Sociologia Rural encontrou para se legitimar em instituições de ensino brasileiras que, a julgar pela história do desenvolvimento da disciplina nos EUA, teriam interesses em acolhê-la, como a Universidade Rural, a partir dos debates que tiveram lugar durante o Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil, realizado no Rio de Janeiro em 1960 pelo governo brasileiro em colaboração com o programa de assistência técnica dos EUA conhecido como Ponto IV. Em painel que tratava das relações entre Ciências Sociais e universidades rurais, quadros docentes e administrativos das Escolas de Agronomia de diferentes Estados do país observavam que até aquele momento seus cursos de formação não possuíam cadeiras que habilitassem engenheiros agrônomos e médicos veterinários a compreender os aspectos sociais e culturais envolvidos nas atividades de extensão dos conhecimentos e técnicas agrícolas às populações do interior, a exemplo das disciplinas de Sociologia Rural e Extensão Rural, cadeiras cuja implantação dependia, todavia, da disponibilidade de recursos e de mudanças nas normas federais que regiam os currículos desses estabelecimentos de ensino, cujo padrão era estabelecido pela Escola Nacional de Agronomia.⁴⁶⁷

Na avaliação de um dos conferencistas do evento, o sociólogo rural da *University of Minnesota* Lowry Nelson, antigo professor de T. Lynn Smith em *Brigham Young University*, na raiz das dificuldades enfrentadas pela Sociologia Rural nas universidades latino-americanas estava um sistema de ensino concebido nos moldes europeus clássicos, destinado mais às elites do que às camadas baixas e médias, operando em sociedades altamente estratificadas que atribuíam *status* inferior ao trabalho manual.⁴⁶⁸ Este sistema dificilmente era congruente com as atividades que, sob a rubrica de ‘extensão’, implicavam a transmissão do conhecimento produzido intramuros acadêmicos às comunidades circundantes, situação que, a seu ver, os EUA haviam logrado alterar significativamente ao instituir, em meados do

⁴⁶⁵ RIOS, José Arthur [Carta] 11 jul. 1947, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 25.

⁴⁶⁶ Rios observou que quadros administrativos da Universidade Rural pareciam confundir “sociologia” e “socialismo”. RIOS, José Arthur. Comunicação Pessoal ao autor em 9 de maio de 2015.

⁴⁶⁷ Participaram deste painel Geraldo Machado, reitor da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, Romolo Cavina, professor da Universidade Rural do Rio de Janeiro e diretor do Instituto de Economia Rural daquela universidade, Pedro Menezes Coli, professor da Universidade do Ceará, e Alcebiades Guarita Cartaxo, professor da Escola Superior de Agricultura de Lavras, Minas Gerais. BRUM, Hélio de Almeida et al. “Ensino, pesquisa e aplicação das ciências sociais”. In BRASIL. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1961, pp. 75-86.

⁴⁶⁸ NELSON, Lowry. “A contribuição das universidades para o desenvolvimento rural”. In BRASIL. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1961, pp. 33-42.

século XIX, os *agricultural and mechanical colleges* nos diferentes estados da federação, instituições voltadas à formação técnica e superior de segmentos sociais que viviam do próprio trabalho, como os pequenos agricultores.⁴⁶⁹ Lowry Nelson notava que, nos EUA, o complexo formado pelas escolas de agricultura de nível superior, as estações agrícolas experimentais e os serviços de extensão rural, cuja finalidade precípua era garantir melhores condições de vida aos homens comuns do campo por meio da educação, havia fornecido importante lastro institucional para que a Sociologia Rural pudesse florescer naquele país. Escrevendo em 1957 sobre o desenvolvimento da disciplina na América Latina, Smith subscreve diagnóstico semelhante. Ao notar que os cursos de Sociologia Rural nas universidades latino-americanas eram notórios por sua ausência, e que as instituições dedicadas à pesquisa agrícola se concentravam nos aspectos técnicos da agricultura, descuidando das Ciências Sociais, Smith avalia que uma das razões para a marginalidade da disciplina nos países da região residia na sua rudimentar estrutura de classes, marcada por abismos sociais. Na ausência dos estratos médios, o sistema acadêmico e educacional permanecia em grande medida restrito às elites locais, o que o impedia de adquirir a amplitude e a complexidade necessárias à sua transformação em áreas profissionais em torno das quais indivíduos habilitados pudessem desenvolver suas carreiras.⁴⁷⁰

São conhecidas as dificuldades com que, no mundo universitário do Rio de Janeiro, as Ciências Sociais tiveram de enfrentar no esforço de rotinização de suas atividades de ensino e pesquisa (Almeida, 2001 [1989]; Miceli, 2001 [1989]). Caminhos alternativos buscados pelos cientistas sociais foram, contudo, as agências internacionais e os programas de ação do Estado realizados na interface com pesquisas sociológicas e antropológicas (Oliveira, 1995b). No caso de Rios, a despeito dos obstáculos encontrados na universidade, o sociólogo cedo procurou seguir outras vias para a consecução dos planos relativos à Sociologia Rural. Em fins de 1947, ele inicia, a convite de João Gonçalves de Souza, importante contato de Smith na administração pública brasileira, análise de dados censitários acerca das populações rurais do Rio de Janeiro na Secretaria de Agricultura do Distrito Federal, trabalho, todavia, bruscamente interrompido após o desligamento do engenheiro agrônomo do órgão: “Gonçalves retornou ao Ministério da Agricultura e me deixou batalhando com seu novo sucessor, que não sabe exatamente o que é a Sociologia Rural”.⁴⁷¹ Dessa experiência Rios

⁴⁶⁹ Idem, pp. 34-35.

⁴⁷⁰ SMITH, T. Lynn. El Desarrollo de la Sociología Rural en Latinoamerica. *Revista Mexicana de Sociología*, v. XIX, n. 1, jan.-abril, 1957, pp. 1-14.

⁴⁷¹ RIOS, José Arthur [*Carta*] 14 jan. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. TLSP, Box 14, Folder 25.

extrai a conclusão de que “[o] grande problema no Brasil é a falta de uma organização científica que apoie e financie a pesquisa que, enquanto isso, tem que depender da burocracia e da política”.⁴⁷²

Em 1948, a convite da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, Rios se pôs a organizar um “Centro de Pesquisas Rurais” com base em acordo entre a instituição e o Ministério da Agricultura.⁴⁷³ Conforme o plano que se esboçou, na esteira de uma agenda de investigações sobre as zonas rurais do país que a instituição procurava financiar relativamente a problemas de colonização, distribuição de terras e imigração, as atividades de Rios na FGV, ligadas ao centro, deveriam incluir o ensino da disciplina “Técnicas de Pesquisa Rural” assim como o monitoramento do trabalho de campo dos alunos do curso.⁴⁷⁴ Criada em 1944, tendo em vista a formação superior especializada de quadros para a administração pública, a FGV vinha buscando incrementar sua atuação no terreno das Ciências Sociais, como indica a ata de sessão extraordinária de seu conselho curador de 16 de março de 1948, em que se debateu a necessidade de serem implementadas “pesquisas sociais” que pudessem contribuir para “o estudo de nosso ambiente social, quer visando à orientação e ao desenvolvimento da assistência social propriamente, quer a servir de base para estudos sociológicos, de que é tão carente o meio cultural brasileiro”.⁴⁷⁵

Smith aconselhava Rios a iniciar seus estudos na FGV explorando, ainda que modestamente, alguns eixos “fundamentais” da Sociologia Rural, como “as relações do povo com a terra, colonização e povoamento, demografia”, assegurando-lhe que “eventualmente as pessoas irão perceber que todas essas questões reunidas constituem uma parte muito importante do que chamamos sociologia”.⁴⁷⁶ Entretanto, segundo relato de Rios, frente a sucessivos “nós burocráticos”, somados ao que considerava ser a falta de receptividade para o trabalho sociológico que se propunha a fazer, cuja resistência maior, em sua avaliação, advinha do diretor do Departamento de Estudos e Pesquisas, o médico Tomás Russel Raposo de Almeida, o sociólogo decidiu por se desligar da instituição:

⁴⁷² Idem.

⁴⁷³ RIOS, José Arthur [Carta] 30 mar. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. TLSP, Box 14, Folder 25.

⁴⁷⁴ MATTOS, Dora [Carta] 8 ago. 1948, Rio de Janeiro [para] RIOS, José Arthur, Nashville. 3f. AJAR.

⁴⁷⁵ FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Relatório e Balanços do Exercício de 1947*. Rio de Janeiro, 1948, p. 264. Disponível em: <https://sistema.bibliotecas-bdigital.fgv.br/>. Acesso: 15/02/2018 Na ocasião, o diretor executivo da fundação, Jorge Oscar de Mello Flores, indicava que vinham sendo montados cursos de serviço social, cursos em colaboração com o Ministério da Agricultura para a formação de “pesquisadores rurais”, “bem como o centro de pesquisas rurais previsto em consequência disso; o núcleo de sociologia, estudado mas não implantado; os trabalhos levados a efeito em prosseguimento aos paralisados com a extinção do Instituto de Seguro Social do Brasil; as assistências técnicas, no Departamento de Pesquisas e Documentação, que visam estudos de problemas sociais”. Idem, p. 265.

⁴⁷⁶ SMITH, T. Lynn [Carta] 29 mar. 1949, Nashville [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 2f. AJAR.

O Centro [de Pesquisas Rurais] teve que enfrentar alguns problemas burocráticos que estão fora do meu alcance e do meu entendimento. Estou trabalhando em outra seção da Fundação e devo confessar que não é exatamente satisfatório. Há muitas incompreensões acerca da sociologia e do trabalho do sociólogo que eu ainda não consegui superar. Muitas pessoas responsáveis sequer consideram-na como uma ciência e a encaram de modo bastante suspeito como um braço da Economia. Até agora, todos os meus esforços para iniciar pesquisas têm sido malsucedidos.⁴⁷⁷

A agenda de pesquisas que Rios almejava implementar neste período é explicitada em carta dirigida a Nelson Rockefeller, o magnata norte-americano que participara do desenho das políticas de aproximação cultural com a América Latina de Roosevelt e cujo interesse pelos problemas agrícolas, educacionais e sanitários da região era notório pelos diversos programas de assistência técnica que financiava por meio da *Rockefeller Foundation*. Ao solicitar auxílio, Rios indica que suas investigações pretendiam se concentrar no estado do Rio de Janeiro. Tais estudos deveriam empreender a análise sociológica dos dados do censo de 1940 relativos àquela unidade federativa, considerando-se “a composição da população”, seus “processos vitais” e “migrações internas”, empenhando-se ainda em descrever os “processos e instituições sociais das pequenas comunidades” tendo em vista a compreensão do “verdadeiro funcionamento” da sociedade rural local.⁴⁷⁸ De acordo com o sociólogo, o Rio de Janeiro constituía uma área de particular relevo para esses estudos, especialmente o Vale do Paraíba e os arredores de Volta Redonda, marcados por “problemas demográficos e rurais decorrentes dos recentes desenvolvimentos industriais”.⁴⁷⁹

No pedido de auxílio a Rockefeller, Rios assinala que suas tentativas de instituir pesquisa no Brasil haviam sido prejudicadas pela “tendência tradicional dos estudos sociais [...] que ainda favorecem a ‘reflexão de gabinete’ [armchair thinking] mais do que qualquer outra coisa e evitam a pesquisa e os estudos de campo”.⁴⁸⁰ Em carta ao então governador do estado do Rio de Janeiro, Macedo Soares, o sociólogo indica que, ao buscar instituir um

⁴⁷⁷ RIOS, José Arthur [Carta] 20 nov. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 3f. TLSP, Box 14, Folder 25. Comunicando seu rompimento com a FGV a Smith, Rios observa: “Minhas exigências frequentes para ser aceito como pesquisador em tempo integral sofreram reprimenda até que eu me cansei de tantos atrasos e realizei minha solicitação em termos um tanto fortes. Foi rejeitada de tal maneira que eu me senti compelido a escrever uma carta aos jornais a fim de indicar o que está errado com a Fundação. [Arthur] Ramos e [Emílio] Willems louvaram minha atitude, mas, ainda que eu não me arrependa, eu perdi meu emprego e, pela primeira vez, tive que encarar a prática da advocacia como o único amparo definitivo que tenho. Não pretendo abandonar a sociologia, mas os poucos cursos e aulas que eu tive a oportunidade de ministrar não são suficientes para manter a mim e à minha família”. RIOS, José Arthur [Carta] 30 jul. 1949, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 25.

⁴⁷⁸ RIOS, José Arthur [Carta] 30 jul. 1948, Nashville [para] ROCKEFELLER, Nelson, New York. 2f. AJAR.

⁴⁷⁹ *Ibidem*.

⁴⁸⁰ *Idem*.

centro de pesquisas, tinha como referência os esforços investigativos que o sociólogo norte-americano Donald Pierson vinha empreendendo na Escola de Sociologia e Política de São Paulo com o apoio da *Smithsonian Institution* e do governo estadual.⁴⁸¹ Como indicaram Maio e Lopes (2015), em que pese as dificuldades de institucionalização universitária das Ciências Sociais no Rio de Janeiro, os principais representantes dessa disciplina na então capital federal se mostravam afinados com os esforços de construção de uma ‘sociologia científica’ no Brasil com base na promoção de estudos empíricos, travando estreito diálogo, em São Paulo, com Donald Pierson, cujas atividades de ensino e pesquisa eram consideradas, à época, por esses atores, como pioneiras. Conforme Rios argumenta em uma das minutas da carta endereçada a Rockefeller: “o principal problema que as ciências sociais têm de enfrentar no Brasil é a urgência de estudos básicos, empreendidos com objetividade e verdadeiro método científico, que forneçam base para a ação governamental”.⁴⁸²

Os esforços de Rios para viabilizar a prática da Sociologia Rural se traduzem, neste período, em artigos de jornal que ressaltam o papel a ser desempenhado pelos cientistas sociais no âmbito das políticas públicas. Em 1948, as críticas do sociólogo ao projeto de lei sobre reforma agrária em apreciação no Congresso, elaborado por Afrânio de Carvalho, chefe de gabinete do Ministro da Agricultura do Governo Dutra, oferecem-lhe a oportunidade para defender, em textos publicados no *Correio da Manhã*, a aplicação das Ciências Sociais. Rios argumenta que o plano de reforma revelava flagrante desconhecimento da diversidade sociocultural do país, devendo ser compreendido como expressão da mentalidade formalista e bacharelesca das elites urbanas, habituadas a criar leis a partir de abstrações.⁴⁸³ O sociólogo aciona expediente argumentativo caro ao realismo de autores como Oliveira Vianna ao opor o ‘país legal’ imaginado pelas camadas altas urbanas ‘ao país real’, que só poderia ser conhecido mediante a promoção sistemática de pesquisas sociológicas e antropológicas:

Não acreditamos que tenha sido propósito do autor [Afrânio da Carvalho] legislar para a avenida Rio Branco, mas estamos certos que na zona rural do próprio Distrito Federal a lei agrária não tem sentido. Em recente pesquisa que aí realizamos pudemos notar, a uma hora do centro da cidade, a existência de um proletariado rural analfabeto e miserável, vivendo em condições degradantes. Bastaria ao sr. Afrânio uma rápida excursão ao chamado sertão carioca para saber que está legislando no vácuo.⁴⁸⁴

⁴⁸¹ RIOS, José Arthur [*Carta*] sem data, Nashville [para] SOARES, Macedo, Rio de Janeiro. 4f. AJAR.

⁴⁸² RIOS, José Arthur [*Carta*] sem data, Nashville [para] ROCKEFELLER, Nelson, New York. 2f. AJAR.

⁴⁸³ RIOS, José Arthur. O castelo de papel e a reforma agrária. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1948, p.4.

⁴⁸⁴ Idem.

A passagem é reveladora dos diferentes significados que a oposição litoral – sertão assumiram para os intelectuais brasileiros, constituindo também uma forma de não apenas se referirem a mundos sociais distintos mas de referendarem ou desautorizarem práticas e tradições intelectuais (Lima, 1999). No caso de Rios, a crítica se dirigia à incapacidade das classes dirigentes em compreender o Brasil profundo que discrepava das abstrações livrescas e fantasiosas dos bacharéis confinadas ao mundo urbano. Frente à existência de Brasis tão diversos, as pesquisas em Ciências Sociais, procedendo ao exame atento das realidades sociais e culturais sobre as quais pretendia-se intervir, eram imprescindíveis. Rios argumentava que, na elaboração de planos de reforma, era necessário um programa experimental de pesquisas aplicadas à semelhança do que fizera o governo de Franklin Roosevelt anos antes nos EUA no enfrentamento dos problemas de suas populações rurais:

Planejar é experimentar. Dessa experimentação, nos Estados Unidos, surgiram a TVA [Tennessee Valley Authority, programa federal de desenvolvimento regional do Vale do Tennessee], as comissões de planejamento regional e as comunidades rurais planificadas que constituem verdadeira revolução em sociologia aplicada.⁴⁸⁵

Ao argumentar que a pesquisa em Ciências Sociais era instrumental para que os governos avaliassem as dificuldades e antecipassem os efeitos de uma “intervenção organizada”, Rios se apoia ainda em trabalhos de cientistas sociais que vinham conduzindo estudos de comunidade no Brasil, como o antropólogo Emílio Willems, que conhecera na Universidade de Vanderbilt durante os cursos de verão de 1948.⁴⁸⁶ À semelhança de Willems, o sociólogo descrevia o enfrentamento dos problemas sociais rurais como um problema de mudança provocada. Rios tinha em mente, em particular, o texto *O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico*, publicado por Willems em 1944.⁴⁸⁷ Nele, o antropólogo considera a experiência norte-americana de colaboração entre sociólogos rurais e agências do Estado como ilustrativa da possibilidade de aplicação das Ciências Sociais, postura condizente com a defesa que vinha fazendo da necessidade de ampliação dos espaços de atuação profissional dos cientistas sociais. A questão foi igualmente ventilada, neste período, por Arthur Ramos, catedrático de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia, e por Alberto Guerreiro Ramos, então às voltas com cursos de sociologia em órgãos públicos, que

⁴⁸⁵ RIOS, José Arthur. A distribuição de terra e a reforma agrária II. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1948, p.2.

⁴⁸⁶ RIOS, José Arthur. O castelo de papel e a reforma agrária. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1948, p.4.

⁴⁸⁷ WILLEMS, Emílio. *O problema rural brasileiro visto do ponto de vista antropológico*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1944, p. 29.

conferiram relevo ao papel que as Ciências Sociais poderiam desempenhar em diversas áreas de atuação do Estado (Maio & Lopes, 2012).⁴⁸⁸ Desses esforços também participou Luiz de Aguiar Costa Pinto, que buscou chamar a atenção de instituições de ensino então recém-criadas, como a Universidade Rural, no Rio de Janeiro, para a relevância prática das Ciências Sociais no planejamento de intervenções nas zonas rurais brasileiras.⁴⁸⁹

Rios procurou realizar parcialmente seu programa sociológico de pesquisas e intervenção em cursos de formação para assistentes sociais. Em meados de 1949, ele se tornou responsável pela cadeira de “Serviço Social de Comunidade” da Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.⁴⁹⁰ Durante cerca de um ano, o sociólogo ministrou igualmente, convidado pelo Departamento do Serviço Social da Indústria (SESI) de Juiz de Fora, Minas Gerais, cursos dedicados à Teoria Social e à Pesquisa para assistentes sociais provenientes da Escola Normal e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras locais. Na cidade mineira, além dos cursos regulares, Rios promoveu aulas públicas para médicos, arquitetos, enfermeiras e funcionários municipais a fim de “chamar a atenção para os problemas específicos da comunidade que estão sob seu encargo resolver e a melhor maneira de administrar as pessoas e agências implicadas em sua solução”.⁴⁹¹

A possibilidade de criação de um núcleo, senão de sociólogos-pesquisadores, ao menos de assistentes sociais “sociologicamente conscientes” em Juiz de Fora havia entusiasmado Rios, que acreditava que a cidade, então sujeita a um processo de acelerada industrialização, oferecia um laboratório propício à experimentação de técnicas de organização de comunidade.⁴⁹² O município constituía, em suas palavras, “uma comunidade industrial de 100.000 pessoas e 20.000 trabalhadores que tem crescido sem prestar qualquer atenção aos problemas que seu próprio crescimento está criando”.⁴⁹³ De acordo com Rios, bairros pobres como Cachoeirinha, em razão de sua homogeneidade e isolamento, eram suscetíveis ao trabalho de organização comunitária visando ao levantamento dos níveis de

⁴⁸⁸ WILLEMS, Emílio. *O problema rural brasileiro visto do ponto de vista antropológico*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1944, p. 29. Ao menos no que concerne à criação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como sugere a análise empreendida por Del Vecchio & Diéguez (2008) acerca das pesquisas de Horace Davis e Samuel Lowrie sobre padrão de vida, pode-se afirmar que o interesse pela aplicação do conhecimento, principalmente por parte elites modernizantes daquele Estado, foi constitutivo da institucionalização da Sociologia.

⁴⁸⁹ COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. Ciências Sociais e Universidade Rural. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, domingo, 23 de abril de 1944, p. 1.

⁴⁹⁰ HAUER SANTOS, Gil [Secretário, Escola de Serviço Social] [Carta] 9 ago. 1949, Rio de Janeiro [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 1f. AJAR.

⁴⁹¹ RIOS, José Arthur [Carta] 6 out. 1949, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 25.

⁴⁹² Idem.

⁴⁹³ Ibidem.

vida da população, a exemplo do que o sociólogo pudera observar, durante suas viagens aos EUA, em localidades rurais onde operavam as políticas de recuperação econômica da *Tennessee Valley Authority*, no Sul.⁴⁹⁴ Conforme Rios observa alguns anos mais tarde, as populações sulistas, assemelhadas àquelas do Brasil rural em seus problemas de “apatia”, “inércia”, “indiferença”, analfabetismo e doenças endêmicas como a malária, haviam logrado, mediante técnicas de estímulo à participação comunitária e à mobilização dos recursos locais nos programas de ação, aprimorar as condições de vida local.⁴⁹⁵

Subjacente ao diagnóstico de Rios sobre os problemas enfrentados pela cidade mineira encontra-se a visão comunitarista, presente tanto no pensamento social da Igreja quanto na Sociologia Rural norte-americana, segundo a qual as transformações modernizadoras implicavam necessariamente riscos de desajustamento e ameaça aos laços de solidariedade locais. Em aulas que leciona neste mesmo período na Fundação Getúlio Vargas, o sociólogo afirma que a mudança social, provocando a “má coordenação” e a “destruição” dos grupos, demandava medidas de reajustamento. No lugar de abraçar discursos triunfalistas, Rios enxerga com reserva as alterações econômicas provocadas pelo capitalismo, ainda que as considere irrefreáveis. Sua inexorabilidade não eliminava, todavia, a margem de ação humana para a intervenção planejada sobre os grupos com o intuito de recompor, em um novo patamar, formas locais de cooperação: “Não basta a uma sociedade ‘congelar-se’ para ser considerada normal. Sua normalidade não está em impedir o progresso, a mudança social, mas exatamente em adaptar-se a esse progresso criando o mínimo de mal-estar individual e de conflito”.⁴⁹⁶ Para Rios, no âmago da sociologia residia uma reação comunitarista às forças pulverizadoras liberadas pelo desenvolvimento material e tecnológico. A disciplina, que denomina “ciência de crise”, havia florescido na Europa do século XIX em resposta a processos de desestruturação dos antigos laços sociais que vieram a reboque da Revolução Industrial: “[ela] não poderia surgir [...] numa sociedade perfeitamente homogênea, onde reinasse uma harmonia absoluta. Seu aparecimento ocorre sempre que as relações humanas deixam de ser matéria corriqueira para se tornarem problemáticas”.⁴⁹⁷

Em Juiz de Fora, o treinamento em pesquisa fornecido às assistentes sociais visava, entre outros objetivos, garantir que estas fossem capazes de identificar a natureza e a

⁴⁹⁴ RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 fev. 1951, Rio de Janeiro [para] MAGALHÃES, Bernardo, Belo Horizonte. 3f. AJAR.

⁴⁹⁵ RIOS, José Arthur. *A educação dos grupos*. 209. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1954, p. 209.

⁴⁹⁶ RIOS, José Arthur. “A comunidade e o desajustamento social”. In MIRA Y LOPEZ, E. (org.). *Manual de Psicotécnica (Psicologia Aplicada ao Trabalho)*. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1953, pp. 73-78.

⁴⁹⁷ RIOS, José Arthur. “Conceito e Objeto da Sociologia”. In MIRA Y LOPEZ, E. (org.). *Manual de Psicotécnica (Psicologia Aplicada ao Trabalho)*. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1953, pp. 12-15.

intensidade das relações mantidas entre as famílias dos diferentes bairros e vizinhanças, de modo que se pudesse avaliar o grau em que elas estavam dispostos a cooperar na solução dos problemas comuns da localidade. Um dos questionários-modelos do curso indagava quais eram as atitudes observadas entre os entrevistados frente aos vizinhos, se de indiferença, amizade ou hostilidade, o número de pessoas de cada família envolvidas nessas relações, e o que efetivamente implicavam, se conversas, visitas ou prestação de serviços, tais como empréstimo de dinheiro, guarda dos filhos e da casa, ou ainda, formas de assistência de qualquer outra natureza.⁴⁹⁸ A julgar pelas principais referências bibliográficas de que se vale, os livros *Rural Community Organization* (1939), de Dwight Sanderson e Robert Polson, e *The small community looks ahead* (1947), de Wayland J. Hayes, sociólogo rural de Vanderbilt que havia examinado diversos programas de reabilitação de localidades rurais ao longo do Vale do Tennessee, Rios almejava, ao lançar mão da “organização de comunidade”, transmitir técnicas às assistentes sociais visando ao envolvimento dos moradores, por meio da criação de juntas, conselhos locais, grupos de estudo e equipes de trabalho, na solução dos problemas comuns enfrentados pelos bairros e vizinhanças, o que implicava a construção de consensos acerca das principais dificuldades e das melhores estratégias de ação.⁴⁹⁹

Em razão de mudanças nos quadros administrativos do SESI mineiro, contudo, os planos de Rios para a organização de comunidade locais, que seriam implementados por um trabalho de coordenação entre a agência e a Faculdade de Filosofia de Juiz de Fora, não chegaram a ser implementados.⁵⁰⁰ É difícil avaliar, no entanto, em que medida Rios teria logrado pôr em prática a suas ideias. Sua proposta de intervenção sociológica não gozava de pleno reconhecimento e aceitação entre os profissionais, inclusive entre aqueles ligados ao Serviço Social, como é possível depreender de carta que Lígia Loureiro da Cruz, assistente social que auxiliara Rios na estruturação dos cursos, envia ao sociólogo:

Dr. Rios, as coisas não são como nós desejamos, elas são como são. Por que pretende o senhor que em Juiz de Fora seja aceita uma experiência sociológica, quando em São Paulo, o estado líder, onde existe o maior centro cultural do país, ela ainda não conseguiu ser bem vista? Não será pretender demais? Por acaso já se fez alguma coisa na Capital Federal? [...] Quanto tempo levou o SESI de São Paulo (capital) para aceitar o entrosamento com a Escola Livre de Sociologia, que existe na cidade há vários anos? [...] E o sr. Dr. Rios,

⁴⁹⁸ RIOS, José Arthur. “Pesquisa sobre grupos vicinais em Juiz de Fora”. *SESI – Curso Social*. Juiz de Fora: Mimeo., 1949. AJAR.

⁴⁹⁹ RIOS, José Arthur [Carta] 6 out. 1949, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 25.

⁵⁰⁰ CRUZ, Lígia Loureiro [Carta] 1 jul. 1950, Belo Horizonte [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 2f. AJAR.

ainda pretende que em Juiz de Fora se custeie um núcleo exclusivamente científico, até parece que o sr. não é brasileiro, e que ignora que o número de questionários respondidos, em uma pesquisa de 500 formulários remetidos, não chegou a 40. Acho que os ares dos Estados Unidos não lhe fizeram muito bem. Não será melhor o senhor descer de paraquedas e pousar em terra firme? Acredito que em terra se construa mais do que nos ares.⁵⁰¹

A carta de Lígia Loureiro Cruz fornece indicações importantes para pensarmos sobre as dificuldades com que Rios se defrontou em suas tentativas de construir espaços institucionais capazes de albergar a prática da Sociologia enquanto disciplina voltada para a pesquisa e ao mesmo tempo direcionada para a produção de conhecimento aplicado. O documento sugere que não parecia haver consensos ou compreensões consolidadas acerca da validade da Sociologia enquanto forma de conhecimento científico tampouco certezas a respeito dos aportes práticos que poderiam ser extraídos das disciplina.

Em que pesem os insucessos acumulados por Rios nos esforços de instituir sua agenda de pesquisas e intervenção, desde o fim da guerra circunstâncias vinham sendo construídas que contribuiriam para lançá-lo, no início dos anos 1950, no centro de importantes iniciativas governamentais no terreno das políticas sociais. Essas circunstâncias se prendiam, especialmente, à veiculação, em escala global, de modelos de desenvolvimento com base na promoção da racionalização da produção agrícola, educação, saneamento e saúde inspirados nos pressupostos comunitaristas da auto-organização das populações locais para o enfrentamento de seus problemas, modelos que, a partir de técnicas pedagógicas como a educação de base e a educação de adultos, passaram a compor, no contexto da Guerra Fria, parte do receituário das agências norte-americanas e de organismos multilaterais como as Nações Unidas para o combate à pobreza nas áreas periféricas do mundo. Vulneráveis, na avaliação do governo Truman, à propaganda comunista, as populações dessas regiões poderiam trabalhar para a alteração do seu quadro socioeconômico adverso mediante políticas de assistência técnica e aportes materiais dos EUA que auxiliassem na superação do atraso em que se encontravam em relação às economias centrais avançadas.

4.2. Despertando o ‘senso comunitário’: a Campanha Nacional de Educação Rural

No início do Segundo Governo Vargas, Rios passa a acompanhar, a serviço do diretor do Departamento Nacional de Educação Nelson Romero, uma equipe de técnicos do Ministério

⁵⁰¹ CRUZ, Lígia Loureiro [Carta] 18 abr. 1950, Belo Horizonte [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 2f. AJAR.

da Agricultura que percorria, em um furgão, localidades rurais do estados do Rio de Janeiro, Espírito Santos e Minas Gerais promovendo atividades assistenciais com base em recursos áudios-visuais.⁵⁰² Por intermédio da Comissão Brasileira Americana de Educação das Populações Rurais (CBAR), organismo de cooperação técnica destinado à promoção da educação rural criado a partir de acordo entre o governo brasileiro e a *Inter-American Educational Foundation*, agência subordinada ao *Office of Inter-American Affairs*, o sociólogo havia sido incumbido da tarefa de estudar, junto com a equipe do Ministério da Agricultura, a melhor forma de implementar um programa educacional nos moldes das missões culturais mexicanas e das técnicas de educação fundamental, cujo um dos marcos de divulgação no Brasil foi o Seminário Interamericano de Alfabetização de Adultos realizado em 1949 em Petrópolis sob os auspícios da Organização Pan-Americana e da Unesco.

Sob a rubrica de “desenvolvimento de comunidade”, “educação de adultos” e “educação de base”, aqueles organismos internacionais propunham, como estratégia de superação do denominado subdesenvolvimento na periferia do mundo, ações educativas visando à utilização dos próprios esforços e recursos das populações locais em políticas sociais a cargo dos governos, estimulando sua participação e senso de responsabilidade cívica.⁵⁰³ Impregnados do comunitarismo dos sociólogos rurais, que com frequência desempenharam a tarefa de aconselhamento técnico nessas iniciativas, os EUA, por intermédio de suas agências de assistência técnica e das fundações filantrópicas, auxiliaram na implantação de amplos projetos de desenvolvimento de comunidade em países como a Índia (Immerwahr, 2015). No Brasil, intelectuais como Lourenço Filho, vinculado ao Ministério da Educação, também vinham presidindo a condução de experimentações nesse terreno, a exemplo da Missão Rural de Itaperuna, no Rio de Janeiro (Ammann, 2013).

Em carta a Smith, Rios expressa sua satisfação em participar da iniciativa da CBAR:

⁵⁰² CARLOS, Newton. “Missões rurais em tempos de valsa”. 27/05/1951. *Tribuna da Imprensa*, p. 1 e 10. Os técnicos, que integravam a Comissão Brasileira de Assistência às Populações Rurais, eram os médicos sanitaristas Osvaldo Medrado e Abelardo Vieira Miranda, os agrônomos Bolívar de Miranda Lima e Renato de Almeida Xavier, o veterinário Nogueira de Medeiros, o geógrafo do IHBG Miguel Alves de Lima, o cinegrafista Antonio Ferreira Rebelo Neto, o rádio-técnico Armando Fernandes e os motoristas Agostinho Simões da Silva e Waldir Viana. BRASIL. A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER): suas origens, sua vida e seus trabalhos desde 1950 ao primeiro semestre de 1959. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 6, n. 8, 1959, pp. 14-15

⁵⁰³ Na definição da assistente social Diamantina Conceição, formada em um dos primeiros cursos de educadores de base implantados pela Campanha Nacional de Educação Rural, a educação fundamental consistia no “mínimo de educação geral necessário a ajudar as crianças, os adolescentes e os adultos a compreenderem os problemas peculiares ao meio em que vivem, a formarem uma ideia exata de seus deveres e direitos individuais e cívicos e a participarem, eficazmente, do progresso econômico e social da comunidade a que pertencem”. CONCEIÇÃO, Diamantina Costa. (1954), O que é a campanha nacional de educação rural e o que vem fazendo, há dois anos, pela recuperação dos municípios rurais brasileiros, através do processo de educação de base. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 1, n. 1, 1954, pp.13-25.

Estava ansioso para entrar em contato com você [...] porque, pela primeira vez, vejo uma chance de fazer pesquisa e planejamento social nas comunidades rurais brasileiras. Essas condições surgiram a partir de um convite da CBAR [...] para realizar um survey na região das colônias do Espírito Santo e ao longo do Vale do Rio Doce, onde a CBAR planeja iniciar um centro de treinamento e fixar um posto de atenção à infância. Realizei o survey cujo relatório final enviarei a você. [...]. Posteriormente, fui apresentado por Hilgard [Sternberg] ao Sr. [Edward W.] Sheridan [diretor da Divisão de Educação do *Institute of Inter-American Affairs*], que você provavelmente conhece [...] e que está igualmente interessado em educação rural e pesquisa no Vale do Rio Doce. Ele almeja cooperação estreita com a CBAR e deseja manter contato comigo. Ele disse até mesmo que eu era o homem que ele estivera procurando nos últimos anos e que, caso as coisas não dessem certo na CBAR, eu não deveria me preocupar, que ele iria me incluir em seus planos. As coisas na CBAR estão se encaminhando para a criação de um departamento de pesquisa e bem-estar rural que, ao menos foi o que me prometeram, seria confiado a mim.⁵⁰⁴

Em relato de viagem ao município de Santa Teresa, no interior do Espírito Santo, em fevereiro de 1951, feito no âmbito dos levantamentos requisitados pela CBAR, Rios manifesta o interesse em desenvolver um trabalho “nas linhas do que vem sendo realizado no sul dos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália, na Nova Zelândia, na África Inglesa e, através da Unesco, em diversos pontos da América do Sul”.⁵⁰⁵ Tratava-se, na avaliação do sociólogo, de aliar a educação rural ao estudo das comunidades tendo em vista o envolvimento dos governos e populações locais na solução dos seus problemas:

Nossas observações e experiências nos fazem descrever da eficiência dos grandes serviços, de âmbito nacional, que procuram resolver de forma megalomânica [sic] e, via de regra, demagógica, os problemas municipais. [...] Não existe ainda, entre nós, o hábito de fazer preceder tais planos de estudos locais. [...] Analisando nesse nível, verificamos que é o município, ou municípios interessados, que devem tomar consciência dos seus problemas. Os serviços estaduais e federais devem auxiliar, estimular e orientar os municípios nessa tomada de consciência que, nem sempre, é fácil e imediata, mas que constitui o primeiro passo indispensável para qualquer campanha de recuperação.⁵⁰⁶

Rios observa que a situação socioeconômica do município de Santa Teresa era propícia a um trabalho de educação rural e organização de comunidades. Constituída em sua

⁵⁰⁴ RIOS, José Arthur [Carta] 21 fev. 1951, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. TLSP, Box 14, Folder 26.

⁵⁰⁵ RIOS, José Arthur. Viagem ao Vale do Canaã. *A Ordem*, v. 48, n. 1, 1951, p. 41.

⁵⁰⁶ Idem, pp. 40-41.

maior parte por famílias de lavradores descendentes de imigrantes italianos do final do século XIX, a comunidade corria o risco de “desintegração”, já apresentando sinais de êxodo, em função de uma série de fatores que resultavam no empobrecimento, como a falta de infraestrutura para o escoamento da produção, a dependência em relação a intermediários, o uso de técnicas rudimentares, a insistência na monocultura do café, os baixos padrões sanitários e alimentares e a falta de professores rurais. Não obstante, era possível enfrentar esses problemas considerando-se o “acentuado senso comunitário” da população, a existência de associações agrícolas e educacionais municipais e o predomínio da pequena propriedade, que mantinha os lavradores em um mesmo patamar social, fornecendo as condições para que estreitassem os laços. Neste sentido, grupos locais como as paróquias e os clubes recreativos deviam ser estimulados a participar do trabalho de educação do agricultor, tornando-se os irradiadores de novas concepções de trabalho, saúde e consumo.⁵⁰⁷

Em relatórios submetidos ao Ministério da Educação e Saúde após essas primeiras incursões, Rios nota que as zonas rurais brasileiras ofereciam ao observador “uma situação típica de mudança cultural”.⁵⁰⁸ O “desapreço pela conservação da saúde”, o nomadismo, a agricultura extensiva e a pobreza, aspectos conformadores de uma mesma estrutura social, resultavam em um “círculo vicioso” cuja superação demandava “uma ação profunda e total sobre as comunidades rurais, unindo a educação fundamental às indispensáveis reformas de estrutura agrária”.⁵⁰⁹ Na esteira dos programas da Unesco, Rios propôs ao governo federal uma política educacional destinada à “tarefa da autoeducação”.⁵¹⁰ Esta consistiria em impulsionar o homem do campo, pela “emulação criadora”, a vencer a “apatia” e a tomar parte em iniciativas coletivas destinadas à elevação dos seus padrões de vida.⁵¹¹ De acordo com o sociólogo, tal iniciativa era particularmente importante no Brasil na medida em que:

O senso comunitário tem de ser despertado num povo de individualistas. E, ao mesmo tempo, o educador tem de escolher técnicas educativas que deem aos homens do meio rural a noção da própria valia, juntamente com o sentimento de independência e o senso de responsabilidade, sem o que não se constroem povos, mas somente massas submissas.⁵¹²

⁵⁰⁷ Ibidem, p. 42.

⁵⁰⁸ RIOS, José Arthur. Relatório do coordenador da CNER, professor José Arthur Rios. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 7, n. 9, 1960, p.16.

⁵⁰⁹ Idem.

⁵¹⁰ Ibidem.

⁵¹¹ CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO RURAL. “Identificação dos métodos a adotar para a educação do povo”. *Revista da CNER*. Ministério da Educação e Cultura, ano 7, n. 9, 1959-1960, p.20.

⁵¹² RIOS, José Arthur. Relatório do coordenador da CNER, professor José Arthur Rios. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 7, n. 9, 1960, p.17.

Ao empregar o termo “individualismo”, Rios não se referia ao culto ao indivíduo característico da ordem social moderna, mas, à maneira de Oliveira Vianna, ao particularismo das condutas, à dificuldade de indivíduos e grupos de se engajarem voluntariamente em formas de associação para além do círculo familiar e das relações entre servo e senhor características do campo.⁵¹³ A ambiguidade na forma como Rios por vezes avalia a existência das comunidades rurais no Brasil, ora constatando sua amorfia ora apontando para os elementos capazes de ampliar e fortalecer as formas locais de solidariedade social, assinala a marca da matriz autoritária de pensamento, tal como expressa na obra de Vianna, em sua leitura do país. Como se indicou no segundo capítulo, tais vínculos de ordem intelectual tensionaram igualmente a avaliação de Smith acerca da melhor maneira de se instituir um programa de reformas no campo. Uma forma de contornar essa tensão consistiu, tanto no caso de Rios quanto no caso de Smith, na afirmação de que as comunidades do Brasil rural se encontravam em fase embrionária, manifestando o potencial para funcionarem como grupos integrados mas à espera de intervenções capazes de auxiliá-las na realização desse desiderato.

Na avaliação das estratégias para a implementação de políticas educacionais para as populações rurais, Rios ressaltou o papel da pesquisa sociológica. Os relatórios encaminhados pelo sociólogo ao Ministério da Educação e Saúde constituem verdadeiro manifesto em prol das Ciências Sociais. Conforme argumentava, como não se tratava mais de “alfabetizar em massa, construir escolas, escolher postos de saúde, e sim substituir uma cultura por outra mais adequada às condições atuais do mundo”, os poderes públicos deviam lançar mão dos estudos realizados por cientistas sociais como T. Lynn Smith, Donald Pierson, Charles Wagley, Kalervo Oberg, Emílio Willems e Thales de Azevedo, além dos trabalhos dos geógrafos Leo Waibel e Orlando Valverde.⁵¹⁴ Pesquisas como essas deviam presidir e orientar a intervenção, indicando “um tipo de educação que vencesse as resistências culturais de uma tradição já secular e esposasse a forma dessa cultura em vez de tentar sobrepor-se a seus padrões, sufocando-os”.⁵¹⁵ Isto é, na visão de Rios, o aporte prático, aplicado, que as Ciências Sociais poderiam oferecer à mudança provocada residia em sua sensibilidade para a cultura e o funcionamento dos grupos

⁵¹³ Em 1954, Rios reavalia o sentido do termo quando aplicado à sociedade brasileira: “[...] a cultura americana [...] estimula a participação, mede, de certa forma, o prestígio individual pelo número de grupos em que a pessoa participa, e incentiva a expansão da personalidade. A herança cultural americana favorece a multiplicação dos grêmios. No caso brasileiro, é, ao contrário, dificultada pela tradição. Há quem atribua esse fato a um suposto individualismo. Não é verdade. Individualista é a sociedade americana. O grupo, aí, é sempre encarado como meio de expansão do indivíduo”. RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1954, p. 47.

⁵¹⁴ BRASIL. Identificação dos métodos a adotar para a educação do povo. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 7, n. 9, 1960, p.17.

⁵¹⁵ Idem.

locais, cuja compreensão facilitaria a implementação de ações educativas que, entrosadas, em um primeiro momento, com o seu universo de valores, subvertia-o gradativamente, fazendo emergir a mudança. Conforme o sociólogo argumentava, esta forma de proceder se mostrava superior à imposição vertical de ações do poder público na medida em que procurava atuar de maneira profunda sobre crenças e costumes, em um processo de convencimento e criação de novos consensos locais, e não simplesmente alterá-los mediante o exercício da coerção externa – método, portanto, que se revelava, de acordo a visão de Rios, mais eficiente em assegurar a permanência e efetivação da mudança pretendida, e também mais “democrático”, em razão do esforço de integração da iniciativa governamental com as dinâmicas pré-existentes da cultura e da vida social das populações locais que eram alvo das políticas.

Os apontamentos de Rios dirigidos às autoridades governamentais redundaram na criação da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), que o sociólogo coordenou em seus primeiros anos, entre 1951 e 1952. Nesse período, a agência, vinculada ao Departamento Nacional de Educação, organizou Centros de Treinamento em Pinhal, São Paulo, e em Cruz das Almas, Bahia, voltados à formação de educadores de base, em sua maioria médicos, agrônomos, assistentes sociais, professoras primárias, enfermeiras, visitadoras, educadores sanitários e sacerdotes.⁵¹⁶ A proposta era que esses técnicos atuassem principalmente a partir de missões rurais, conduzindo o trabalho de “dinamização” de comunidades do interior do país em projetos acordados previamente entre a CNER e instituições locais.

Em suas parcerias, Rios valorizou sobretudo as ações assistenciais realizadas por paróquias e lideranças católicas, como o serviço de assistência rural dirigido pelo vigário Eugenio Salles no Rio Grande do Norte⁵¹⁷, além de iniciativas particulares, como o centro de

⁵¹⁶ O programa do nono curso de treinamento da CNER, realizado em agosto e setembro de 1955, incluía as seguintes disciplinas: Sociologia Rural, Educação de Base, Geografia Agrícola, Organização de Comunidades, Serviço Social de Grupo, Pedagogia Rural, Educação Sanitária, Extensão Agrícola, Administração Pública, Técnica de Missão Rural e Cooperativismo. Os cursos eram intensivos, com atividades durante todos os dias, e incluíam aulas práticas sobre o manejo de projetores de cinema e microfones e a elaboração de recursos audiovisuais para o trabalho das missões. Eles demandavam ainda “trabalho de campo” em que os alunos realizavam o levantamento das comunidades vizinhas à sede do centro de treinamento e ensaiavam, a partir dos seus “diagnósticos sociais”, o planejamento e a execução dos programas de intervenção. LOURENÇO FILHO, Francisco Gago. Cursos de Treinamento de Educadores de Base da C.N.E.R. – Notas do Dr. Francisco Gago Lourenço Filho, Chefe do Setor de Pesquisas e Treinamento. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 2, n. 2, 1955, pp. 25-37.

⁵¹⁷ GUERRA, Otto. Formação de líderes rurais. O Serviço de Assistência Rural – Reuniões de párocos – As Semanas Rurais – Cursos intensivos – Centro de Treinamento de Professores – Fala-nos o Cônego Eugênio Salles. *A Ordem* (jornal), quarta-feira, 19 de outubro de 1952, pp.3-4. A CNER também organizou a primeira Semana Rural do Clero Paulista em Botucatu em julho de 1952. Na ocasião, o *Correio da Manhã* publicou nota afirmando que “a Campanha de Educação Rural, organizando seu programa básico, voltou-se logo para a ideia de uma Semana Rural do Clero por saber que a paróquia continua sendo, no interior do Brasil, o grande centro da vida em comum das populações do interior”. CORREIO DA MANHÃ. Nota sobre a Campanha de Educação Rural. *Correio da Manhã*, 2 de agosto de 1952, p.1.

formação de professoras rurais instalado pela pedagoga Helena Antipoff na Fazenda do Rosário (MG).⁵¹⁸ Barreiro (2010) nota que a Igreja Católica esteve estreitamente associada às atividades da CNER, havendo forte convergência entre os princípios de cooperação social que animavam a campanha e as apostas do clero em soluções não-disruptivas e conciliatórias para os conflitos que se acirravam em torno da posse da terra em meio ao crescimento das organizações e movimentos de trabalhadores rurais no período. A preocupação da Igreja com a expansão do comunismo no campo e a defesa de uma reforma agrária que não constituísse uma “distribuição demagógica da terra” convergia com a visão de Rios (Idem: 98).

A CNER se manteve em funcionamento ao longo da década de 1950, sendo extinta em 1963. Neste período, promoveu ações em diversas localidades rurais brasileiras com o objetivo declarado de estimular o envolvimento de seus habitantes para a construção e reforma de habitações, saneamento por meio de instalação de fossas secas, organização de clubes agrícolas e hortas comunitárias, e reeducação alimentar e sanitária, conduzindo ainda a formação de professores de escolas rurais de pequenos municípios a fim de que estivessem aptos a transmitir noções de “educação cívica” (Barreiro, 2010).

Rios, entretanto, foi desligado das atividades do órgão em fins de 1952, em decorrência de atritos com os altos escalões do governo. Sua exoneração esteve ligada à repercussão das críticas que dirigiu publicamente às atividades do Ministério da Agricultura em um momento em que este disputava com o Ministério da Educação a primazia pelos serviços de educação rural do país. Em entrevista para *O Globo*, o sociólogo afirmou: “Mais de setenta por cento do funcionalismo [do Ministério da Agricultura] concentra-se no Rio. Dispensam-se comentários quando se sabe que o Brasil tem oito milhões e meio quadrados de superfície a cargo daquele Ministério...”.⁵¹⁹ A imprensa acompanhou o caso e, no auge da discussão que se instaurou, o jornalista Gerardo Mello Mourão, em sua coluna na *Gazeta de Notícias*, chegou a pôr em dúvida a validade das ações da CNER em razão de terem sido concebidas por um sociólogo. Seus comentários fornecem uma indicação acerca do imaginário em torno da identidade dos sociólogos, pensados, sobretudo, como professores, mas não como técnicos ou pesquisadores aptos a atuar no planejamento de políticas públicas:

⁵¹⁸ Relembrando a experiência da Fazenda do Rosário anos mais tarde, Rios observa: “A grande inovação da dona Helena era precisamente a concepção comunitária e a aproximação de crianças e adultos numa só família. Peça a peça, foi construindo sua obra, a escola rural, as oficinas, a usina de energia elétrica, as plantações, a capela, a biblioteca. Lá está ainda hoje em Rosário para quem quiser ver”. RIOS, José Arthur. Rumos da Educação Rural. *Carta Mensal*, v. 32, n. 375, 1986, p. 30.

⁵¹⁹ RIOS, José Arthur. A ignorância, o medo e a miséria corroem a nação. Entrevista para *O Globo*, 25 set. 1952, p. 6.

Algum pequeno burocrata, pedantizado [sic] por um desses cursos medíocres com que a barata sociologia americana está embotando a geração [de funcionários do serviço público] de nossos dias, descobriu um pobre diabo da marca do ‘professor’ Lynn Smith e fazendo escola com os livrinhos desse sociólogo de matéria plástica, incorporou à incauta cabeça do doutor Simões [Filho, ministro da Educação] a ideia de salvar a agricultura e o homem rural do Brasil. [...] O ministro baiano, entre os goles de seu chá de Orange Pekoe, despacha aos centros rurais um grupo de deliciosos sociólogos e técnicos rurais, aos quais prestaria, de resto, melhor serviço se os mandasse lotar nalgum colégio secundário. [...] Na marcha em que vai o Ministro da Educação, ninguém estranhe se amanhã o doutor Simões escalar seus pitorescos sociólogos para armar os navios da Marinha de Guerra, para pilotar os aviões da Aeronáutica ou para lançar os fundamentos das bases militares do Exército.⁵²⁰

Os comentários ácidos do jornalista Geraldo Mourão fornecem elementos que nos permitem compreender que a batalha pela legitimidade social da Sociologia enquanto disciplina que se voltava para a pesquisa e que fornecia aportes práticos ao planejamento não estava completamente ganha no início dos anos 1950. Permanecia forte, no imaginário social, a ideia de que se tratava de uma forma de conhecimento circunscrito ao ambiente acadêmico e escolar, mais voltado à formação de professores do que ao mundo das políticas sociais, área em que, ao se imiscuir, a disciplina parecia extrapolar de suas competências.

4.3. Ciências sociais, saúde e comunidade: o Serviço Especial de Saúde Pública

No início de 1953, Rios passou a trabalhar no Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Criado a partir de um acordo bilateral entre Brasil e EUA em meio aos esforços de guerra, no âmbito do programa norte-americano de assistência técnica em saúde a cargo do Instituto de Assuntos Interamericanos, o SESP se manteve em atividade na década seguinte devido ao apelo que suas ações sanitárias passaram a ter em face dos projetos de desenvolvimento regional do governo brasileiro (Campos, 2006). O recurso da agência às Ciências Sociais remonta aos seus primeiros anos de funcionamento, quando o antropólogo Charles Wagley foi encarregado de realizar levantamentos na região Norte e Nordeste envolvendo o problema da seca e da migração de trabalhadores para o Vale Amazônico. Em meados dos anos 1940, à frente da Divisão de Educação Sanitária, Wagley atuou na implementação de programas sanitários na Amazônia (Figueiredo, 2009).

⁵²⁰ MOURÃO, Geraldo. Serviço rural. *Gazeta de Notícias*, 16 out. 1952, p. 2.

Rios conheceu as atividades do SESP durante seu trabalho com educação rural. Em 1951, ele participou de um projeto levado a cabo por diversas agências de educação, saúde e agricultura visando à elevação dos níveis de vida da população de Chonim de Cima, no Vale do Rio Doce, e produziu um balanço da experiência, inspirada na organização de comunidades, com o antropólogo canadense Kalervo Oberg.⁵²¹ No SESP, Rios chefiou a Seção de Pesquisas Sociais da Divisão de Educação Sanitária, onde também atuaram o sociólogo Carlos Alberto de Medina, que estudara com Rios nos cursos da CNER, e o antropólogo Luiz Fernando Fontenelle.⁵²² Rios se encarregou de cursos de formação de educadores sanitários (Cardoso, 2009), supervisionando a aplicação das técnicas de organização de comunidade no interior de Minas Gerais, em localidades próximas a Governador Valadares, levada a cabo por profissionais do SESP em fase de treinamento.⁵²³ O sociólogo trabalhou no órgão até o final dos anos 1950.

O setor de Educação Sanitária do SESP mostrou-se receptivo às sugestões de Rios, experimentando ações educativas em que as populações locais se envolviam diretamente com os programas de saúde, como foi o caso da construção de um posto de saúde em Banco de Vitória, bairro do município de Ilhéus, na Bahia, por uma comissão de melhoramentos formada por moradores da localidade em 1954.⁵²⁴ Outras divisões do órgão desenvolveram igualmente ações imbuídas do espírito participativo, a exemplo da Divisão de Engenharia Sanitária, que levou a cabo programas de habitação popular e obras de infraestrutura sanitária com base no princípio da ajuda mútua, em que a população beneficiada ora financiava parte dos custos ora emprestava sua própria força de trabalho.⁵²⁵

⁵²¹ OBERG, Kalervo & RIOS, José Arthur. (1955), “A Community Improvement Project in Brazil”. In PAUL, Benjamin D. (org.), *Health, Culture and Community: case studies to public reactions to health programs*. Russel Sage Foundation, 1955, pp. 349 – 375; OBERG, Kalervo. “Interesses da comunidade e programas de desenvolvimento rural”. In BRASIL. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1961, pp. 43-52. Além do estudo sociológico em Chonin, Kalervo Oberg conduziu investigação relativa à implementação de serviços de saúde em Colatina e Cameté em 1951. A atuação do antropólogo no Brasil esteve ligada ao convênio entre o Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA) e o Instituto de Antropologia Social (ISA) da *Smithsonian Institution*. Entre 1946 e 1952, Oberg também foi professor da ELSP.

⁵²² Após se formar em História e Geografia na FNFi em 1950, Fontenelle realizou estágios no Museu do Índio, no Conselho Nacional de Geografia e no Museu Nacional, conhecendo, nesta última instituição, o antropólogo norte-americano Carl Withers, autor de *Middletown*, importante referência no âmbito dos estudos de comunidade. Ele ainda realizou seus estudos pós-graduados em Saúde Pública com o antropólogo George Foster na Universidade da Califórnia. Suas pesquisas no SESP foram analisadas por Maio & Lima (2009).

⁵²³ RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Rural, 1954, pp.286-297.

⁵²⁴ BRASIL. SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA. *Relatório*. Rio de Janeiro, jan.-mar. 1954, p. 107. Fundo da Fundação Serviços de Saúde Pública, Departamento de Pesquisa e Documentação, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.

⁵²⁵ BRASIL. SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA. *Relatório*. Rio de Janeiro, jul.-dez. 1954, pp. 27-28. Fundo da Fundação Serviços de Saúde Pública, Departamento de Pesquisa e Documentação, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.

Em 1954, Rios publica *A Educação dos Grupos*, livro que reflete, além de suas experiências em Educação Rural, as atividades desenvolvidas no SESP a partir de 1953, como chefe da Seção de Pesquisas Sociais da Divisão de Educação Sanitária. Resultado da compilação de aulas que ministrou a técnicos e auxiliares de Educação Sanitária, o texto apresenta um conjunto de técnicas e conselhos práticos ligados à organização de comunidades rurais, constituindo peça-chave na compreensão de sua perspectiva sociológica comunitarista. Agir por meio dos grupos, que, como a família, a escola, a igreja e a vizinhança, exerciam ascendência sobre o indivíduo, era a melhor maneira de alterar hábitos nocivos e crenças atrasadas, promovendo a mudança cultural. Os cientistas sociais deviam atuar como mediadores ou intérpretes, traduzindo, para o sistema de valores nativo, os traços culturais que os agentes públicos buscavam difundir (Maio & Lima, 2009).⁵²⁶ A efetividade das políticas do Estado não seria garantida por ações verticalizadas do poder público, mas exigia que a mudança transcorresse desde dentro, mediante a incorporação gradual, pela comunidade, de práticas e concepções modernas de saúde e trabalho. As lideranças locais, uma vez identificadas, deviam ser estimuladas a participar das atividades de planejamento e intervenção, servindo como focos irradiadores de mudança. Nas palavras do sociólogo: “A participação [...], em qualquer tipo de planejamento que interesse seus hábitos, neutraliza a atitude natural de hostilidade ou de indiferença do indivíduo perante o novo traço”.⁵²⁷

O livro traz ainda as marcas do alcance global que a ideia de desenvolvimento de comunidade havia adquirido no pós-guerra. Além de se referir às técnicas de educação veiculadas pela Unesco, que, nos termos dos seus programas oficiais, deveriam “ajudar os homens a se ajudarem a si mesmo”, Rios se apoia em uma série de experiências regionais e nacionais em Educação, Saúde e Ciências Sociais Aplicadas, a exemplo do livro *Cultural Patterns and Technical Change* (1953), organizado pela antropóloga norte-americana Margaret Mead a pedido da Federação Mundial de Higiene Mental e do trabalho do educador sanitário holandês John Hydrick em Java, *Intensive Rural Hygiene Work and Public Health Education of the Public Health Service of Netherlands India* (1937).⁵²⁸

A argumentação de Rios em prol da ação das comunidades repercute, ademais, os embates ideológicos acerca do fenômeno do totalitarismo. As comunidades serviam de

⁵²⁶ As possibilidades de usos das Ciências Sociais em Saúde Pública foram uma constante nos textos publicados por Rios nos boletins do SESP: RIOS, José Arthur. A saúde como valor social. *Boletim do Sesp*, n. 33, abr. 1953, pp. 2-3; RIOS, José Arthur. Informar e convencer. *Boletim do Sesp*, n. 35, jun. 1953, pp. 5-6; RIOS, José Arthur. Ciências sociais e saúde pública. *Boletim do Sesp*, n. 38, set. 1953, pp. 2-3. Ver ainda, a esse respeito, Maio & Lima (2009).

⁵²⁷ RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Rural, 1954, p. 51.

⁵²⁸ Idem, p. 17.

contrapeso às forças políticas centralizadoras e burocratizantes que assediavam o mundo moderno.⁵²⁹ A sobrevivência das democracias dependia de modelos de intervenção social que suscitassem no homem comum o “senso das responsabilidades sociais e dos deveres com o próximo”, de modo que ele fosse estimulado a participar dos programas e das decisões políticas ligadas ao destino das coletividades.⁵³⁰ Este é o sentido da literatura norte-americana sobre planejamento democrático que atravessa o livro de Rios, apresentada como alternativa aos modelos fascista e soviético de engenharia social.⁵³¹ Dentre essas referências, destaca-se o texto de David Lilienthal, publicado ao final da Segunda Guerra Mundial e intitulado, sugestivamente, *TVA, Democracy on the March*, compreendendo uma avaliação do programa de integração regional e desenvolvimento econômico do Vale do Tennessee conduzido pela *Tennessee Valley Authority* nos anos 1930.⁵³²

Em *A Educação dos Grupos*, Rios explora de maneira mais sistemática as implicações do conceito sociológico de comunidade para os programas de educação rural e saúde pública. Conferindo pioneirismo aos estudos de Charles Galpin, que desenvolvera uma metodologia capaz de identificar os contornos físico-geográficos das comunidades rurais nos EUA, Rios apresenta uma história do conceito de comunidade no quarto capítulo do livro, passando em revista trabalhos que se desenvolveram nos campos da Sociologia Rural, da Antropologia e da Ecologia Humana. São mencionados estudos considerados clássicos, a exemplo de *Middletown*, de Robert e Helen Lynd (1929); *Community, a sociological study*, de R. MacIver (1936); *The status systems of a modern community*, de Lloyd Warner e Paul Lunt (1942), além das pesquisas urbanas inspiradas na abordagem ecológica dos sociólogos de Chicago Robert Park e Ernest Burgess. As investigações de Donald Pierson e Emílio Willems no interior de São Paulo são consideradas um marco no desenvolvimento dos estudos de comunidade no Brasil ao lado dos estudos de T. Lynn Smith sobre os grupos de localidade do país.

A definição de Rios de comunidade converge com aquela fornecida por Smith. De acordo com o sociólogo, a noção se aplica a todo tipo de agrupamento humano vivendo em contiguidade espacial, marcado pela proximidade dos contatos, por relações face a face, fortes consensos valorativos e identidade de grupo.⁵³³ Esta ideia de comunidade, todavia, é posta em tensão ao longo do livro, e a homogeneidade sociocultural e o consenso pressupostos pelo

⁵²⁹ Ibidem, p. 18.

⁵³⁰ Ibid., 27.

⁵³¹ É o caso, por exemplo, de *Rural Community Organization* (1939), de Dwight Sanderson e Robert Polson; *The Small Community Looks Ahead* (1947), de Wayland Hayes; e *Organizing for Community Action* (1948), de Clarence King.

⁵³² RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Rural, 1954, pp. 239-240.

⁵³³ Idem, p. 80.

conceito perdem terreno para a complexidade empírica das referências a municípios e zonas rurais específicas do Brasil, marcadas por cisões de classe e choques de cultura que Rios atribui à preponderância do latifúndio na formação social do país. Havia, conforme observa o sociólogo, “barreiras sociais” que se traduziam em estereótipos de classe:

O ‘superior’ pensa nas camadas mais baixas compostas de ‘vagabundos’, ‘cachaceiros’, ‘interesseiros’, etc., e procura pautar suas relações de acordo com tais critérios. Por sua vez, as classes inferiores olham com grande desconfiança para as de categoria mais alta, porque sempre as consideram como ‘patrões’, isto é, como pessoas que procuram tirar do ‘povo’ o máximo proveito possível.⁵³⁴

Há passagens do texto que permitem entrever as experiências de conflito envolvendo latifundiários, trabalhadores rurais e posseiros que vinham se acumulando e cujo um dos resultados foi a organização de movimentos sociais no campo como as Ligas Camponesas (Bastos, 1984). Estas formas de organização, todavia, são lidas em chave negativa por Rios, que, no contexto da Guerra Fria, considera-as como comprometidas com visões políticas “totalitárias”, que apostavam na exacerbação do conflito de classe:

Os focos de eclosão revolucionária que periodicamente aparecem, como nos casos recentes do Norte do Paraná e do Oeste Paulista, não tardarão a se repetir. A educação social pode constituir uma vacina para a infecção extremista, desde que as condições locais não sejam de tal modo negativas que inutilizem o trabalho do educador.⁵³⁵

Rios se aproxima do diagnóstico sociológico de Smith sobre a vida nas comunidades rurais brasileiras ao abordar os problemas que impediam o seu pleno desenvolvimento em unidades sociais integradas. Endossando a tese do insolidarismo, ele enxerga na educação dos grupos e na organização de comunidades não apenas o meio para introduzir a mudança cultural, mas também o estímulo a formas de associação que superassem a passividade e o desinteresse que seriam característicos do povo brasileiro frente às ações do poder público. No livro, Rios reitera, ademais, a tese de que essas ações deviam estar articuladas a um amplo programa de reforma agrária (Maio & Lopes, 2012). As cisões de classe ocasionadas pelo acesso restrito à terra constituíam um óbice à transformação dos municípios brasileiros em “comunidades integradas”, idealmente caracterizadas pela circulação de bens e pessoas, pela frequência e proximidade dos contatos e pela participação política de seus membros.

⁵³⁴ RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Rural, 1954, pp. 64-65.

⁵³⁵ Idem, p. 192.

A análise de *A Educação dos Grupos* evidencia que o uso do conceito de comunidade, uma das categorias cardinais da sociologia de Rios, é investida de forte carga valorativa. Além de buscar descrever ou explicar a realidade social brasileira, a noção é indicativa de um ideal de ordenamento social cujas marcas são a cooperação social e a ampla participação política. Trata-se de um modelo comunitário de sociedade que supõe forte associativismo local, base de um sistema político em que os problemas e os conflitos deveriam ser geridos pelo “maior número possível de indivíduos”, que, por sua vez, estariam capacitados a participar “direta ou indiretamente do poder e do seu controle pela opinião pública” visando ao “bem comum”.⁵³⁶ A comunidade é concebida, idealmente, como “matriz de civilização”, ou ainda, como “forma social de inserção do homem na paisagem e um tipo superior de convivência” em que este pode desenvolver plenamente sua personalidade.⁵³⁷ Os vínculos de tal visão comunitarista com o pensamento social da Igreja se tornam salientes na pesquisa sobre as favelas cariocas dirigidas por Rios no final dos anos 1950 no âmbito dos esforços investigativos do grupo Economia e Humanismo, liderado pelo padre francês Louis-Joseph Lebret.

4.4. O ‘pária rural’ na cidade: desenvolvimento, associativismo e favela

No final dos anos 1950, Rios se colocou à frente do Escritório da Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS) do Rio de Janeiro, escritório de pesquisas e planejamento social, de caráter interdisciplinar, organizado nos moldes de agências congêneres criadas na França e em cidades brasileiras como São Paulo e Belo Horizonte na esteira do movimento Economia e Humanismo, iniciado na França pelo frei dominicano Louis-Joseph Lebret. No âmbito da SAGMACS, Rios supervisionou extensos levantamentos sobre o nível de vida e as condições de trabalho dos habitantes de municípios rurais do Norte, Nordeste e Sudeste do país sob encomenda do Serviço Social Rural.⁵³⁸ Foi ainda trabalhando para aquela agência que o sociólogo, a pedido da família Mesquita, proprietária do jornal *O Estado de São Paulo*, encarregou-se da direção técnica de aprofundada pesquisa coletiva sobre as favelas cariocas, empreendida entre 1957 e 1959, e cujos resultados, publicados em denso relatório, ganharam as páginas do periódico em 1960, em suplemento especial, sob o título *Aspectos Humanos da Favela Carioca*, estudo que contou ainda com a coordenação do sociólogo Carlos Alberto Medina, que trabalhara com Rios no SESP, com a

⁵³⁶ Ibidem, p. 23.

⁵³⁷ Ibid., p. 87.

⁵³⁸ Os relatórios contendo os resultados dessas pesquisas, que permanecem inéditos, são: *Desenvolvimento Municipal e Níveis de Vida nos Estados do Rio de Janeiro, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba* (1960) e *Desenvolvimento Municipal e Níveis de Vida no Estado do Espírito Santo* (1961). AJAR.

participação do arquiteto Hélio Modesto, que analisou o processo de crescimento urbano do Distrito Federal, e com pesquisadores de campo recrutados entre assistentes sociais em atuação na cidade do Rio de Janeiro.⁵³⁹

Engenheiro naval de formação, Lebret decidira ingressar na ordem dominicana em fins dos anos 1920. Inspirado no catolicismo social, e batendo-se por um maior engajamento dos dominicanos com os desafios postos pela realidade mundana, ele realiza levantamentos sobre as condições de vida e participa da organização de sindicatos e cooperativas entre as famílias de pescadores artesanais de Saint-Malo, no Noroeste da França, onde exerce seu apostolado, após observar o agravamento da situação socioeconômica da população local na esteira da crise de 1929 e do avanço da grande indústria pesqueira na região (Pelletier, 1996). Em 1941, ao lado de padres e intelectuais católicos leigos, Lebret cria, no interior da ordem dominicana, a associação de estudos “Economia e Humanismo” visando à articulação da doutrina social da Igreja com a pesquisa em Ciências Sociais em torno do objetivo de promover um regime econômico compatível com a ética cristã, em que a organização corporativa das profissões deveria se pautar pelo ideal comunitário de uma ordem social estruturada harmonicamente em níveis hierárquicos crescentes, a partir de lideranças locais surgidas no interior dos grupos de famílias e vizinhos vivendo em um mesmo território e implicados em laços naturais de solidariedade (Idem: 33). Além de estudos, o movimento realiza experimentos sociais como a comunidade autogerida de trabalhadores de Boimondau, em Valence. Em 1945, funda-se, na esteira de levantamentos realizados pelo grupo de Lebret sobre as condições de habitação em cidades e localidades rurais francesas, e com o patrocínio do industrial reformador Jean Queneau, a *Sociedade para a aplicação do grafismo e da mecanografia à análise* (SAGMA).

Os contatos de Lebret com o Brasil, onde esteve pela primeira vez em 1947, ministrando curso introdutório à Economia Humana na ELSP, em São Paulo, e proferindo conferências na Ação Social Arquidiocesana do Rio de Janeiro, remontam às redes transatlânticas da Igreja, em especial ao padre Romeu Dale, da ordem dominicana, que se tornara professor da ELSP em 1943 e que conhecera Lebret no início dos anos 1940, quando completava seus estudos teológicos em Toulouse, na França. No Rio de Janeiro, Lebret estabeleceu importantes vínculos com Alceu Amoroso Lima, presidente do Centro Dom Vital, e

⁵³⁹ Valladares (2005) analisou as circunstâncias que levaram os Mesquitas, conhecidos pela política de mecenato que esteve na origem da criação da USP e da missão francesa em São Paulo, a requisitar a pesquisa sobre as favelas do Rio de Janeiro, como a oposição que as elites industriais paulistas então faziam ao governo de Juscelino Kubitschek e aos planos de transferência da capital brasileira para Brasília, interpretação proposta por José Arthur Rios. As favelas selecionadas pelo estudo foram: Jacarezinho, São Carlos, Esqueleto, Vila do Vintém, Raio Nacional, Parada de Lucas, Vila Proletária da Penha, Cordovil, Morro do Telégrafo, Morro de Bonsucesso, Escondidinho, Providência, Praia do Pinto, Cantagalo e Rocinha. Além dessas favelas, Barreira do Vasco e Parque Proletário da Gávea foram objeto de pesquisas de campo intensivas.

lideranças do clero local engajadas na assistência social às favelas, como Dom Helder Câmara (Valladares, 2005). A partir do contato com intelectuais católicos do Brasil e de outros países da América Latina, Lebret passará a colocar o problema do “subdesenvolvimento” no centro de sua agenda reformadora (Pelletier, 1996).

Desde fins dos anos 1940, Rios vinha se aproximando das ideias comunitaristas, de pesquisa e planejamento social, do movimento Economia e Humanismo.⁵⁴⁰ Embora não tenha travado contato com Lebret quando da primeira viagem deste ao Brasil, o sociólogo tomou conhecimento de suas atividades no país, ingressando em grupo de estudos sobre Economia e Humanismo criado por iniciativa do frei dominicano Romeu Dale no Convento de São Tomás de Aquino, no Rio de Janeiro.⁵⁴¹ Rios pôde observar de perto os trabalhos desenvolvidos por Lebret no Convento de La Tourette, nos arredores de Lyon, em setembro de 1950, quando viajou à Europa a fim de participar do Primeiro Congresso Mundial de Sociologia, realizado em Zurique pela *International Sociological Association*.⁵⁴²

Evidências acerca do contato de Rios com as ideias de Economia e Humanismo se encontram no livro *A Educação dos Grupos*, especialmente em passagens em que o sociólogo aborda procedimentos para a elaboração de diagnósticos sobre o bem-estar social de localidades rurais, como o desenho de diagramas com base na atribuição de notas a diferentes dimensões da vida local, como “nível sanitário”, “escolar”, “espiritual”, “social”, “familiar”, “político” e “econômico”.⁵⁴³ Na construção desses diagnósticos, sobressai a visão normativa da abordagem de Lebret, que supõe ser a deterioração dos laços sociais a nota dominante do mundo moderno, visão evidenciada, por exemplo, no peso que atribui a fatores como o número de divórcios na avaliação do grau de integração comunitária (Pelletier, 1996: 1935-136).

As marcas de Lebret também se encontram na pesquisa sobre as favelas cariocas. Analisando os seus resultados, Valladares (2012: 65) chamou a atenção para o “encontro

⁵⁴⁰ A assistente social Lígia Loureiro Cruz, que auxiliou Rios a organizar os cursos de serviço social em Juiz de Fora em 1949 faz referência aos esforços do sociólogo em lançar mão de técnicas de organização de comunidade na cidade a partir de trabalhos que vinham sendo realizados pelo grupo Economia e Humanismo, de Lebret. CRUZ, Lígia Loureiro [Carta] 18 abr. 1950, Belo Horizonte [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 2f. AJAR.

⁵⁴¹ Participavam ainda do grupo Odete Azevedo Soares, presidente nacional da Juventude Operária Católica Feminina; Hilcar Leite, membro da Resistência Democrática; e os engenheiros Gilberto Machado e Octavio Gaspar Ricardo. DALE, Romeu. Equipes de Economia Humana. *A Ordem*, ago.-set., 1952, pp. 100-103.

⁵⁴² Rios participou da mesa redonda que debateu o lugar das minorias nos assuntos internacionais. INTERNATIONAL SOCIAL SCIENCE BULLETIN. Joint roundtable in the role of minorities in international affairs. *International Social Science Bulletin*, Unesco, v. 3, n. 2, 1952, pp. 409-422. Na ocasião, apresentou resultados de pesquisa que vinha desenvolvendo com o médico José Fernando Carneiro sobre o comportamento político de imigrantes italianos e alemães no Brasil sob patrocínio da Unesco a partir de encomenda que lhe foi dirigida por intermédio do antropólogo Arthur Ramos, que se tornara diretor do Departamento de Ciências Sociais daquela agência.

⁵⁴³ RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1954, p. 283.

inusitado” entre os aportes metodológicos de Economia e Humanismo e a abordagem ecológica, associada à tradição sociológica de Chicago, que enfatizava a dimensão espacial dos fenômenos sociais que se desenrolavam nos centros urbanos em busca de padrões em sua distribuição geográfica, atribuindo tal entrecruzamento de técnicas e métodos de investigação, em grande medida, ao papel desempenhado por Rios no desenho do estudo.

Destaque-se, todavia, que a corrente de ideias representada por Economia e Humanismo não constituiu mais uma influência estrangeira, de origem francesa, que veio se justapor a uma influência norte-americana, ligada aos trabalhos de Chicago e também à Sociologia Rural, impondo-se mecânica e automaticamente ao pensamento de Rios. Em lugar de uma recepção passiva, a proeminência que o movimento passou a assumir, ao lado de conceitos e instrumental de pesquisas ventilados por autores norte-americanos, na produção intelectual do sociólogo, foi resultado, antes de tudo, de uma lógica de apropriação que se orientava por suas preocupações comunitaristas. Lebret partilhava com o sociólogo brasileiro de apreensões semelhantes quanto ao destino das coletividades na modernidade, que deveriam, a seu ver, contornar as emboscadas dos projetos modernizadores de grande envergadura, com ênfase na produção econômica em larga escala e na sociedade de massas, concepções de desenvolvimento que tanto o capitalismo quanto o comunismo representavam no entendimento de parte significativa da comunidade intelectual católica no mundo.

Além das encíclicas que sintetizavam a visão social da Igreja, como a *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, e que chamavam a atenção para a importância de serem organizados, como antídoto ao liberalismo individualizante e ao socialismo estatizante, os denominados “corpos intermediários”, as raízes intelectuais comuns ao comunitarismo de Lebret e Rios remontavam ao neotomismo do francês Jacques Maritain, cuja obra teve forte impacto entre o clero e o laicato católico na América Latina. A ênfase de Lebret sobre a “humanização” das estruturas sociais e econômicas engendradas pela modernidade somente se torna inteligível à luz da valorização, que remonta às origens do movimento Economia e Humanismo, da organização da vida coletiva em escala reduzida, “ao alcance do homem”, que brotava “espontaneamente” dos laços de cooperação tecidos e mantidos por grupos locais cuja unidade mais elementar e natural seriam as famílias vivendo lado e lado, em proximidade, em pequenas áreas geográficas, preferencialmente planejadas para atender, em grau relativo de autossuficiência, as necessidades elementares, materiais, e espirituais dos indivíduos, que supunham o acesso aos bens econômicos e a participação na organização do trabalho e na administração da comunidade tendo em vista o bem comum (Pelletier, 1996: 108 – 110). Nesse caso, Lebret dirigia suas críticas não apenas à centralização política e burocrática implicada nos

regimes totalitários mas também às insuficiências das democracias representativas liberais, que, em lugar de elos orgânicos criados pelo convívio dos grupos com as lideranças naturais das comunidades, enraizadas nas localidades, produzia vínculos artificiais e tênues entre as massas dispersas de indivíduos-eleitores e seus representantes (Idem: 150-153).

A participação de Rios na pesquisa sobre as favelas sugere um deslocamento de sua atenção do mundo rural para o urbano. Este movimento, entretanto, não implicou solução de continuidade em seu pensamento sociológico, mormente quando se considera sua visada comunitarista e sua percepção dos nexos estreitos entre concentração fundiária e ocupação desordenada do espaço urbano. Desde fins dos anos 1940, a cidade se fez presente nas reflexões de Rios. Nas considerações que o sociólogo tece acerca da necessidade de intervenções de tipo comunitário em Juiz de Fora, o centro urbano é qualificado como uma das grandes fontes de ameaça à formação de laços de cooperação entre os pequenos grupos, *locus* das forças atomizadoras, centrífugas do mercado.⁵⁴⁴ No livro *A Educação dos Grupos*, Rios observa que, não obstante as enormes dificuldades que as metrópoles modernas impunham à germinação de comunidades coesas, de contornos bem definidos, em seu interior, e isto à medida que tendiam a “diluir [o] grupo primário”, fazia-se necessário ao administrador e ao planejador urbano estimular formas de associação enraizadas em pequenas unidades do espaço da cidade como o quarteirão e o bairro, de modo a servir de complemento, na vida dos indivíduos e dos grupos, aos vínculos sociais fluidos, organizados em torno de interesses individuais e sem base territorial, que prevaleciam nas grandes aglomerações urbanas.⁵⁴⁵

Mais importante ainda é o fato de inexistirem, no pensamento de Rios, diferenças significativas quanto ao objeto de análise e às formas de intervenção preconizadas para ambos os contextos (rural e urbano). Em sua visão, a população das favelas reunia, em última análise, o conjunto dos “párias rurais” que, sem poder se fixar à terra e vegetando em condições sub-humanas nas zonas interioranas do país, marcadas pela preponderância do latifúndio, afluía, em grande número, para as cidades, contribuindo para a explosão demográfica de centros urbanos como a cidade do Rio de Janeiro, cujo elevado custo de vida, refletido no mercado imobiliário, somado à falta de infraestrutura de transportes, conduzia à ocupação dos morros pelas massas proletárias que se avolumavam na esteira do desenvolvimento industrial:

Na situação brasileira, [...] a migração para as cidades é, antes de tudo, uma fuga à miséria. O fenômeno da desintegração do latifúndio

⁵⁴⁴ RIOS, José Arthur [*Carta*] 21 fev. 1951, Rio de Janeiro [para] MAGALHÃES, Bernardo, Belo Horizonte. 3f. AJAR.

⁵⁴⁵ RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1954, pp. 107-108.

brasileiro expulsa para as cidades os excedentes da miséria, os braços que a terra, pela redução das glebas do minifúndio, ou pelo seu empobrecimento, não mais pode sustentar. Esse migrante troca um tipo de subordinação de traços feudais, onde curte fome e não tem perspectiva nenhuma de acesso social, por qualquer tipo de subserviência, onde tenha assegurado o pão, para si e sua família. Esse migrante, além de trazer consigo dons escassos de técnica, afeito que foi unicamente ao cabo da enxada, carrega para a cidade todas as deficiências sanitárias e educacionais do nosso meio rural: a verminose e o analfabetismo, o pé descalço e o banho de ervas, a superstição e o messianismo. Entre ele e o morador típico da cidade existe a mesma distância cultural que já mediava entre ele e o proprietário da terra que lavrava.⁵⁴⁶

Assim como os habitantes das zonas rurais brasileiras, as populações das favelas cariocas constituíam, para o sociólogo, comunidades, senão de fato, ao menos potencialmente. Com efeito, um dos principais esforços do relatório da SAGMACS foi o de sublinhar a existência de formas de solidariedade vicinal no interior das favelas. As pequenas mercearias, assim como os tanques e bicas públicos, constituíam importantes “centros da vida social”, ao passo que a “solidariedade informal” entre os moradores se manifestava em diversos fenômenos, tais como: desconfiança ante à presença de estranhos na localidade; ação conjunta para a defesa contra malfeitores; cuidado dos filhos pelos vizinhos na ausência dos pais; troca de utensílios domésticos; assistência mútua a enfermos e parturientes; e a prática do “mutirão”, em que vizinhos somavam esforços para a construção ou reparo de habitações.⁵⁴⁷

A “capacidade associativa” das favelas deveria ser valorizada em planos de recuperação, idealmente centrados em melhorias de infraestrutura (‘urbanização’) e na promoção do acesso à propriedade dos imóveis por seus habitantes. Conforme indica o relatório da SAGMACS em suas conclusões, as políticas públicas deveriam estimular a auto-organização comunitária, garantindo a inserção do indivíduo nos grupos locais, considerados os canais privilegiados para a promoção da proteção social e a participação cívica dos moradores das favelas, pensada no sentido da construção autônoma, sem interferências indevidas do Estado e dos partidos políticos, de consensos em torno de pautas reivindicatórias comuns.⁵⁴⁸ Com este desiderato comunitarista, Rios procurou, no início dos anos 1960, ao assumir a Coordenação de Serviços Sociais do Estado da Guanabara, cargo que ocupou durante os dois primeiros anos do governo Carlos Lacerda (1960 – 1965), implementar políticas sociais tendo em vista o estímulo à criação de associações de moradores nas favelas, que, na visão do sociólogo, poderiam se

⁵⁴⁶ SAGMACS. *Aspectos humanos da favela carioca. Estudo socioeconômico*. Rio de Janeiro: Relatório datilografado, 1958, p. 7. AJAR.

⁵⁴⁷ Idem, pp. 137-149.

⁵⁴⁸ Ibidem, pp. 198-199.

tornar, com o tempo, núcleos pulsantes de cooperativas habitacionais. O projeto de desenvolvimento de comunidade, que pretendia combater o que Rios julgava ser o paternalismo característico da ação assistencial da Igreja e do Estado, suscitou, contudo, divergências no interior da administração Lacerda que resultaram em sua demissão.⁵⁴⁹

A despeito dos insucessos acumulados por Rios em sua tentativa de implementar formas de intervenção de cunho comunitarista, é importante destacar a linha de continuidade existente entre suas visões sociológicas sobre o campo e a cidade.⁵⁵⁰ Mais do que instâncias reificadas, presas a lógicas espaciais radicalmente divergentes e mutuamente excludentes, o mundo rural e o mundo urbano se diferenciavam na medida em que pareciam, aos olhos de Rios, expostos, em graus distintos, à forças modernizadoras da urbanização e da industrialização que, se não fossem contrabalançadas por ações em planejamento social, ameaçavam varrer os pequenos grupos e minar qualquer esforço direcionado à construção e manutenção de laços sociais de bases territoriais locais, em torno da família, da vizinhança, da igreja e da escola, deixando, em seu lugar, apenas o amontoado de vínculos frágeis, cambiantes, que os indivíduos estabeleciam entre si em razão de interesses utilitaristas. A grande cidade, nódulo populacional concentrador em que uma multidão de indivíduos atomizados, a massa, imperava sobre a existência de comunidades orgânicas, constituía tão somente o posto avançado de um processo que afetava igualmente as zonas rurais e que, no caso brasileiro, apontava para a possibilidade de uma transição nefasta da amorfia social provocada, sobretudo, pelo latifúndio para uma forma de desarticulação dos grupos típica da modernidade, o individualismo desagregador, que mantinha os grupos, da mesma forma, reféns das sanhas totalitárias de líderes autocráticos. Isto explica porque, na concepção de Rios, assim como a organização de comunidades rurais deveria estar articulada a planos de reforma agrária, nas cidades brasileiras, a promoção de associações entre os moradores das favelas deveria se fazer acompanhar de políticas habitacionais que lhes garantissem a propriedade dos imóveis. Subjacente às formas de intervenção idealizadas por Rios para o campo e para a cidade, residia seu comunitarismo sociológico, que conjugava ações locais e reforma das estruturas.

⁵⁴⁹ Lima (1989) examinou criticamente o plano associativista de Rios para as favelas cotejando-o com as ações implementadas pelo governo Lacerda e as aspirações, nem sempre convergentes com os objetivos esboçados pela Coordenação de Serviços Sociais, das associações de moradores.

⁵⁵⁰ Em artigo recente, Lima & Vianna (2018) indicaram que tal visão continuísta, presente no estudo da SAGMACS, foi objeto de crítica do antropólogo Anthony Leeds, que enfatizou os nexos da produção e reprodução das favelas com dinâmicas urbanas, afetas ao funcionamento das próprias cidades.

Considerações Finais

Como buscamos demonstrar nesta tese, as visões sociológicas de T. Lynn Smith e José Arthur Rios constituíram, cada qual a seu modo, uma resposta às ameaças que as forças modernas representavam para as coletividades. Suas apostas no fortalecimento dos grupos locais, em sua capacidade de auto-organização coletiva para fins de proteção e ajuda mútua, frente à expansão vertiginosa das funções administrativas dos Estados nacionais e à atomização social provocada pela integração crescente de diferentes grupamentos humanos, como os pequenos fazendeiros, aos ritmos e ditames da lógica de produção para o mercado, constituíram parte de uma reação comunitarista transnacional que dialogava com as convulsões sociais da primeira metade do século XX, associadas à crise de 1929, à Segunda Guerra Mundial e aos primórdios da Guerra Fria. O próprio patrimônio cognitivo da Sociologia, cujos fundamentos foram erigidos no século XIX, no bojo de preocupações com a construção de uma nova ordem social sobre os escombros da antiga, abalada em definitivo pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa (Nisbet, 2012 [1984]), forneceu importante fonte para a imaginação comunitarista dos autores aqui considerados. Em linhas gerais, sua postura consistiu em afirmar a precedência ontológica dos laços sociais dos grupos locais (a família, a vizinhança, a escola, a igreja) sobre o indivíduo, o que implicava, no plano político, a aposta na comunidade enquanto canal por excelência para a promoção da proteção social e da participação política na medida em que esta era pensada enquanto forma associativa intermediária entre o indivíduo, o Estado e o mercado.

A inscrição de Smith e Rios nesta imaginação comunitarista de dimensões globais convida-nos a repensar os sentidos usualmente atribuídos aos fluxos de ideias científicas entre o Norte e o Sul do globo. O trânsito de ideias no âmbito da Sociologia Rural, nos casos em apreço, somente se torna inteligível quando consideramos as afinidades político-intelectuais transnacionais que presidiram essas trocas, tornando-as significativas. O diagnóstico de Smith sobre o Brasil rural se apoiou, sobremaneira, em conhecidas teses do pensamento social brasileiro, especialmente na obra de Oliveira Vianna, com a qual travou interlocução substantiva acerca das possibilidades de construção da comunidade rural no país a partir de preocupações normativas compartilhadas acerca da instituição de uma ordem social que, contornando o conflito, estivesse assentada nos princípios de cooperação, coesão e harmonia sociais. É patente, neste caso, como a produção do conhecimento sociológico esteve indissociavelmente ligada à circulação de atores e ideias entre fronteiras nacionais. Da mesma

forma, no lugar de se impor de modo imediato, irresistível e acachapante, a Sociologia Rural de Smith somente logrou fazer de Rios um de seus principais veiculadores no Brasil na medida em que as ideias, práticas e métodos da disciplina foram ao encontro da agenda reformadora esposada pelo sociólogo brasileiro, vinculada aos círculos intelectuais católicos e também a grupos de oposição ao regime autoritário instituído por Getúlio Vargas em 1937, agenda que buscava se construir como alternativa tanto ao individualismo liberal quanto aos totalitarismos estatizantes. Neste sentido, Rios avaliou os potenciais cognitivos e práticos da Sociologia Rural como instrumentais para pôr em relevo a existência dos grupos sociais intermediários no Brasil, especialmente nas zonas rurais, grupos cuja dinâmica deveria ser ampliada e fortalecida tendo em vista não apenas a promoção do bem-estar social como também a viabilização da democracia política no país.

As trocas que efetivamente se processaram entre Brasil e EUA no terreno da Sociologia Rural não implicaram, todavia, ausência de assimetrias nas relações entre o Norte e o Sul do globo, e o papel que estas desempenharam pode ser avaliado quando nos perguntamos em que medida obras e autores que estiverem envolvidos em diálogos intelectuais prolíficos lograram o mesmo alcance e circulação globais. É sugestivo, a esse respeito, que a obra de Oliveira Vianna, a quem Smith considerava como um dos precursores, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, da Sociologia Rural, não tenha sido objeto de iniciativas editoriais visando à veiculação em inglês de seus textos. Reveladora, igualmente, dos distintos graus de “provincianização” a que esteve sujeita a produção intelectual dos autores aqui considerados é uma carta que o sociólogo rural Wayland J. Hayes, professor da *Vanderbilt University* que examinara de perto o impacto dos projetos de desenvolvimento regional da *Tennessee Valley Authority* sobre as populações fazendeiras locais, envia a Rios em 1955. Agradecendo-lhe pela remessa do livro *A Educação dos Grupos*, texto em que Rios havia se apoiado em critérios estabelecidos pelo pesquisador norte-americano para a aferição do nível de integração das comunidades, Hayes, todavia, observa: “Desejaria apenas saber ler em Português para poder melhor me beneficiar do seu trabalho”.⁵⁵¹

Os vínculos da Sociologia Rural de Smith e Rios a uma imaginação comunitarista transnacional conferem maior complexidade à ideia de que, no pós-guerra, o discurso das Ciências Sociais tendeu a reproduzir, em seu interior, visões teleológicas sobre a mudança social que pressupunham uma convergência gradativa entre as nações do globo em direção a uma modernidade concebida nos moldes das sociedades do Atlântico Norte, em especial dos

⁵⁵¹ HEYES, William J. [Carta] 26 mai. 1955, Nashville [para] RIOS, José Arthur. 1f. AJAR.

EUA (Berger, 1995; Sztompka, 2005). A leitura atenta dos textos de Smith e Rios não autoriza, entretanto, a conclusão de que a aplicação da Sociologia Rural de que eram portadores à realidade social brasileira visava à remodelação do país à imagem e semelhança da nação norte-americana ou daquilo que imaginavam ser esta sociedade. O horizonte comunitarista de ambos apontava, antes, para um mundo rural de comunidades de pequenas famílias fazendeiras que, embora parecesse estar contido potencialmente no Meio Oeste norte-americano, estava longe de se realizar inteiramente nos EUA na avaliação dos próprios sociólogos rurais que se envolveram em programas de reforma no país (Gilbert, 2015), e isto em grande medida, conforme a avaliação de Carle Zimmerman, professor de Smith na *University of Minnesota*, em razão das forças pulverizadoras, como as do mercado, que faziam com que as populações fazendeiras, com o avanço da modernização, pautassem suas ações mais em função da perseguição de interesses individuais, polarizados em torno do consumo material, do que em função dos laços e valores que os prendiam à família, à vila, à igreja, em suma, à comunidade.⁵⁵² Em outras palavras, o ideal comunitário de organização das sociedades que Smith e Rios miravam não nos permite estabelecer uma relação direta e imediata entre os programas de engenharia social esposados por esses sociólogos e os interesses geopolíticos estratégicos do governo norte-americano e das agências internacionais que, na Guerra Fria, veicularam formas de intervenção de inspiração comunitarista, como o desenvolvimento de comunidade, que autores como Amman (2013 [1987]) tenderam a reduzir a uma expressão dos imperativos da política externa dos EUA.

Da mesma forma, Smith e Rios não atribuíram à mudança um sentido unívoco. Eles certamente partilharam da visão que concebia a modernização econômica e tecnológica como processo inexorável, postura que se refletiu, no caso de Rios, na crença de que as alterações nas práticas e noções de trabalho, higiene e saúde que os tempos modernos impunham às populações rurais demandavam o trabalho de pesquisa dos cientistas sociais capazes de atuar como intérpretes ou mediadores entre distintos universos socioculturais (Maio & Lima, 2009). Aos olhos desses sociólogos rurais, o resultado destas transformações permanecia, contudo, em aberto, a depender da capacidade de organização das comunidades. Para que o “progresso” não se transformasse em “crise”, conforme escreveu Rios em uma ocasião no Boletim do SESP, era preciso promover o fortalecimento dos grupos locais, o que estava longe de constituir uma certeza em um mundo que, na visão desses sociólogos, caminhava

⁵⁵² ZIMMERMAN, Carle. *Farm trade centers in Minnesota, 1905-1929: a study in rural social organization*. St. Paul: University of Minnesota, Agricultural Experimental Station, Bulletin 269, sept. 1930.

para a centralização político-administrativa, a impessoalização, a racionalização e a alienação, em suma, para o agigantamento das macroestruturas políticas e econômicas.⁵⁵³

Pode-se concluir que os programas de engenharia social de Smith e Rios, escorados em uma reforma agrária baseada na distribuição da propriedade privada da terra e na educação dos grupos, constituíram uma forma de disputar a ideia de desenvolvimento que, no pós-guerra, adquiriu proeminência na esteira dos planos modernizadores dos governos, no Brasil e alhures, e da agenda de ajuda econômica e técnica internacional promovida pelos EUA nos primórdios da Guerra Fria, destinada ao combate à pobreza na periferia do mundo. A aposta na comunidade contrapunha-se, todavia, aos projetos de modernização acachapante, verticais, elaborados a partir do Estado e centrados no aumento incessante da produtividade econômica e no desenvolvimento e expansão de infraestrutura. Nas antípodas dos planos de desenvolvimento de grande porte, cuja expressão mais acabada do período foi a construção de usinas hidrelétricas em diversos países, recurso tecnológico considerado capaz de alavancar, por si só, o crescimento econômico, esses sociólogos comunitaristas optaram, na expressão de Immerwahr (2015), por “pensar pequeno”. A disputa pelo sentido do desenvolvimento que o comunitarismo de ambos representava traduziu-se em diversos momentos de sua atuação profissional, como na introdução do memorando de Smith dirigido ao governo brasileiro em 1952, em que afirmava que “o objetivo primordial da reforma agrária [era] valorizar o homem”, configurando “objetivo paralelo” a “melhoria da terra e da sua capacidade produtiva”, ou quando, em Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste, realizado em Pernambuco em 1959, Rios observava que o “sociólogo [podia] trazer ao problema do desenvolvimento uma contribuição de grande valor, que [era] chamar a atenção do economista, geralmente preocupado com os grandes conjuntos, para detalhes concretos do comportamento humano”, indicando ainda que enquanto “o economista se preocupa[va] com o planejamento global das forças de produção, de consumo, com o planejamento do mercado, o sociólogo [estava] preocupado com [...] a integração da pessoa humana [no] planejamento”.⁵⁵⁴

Embora enxergassem com reservas o curso que a modernização vertiginosa parecia tomar, o comunitarismo sociológico de Smith e Rios não implicou a defesa do retorno a um passado idealizado de tradições comunitárias no qual os laços de coesão teriam prevalecido

⁵⁵³ RIOS, José Arthur. Ciências sociais e saúde pública. *Boletim do Sesp*, n. 38, set. 1953, p. 3.

⁵⁵⁴ SMITH, T. Lynn *Memorandum. Ao Senhor João Cleophas, Ministro da Agricultura, Presidente da Comissão Nacional de Política Agrária*. Rio de Janeiro, 16 set. 1952, p. 9. TLSP, Box 3, Folder 74; RIOS, José Arthur. “Modificação da Estrutura Agrária do Nordeste – Debates”. In CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. *Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste*. Rio de Janeiro: Divisão de Estudos e Planejamento, 1959, p. 321.

sobre as tendências individualizantes dispersivas, mas a crença reformadora acerca da necessidade de mudanças graduais no interior da ordem que pudessem amortecer os choques modernizadores do capitalismo ligados ao incremento da técnica e da produção agrícola – que ameaçavam ou varrer consigo as formas de solidariedade existentes ou inviabilizar a sua construção –, impedindo o completo esgarçamento do tecido social.

A crença de Smith e Rios na possibilidade de mudanças no interior da ordem caminhava de mãos dadas com a valorização conceitual dos elementos de consenso em detrimento do conflito na vida social. Isto não significou, como críticos dos modelos de intervenção inspirados no comunitarismo apontaram (Amman, 2012 [1987]; Immerwahr, 2015; Gilbert, 2015), que esses sociólogos rurais tenham ignorado a existência de choques ligados a antagonismos de interesses ou às desigualdades sociais. A dura e áspera realidade das classes sobressaía, em seus textos, na condenação categórica da *plantation* sulista e do latifúndio que imperava nas zonas rurais brasileiras. Os conflitos de classe, todavia, eram vistos como fenômenos patológicos, não como intrínsecos ao funcionamento das sociedades – cujo paradigma era a pequena comunidade, mais ou menos homogênea do ponto de vista dos valores e da distribuição da riqueza, modelo que, segundo acreditavam, poderia vir a ser realizado, no futuro, no Meio Oeste dos EUA, onde despontavam os agricultores independentes de classe média, mas também naquelas áreas rurais do Sul e Sudeste do Brasil em que a pequena propriedade, refletindo certo grau do que Rios denominou de “democracia econômica”, havia conseguido se impor contra a preponderância histórica do grande domínio e seus códigos e sistema de relações hierarquizantes.⁵⁵⁵

Se há uma nítida recusa ao encaminhamento dos problemas decorrentes da modernização na chave da “luta de classes” e das soluções “coletivizantes”, o que assinala a convergência entre o comunitarismo de Smith e Rios e o anticomunismo característico da Guerra Fria, a visão sociológica de ambos não deixa de exibir, por outro lado, sensibilidade para o fenômeno da alienação, expressa na crítica acerca dos efeitos deletérios da concentração fundiária (tanto em sua forma latifundiária arcaica quanto na sua forma moderna, da grande plantação mecanizada) sobre o trabalhador rural, que, reduzido a instrumento econômico, era incapaz de exercer todas as habilidades (administrativas, gerenciais e laborais) necessárias ao desenvolvimento de personalidades integrais.

⁵⁵⁵ Há paralelos entre as críticas ao desenvolvimento de comunidade enquanto modelo de intervenção e as críticas teóricas aos denominados estudos de comunidade na medida em que ambos (modelo de intervenção e modelo de pesquisa) parecem ter operado a partir de visões consensualistas da ordem social, concebendo a vida social em escala local como um todo homogêneo e coeso. Acerca dos estudos de comunidade e de sua fortuna crítica no Brasil, ver Oliveira e Maio (2011).

A percepção do problema das desigualdades, considerado solucionável nos limites da ordem, fará com que esses sociólogos rurais não se atenham a proposições práticas de alcance apenas local, perdendo de vista as estruturas. Embora esta tenha sido uma crítica igualmente endereçada de forma reiterada aos modelos de intervenção comunitaristas difundidos no pós-guerra (Amman, 2012 [1987]; Immerwahr, 2015), a ação tópica, no plano local, ao menos na perspectiva dos autores aqui considerados, não deveria estar dissociada de mudanças capazes de afetar a sociedade global e que dependiam, para sua efetivação, de dinâmicas políticas nacionais, especialmente uma reforma agrária visando à promoção de pequenas fazendas familiares. Tal visão da natureza estrutural dos obstáculos à criação de laços de solidariedade social locais foi esposada pela Sociologia Rural de Smith e Rios.

A história reservou, todavia, um destino melancólico para os projetos reformadores comunitaristas abraçados pelos sociólogos rurais. Nos EUA, os planos gestados pelos intelectuais do *New Deal* agrário, como os economistas agrícolas Henry Wallace e M. L. Wilson e o sociólogo rural Carl Taylor, que ambicionavam enfrentar as desigualdades no campo combinando políticas de fixação de pequenas fazendas, assistência e crédito agrícola a uma abordagem comunitária participativa, em que as populações locais eram chamadas a tomar parte no planejamento, esboroaram-se, no início dos anos 1940, frente a um congresso hostil a Roosevelt e receoso de medidas que pudessem pôr em xeque o poder dos grandes fazendeiros representados pela *American Farm Bureau Federation*. A modernização no campo avançou a passos largos no pós-guerra sem, no entanto, a preocupação governamental com políticas para as camadas rurais pobres afetadas por essas mudanças (Gilbert, 2015: 258). Em países asiáticos, como Índia, Filipinas e Vietnã, onde agências norte-americanas, valendo-se da expertise de sociólogos rurais, supervisionaram a implementação de amplos programas de desenvolvimento de comunidade nos anos 1950 e 1960, estes tenderam, na avaliação, de Carl Taylor, a perder seu sentido “participativo”, engessando-se nas estruturas burocráticas dos governos, diluindo-se em políticas de desenvolvimento econômico centradas na mera transferência e incremento de tecnologia e infraestrutura produtiva ou, no pior dos casos, sendo instrumentalizados em estratégias militares de contra-insurgência (Immerwahr, 2015: 164 – 166).

No Brasil, embora ideias de intervenção comunitarista tenham inspirado programas governamentais ao longo dos anos 1950 e 1960, como as Missões Rurais de Itaperuna e a Campanha Nacional de Educação Rural, sendo incorporadas ainda, por meio da noção de “desenvolvimento de comunidade”, à atuação de órgãos como o Serviço Social da Guanabara e o Serviço Social de São Paulo (Amman, 2013 [1987]), essas iniciativas, na contramão do

que prescrevia o comunitarismo sociológico de Smith e Rios, não lograram se articular a reformas capazes de alterar a distribuição da propriedade da terra. Os planos de reforma agrária do Segundo Governo Vargas esbarraram, desde o início, em dificuldades, como o artigo 141 da Constituição de 1946 que estipulava a “prévia e justa indenização em dinheiro” pela desapropriação do latifúndio improdutivo, e o projeto encaminhado pelo presidente ao congresso, tratando da desapropriação por “interesse social”, permaneceu engavetado (Camargo, 2007: 180 – 184). É significativo do ponto de vista dos interesses em jogo que, por ocasião do envio do documento ao legislativo, Arthur Torres Filho, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, tenha publicado carta demandando, no lugar de uma “reforma agrária”, uma “lei agrária, com diretrizes que atendam aos interesses sociais e econômicos, dentro dos princípios constitucionais, com garantia da propriedade e da livre empresa”. Afirmava, ademais, que mais do que “distribuição da terra” fazia-se necessário “equipamento para [...] produção agropecuária em bases técnicas e econômicas”.⁵⁵⁶

Neste contexto, o memorando de Smith apresentado ao Ministro da Agricultura de Vargas não encontrou condições para que as sugestões nele aventadas pudessem ser postas em prática. Por outro lado, seu ambicioso plano visando à criação de pujantes comunidades de fazendeiros de classe média, ainda que insistisse sobre as virtudes da participação das populações dos municípios na implementação de políticas sociais a serem custeadas pela arrecadação, em âmbito local, de impostos sobre a terra, fazia, todavia, concessões a matrizes autoritárias de pensamento ao indicar que a ação dos governos estaduais e federal deveria se fazer presente em determinadas localidades a fim de que a aplicação correta dos recursos pudesse ser assegurada. O realismo sociológico de Oliveira Vianna acerca dos desmandos e arbítrios do poder local ecoava nas ponderações de Smith.⁵⁵⁷

Rios, por seu turno, passou a acrescentar notas pessimistas a seu programa de intervenção comunitarista, constatando a ausência de atores no cenário social brasileiro que pudessem levá-la a efeito, especialmente no que dizia respeito à reforma agrária. Durante o governo João Goulart, o sociólogo, que vinha atuando como assessor técnico do Senado desde fins dos anos 1950, participou, junto com o engenheiro Paulo de Assis Ribeiro e um grupo de técnicos, da elaboração de projetos de lei relativos ao campo que pudessem compor a agenda das oposições ao governo no congresso.⁵⁵⁸ Na avaliação de Rios, o Estatuto da Terra,

⁵⁵⁶ TORRES FILHO, Arthur. *Reforma Agrária*, 20 maio 1953. 2f. Arquivo Gustavo Capanema, Microfilme, rolo 11 fot. 9. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas.

⁵⁵⁷ SMITH, T. Lynn *Memorandum. Ao Senhor João Cleophas, Ministro da Agricultura, Presidente da Comissão Nacional de Política Agrária*. Rio de Janeiro, 16 set. 1952, p. 9. TLSP, Box 3, Folder 74.

⁵⁵⁸ RIOS, José Arthur. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000, p. 22. AJAR.

promulgado no Governo Castelo Branco, embora recuperasse pontos desse programa, acabara desvirtuando suas finalidades.⁵⁵⁹

Desde o início dos anos 1950, Rios afirmava que as ramificações do latifúndio no mundo da política e nos órgãos do Estado tornavam improvável que a redistribuição de terras com base em fazendas familiares partisse das classes dirigentes, cujos quadros eram dominados por “interesses baseados na posse da terra ou da indústria, os continuadores da política dos latifundiários através dos tempos”.⁵⁶⁰ Dada a ausência crônica do povo, de grupos sociais subalternos organizados em torno de interesses comuns e aptos a exercer pressão reivindicatória, dificilmente a reforma agrária poderia ser empreendida pelas “forças sociais interessadas” em sua implementação, isto é, as massas rurais, que vegetavam em um “regime de semi-escravidão”, e os sindicatos urbanos, que permaneciam na “camisa de força do peleguismo e da tutela estatal”.⁵⁶¹ Longe de se traduzirem em mudanças substantivas, as alterações em curso na sociedade brasileira, como o aumento da população urbana e a maior integração inter-regional promovida pela ampliação da malha rodoviária do país, não sendo acompanhadas da reforma das estruturas sociais do campo, haviam culminado no crescimento desordenado das cidades, com as favelas recebendo os segmentos sociais empobrecidos que migravam em busca de melhores condições de vida. Tratava-se de modernização vertiginosa, porém reprodutora das desigualdades, em que a antiga “ordem social paternalista” se transmutava em um “tipo de sociedade demo-paternal”, de massas passivas de indivíduos atomizados, sujeitos ao controle do Estado e dos partidos políticos.⁵⁶² Em 1959, diante deste quadro, Rios concluía, não sem pessimismo, que a “grande indústria” e as “forças armadas”, caso tomassem consciência de seus reais interesses, ligados, respectivamente, ao fortalecimento do mercado interno e ao imperativo de segurança nacional, poderiam pressionar o poder público a promover as reformas. Desacreditados os “movimentos de massa”, as transformações radicais do país pareciam estar destinadas, na visão de Rios, a provir de “movimentos de cúpula”, como fora o caso da Abolição.⁵⁶³ Ainda que recusasse abertamente as soluções estatizantes, ao modo de Oliveira Vianna, sua sociologia acabava apostando em mudanças pelo alto para a reestruturação da sociedade.

⁵⁵⁹ Idem.

⁵⁶⁰ RIOS, José Arthur. A Reforma Agrária no Brasil. Rio de Janeiro, *Tribuna da Imprensa*, 8 ago., 1950.

⁵⁶¹ RIOS, José Arthur. Reforma agrária: uma experiência revolucionária, e não uma medida petebista”. Rio de Janeiro, *Metropolitano*, 17 maio. 1959. Entrevista concedida a César Guimarães (2º Caderno).

⁵⁶² RIOS, José Arthur. Forma e sentido da educação rural. *Revista do Serviço Público*, v. 73, n. 1-3, 1956, p. 8.

⁵⁶³ RIOS, José Arthur. Reforma agrária: uma experiência revolucionária, e não uma medida petebista”. Rio de Janeiro, *Metropolitano*, 17 maio. 1959. Entrevista concedida a César Guimarães (2º Caderno).

Os diagnósticos de Smith e Rios se vinculavam, todavia, menos a uma descrição objetiva da realidade política das zonas rurais, em que eclodiam movimentos sociais organizados, como as Ligas Camponesas, e mais à persistência de matrizes de pensamento de cunho autoritário na leitura do país, que postulavam a amorfia e o insolidarismo crônicos de sua sociedade. O fato de que o comunitarismo de ambos não os tenha levado à crença sem reservas na capacidade auto-organizativa, no presente, das populações rurais, mas, antes, à ênfase na necessidade de educá-las para o exercício da cidadania no futuro, ligava-se à percepção quanto aos enormes abismos entre as práticas e os hábitos do caboclo brasileiro e as comunidades de classe média, autônomas e civicamente comprometidas, que o sistema político brasileiro, orientando-se para a democracia no pós-Estado Novo, pressupunha. Imbuídos de genuínas aspirações democráticas, o que os levou, na qualidade de sociólogos rurais, a examinar as condições sociais para o exercício do poder político, mas furtando-se, ao mesmo tempo, ao diálogo com os setores da sociedade à época mobilizados pelo direito à terra, Smith e Rios não lograram, todavia, encontrar atores que pudessem encarnar os ideais comunitaristas de uma ordem socioeconômica moldada para atender às necessidades humanas.

Referências

Arquivos consultados

Arquivo Arthur Ramos, Seção de Manuscritos, Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) – AAR

Arquivo Pessoal de José Arthur Rios – AJAR

Carl C. Taylor Papers, Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell University Library

Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade

Fisk University Special Collections and Archives – FUSC

Fundo Donald Pierson, Universidade Estadual de Campinas, Arquivo Edgard Leuenroth – FDP

Fundo Fundação Serviços de Saúde Pública, Departamento de Pesquisa e Documentação, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

Louisiana State University Special Collections and Archives

National Anthropological Archives, Suitland (Maryland)

National Archives and Records Administration, College Park (Maryland) – NARA

Rockefeller Archive Center, Tarrytown (New York) – RAC

Rural Sociological Society of America Papers, The State Historical Society of Missouri – RSS

T. Lynn Smith Papers, Center for Southwest Research, University of New Mexico – TLSP

Vanderbilt University Special Collections and Archives – VUSC

Fontes

A MANHÃ. Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1942, p. 5.

A MANHÃ. Conferências. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1942, p. 7.

A ORDEM. Instituto Católico: ano letivo de 1940 – Matérias e Professores. *A Ordem*, v. XI, n. 101, 1940, p. 96.

ALLEE, Ralph H. [Chief, Division of Latin American Agriculture, OFAR] [Carta] 26 fev. 1944, Washington D.C. [para] HINES, Lee [Director, Estacion Experimental Agricola del Ecuador], Quito. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects – Rural Sociology 2.

_____. [Chief, Division of Latin American Agriculture, OFAR] [Carta] 16 out. 1943, Washington D.C. [para] TAYLOR, Carl, Washington D.C.. 2f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 19, Extension Work.

_____. [Carta] 22 jul. 1944, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Bogotá. 3f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 13.

_____. [Carta] 10 fev. 1945, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 32.

AMERICAN SOCIOLOGICAL SOCIETY. *Program of the thirty-sixth annual meeting of the American Sociological Society – December 27, 29 and 29, 1941*. Disponível em: http://www.asanet.org/sites/default/files/1941_annual_meeting_program_0.pdf. Acesso em: 07/07/2017.

ANDERSON, W. A. Rural Sociology as Science. *Rural Sociology*, v. 10, n. 4, dez. 1947, pp. 347-356.

ARANHA, Oswaldo [Ministro das Relações Exteriores] [Carta] 20 set. 1940, Rio de Janeiro [para] SHAW, Paul Vanorden, São Paulo. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. X, Box 42.

ARCHER, W. Andrew. *Progress Report from the Instituto Agronomico do Norte at Belem, Para, Brazil*. Office of Foreign Agricultural Relations, U. S. Department of Agriculture. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 4513, Decimal Number, 832.61/ 102, p. 4.

AYDELLOTE, Frank [Carta] 24 jul. 1939, Swarthmore [para] FOSTER, Carol, São Paulo. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33.

AZEVEDO DO AMARAL, Ignácio. [Reitor, Universidade do Brasil] [Carta] 5 ago. 1946, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Rio de Janeiro. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 33.

BASTIDE, Roger [Carta] 7 set. 1948, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 20, Folder 16.

BRASIL. *Decreto n. 29.803, de 25 de julho de 1951. Cria a Comissão Nacional de Política Agrária*. Diário Oficial da União, Seção 1, 26 de julho de 1951, p. 11107. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29803-25-julho-1951-338037-publicacaooriginal-1-pe.html>.

_____. SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA. *Relatório*. Rio de Janeiro, jan.-mar. 1954, p. 107. Fundo da Fundação Serviços de Saúde Pública, Departamento de Pesquisa e Documentação, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.

_____. A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER): suas origens, sua vida e seus trabalhos desde 1950 ao primeiro semestre de 1959. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 6, n. 8, 1959, pp. 14-15.

_____. Identificação dos métodos a adotar para a educação do povo. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 7, n. 9, 1960, p.17.

BRANSCOMB, Harvie [Carta] 13 fev. 1947, Nashville [para] BORBA DE MORAES, Rubens, Rio de Janeiro. 2f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Record Group 300, Box 271, Folder 19.

_____. [Carta] 10 maio 1947, Nashville [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

_____. [Carta] 5 jul. 1947, Nashville [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 3f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

_____. [Carta] 23 jul. 1947, Nashville [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 3f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

BRUM, Hélio de Almeida et al. “Ensino, pesquisa e aplicação das ciências sociais”. In BRASIL. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1961, pp. 75-86.

BURKLAND, Edgar R. *Agriculture in the State of Maranhão*. 16 maio 1942. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 4513, Decimal Number 832.61/54, p.1.

BURDETT, William C. [Carta] 4 junho 1941, Rio de Janeiro [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 3f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1941, Box 109, Folder 842.

BURSLEY, Herbert S. [Department of State, Division of the American Republics] [Memorando] 15 set. 1941, Washington D.C. [para] SHAW, Howland, Washington D.C.. 2f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 280, Folder 121.58/81.

CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO RURAL. “Identificação dos métodos a adotar para a educação do povo”. *Revista da CNER*. Ministério da Educação e Cultura, ano 7, n. 9, 1959-1960, p.20.

CAMPOS, Francisco [Carta] 14 fev. 1940, Rio de Janeiro [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1940, Box 77.

CAFFERY, Jefferson [Carta] 8 fev. 1940, Rio de Janeiro [para] CAMPOS, Francisco, Rio de Janeiro. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1940, Box 77.

_____. [Carta] 28 fev. 1941, Rio de Janeiro [para] DUGGAN, Laurence, Washington D.C.. 1 f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1941, Box 109, Folder 842.

CAPANEMA, Gustavo [Carta] 24 ago. 1942, Rio de Janeiro [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. 1f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Telegrama] 13 julho 1945, Rio de Janeiro [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Petrópolis, Rio de Janeiro, Correspondência, Arquivo 03, Gaveta 03, Pasta 233, nº/doc.: 29.

CARLOS, Newton. “Missões rurais em tempos de valsa”. 27/05/1951. *Tribuna da Imprensa*, p. 1 e 10.

CARNEIRO LEÃO, Alberto. Problems of Rural Society in Brazil. *Rural Sociology*, v. 9, n. 2, 1944, pp. 170 – 177.

_____. [Carta] 24 set. 1946, Rio de Janeiro [para] PAWLEY, William [Embaixador dos EUA no Brasil], Rio de Janeiro. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 34.

CHRISTY, Donald H. [Acting Director, Office of Foreign Agricultural Relations] [Memorando] 14 jan. 1942, Washington D.C. [para] Departamento de Estado. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 248, Decimal Number 120.31 Auxiliary/ 28.

CLEOFAS, João [Carta] 2 ago. 1951, Rio de Janeiro [para] Embaixada Norte-Americana, Rio de Janeiro. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. Central Decimal File. 1950-1954. Microfilm, 1489 Roll 17.

COLLIGAN, Francis J. [Acting Assistant Chief, Division of International Exchange of Persons] [Carta] 6 maio 1946, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 33.

COMMITTEE ON INTER-AMERICAN COOPERATION IN AGRICULTURAL EDUCATION. *Minutes of the Meeting of November 7, 1940*. Washington D.C.: Department of Agriculture. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-49. Box 16, Folder "Education 1".

CONCEIÇÃO, Diamantina Costa. (1954), O que é a campanha nacional de educação rural e o que vem fazendo, há dois anos, pela recuperação dos municípios rurais brasileiros, através do processo de educação de base. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 1, n. 1, 1954, pp.13-25.

CORREIO DA MANHÃ. Nota sobre a Campanha de Educação Rural. *Correio da Manhã*, 2 de agosto de 1952, p.1.

_____. Autonomia. *Correio da Manhã*, 18 set. 1952 (1º Caderno).

_____. Sociólogo americano falará sobre reforma agrária. *Correio da Manhã*, terça-feira, 17 jul. 1956, p. 3 e 11.

CORREIO PAULISTANO. Falecimentos – Augusto F. Shaw. Vida Social. *Correio Paulistano*, quarta-feira, 4 de outubro de 1939, p. 4.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. Ciências Sociais e Universidade Rural. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, domingo, 23 de abril de 1944, p. 1.

CRUZ, Lígia Loureiro [Carta] 1 jul. 1950, Belo Horizonte [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 18 abr. 1950, Belo Horizonte [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

DALE, Romeu. Equipes de Economia Humana. *A Ordem*, ago.-set., 1952, pp. 100-103.

DEPARTMENT OF STATE. *Memorandum*, 22 de março de 1937. Washington D.C.: Division of Latin American Affairs, Department of State. NARA, Record Group 59, General

Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5060, Folder III, Doc. 811.42732/40.

_____. *Conference on Inter-American Relations in the Field of Education*. Department of State. Nov. 1, 1939, n. 556. 3f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5054, 811.42710 Washington-Education/1025.

_____. Foreign Service Auxiliary. *Department of State Bulletin*, v. 5, jul.-dez. 1941, pp. 283-284.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Notáveis educadores estrangeiros no Congresso de Goiânia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1942, Primeira Seção, p. 6.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Possibilidades de Imigração e Colonização da Zona em que está situada a Paulo Afonso. Chegaram ontem ao Recife, procedentes de Itaparica, os professores norte-americanos T. Lynn Smith e Hilgard O'Reilly Sternberg, da Universidade do Brasil – Suas declarações ao ‘Diário. *Diário de Pernambuco*, 25 de agosto de 1945, p.3.

_____. Nota sobre o Instituto de Estudos Brasileiros de Vanderbilt. *Diário...*, 11 jan. 1948, Literatura da Semana, p. 4.

DIRETRIZES. Um sábio brasileiro nas universidades americanas. *Diretrizes*, agosto de 1940, pp. 29-31.

DUGGAN, Larry [*Carta*] 19 mar. 1941, Washington D. C. [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1941, Box 109, Folder 842.

ELWOOD, Robert [*Ofício*] 3 abril 1951, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE, Washington D.C. 8f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1950 – 1954. Brazil, Box 40, Folder “Brazil Agriculture”.

ESTADOS UNIDOS. Act of July 2, 1862 (Morrill Act), Public Law 37-108, which established land grant colleges, 07/02/1862; Enrolled Acts and Resolutions of Congress, 1789-1996; Record Group 11; General Records of the United States Government; National Archives. Disponível em <http://www.ourdocuments.gov/doc.php?doc=33&page=transcript>. Acesso em 5/5/2018.

_____. *Purnell Agricultural Experiment Stations Bill. Hearings before the Committee on Agriculture. House of Representatives. Sixty-Eighth Congress. First Session*. Jan. 22, 1924. Washington D.C.: Government Printing Office.

_____. *Proclamation of Unlimited National Emergency*. 27 de maio de 1941. Disponível em: <https://www.ibiblio.org/pha/timeline/410527awp.html>. Acesso em 10/08/2017.

_____. *Memorandum of agreement between the Office of Foreign Agricultural Relations and the Bureau of Agricultural Economics, United States Department of Agriculture*, 15 out.

1943. 3f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects – Rural Sociology.

FINLEY, Harold D. [Chargé d’Affaires, ad interim] [*Ofício*] 13 abril 1946, Managua [para] Secretary of State, Washington D.C. 2f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1945-1949. Central Decimal File. Box 4385, Folder 810.42711 SE 11-145.

FOSTER, Carol [*Carta*] 23 mar. 1936, São Paulo [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5060, Folder III.

_____. [*Carta*] 27 jan. 1939, São Paulo [para] CHERRINGTON, Ben, Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33.

_____. [*Carta*] 19 ago. 1939, São Paulo [para] AYDELLOTE, Frank, Swarthmore. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33.

_____. [*Carta*] 27 jan. 1940, São Paulo [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 5f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77.

_____. [*Carta*] 2 fev. 1940, São Paulo [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77.

_____. [*Memorando*] 8 fev. 1940, São Paulo [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1 f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1940, Box 77.

_____. [*Carta*] 10 fev. 1940, São Paulo [para] THOMSON, Charles [Acting Chief, Division of Cultural Relations], Washington D.C.. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77.

_____. [*Carta*] 13 ago. 1940, São Paulo [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. XII, Box 77.

_____. [*Carta*] 12 nov. 1940, São Paulo [para] THOMSON, Charles [Acting Chief, Division of Cultural Relations], Washington D.C.. 1f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1940, vol. X, Box 42.

FRED, Frey C.; HOFFSOMMER, Harold C.; LOTT, E. H.; SCHULER, Edgar A.; SMITH, Marion B.; SMITH, T. Lynn. [Memorando] 10 dez. 1937. *To the Committee on Better Organization for Rural Sociologists*. Rural Sociological Society of America Papers, The State Historical Society of Missouri, Folder 49, p. 2.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Relatório e Balanços do Exercício de 1947*. Rio de Janeiro, 1948, p. 264. Disponível em: <https://sistema.bibliotecas-bdigital.fgv.br/>. Acesso: 15/02/2018

GALPIN, Charles. *The Social Anatomy of an Agricultural Community*. Madison: Agricultural Experiment Station of the University of Wisconsin, Research Bulletin n. 34, may 1915.

_____. *My drift into Rural Sociology – Memoirs of Charles Josiah Galpin*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1938.

GUERRA, Otto. Formação de líderes rurais. O Serviço de Assistência Rural – Reuniões de párocos – As Semanas Rurais – Cursos intensivos – Centro de Treinamento de Professores – Fala-nos o Cônego Eugênio Salles. *A Ordem* (jornal), quarta-feira, 19 de outubro de 1952, pp.3-4.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. “Uma concepção multidimensional do comportamento”. *Jornal de Pediatria*, v. X, n. 7, 1944.

_____. (1944), *Aspectos Sociológicos da Puericultura*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Criança, Imprensa Nacional, 1944.

GILLETE, John. *Constructive Rural Sociology*. New York: The MacMillan Company, 1919 [1912], 2ª Ed..

_____. *Rural Sociology*. New York: The MacMillan Company, 1922.

GRIFFING, John B. [Carta] 30 jan. 1946, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 33.

HALL, Robert B. *Field Notes on the Japanese in Latin America*. Office of Strategic Services, Research and Analysis Branch, n. 791. 26 mar. 1943. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, Strictly Confidential General Records, 1940-1946, Box 15, Folder 1.

HAUER SANTOS, Gil [Secretário, Escola de Serviço Social] [Carta] 9 ago. 1949, Rio de Janeiro [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 1f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

HAYES, E. C. “Editor’s Introduction”. In SOROKIN, Pitirim. *The Sociology of Revolution*. Philadelphia and London: J.B. Lippincott Company, 1925.

HEYES, William J. [Carta] 26 mai. 1955, Nashville [para] RIOS, José Arthur. 1f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

HEBERLE, Rudolf [*Carta*] 29 jul/ 1942, Baton Rouge [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 2f. Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), Seção de Manuscritos, Arquivo Arthur Ramos.

HERBERT, Paul M. [Acting President, Louisiana State University] [*Carta*] 6 nov. 1939, Baton Rouge [para] HULL, Cordell [Secretary of State], Washington DC. 1f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5053, 811.42710 Washignton-Education/946.

HOPKINS, John A. [Agricultural Attaché] [*Ofício*] 18 set. 1950, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE & DEPARTMENT OF AGRICULTURE, Washington D.C. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1950-52, Box 448, Folder 312.

_____. [*Ofício*] 17 ago. 1951, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE, Washington D.C. 3f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. Central Decimal File. 1950-1954. Microfilm, 1489 Roll 17.

_____. [*Ofício*] 21 jan. 1952, Rio de Janeiro [para] DEPARTMENT OF STATE, Washington D.C. 3f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. Central Decimal File. 1950-1954. Microfilm, 1489 Roll 17.

INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION. *Comprehensive list of students from the other American Republics enrolled in the United States Colleges and Universities during the academic year 1945-1946*. Washington D. C.: Clearing House on Student Interchange, Washington Bureau. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1945-1949. Central Decimal File. Box 4386, Folder 810.42711 SE 8-2046.

_____. *Quartely Report on Contract SCC-447*, 6 jan. 1945. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1945-1949. Central Decimal File. Box 4385, Folder 810.42711 SE 11-145.

INTERNATIONAL SOCIAL SCIENCE BULLETIN. Joint roundtable in the role of minorities in international affairs. *International Social Science Bulletin*, Unesco, v. 3, n. 2, 1952, pp. 409-422.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Em poucas linhas.... *Jornal de Notícias*, 29 fev. 1948, p. 8.

JULIO, Silvio [*Carta*] 12 ago. 1942, Rio de Janeiro [para] AMOROSO LIMA, Alceu, Rio de Janeiro. 3f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

KEELER, Erwin P. [*Memorando: Nature of Agricultural Reports Desired by Department of Agriculture*] 1 fev. 1940, Rio de Janeiro [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 4f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59,

General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 280, Folder 121.5832/5.

_____. [Memorando: Request for assistance in agricultural reporting work] 3 março 1941, Rio de Janeiro [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 3f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. American Embassy, Rio de Janeiro, General Records, 1936-1963, Correspondence, 1941, Box 92, Folder 123.

KOLB, John H; BRUNER, Edmund deS; KOLB, John H. "Rural Life". In ESTADOS UNIDOS. *Recent social trends in the United States – Report of the President's Research Committee on Social Trends*. New York: McGraw-Hill, 1933, pp. 497-552.

LAMBERT, Jacques. *Aulas de Sociologia pelo Prof. Lambert*. Mimeo: Rio de Janeiro, s./d., p. 2. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. "Théories évolutionnistes et histoire culturelle en matière d'organisation familiale". In LAMBERT, Jacques. *Aulas de Sociologia pelo Prof. Lambert*. Mimeo: Rio de Janeiro, s./d.. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. "Carta-Prefácio". In FONTOURA, Amaral. *Programa de Sociologia*. Porto Alegre: Edições Globo, 1940.

LEONARD, Olen E. [Carta] 14 out. 1944, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 68, TABIO.

_____. *Pichilingue: a study of rural life in Coastal Ecuador*. Foreign Agriculture Report n. 7. Office of Foreign Agricultural Relations, Washington D.C., mar. 1947.

_____. *The Role of the Land Grant in the Social Organization and Social Processes of a Spanish-American Village in New Mexico*. A thesis submitted to the Graduate Faculty of the Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in the Department of Sociology. LSU Historical Dissertations and Theses. Disponível em: https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_disstheses/?utm_source=digitalcommons.lsu.edu%2Fgradschool_disstheses%2F7875&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. Acesso em: 16/06/2017.

LESSER, Alexander. *Survey of Research on Latin America*. Washington D. C.: Committee on Latin American Anthropology, Division of Anthropology and Psychology, National Research Council, Agosto 1946, pp. 75-82.

LIMA, Alceu Amoroso. *Preparação à Sociologia*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1931, p. 78.

_____. "Introdução". In FONTOURA, Amaral. *Programa de Sociologia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940, pp.13-14.

LIVELY, C. E. Rural Sociology as Applied Science. *Rural Sociology*, v .11, dez. 1943, pp. 331-342.

LOOMIS, Charles. *Extension work at Tingo Maria, Peru*. 28 dez. 1943. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 43, Reports – Charles Loomis, pp. 10 – 12.

_____. [Carta] 4 jan. 1944, East Lansing. [para] STEWARD, Julian, Washington D.C. 1f. National Anthropological Archives, Suitland (Maryland), Records of the Institute of Social Anthropology, Box 8, L Correspondence, 1940-52.

LOOMIS, Charles; PROVINCE, John H; SETZIER, F. M.; STEWARD, Julian; DUNCAN, W. Rural sociologists in Latin America. *Applied Anthropology*, v. 4, n. 4, 1945, pp.50-52.

LOUISIANA STATE UNIVERSITY AND AGRICULTURAL AND MECHANICAL COLLEGE. *Outline of plan for the development of teaching and research in Agricultural Economics and Rural Sociology with the assistance of the General Education Board*. Rockefeller Archive Center, General Education Board, Series 1, Box 445, Folder 4696.

_____. *Proposed development of work in Agricultural Economics and Rural Sociology at Louisiana State University*. Rockefeller Archive Center, General Education Board Records, Series 1, Box 444, Folder 4695, pp. 29-33.

_____. *University Bulletin*. Baton Rouge: Louisiana State University, the summer term, June 6 – August 9, 1947, p. 81.

LOURENÇO FILHO, Francisco Gago. Cursos de Treinamento de Educadores de Base da C.N.E.R. – Notas do Dr. Francisco Gago Lourenço Filho, Chefe do Setor de Pesquisas e Treinamento. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 2, n. 2, 1955, pp. 25-37.

MATTOS, Dora [Carta] 8 ago. 1948, Rio de Janeiro [para] RIOS, José Arthur, Nashville. 3f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

MESSERSMITH, C. S. [Department of State] [Carta] 13 out. 1939, Washington D.C. [para] CAFFERY, Jefferson, Rio de Janeiro. 4f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 280, Decimal Number 121.5832/2.

MOORE, Ross E. [Carta] 18 jan. 1944, Washington D.C. [para] WILSON, M. L., Washington D.C. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects-Rural Sociology 2.

_____. [Carta] 21 jan. 1944, Washington D.C. [para] HINES, Lee [Director, Estacion Experimental Agricola del Ecuador], Quito. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 38, Projects – Rural Sociology 2.

MOURÃO, Geraldo. Serviço rural. *Gazeta de Notícias*, 16 out. 1952, p. 2.

NELSON, Lowry. Some social and economic features of American Fork, Utah. *Brigham Young University Studies*. Provo, Utah, n. 4, 1933.

_____. *The Mormon Village: A Pattern and Technique of Land Settlement*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1952.

_____. “A contribuição das universidades para o desenvolvimento rural”. In BRASIL. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1961, pp. 33-42.

_____. Rural Sociology: Some Inter-American Aspects. *Journal of Inter-American Studies*, v. 9, n. 3, 1967, pp. 323 – 338.

_____. *Eighty: One man's way there. A memoir by Lowry Nelson*. Mimeo., abril de 1973. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 16, Folder 28.

NELSON, Lowry; KOLB, John; LIVELY, C. E.; SANDERSON, Dwight; ZIMMERMAN, Carle. “Statement of the Editorial Board”. *Rural Sociology*, v. 1, n. 1, 1936, pp. 5-7.

O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO. Notas Avulsas. *O Observador...*, ano XII, n. 143, dez. 1947, p. 16.

OBERG, Kalervo. “Interesses da comunidade e programas de desenvolvimento rural”. In BRASIL. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1961, pp. 43-52.

OBERG, Kalervo & RIOS, José Arthur. (1955), “A Community Improvement Project in Brazil”. In PAUL, Benjamin D. (Ed.), *Health, Culture, and Community: case studies to public reactions to health programs*. Russel Sage Foundation, 1955, pp. 349 – 375.

OFFICE OF FOREIGN AGRICULTURAL RELATIONS. *Memorandum*. 3 maio 1943. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 11, Folder 28.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Populações meridionais do Brasil*. 4a ed., São Paulo: Companhia Nacional, 1938 [1920].

_____. [Carta] 11 mar. 1940, Niterói [para] SMITH, T. Lynn Baton Rouge. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 22, Folder 23.

_____. *Instituições Políticas Brasileiras*, v. 2, Rio de Janeiro: José Olympio, 1949, p. 222.

PARK, Robert [Carta] 5 fev. 1935, Chicago [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 16, Folder 16.

_____. [Carta] 17 maio 1939, Chicago [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 16, Folder 16.

_____. [Carta] 5 out. 1939, Nashville [para] PIERSON, Donald, São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, Arquivo Edgard Leuenroth, Fundo Donald Pierson, Pasta 2.

_____. *Arthur Ramos* [carta de recomendação sem destinatário], 6 fev. 1940, Nashville. Fisk University Special Collections and Archives Fisk University Special Collections and Archives, PARK, Robert E. Collection (Original), 1909-1946, Box 5, Folder 12.

PERSONS OF SÃO PAULO, BRAZIL, WHO WERE PRESENT AT THE MEETING ON CULTURAL RELATIONS HELD ON 19 JANUARY 1939 AT THE RESIDENCE OF CONSUL GENERAL FOSTER. 2f. NARA, Record Group 84, Foreign Service Posts of the Department of State. Sao Paulo Consulate, General Records, 1936-1955, Correspondence, 1939, vol. XI, Box 33.

PIERSON, Donald [Carta] 21 jun. 1938, Nashville [para] PARK, Robert, Chicago. 2f. Fisk University Special Collections and Archives Fisk University Special Collections and Archives, PARK, Robert E. Collection (Supplement 1), 1923-1943, Box 5, Folder 13.

_____. [Carta] 13 maio 1939, Nashville [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. Universidade Estadual de Campinas, Arquivo Edgard Leuenroth, Fundo Donald Pierson, Pasta 6.

_____. [Carta] 12 nov. 1939, São Paulo [para] PARK, Robert, Nashville. 5f. Universidade Estadual de Campinas, Arquivo Edgard Leuenroth, Fundo Donald Pierson, Pasta 2.

_____. [Carta] 22 abril 1942, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn., Rio de Janeiro. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 11, Folder 26.

PROGRAM OF SECTION ON RURAL SOCIOLOGY, AMERICAN SOCIOLOGICAL SOCIETY, December 26, 1934; TENTATIVE PROGRAM, RURAL SOCIOLOGY SECTION OF THE AMERICAN SOCIOLOGICAL SOCIETY, December 27, 1935. T. Lynn Smith Papers, Center for Southwest Research, UNM, Box 21, Folder 1.

PROPOSAL TO THE CARNEGIE CORPORATION FOR SUPPORT OF COOPERATION IN THE LATIN AMERICAN FIELD, 3 de maio de 1947. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Record Group 300, Box 218, Folder 48. 17f.

RAMOS, Arthur [Carta] 27 nov. 1939, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), Seção de Manuscritos, Arquivo Arthur Ramos.

_____. A sociedade rural. *Diretrizes*, abril de 1940, pp.29-31.

_____. O ensino das ciências sociais. *O Observador Econômico e Financeiro*, n. 102, julho de 1944, pp. 87-90.

_____. [Carta] 31 ago. 1946, Rio de Janeiro [para] OLIVEIRA, José Osório de [Agência Geral das Colônias], Lisboa. 3f. Arquivo Arthur Ramos.

_____. Os grandes problemas da antropologia brasileira. *Sociologia*, v. X, n. 4, 1948, pp. 213 – 226.

_____. [Carta] 11 jun. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. Arquivo Arthur Ramos.

RAPER, Arthur. Rural sociologists and foreign assignments. *Rural Sociology*, v. 18, n. 3, pp. 264-266.

REDFIELD, Robert. *Civilização e Cultura de Folk: Estudo de Variações Culturais em Yucatan*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1949.

RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. *Programa de ação imediata da 'Resistência Democrática', em face da atual situação do país*. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1945. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios, p. 9.

_____. Manifesto da Resistência Democrática aos Brasileiros. *A Ordem*, ano XXV, n. 7-8, jul.-ago. 1945, p. 125.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Noticiário – T. Lynn Smith. *Revista Brasileira de Geografia*, ano 15, n. 4, 1953, pp. 649-651.

REVISTA CARIOCA. Instituto de Estudos Brasileiros. *Revista...*, jan. 1948, Movimento Literário, p. 9.

REYNOLDS, George M. [Carta] 18 set. 1939, Chicago [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. Fisk University Special Collections and Archives, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

RIDGE, T. L. [Naval Attaché]. *Intelligence Report*. Intelligence Division, Office of Chief of Naval Operations, Navy Department. 21 ago. 1942. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 38, Records of the Office of the Chief of Naval Operations, Confidential Reports of Naval Attachés, 1940 – 1946, Box 551.

RIOS, José Arthur [Carta] sem data, Nashville [para] ROCKEFELLER, Nelson, New York. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] sem data, Nashville [para] SOARES, Macedo, Rio de Janeiro. 4f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] sem data, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 7f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. *Curriculum Vitae*. Rio de Janeiro, s./d. [Elaborado por ocasião de pedido de bolsa ao *Institute of International Education*]. 4f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. *Discurso proferido por ocasião do concurso de oratória da Faculdade de Direito de Niterói*. Mimeo: Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1940. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. *A Novela representativa na América Espanhola*. Tese para a cadeira de Literatura dos Institutos de Educação do Estado do Rio. Mimeo: Rio de Janeiro, 1941. Acervo Pessoal de José Arthur Rios

_____. A humanidade de William Saroyan. *Revista da Semana*, 25 set. 1943, p. 13.

_____. Atualidade de Dostoievski. *Revista da Semana*, 14 ago. 1943, p. 13.

_____. O encontro das raças. *Revista da Semana*, 17 jul. 1943, p. 13.

_____. Rilke, poeta essencial. *Revista da Semana*, 28 ago. 1943, p. 13.

_____. [Carta] 21 maio 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 30 set. 1945, Rio de Janeiro [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 2f. UNICAMP, Arquivo Edgar Leuenroth, Fundo Donald Pierson, Pasta 44, p. 1.

_____. [Carta] 30 set. 1945, Rio de Janeiro [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 2f. UNICAMP, Arquivo Edgar Leuenroth, Fundo Donald Pierson, Pasta 44, p. 1.

_____. A Democracia também se aprende nas escolas. *O Globo*, 13 maio 1946.

_____. *Report to the Institute of International Education*, 5 jun. 1946. 3f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. Só a ONU seria digna de receber o segredo da bomba atômica. *O Globo*, 17 jun. 1946.

_____. [Carta] 15 abr. 1946, Baton Rouge [para] CURTY, Delson, Rio de Janeiro. 5f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 21 abril 1946, Baton Rouge [para] CARNEIRO, José Fernando. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 18 maio 1946, Baton Rouge [para] RIOS, José Alves Cruz & RIOS, Umbelina de Castro, Rio de Janeiro. 6f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 21 jun. 1946, Baton Rouge [para] RIOS, José Alves Cruz & RIOS, Umbelina de Castro, Rio de Janeiro. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. *A demographic study of the State of Rio de Janeiro, Brazil*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Baton Rouge, Louisiana, Louisiana State University, 1947, pp. 1-2.

_____. *The effects of the latifundia on Brazilian society*. Baton Rouge: Mimeo, 1947. 17f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25, p. 14.

_____. *Second Report to the Institute of International Education*, 11 jun. 1947. 3f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. A Expansão da Sociologia Rural no Brasil. Entrevista para *A Noite*, sexta-feira, 19 dez. 1947, p. 8.

_____. [Carta] 21 jun. 1947, Baton Rouge [para] RIOS, José Alves Cruz & RIOS, Umbelina de Castro, Rio de Janeiro. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 11 jul. 1947, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. [Carta] 28 set. 1947, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. A distribuição de terra e a reforma agrária I. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1948, p.2.

_____. A distribuição de terra e a reforma agrária II. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1948, p.2.

_____. O castelo de papel e a reforma agrária. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1948, p.4.

_____. O pinto e o ovo ou a reforma agrária. *Correio da Manhã*, terça-feira, 2 mar. 1948, p. 4.

_____. [Carta] 14 jan. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. [Carta] 30 mar. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. [Carta] 30 jul. 1948, Nashville [para] ROCKEFELLER, Nelson, New York. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 6 out. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. [Carta] 20 nov. 1948, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 3f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. “Pesquisa sobre grupos vicinais em Juiz de Fora”. *SESI – Curso Social*. Juiz de Fora: Mimeo., 1949. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. Democracia e marginalismo. *Carta da Resistência – Órgão da Resistência Democrática*. Rio de Janeiro, ano II, n. 55, maio 1949, p. 2. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 30 jul. 1949, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. [Carta] 6 out. 1949, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.

_____. A Reforma Agrária no Brasil. *Tribuna da Imprensa*, terça-feira, 8 ago. 1950, p. 3.

_____. Classe e família no Brasil. *Digesto Econômico*, v. 6, n. 66, 1950, p. 130.

_____. Os estudos de sociologia no Brasil. Entrevista para *Tribuna da Imprensa*, 24 nov. 1951, ano 1, n. 32.

_____. Viagem ao Vale do Canaã. *A Ordem*, v. 48, n. 1, 1951, p. 41.

_____. [Carta] 21 fev. 1951, Rio de Janeiro [para] MAGALHÃES, Bernardo, Belo Horizonte. 3f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. [Carta] 21 fev. 1951, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 26.

_____. A ignorância, o medo e a miséria corroem a nação. Entrevista para *O Globo*, 25 set. 1952, p. 6.

_____. “A comunidade e o desajustamento social”. In MIRA Y LOPEZ, E. (org.). *Manual de Psicotécnica (Psicologia Aplicada ao Trabalho)*. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1953, pp. 73-78.

_____. “Conceito e Objeto da Sociologia”. In MIRA Y LOPEZ, E. (org.). *Manual de Psicotécnica (Psicologia Aplicada ao Trabalho)*. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1953, pp. 12-15.

_____. A saúde como valor social. *Boletim do Sesp*, n. 33, abr. 1953, pp. 2-3.

_____. Ciências sociais e saúde pública. *Boletim do Sesp*, n. 38, set. 1953, pp. 2-3.

_____. Informar e convencer. *Boletim do Sesp*, n. 35, jun. 1953, pp. 5-6.

_____. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, 1954.

_____. Forma e sentido da educação rural. *Revista do Serviço Público*, v. 73, n. 1-3, 1956, pp. 1-17.

_____. “Primeira Conferência, 15/5/57”. In *Curso de Sociologia Religiosa*. Mimeo: Rio de Janeiro, 1957, pp. 3-5. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. Reforma agrária: uma experiência revolucionária, e não uma medida petebista”. Rio de Janeiro, *Metropolitano*, 17 maio. 1959. Entrevista concedida a César Guimarães (2º Caderno).

_____. “Modificação da Estrutura Agrária do Nordeste – Debates”. In CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. *Seminário para o Desenvolvimento do Nordeste*. Rio de Janeiro: Divisão de Estudos e Planejamento, 1959, pp. 319-390.

_____. Relatório do coordenador da CNER, professor José Arthur Rios. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, v. 7, n. 9, 1960.

_____. *A Sociologia Rural no Brasil: sua evolução, principais problemas e situação atual*. Brasília: Ministério da Agricultura, Escritório de Análise Econômica e Política Agrícola, 1972 (mimeo.).

_____. Rumos da Educação Rural. *Carta Mensal*, v. 32, n. 375, 1986, p. 30.

_____. *Resumo de vida*. Mimeo: Rio de Janeiro, março de 2000. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

_____. Entrevista de José Arthur Rios concedida a Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e José Leandro Cardoso em 13 de julho de 2006. Depoimentos orais do projeto ‘Brasil, um imenso hospital: ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil’. Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

RIOS, José Arthur. “Entrevista a Lucia Lippi de Oliveira e Marly Silva da Motta”. In FREIRE, Américo & OLIVEIRA, Lucia Lippi (orgs.). *Capítulos da memória do urbanismo carioca*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

_____. *Comunicação Pessoal ao autor em 9 de maio de 2015*.

SAGMACS. *Aspectos humanos da favela carioca. Estudo socioeconômico*. Rio de Janeiro: Relatório datilografado, 1958, p. 7. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

SANDERSON, Dwight. Remarks by the president. News Notes and Announcements – The Annual Meeting of the Rural Sociological Society, Detroit, Michigan, December 28-30, 1938. *Rural Sociology*, v. 4, n. 1, 1939, pp. 123-125.

_____. [Carta] 28 abril 1942, Ithaca [para] SMITH, T. Lynn., Rio de Janeiro. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 13, Folder 1.

SCHMIDT, Carlos Borges. Systems of Land Tenure in São Paulo. *Rural Sociology*, v. 8, n. 3, 1943, pp. 242-47.

SEMINAR IN RACE AND CULTURE CONTACTS. *Minutes of the meetings of the divisional Seminar in Race and Culture Contacts*. University of Chicago, 1935, T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 16, Folder 16.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE RESISTÊNCIAS À MUDANÇA – FATORES QUE IMPEDEM OU DIFICULTAM O DESENVOLVIMENTO. 1959. Rio de Janeiro. *Anais do Seminário Internacional de Resistências à Mudança*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1959, pp. 157-167.

SECTION ON RURAL SOCIOLOGY. *Minutes of Annual Business Meeting of the Section on Rural Sociology, American Sociological Society, held at the Morrison Hotel, Chicago, Illinois, December 20, 1936.* 2f.

SEWELL, W. E. Needed Research in Rural Sociology. *Rural Sociology*, v. 15, n. 2, jun. 1950, pp. 115-130.

SHAE, Ralph R. International Activities of the American Library Association. *ALA Bulletin*, v. 41, n. 6, June 1947, p. 220.

SHAW, G. Howland [Assistant Secretary of State] [*Circular Instruction*] 22 set. 1941, Washington D.C. [para] American Diplomatic and Consular Officers in the other American Republics. 2f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 248, Decimal Number 120.31 Auxiliary 2/A.

_____. *Memorandum of conversation with Dr. Louis G. Michael.* 19 set. 1941. 2f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 280, Folder 121.58/81.

SHAW, Paul Vanorden [*Carta*] 24 fev. 1937, São Paulo [para] WELLES, Sumner [Assistant Secretary of State], Washington D.C.. 4f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 5060, Folder III, Doc. 811.42732/40.

_____. [*Carta*] 8 set. 1939, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. Fisk University Special Collections and Archives, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

_____. Fascismo e Democracia. *O Estado de São Paulo*, quinta-feira, 20 de abril de 1939, p. 4.

_____. Do ponto de vista de um planeta.... *O Estado de São Paulo*, domingo, 4 de junho de 1939, p. 4.

_____. Pan-americanismos. *O Estado de São Paulo*, domingo, 5 de novembro de 1939, p. 4.

SIMS, Newell LeRoy. *Elements of Rural Sociology*. 3a Ed. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1947 [1928].

SMITH, Louvina. *Mrs. Lynn Smith*. University of Florida Oral History Collections, 1979. Disponível em <http://ufdc.ufl.edu/UF00006017/00001>. Acesso em 01/12/2015.

SMITH, T. Lynn. *My own work as assessor técnico em colonización y parcelación*. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 1, Folder 76, s./d.

_____. *Plan of work*. Fisk University Special Collections and Archives, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5, p. 1, s./d..

_____. "Program of T. Lynn Smith". T. Lynn Smith Papers, Center for Southwest Research, UNM, Box 1, Folder 2.

_____. *Progress Report to the General Education Board concerning the development of the research program in Rural Sociology at the Louisiana Agricultural Experiment Station*. Rockefeller Archive Center, General Education Board Records. Series 1, Box 445, Folder 4699, s./d..

_____. *Tabio: a study in rural social organization*. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 68, TABIO.

_____. The cultural setting of agricultural extension work in Colombia. *Rural Sociology*, v. 10, n. 3, pp.235-246.

_____. *The development of sociological studies of Latin America in the United States*. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 1, Folder 73, s./d..

_____. *The emerging community*. Sem data. T. Lynn Smith Papers, Center for Southwest Research, UNM, Box 3, Folder 12, s./d..

_____. *Zimmerman's Sociological Survey of Rural Siam*. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 1, Folder 85, s./d..

_____. *The 'mormon' settlements in Conejos County, Colorado*. Term Paper written for History 82. Brigham Young University, April 27, 1928. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 2, Folder 14.

_____. *A sociological analysis of some of the aspects of rural religious culture as shown by Mormonism*. A thesis submitted to the Graduate Faculty of the University of Minnesota, June 1929. T Lynn Smith Papers, Center For Southwest Research, UNM, Box 23, Folder 18.

_____. *An Analysis of the Changes in Social Organization of the American Agricultural Village from 1900 to 1930*. University of Minnesota, 1932. University of Minnesota Archives.

_____. *Farm Trade Centers in Louisiana, 1901 to 1931*. Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Agricultural Experiment Stations, Bulletin n. 234, jan. 1933, p. 55.

_____. The Social Effects of Land Division in Relationship to a Program of Land Utilization. *Journal of Farm Economics*, v. XVII, n. 4, nov. 1935, pp. 702-709.

_____. *The Population of Louisiana: its composition and changes*. Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Agricultural Experiment Stations. Louisiana Bulletin, n. 293, nov., 1937.

_____. Acculturation among the Louisiana French. *American Journal of Sociology*, v. 44, n. 3, nov., 1938, pp. 355-364.

_____. [Carta] 12 maio 1939, Baton Rouge [para] PATTEE, Richard, Washington D.C. 1f. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1930-1939. Central Decimal File. Box 42, Folder 032-SMITH, T. Lynn.

_____. *Memorandum on Developments in Rural Sociology, Louisiana State University, 1938-1939*. T. Lynn Smith Papers, Center for Southwest Research, UNM, Box 1, Folder 2, May 3, 1939.

_____. [Carta] 12 set. 1939, Baton Rouge [para] REYNOLDS, George M., Chicago. 1f. Fisk University Special Collections and Archives, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

_____. [Carta] 16 set. 1939, Baton Rouge [para] REYNOLDS, George M., Chicago. 1f. Fisk University Special Collections and Archives, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

_____. [Carta] 13 out. 1939, Baton Rouge [para] REYNOLDS, George M., Chicago. 2f. Fisk University Special Collections and Archives, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

_____. [Carta] 13 out. 1939, Baton Rouge [para] EMBREE, Edwin R. [President, Julius Rosenwald Fund], Chicago. 2f. Fisk University Special Collections and Archives, ROSENWALD, Julius Fund Archives (268-494), 1917-1948, Box 448, Folder 5.

_____. [Carta] 3 nov. 1939, Baton Rouge [para] MANN, Albert R. [Vice President, General Education Board, Rockefeller Foundation], Nova Iorque. 2f. Rockefeller Archive Center, General Education Board Records. Series 1, Box 446, Folder 4414.

_____. [Carta] 17 nov. 1939, Baton Rouge [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 1f. Arquivo Arthur Ramos.

_____. [Carta] 23 jan. 1940, Baton Rouge [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 18.

_____. [Carta] 2 mar. 1940, Baton Rouge [para] PIERSON, Donald, São Paulo. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 18.

_____. [Carta] 9 dez. 1940, Baton Rouge [para] NELSON, Lowry, St. Paul. 1. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 19.

_____. Trends in Community Organization and Life. *American Sociological Review*, v. 5, n. 3, jun. 1940, pp. 325-334.

_____. *Exchange of professors and students*. 8f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 1, Folder 77, 1940.

_____. The Role of the Community in American Rural Life. *Journal of Educational Sociology*, v. 14, n. 7, mar. 1941, pp. 387-400.

_____. [Carta] 3 nov. 1941, Baton Rouge [para] TAYLOR, Carl, Washington D.C. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 3.

_____. [Carta] 11 dez. 1941, Baton Rouge [para] TAYLOR, Carl, Washington D.C. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 3.

_____. *Field Notes*. 1942. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 18.

_____. *Field Notes*. 1942. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 7, Folder 55.

_____. [Carta] 22 out. 1942, Rio de Janeiro [para] MICHAEL, L. G. [Office of Foreign Agricultural Relations], Washington D.C. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 11, Folder 27.

_____. *Japanese immigration and the number and distribution of Japanese population in the state of São Paulo, Brazil*. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agriculture. Box 5, Folder 1942 – 1943.

_____. *Brazil: The Brazilian Labor Force in Relation to Agriculture*. Confidential report, 20 jan. 1943. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1942 – 1945. Brazil. Agreement – Labor, Box 80, Folder Restricted 1942 – 1945 Labor.

_____. [Carta] 23 dez. 1943, Baton Rouge. [para] CARNEIRO LEÃO, Antônio, Rio de Janeiro. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 13, Folder 14.

_____. *Brazil: the population and the relations of the people to the land*. Washington D.C.: United States Department of Agriculture, Office of Foreign Agricultural Relations, 20 ago. 1943. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 8, Folder 30.

_____. The Locality Group Structure of Brazil. *American Sociological Review*, v. 9, n. 1, 1944, pp. 41-49.

_____. [Carta] 4 jan. 1944, Washington D.C. [para] HULL, Cordell, Washington D.C. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 9, Folder 65.

_____. [Carta] 13 março 1944, Baton Rouge [para] LOOMIS, Charles, Washington D.C. 1f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations, 1942-49, Box 39, Folder “Projtecs – Rural Sociology 3-1”.

_____. Notes on Population and Rural Social Organization in El Salvador. *Rural Sociology*, v. 10, n. 4, 1945, pp. 360-379.

_____. [Carta] 6 jan. 1945, Baton Rouge. [para] ALLEE, Ralph H., Washington D.C. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 32.

45 SMITH, T. Lynn [Carta] 29 jan. 1945, Baton Rouge [para] STERNBERG, Hilgard, Rio de Janeiro. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 1.

_____. Assim o professor T. Lynn Smith vê a paisagem rural brasileira. Rio de Janeiro, domingo, 21 de julho de 1946, p. 8.

_____. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946.

_____. *Colonization and settlement in Central Goiaz*, jan. 1946. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, Records of the Foreign Agricultural Service, Narrative Reports. 1946 – 1949. Brazil, Box 533 Folder “Land Policies 1946-1949”.

_____. “Fazendas Familiares” para o êxito da nossa colonização rural. *A Noite*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 2 de julho de 1946, p. 9.

_____. “Leaves from My Diary”. In SMITH, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946.

_____. *Points developed in my conferencia on immigration at the Instituto Brasil-Estados Unidos last july (1946)*. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 33.

_____. Reerguer a vida municipal e abolir as queimadas. Os estudos que realiza sobre o Brasil o professor Lynn Smith, da Universidade de Louisiana, de novo entre nós. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, terça-feira, 2 de julho de 1946, p. 5.

_____. *Report on the population and social organization in the central portion of the Sao Francisco Valley*, 24 jan. 1946. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations. 1942-1949. Box 98, Reports Brazil.

_____. [Carta] 6 fev. 1946, Baton Rouge [para] GRIFFING, John B., Rio de Janeiro, 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 33.

_____. [Carta] 25 set. 1946, Baton Rouge [para]. BRICKELL, Herschel. [*Division of Cultural Cooperation*, Departament of State], Washington D.C. 4f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 34.

_____. [Carta] 25 set. 1946, Baton Rouge [para]. BRICKELL, Herschel. [*Division of Cultural Cooperation*, Departament of State], Washington D.C. 4f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 10, Folder 34, p. 4.

_____. Sistemas Agrícolas. *Revista Brasileira de Geografia*, abril-junho de 1947, pp. 159-184.

_____. [Carta] 30 maio 1947, Baton Rouge [para] BRANSCOMB, Harvie, Nashville. 1f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Record Group 300, Box 218, Folder 48.

_____. *Forward* [to ‘A demographic study of the State of Rio de Janeiro, Brazil’]. Nashville: Mimeo., 1948. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.

- _____. Needed Emphases in Southern Sociology. *Social Forces*, v. 27, n. 2, 1948.
- _____. [Carta] 23 mar. 1948, Nashville [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 25.
- _____. [Carta] 28 maio 1948, Nashville [para] BURNSHAW, Stanley, New York. 3f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 20, Folder 16.
- _____. [Carta] 8 jul. 1948, Nashville [para] MARCHANT, Alexander, Nashville. 1f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Record Group 524, Box 820, Folder 11.
- _____. [Carta] 31 ago. 1948, Nashville [para] WILLEMS, Emílio, São Paulo. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 20, Folder 16.
- _____. [Carta] 29 mar. 1949, Nashville [para] RIOS, José Arthur, Rio de Janeiro. 2f. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios.
- _____. [Carta] 20 julho 1949, Nashville [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 2f. Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), Seção de Manuscritos, Arquivo Arthur Ramos.
- _____. A classe média rural é a espinha dorsal da nação. Entrevista ao Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1952, pp. 1-2.
- _____. *Memorandum. Ao Senhor João Cleophas, Ministro da Agricultura, Presidente da Comissão Nacional de Política Agrária*. Rio de Janeiro, 16 set. 1952, p. 9. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 3, Folder 74.
- _____. [Carta] 9 dez. 1952, Gainsville [para] SOUZA, João Gonçalves de, Rio de Janeiro. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 13, Folder 5.
- _____. El Desarrollo de la Sociología Rural en Latinoamérica. *Revista Mexicana de Sociología*, v. XIX, n. 1, jan.-abril, 1957, pp. 1-14.
- _____. Rural Sociology in the United States and Canada: a trend report. *Current Sociology*, v. 6, n. 1, 1957, pp. 5-18.
- _____. Juízos e opiniões correntes entre povos latino-americanos e que influem sobre a cooperação técnica. *Revista do Serviço Público*, v. 72, n. 1, 1958.
- _____. *Scholarship in Latin American Field: Sociology*. Prepared in 1958 for the meeting called by the American Council of Learned Societies, Chicago, nov. 6-8, 1958. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 1, Folder 79, p. 2.
- _____. "Introductory Note". *Studies of Latin American Societies*. New York: Anchor Books, 1970, p. 4.
- _____. "The Development of Rural Sociology in Latin America". *Studies of Latin American Societies*. New York: Anchor Books, 1970.

_____. *Studies of Latin American Societies*. New York: Anchor Books, 1970.

_____. *How I became a rural sociologist*. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 2, Folder 61, 1973.

_____. *As it passes before my eyes: a narrative with accompanying documents of some of the more significant developments in man-land relationships in Colombia since 1940*. Prepared for the Conference on 'Modern Colombia: The Challenge of Regional Diversity' at the University of Alabama, March 11-13, 1974. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 9, Folder 17.

_____. "Sociology and Sociologists in Brazil and the United States: Some Aspects of Their Interrelationships". In SMITH, T. Lynn *Brazilian Society*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1974, pp. 8-24.

SMITH, T. Lynn & FRENCH, Arden O. [Director of Foreign Student Affairs, Louisiana State University] [Carta] 14 nov. 1939, Baton Rouge [para] FREY, Fred C. [Dean of the University], Baton Rouge. 1f. Louisiana State University Archives, Office of the Chancellor Records, 1835-2005, Box 26.

SMITH, T. Lynn & POST, Lauren C. The Country Butchery: A Co-operative Institution. *Rural Sociology*, v. 2, n. 3, set. 1937, pp. 335-337.

SOROKIN, Pitirim & ZIMMERMAN, Carle. *Principles of Rural-Urban Sociology*. New York: Henry Holt and Company, 1927.

SOROKIN, Pitirim; ZIMMERMAN, Carle; GALPIN, Charles. *A Systematic Source Book on Rural Sociology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, v. 1, 1930.

STANDLEY, Frank [Office of the Special Assistant for Press Relations, Department of State] [Carta] 13 maio 1949, Washington D. C. [para] MCCOW, Robert [Public Relations Department, Vanderbilt University], Nashville. 1f. Vanderbilt University Special Collections and Archives, Records of the Institute of Brazilian Studies, Record Group 900, Box 1989, Folder 36.

STERNBERG, Hilgard [Carta] 3 abr. 1943, Baton Rouge [para] LIMA, Alceu Amoroso, Rio de Janeiro. 2f. Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Petrópolis, Rio de Janeiro, Correspondência, Arquivo 05, Gaveta 03, Pasta 397, n°/doc.: 11.

_____. [Carta] 8 dez. 1944, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 1.

_____. [Carta] 1 mar. 1945, Rio de Janeiro [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 1.

TAVES, M; GROSS, N. A critique of Rural Sociology Research, 1950. *Rural Sociology*, v. 17, n. 2, jun. 1952, pp. 109-118.

TAYLOR, Carl C. A New Era in Rural Sociology. *Social Forces*, v. 8, n. 2, dez. 1929, pp. 307-308.

_____. [Carta] 26 nov. 1941, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 3f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 3.

_____. [Carta] 29 out. 1941, Washington D.C. [para] SMITH, T. Lynn., Baton Rouge. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 3.

_____. [Carta] 8 maio 1942, Buenos Aires [para] SMITH, T. Lynn., Rio de Janeiro & WHETTEN, Nathan, Cidade do México. 8f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 15, Folder 3.

_____. Participation of Sociologists in National Affairs. *American Sociological Review*, v. 7, n. 2, 1942, p. 158.

TETREAU, E. D. Opportunities for Rural Research under the Fera. *Social Forces*, vol. 13, n. 4, May 1935, pp. 502-505.

TÖNNIES, Ferdinand. "The summing up". In: *Community & Society (Gemeinschaft und Gesellschaft)*. Translated and Edited by Charles P. Loomis. New York: Harper, 1963 [1887], pp. 191-201.

TORRES FILHO, Arthur. *Reforma Agrária*, 20 maio 1953. 2f. Arquivo Gustavo Capanema, Microfilme, rolo 11 fot. 9. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas.

VAN WILLIGEN, J.; MAY, Thomas & NEW, Peter. *Conversation with one of SFAA's founders. An interview of Charles Loomis*. Society for Applied Anthropology Oral History Project, University of Kentucky, 1979. Disponível em: <http://sfaa.net/news/index.php/archive/vol-24-2013/vol-24-3-feb-2013/oral-history-project/conversation-one-sfaas-founders-interview-charles-p-loomis/>. Acesso em 10/10/2017.

VOGT, Paul. *Introduction to Rural Sociology*. New York & London: D. Appleton and Company.

WALLACE, Henry A. Inter-American Agricultural Cooperation. *Foreign Agriculture*, v. IV, n. 5, maio 1940, pp. 275-286.

_____. *Memorandum for chiefs of bureaus and offices*. June 10, 1940. NARA, Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940 - 1944. Central Decimal File. Box 3827, 811.42710 AGR. ED. COMM./6.

WELLES, Sumner [Memorando "Non-american activities in the American Republics"] 25 set. 1940, Washington D.C. [para] Chiefs of American Diplomatic Missions in the American Republics. 3f. National Archives and Records Administration, College Park (Maryland), Record Group 59, General Records of the Department of State. 1940-1944. Central Decimal File. Box 3128, Decimal Number 800.20210/543.

WHEELER, Leslie A. *The Department of Agriculture and Its Relation to the Foreign Service*. 15f. Sem data. NARA, Record Group 166, General Correspondence of the Office of Foreign Agricultural Relations, 1942-49, Box 68, Folder "Public Relations 8 - Speeches-Lectures".

_____. [Director, OFAR]. *Memorandum to the Department of State*. 1943. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 9, Folder 49, pp. 1-2.

WILLEMS, Emilio. Some aspects of cultural conflict and acculturation in Southern Rural Brazil. *Rural Sociology*, v. 7, n. 4, 1942, pp. 375-84.

_____. *O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1944, p. 29.

_____. "A Sociologia da Vida Rural". *Sociologia*, v. 8, n. 2, 1946, pp. 317 – 138.

_____. [Carta] 22 out. 1948, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 20, Folder 16.

_____. [Carta] 25 ago. 1948, São Paulo [para] SMITH, T. Lynn, Nashville. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 20, Folder 16.

WILLIAMS, R. M. Review in current research in Rural Sociology. *Rural Sociology*, v. 11, n. 2, jun. 1946, pp. 103-114.

WILSON, M. L. The Democratic Processes and the Formulation of Agricultural Policy. *Social Forces*, v. 19, n. 1, 1940, p. 8.

_____. [Carta] 4 jan. 1941, Washington D. C. [para] SMITH, T. Lynn, Baton Rouge. 2f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 19.

ZBROZEK, Jerzy. *Reflexões sobre uma reforma do Ensino Superior das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

ZIMMERNMAN, Carle. *Incomes and expenditures of Minnesota Farm and City Families, 1927-28*. St. Paul: Minnesota Agricultural Experiment station, Bulletin n. 24, 1929.

_____. *Farm trade centers in Minnesota, 1905-1929: a study in rural social organization*. St. Paul: University of Minnesota, Agricultural Experimental Station, Bulletin 269, sept. 1930.

_____. [Carta] 28 mar. 1941, Cambridge [para] FERGUSON, W. S., Cambridge. 1f. T. Lynn Smith Papers (UNM), Box 14, Folder 20

Bibliografia

ALMEIDA, Maria H. T. Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In MICELI, Sergio (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, v. 1, 2ª Ed.. São Paulo: Idesp/ Sumaré/ Fapesp, 2001 [1989], pp. 223-256.

AMMANN, Safira Bezerra. *Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil*. 12ª Ed.. São Paulo: Cortez, 2013 [1987].

ANDES, STEPHEN J. C & YOUNG, Julia G. (Eds.), *Local church, global church: Catholic activism in Latin America from Rerum Novarum to Vatican II*. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 2016.

AZEVÊDO, Ariston. *A Sociologia Antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

AZEVÊDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio; KROPF, Simone Petraglia & HAMILTON, Wanda Susana. Pesquisa científica e inovação tecnológica: a via brasileira da biotecnologia. *Dados*, v. 45, n. 1, 2002, pp. 139 – 176.

BARBOSA, Rosângela N.C. *O Projeto da UDF e a formação de intelectuais na década de 30*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. *Política de educação no campo: para além da alfabetização*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BASALLA, George. The Spread of Western Science. *Science*, v. 156, n. 3775, 1967, pp.611-622.

BASTOS, Élide Rugai. *As Ligas Camponesas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

_____. “Oliveira Vianna e a sociologia no Brasil (um debate sobre a formação do povo)”. In BASTOS, Élide Rugai & MORAES, João Quartim de (orgs.), *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, pp. 405-428.

BASTOS, Élide Rugai & MORAES, João Quartim de (orgs.), *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

BERGER, Mark T. *Under Northern Eyes: Latin American Studies and US Hegemony in the Americas, 1898-1990*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

BITTENCOURT, André Veiga. *O Brasil e suas diferenças: uma leitura genética de Populações Meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Hucitec, 2013.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo social*, v. 22, n. 1, 2010, pp.47-66.

BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, v. 145, 2002, pp.3 – 8.

BRASIL JUNIOR, Antônio da Silveira. *Passagens para a Teoria Sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani*. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____. La sociología en Río de Janeiro (1930-1970): un debate sobre Estado, democracia y desarrollo. *Sociológica*, año 32, n. 90, enero-abril, 2017, pp. 69-107.

BRITO, Carolina Arouca Gomes. *Antropologia de um jovem disciplinado: a trajetória de Darcy Ribeiro no serviço de proteção aos índios*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

BROCHIER, Christophe. *La naissance de la sociologie au Brésil*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2016.

BRUNNER, Edmund de S. *The Growth of a Science: a half-century of rural sociological research in the United States*. New York: Harper, 1957.

_____. “Memoirs – Edmund deS Brunner”. In NELSON, Lowry. *Rural Sociology: its origin and growth in the United States*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1969, pp. 174-176.

CAMARGO, Aspásia de Alcântara. “A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964)”. In FAUSTO, Boris (dir.), *O Brasil republicano*. Tomo III, v. 10. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, pp. 147-272.

CAMIC, Charles. “On the Edge: Sociology during the Great Depression and the New Deal”. In CALHOUN, Craig (Ed.). *Sociology in America: a history*. The University of Chicago Press, 2007, pp. 225-280.

CAMPOS, André. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942 – 1960*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

CARDOSO, José Leandro Rocha. *Educando os educadores: ciências sociais e educação sanitária na experiência do SESP (1950-1960)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. “A utopia de Oliveira Vianna”. In BASTOS, Élide Rugai & MORAES, João Quartim de (orgs.), *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, pp. 13-42.

CARVALHO, Lucas Correia. *Projeto, conhecimento e reflexividade: estudos rurais e questão agrária no Brasil dos anos 1970*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princeton, University of Princeton, 2000.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro & BASTOS, Elide Rugai. A atualidade do Rural. *Lua Nova*, n. 26, 2015, pp. 13 – 26.

CHAPOULIE, Jean M. *La tradition sociologique de Chicago (1892- 1961)*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

CLAVIN, Patricia. Defining Transnationalism. *Contemporary European History*, v. 14, n. 4, 2005, pp. 421-439.

COLLARD, Clyde V. The Founding of RURAL SOCIOLOGY and the Rural Sociological Society. *The Rural Sociologist*, v. 4, n. 5, sept. 1984, pp. 324-335.

CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil (1930 – 1960), testemunhos*. São Paulo: Vértice, 1987.

CÔRTEZ, Norma. Católicos e autoritários – Breves considerações sobre a sociologia de Alceu Amoroso Lima. *Intellectus*, v. 1, n. 2, 2002. Disponível em [file:///Users/thiagolopes/Desktop/Bibliografia%20\(EUA\)/Norma%20Cortes.%202006.%20Ca%20to%CC%81licos%20e%20autorita%CC%81rios.pdf](file:///Users/thiagolopes/Desktop/Bibliografia%20(EUA)/Norma%20Cortes.%202006.%20Ca%20to%CC%81licos%20e%20autorita%CC%81rios.pdf). Acesso em 04/05/2018.

COSTA, Sergio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 60, 2006, pp. 118-183.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. Sociologia e mudança social. *Sociologia: Revista Didática e Científica*, v. IX, n. 4, 1947, pp. 287-331.

CRONSHAW, Francine. Exporting Ideology: T. Lynn Smith in Colombia. *NS, Northsouth*, Calgary, v. 7, n. 13, 1982, pp. 95-109.

DAVIS, I. G. The social science fellowships in agricultural economics and rural sociology. *Journal of Farm Economics*, v. 16, n. 3, jul. 1934, pp. 496-503.

DEL VECCHIO, Angelo & DIÉGUEZ, Carla. “As pesquisas sobre o padrão de vida dos operários da Cidade de São Paulo e a institucionalização da Sociologia no Brasil”. In DEL VECCHIO, Angelo & DIÉGUEZ, Carla. (org.), *As pesquisas sobre padrão de vida dos trabalhadores da Cidade de São Paulo. Horace Davis e Samuel Lowrie: pioneiros da Sociologia Aplicada no Brasil*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2008.

DORELLA, Priscila Ribeiro. *Silvio Julio de Albuquerque Lima: um precursor dos estudos acadêmicos sobre a América Hispânica no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

DULLES, John W. F. *Sobral Pinto – A consciência do Brasil: a cruzada contra o regime Vargas, 1930-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ENGERMAN, David C. et al. (Eds.) (2003), *Staging Growth: Modernization, Development, and the Global Cold War*. Amherst: University of Massachusetts Press.

ESPINOSA, José Manuel. *Inter-American beginnings of U.S. cultural diplomacy: 1936-1948*. Washington: Department of State, 1977.

FAULHABER, Priscila. O Instituto de Antropologia Social (EUA, Brasil e México): Um Artefato da Resposta Antropológica ao “Esforço de Guerra”. *Mana*, vol. 17, n.1, 2011, pp. 9-39.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. (coord.). *Faculdade Nacional de Filosofia: projeto ou trama universitária?*, v. 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989a.

_____. *Faculdade Nacional de Filosofia: o corpo docente, matizes de uma proposta autoritária*, v. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989b.

_____. *Faculdade Nacional de Filosofia: os cursos: começando a desenrolar um novelo*, v. 4. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989c.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A história como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

FIGUEIREDO, Regina Érika Domingos de. *Histórias de uma Antropologia da “Boa Vizinhança”*: um Estudo sobre o Papel dos Antropólogos nos Programas Interamericanos de Assistência Técnica e Saúde no Brasil e no México (1942-1960). Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2009.

_____. Tendências e dilemas da antropologia norte-americana: sobre a história do Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution e sua presença no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 53, n. 1, 2010, pp. 237 – 276.

FLECK, Ludwik. *A gênese e o desenvolvimento do fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FREIRE JUNIOR, Olival; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. *Revista Brasileira de História*, v. 34, n. 67, p. 181-201, 2014.

GILBERT, Jess. Rural Sociology and Democratic Planning in the Third New Deal. *Agricultural History*, v. 82, n. 4, 2008, pp. 421-438.

_____. *Planning Democracy – Agrarian Intellectuals and the Intended New Deal*. New Heaven: Yale University Press, 2015.

GILMAN, Nils. *Mandarins of the Future: Modernization Theory in Cold War America*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2003.

GOODSELL, Todd. Maintaining Solidarity: A Look Back at the Mormon Village. *Rural Sociology*, V. 65, N. 3, set. 2000, p.357-375.

GRAHAM, Sarah Ellen. *Culture and Propaganda. The Progressive Origins of American Public Diplomacy, 1936 – 1953*. Farnham: Ashgate, 2015.

GRYNNZPAN, Maio. Por uma sociologia histórica da circulação e da recepção de textos: Robert Michels e *Sociologia dos Partidos Políticos* nos Estados Unidos. *Revista de Sociologia e Política*, v. XX, n. 44, 2012, pp. 11-30.

HEILBRON, J.; GUILHOT, N.; JEANPIERRE, L. Toward a transnational history of the Social Sciences. *Journal of The History of the Behavioral Sciences*, v. 44, n.2, 2008, pp.146-160.

HOLIK, John S.; HASSINGER, Edward W. The RSS: Coming to Formalization. *The Rural Sociologist*, v. 6, n. 6, 1986, pp. 407-420.

_____. The RSS: the ties that bind. *The Rural Sociologist*, v. 7, n. 1, 1987, pp. 3-18.

HOFSTEE, E. W. Rural Sociology in Europe. *Rural Sociology*, v. 28, n. 4, 1963.

IMMERWAHR, Daniel. *Thinking Small. The United States and the Lure of Community Development*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2015.

KIRKENDALL, Richard S. *Social Scientists and Farm Politics in the Age of Roosevelt*. Columbia: University of Missouri Press, 1966.

_____. Up to Now: A History of American Agriculture from Jefferson to Revolution to Crisis. *Agriculture and Human Values*, Winter 1987, pp. 4-26.

KOHLHEPP, Gerd. Hilgard O'Reilly Sternberg, um pioneiro nas pesquisas das questões ambientais no Brasil. *Espaço Aberto*, v. 7, n. 1, 2017, pp. 7-21.

KREIMER, Pablo & ZABALA, Juan P. Qué conocimiento y para quién? Problemas sociales, producción y uso social de conocimientos científicos sobre la enfermedad de Chagas em Argentina. *Redes*, v. 12, n. 23, 2006, pp. 49-78.

KROPF, Simone P. & HOWELL, Joel D. War, Medicine and Cultural Diplomacy in the Americas: Frank Wilson and Brazilian cardiology. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, v. 72, n. 4, 2017, pp. 422-447.

LACORTE, Maria Helena; MIRANDA, Mariana; BRITO, Maristella; MACHADO, Lia Osorio. Hilgard O'Reilly Sternberg (Rio de Janeiro, 1917 – Fremont, 2011). *Espaço Aberto*, v. 1, n.1, 2011, pp. 189-192.

LARSON, Olaf & ZIMMERMAN, Julie. *Sociology in Government. The Galpin-Taylor years in the US Department of Agriculture, 1919-1953*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2003.

LATHAM, Michael E. (2000), *Modernization as Ideology: American Social Science and "Nation Building" in the Kennedy Era*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

_____. (2011), *The Right Kind of Revolution: Modernization, Development, and U.S. Foreign Policy from the Cold War to the Present*. Ithaca: Cornell University Press.

LEAL, Carlos Eduardo de Casto & FLAKSMAN, Dora. Partido Libertador (1945 – 1965). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC (Verbete), 1984. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-libertador-pl-1945-1965>. Acesso em 18/7/2016.

LENGERMANN, Patricia Madoo. The founding of the *American Sociological Review*: the anatomy of a rebellion. *American Sociological Review*, 1979, v. 44, abril, 1979, pp. 185-198.

LEFEBVRE, Jean-Paul. Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944). *Cahiers du Brésil Contemporain*, n. 12, 1990.

LIMA, Nísia Trindade. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro – políticas do Estado e lutas sociais (1954 – 1973)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1989.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM/Revan, 1999.

LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da Primeira República. In MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1996, pp. 23-40.

LIMA, Nísia Trindade & VIANNA, Rachel de Almeida. Entre latifúndios e favelas: o Brasil urbano no pensamento de Anthony Leeds. *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 3, 2018, pp.771-805.

LIMONGI, Fernando. “A Escola Livre de Sociologia e Política”. In MICELI, Sergio. (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, v. 1. 2ª Ed. São Paulo, Sumaré/ Fapesp, 2001 [1989], pp. 257-276.

LOPES, Thiago da Costa. *Sociologia e puericultura no pensamento de Guerreiro Ramos: diálogos com a Escola de Chicago (1943 – 1948)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

LOPES, Thiago da Costa & MAIO, Marcos Chor. Comunidade e democracia na sociologia de T. Lynn Smith e José Arthur Rios. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 95, 2017.

LOREK, Timothy W. Imagining the Midwest in Latin America: US Advisors and the envisioning of an agricultural middle class in Colombia’s Cauca Valley, 1943 – 1946. *The Historian*, v. 5, n. 2, 2013, pp. 283 – 305.

LOUISIANA STATE UNIVERSITY LIBRARIES SPECIAL COLLECTIONS. *History of LSU*. Disponível em <https://www.lib.lsu.edu/special/archives/historical-information>. Acesso em 07/08/2017.

MAIA, João Marcelo Ehlert. History of sociology and the quest for intellectual autonomy in the Global South: the cases of Alberto Guerreiro Ramos and Syed Hussein Alatas. *Current Sociology*, v. 62, n. 7, 2014, pp.1097-1115.

_____. História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v/ 24, n. 1, 2017, pp. 111-128.

MAIO, Marcos Chor. *A História do Projeto Unesco: Estudos Raciais e Ciências Sociais no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1997.

_____. “Caminhos de Arthur Ramos: a busca do Brasil como projeto civilizatório”. In HOCHMAN, Gilberto & LIMA, Nísia Trindade (Orgs.). *Médicos Intérpretes do Brasil*. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2015, pp. 362-389.

MAIO, Marcos Chor & LIMA, Nísia Trindade. Tradutores, intérpretes ou promotores de mudança? Cientistas Sociais, educação sanitária rural e resistências culturais (1940-60). *Sociedade e Estado*, v. 24, n.2, 2009.

MAIO, Marcos Chor & LOPES, Thiago da Costa. Da Escola de Chicago ao Nacional-desenvolvimentismo: Saúde e Nação no pensamento de Alberto Guerreiro Ramos. *Sociologias*, v. 14, n. 30, 2012, pp. 290 – 329.

_____. ‘For the establishment of the social disciplines as sciences’: Donald Pierson e as Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1942 – 1949). *Sociologia & Antropologia*, v. 5, n. 2, 2015, pp. 343-380.

_____. Entre Chicago e Salvador: Donald Pierson e o estudo das relações raciais. *Estudos Históricos*, v. 30, n. 60, Jan./-Abr., 2017, pp. 115-140.

MAIO, Marcos Chor; OLIVEIRA, Nemeu da Silva & LOPES, Thiago da Costa. Donald Pierson e o Projeto do Vale do Rio São Francisco: cientistas sociais em ação na era do desenvolvimento. *Dados*, v. 56, n. 2, 2013, pp. 245-284.

MARTINEZ-BRAWLEY, Emilia E. Rural Sociology and Rural Social Work: an historical essay. *The Journal of Sociology and Social Work*, v. 7, n. 4, July 1980, pp. 546-560.

MICELI, Sergio. “Condicionantes do Desenvolvimento das Ciências Sociais”. In MICELI, Sergio. (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, v.1, 2 Ed.. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 2001 [1989], pp. 91 – 134.

MEUCCI, Simone. *Gilberto Freyre e a Sociologia no Brasil: da sistematização à constituição do campo científico*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2006.

MEUCCI, Simone. *A institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos*. São Paulo: Hucitec, 2011.

MOURA, Gerson. *O alinhamento sem recompensa: a política externa do governo Dutra*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/ CPDOC/FGV, 1990.

MOURA, Gerson. *Relações Exteriores do Brasil: mudanças na natureza das relações Brasil – Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

NELSON, Lowry. “A contribuição das universidades para o desenvolvimento rural”. In BRASIL. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o desenvolvimento de comunidade rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1961, pp. 33-42.

_____. *Rural Sociology: its origin and growth in the United States*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1969.

NINKOVICH, Frank A. *The diplomacy of ideas. U.S. foreign policy and cultural relations, 1938-1950*. London: Cambridge University Press, 1981.

NISBET, Robert. *La tradition sociologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012 [1984].

OLIVEIRA, Lucia Lippi. “Uma leitura das leituras de Oliveira Vianna”. In BASTOS, Élide Rugai & MORAES, João Quartim de. (orgs.), *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: UNICAMP, 1993, pp. 241-272.

_____. “As Ciências no Rio de Janeiro”. In MICELI, S. (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, v. 2. São Paulo, Idesp/ Sumaré/ Fapesp, 1995a.

_____. *A Sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995b.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva & MAIO, Marcos Chor. Estudos de comunidade e ciências sociais no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 26, n. 3, 2011, pp. 521-550.

PANTOJA, Sílvia. “João Cleofas de Oliveira”. In ABREU, Alzira Alves de *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-cleofas-de-oliveira>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

PATEL, Kiran Klaus. *The New Deal: a Global History*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2016.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Franceses e norte-americanos nas Ciências Sociais Brasileiras, 1930-1960. In MICELI, Sergio. (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, v.1, 2 Ed.. São Paulo: Sumaré/ Fapesp, 2001 [1989], pp. 477 – 532.

PELLETIER, Denis. “*Économie et Humanisme*”. *De l’utopie communautaire au combat pour le tiers-monde (1941 – 1966)*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1996.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O Brasil dos cientistas sociais não brasileiros: ensaio metodológico. Comunicação ao GT: Sociologia da Cultura. *XIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu – 23 a 27 de outubro de 1989*.

PIERSON, Donald. “Depoimento – Algumas atividades no Brasil em prol da Antropologia e outras ciências”. In CORRÊA, Mariza. (org.), *História da antropologia no Brasil: 1930-1960. Testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. São Paulo: Vértice, 1987, pp. 29 – 116.

PRICE, David H. *Anthropological Intelligence. The development and neglect of American anthropology in the Second World War*. Durham & London: Duke University Press, 2008.

RAJ, Kapil. *Relocating modern science: circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Houndmills and New York: Palgrave Macmillan, 2007.

ROSEMBLATT, Karin Alejandra. Modernization, dependency, and the global in Mexican critiques of anthropology. *Journal of Global History*, v. 9, n. 1, 2014, pp. 94 – 121.

ROTH, Dennis. “The Country Life Movement”. In ROTH, Dennis; EFFLAND, Anne B. W.; BOWERS, Douglas E. *Federal Rural Development Policy in the Twentieth Century*. Washington, D. C.: Economic Research Service, U.S. Department of Agriculture, 2002, capítulo 1.

SALEM, Tânia. “Do Centro D. Vital à Universidade Católica”. In SCHWARTZMAN, Simon (org.). *Universidades e Instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1982, pp. 97-134.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. “Paradigma e História: a ordem burguesa na imaginação social brasileira”. In SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*. Duas Cidades, São Paulo, 1978.

SHAPIN, Steven. *The Scientific Life. A moral history of a late modern vocation*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 2008.

SHAPIN, Steven & SCHAFFER, Simon. *El Leviathan y la bomba de vacío. Hobbes, Boyle y La vida experimental*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Ed. USP/ Paz & Terra, 1984.

SIMPSON, Richard. Pitirim Sorokin and his Sociology. *Social Forces*, v. 32, n. 2, dez. 1953, pp.120-131.

SILVA, Claiton Marcio da. *Agricultura e cooperação internacional: a atuação da American International Association for economic and social development (AIA) e os programas de modernização do Brasil (1946 – 1961)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Isabela Oliveira Pereira da. *De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das ciências sociais (1930 – 1950)*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SMITH, Suzanne. The Institutional and Intellectual Origins of Rural Sociology. *Rural Sociological Society, 74th Annual Meeting*, 28-31 July 2011, Boise, Idaho.

SMITH, T. Lynn. "Sorokin's Rural-Urban Principles". In ALLEN, Philip J. (Ed.), *Pitirim A. Sorokin in Review*. Durham: Duke University Press, 1963, pp.188-205.

_____. Obituaries – Carl Cleveland Taylor (1884 – 1975). *American Sociological Association*, Aug. 1975, p. 21.

_____. Obituary: the life and works of Carle C. Zimmerman. *International Journal of Sociology of the Family*, v. 13, n. 2, 1983, pp.119-125.

_____. "The development of Rural Sociology in the United States, with a few Annotations on its Development in the South". In DUNKELBERGER, John E.; VANLANDINGHAM, Janice B. (Eds.) *Reflections on the development of cooperative rural sociology research in the South*. Auburn: Auburn Agricultural Experiment Station, 1974, pp. 3-18.

SMITH, T. Lynn & MONTIEL, Ângela Müller. La Sociología Rural en los Estados Unidos de América y en Canadá. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 20, n. 3, set. 1958, pp. 817-842.

SOROKIN, Pitirim. "The sociology of my mental life". In ALLEN, Philip J. (Ed.), *Pitirim Sorokin in Review*. Durham: Duke University Press, 1963, pp. 3-38.

SUPRINYAK, Carlos Eduardo & FERNANDEZ, Ramon Garcia. The 'Vanderbilt Boys' and the Modernization of Brazilian Economics (December 5, 2017). Center for Latin American Studies, the University of Chicago, Working Paper Series (No. 2018.1). Disponível em <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3116541>. Acesso em 23/08/2018.

SZTOMPKA, Piotr. *A Sociologia da Mudança Social*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

TAYLOR, Carl. Early Rural Sociological Research in Latin America. *Rural Sociology*, v. 25, n. 1, 1960, pp.1-8.

_____. The Development of Rural Sociology Abroad. *Rural Sociology*, v. 30, 1965, pp. 462 – 473.

TEIXEIRA, Melissa. Making a Brazilian New Deal: Oliveira Vianna and the Transnational Sources of Brazil's Corporatist Experiment. *Journal of Latin American Studies*, v. 50, n. 3, 2018, pp. 613-641.

THELLEN, D. The nation and beyond: transnational perspectives on United States history. *Journal of American History*, v. 86, 1999, pp. 965–975.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TURCHETTI, S.; HERRAN, N. & BOUDIA, S. Introduction: have we ever been 'transnational'? Towards a history of Science across and beyond borders. *The British Journal for the History of Science*, v. 45, n.3, 2012, pp. 319-336.

TYRRELL, Ian. Reflections on the transnational turn in United States history: theory and practice. *Journal of Global History*, v. 4, n.3, 2009, pp. 453 – 474.

VALLADARES, Lícia do Prado. Louis-Joseph Lebret et les favelas de Rio de Janeiro (1957 – 1959): enquêteur pour l’action. *Genèses*, set. 2005, pp. 31-56.

_____. A visita do Robert Park ao Brasil, o ‘homem marginal’ e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH*, v. 23, n. 58, p. 35-49, 2010.

_____. “A descoberta do trabalho de campo em ‘Aspectos Humanos da Favela Carioca’”. In MELLO, M. A.; MACHADO DA SILVA, L.A. et al. (org.). *Favelas cariocas: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, pp. 65-99.

VANLANDINGHAM, Janice B. (Ed.). *Reflections on the development of cooperative rural sociology research in the South*. Auburn: Auburn Agricultural Experiment Station, 1974.

VILLAS BÔAS, Glaucia. Evaristo de Moraes Filho e a maioria dos trabalhadores brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, 2004, pp. 19 – 33.

_____. Amizade e memória: Maria Isaura Pereira de Queiroz e Roger Bastide. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 9, 2014, pp. 53-75.

_____. *Mudança provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006a.

_____. *A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006b.

WERNECK VIANNA, Luiz. *A Revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

WRIGHT MILLS, Charles. (1943). The professional ideology of social pathologists. *The American Journal of Sociology*, v. XLIX, n. 2, 1943, pp. 165-180.

ZIMMERMAN, Carle. “Memoirs – Carle C. Zimmerman”. In NELSON, Lowry. *Rural Sociology: its origin and growth in the United States*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1969, pp. 179-182.

Anexo

Figuras

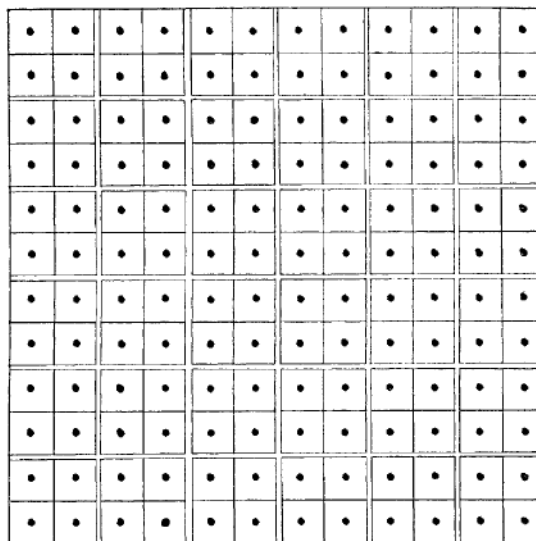


FIGURE 1. Chart representing 144 farms of 160 acres plotted according to the checkerboard pattern, illustrating the extreme dispersion of farm homes.

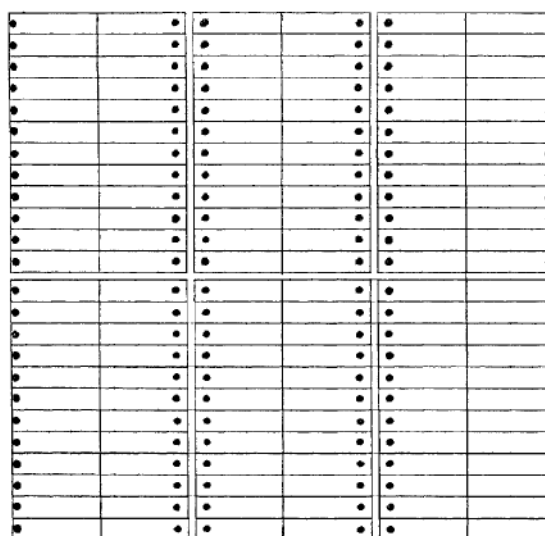


FIGURE 2. Chart representing 144 farms of 160 acres plotted into oblong rectangles, illustrating the possibilities for aggregation of farm homes.

Figura 1. Modelos contrastantes de divisão de terras em que cada ponto representa uma família fazendeira: fazendas isoladas (primeiro quadro) e ‘vilas em linha’. Smith propunha a implementação do segundo tipo e divisão de terras nos projetos de colonização do *New Deal* afirmando ser este o padrão mais propício à criação de elos comunitários. SMITH, T. Lynn. The Social Effects of Land Division in Relationship to a Program of Land Utilization. *Journal of Farm Economics*, v. XVII, n. 4, nov. 1935, p. 706.



Figura 2. “Caboclos construindo sua casa, Ubatuba, São Paulo”. Fotografia fornecida a T. Lynn Smith por Carlos Borges Schmidt, da Diretoria de Publicidade Agrícola de São Paulo, entre 1942 e 1945. T. Lynn Smith Photograph Collections, Center for Southwest Research, University of New Mexico, Box 1, Folder 10.



Figura 3. “A casa e a família do caboclo. Esse tipo predomina nos distritos montanhosos entre o Rio de Janeiro e São Paulo e é encontrado por todo o Brasil”. Fotografia fornecida a T. Lynn Smith por Carlos Borges Schmidt, da Diretoria de Publicidade Agrícola de São Paulo, entre 1942 e 1945. T. Lynn Smith Photograph Collections, Center for Southwest Research, University of New Mexico, Box 1, Folder 10.

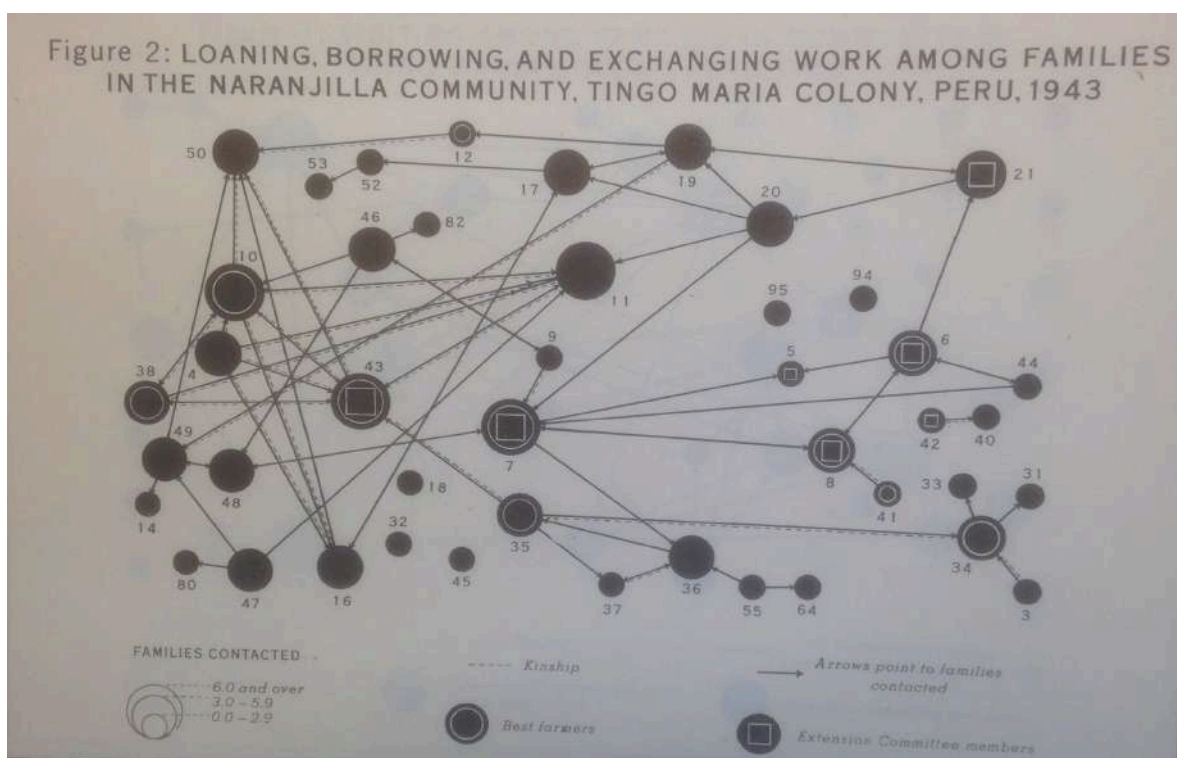


Figura 4. “Empréstimos, pedidos de empréstimos e trocas de trabalho entre famílias na comunidade Naranjilla, Colônia Tingo Maria, Peru, 1943”. Sociograma elaborado por Charles Loomis a fim de identificar as famílias em torno das quais se desenvolvia o maior número de vínculos associativos locais, as “lideranças naturais” da comunidade. LOOMIS, Charles. *Extension work at Tingo Maria, Peru*. 28 dez. 1943. T. Lynn Smith Papers, Center for Southwestern Research, University of New Mexico.

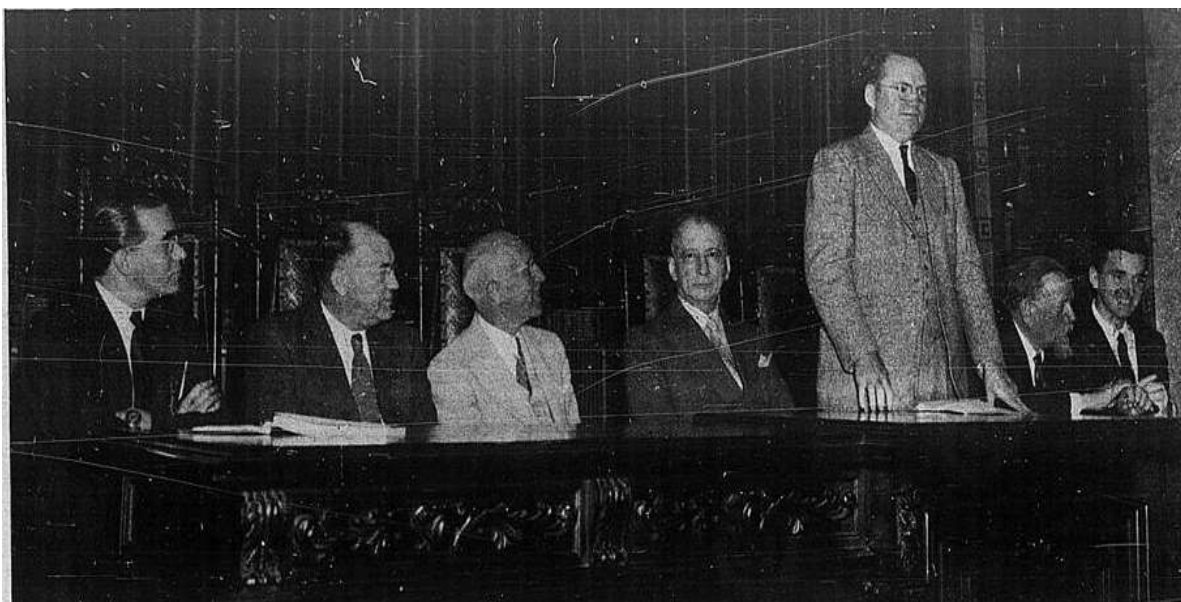


Figura 5. Aula inaugural do curso de T. Lynn Smith (de pé) sobre Análise das Populações na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi). Da esquerda para direita: Josué de Castro, professor de geografia; Dr. Rush, adido de agricultura dos Estados Unidos; Roy Nash, adido cultural do mesmo país; Antonio Carneiro Leão, diretor da FNFfi, Fortunat Strowski, professor de Literatura; e Hilgard Sternberg, professor de Geografia do Brasil. Rio de Janeiro, fevereiro de 1947. FONTE: *Ilustração Brasileira*, ano 25, n. 141, p. 32, jan.-fev., 1947.



Figura 6. Alunos realizam trabalho no curso de T. Lynn Smith sobre Análise das Populações na FNFi. Rio de Janeiro, fevereiro de 1947. FONTE: *Ilustração Brasileira*, ano 25, n. 141, p. 32, jan.-fev., 1947.



Figura 7. T. Lynn Smith recebe a condecoração da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul do vice-cônsul Clovis Nogueira da Silva em Jacksonville, Flórida, 1953. REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Noticiário – T. Lynn Smith. *Revista Brasileira de Geografia*, ano 15, n. 4, 1953, p. 136.



Figura 8. Os professores do *Institute of Brazilian Studies*, Vanderbilt University, em reunião, 1947. Da esquerda para a direita: T. Lynn Smith (diretor do instituto); Earl W. Thomas (professor de Línguas neolatinas); Reynolds E. Carlson (professor de Economia); Alexander Marchant (professor de História). T. Lynn Smith Photograph Collections, Center for Southwest Research, University of New Mexico, Box 1, Folder 8.



Figura 9. T. Lynn Smith, o segundo da esquerda para a direita, sendo recebido em aeroporto no Brasil, década de 1950. T. Lynn Smith Photograph Collections, Center for Southwest Research, University of New Mexico, Box 1, Folder 8.



Figura 10. O Presidente Getúlio Vargas recebe em audiência membros do Seminário Latino-americano de Bem-Estar Rural. Palácio Rio Negro, Petrópolis – Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. T. Lynn Smith é o segundo, ao fundo, da esquerda para a direita.



Figura 11. A Expansão da Sociologia Rural no Brasil. Entrevista de José Arthur Rios para o jornal *A Noite*, sexta-feira, 19 dez. 1947, p. 8.



Figura 12. José Arthur Rios (primeiro, à direita) em atividade da Campanha Nacional de Educação Rural entre 1951 e 1952. Arquivo Pessoal de José Arthur Rios. Fotografia originalmente publicada em: LIMA, Nísia Trindade & MAIO, Marcos Chor. Ciências Sociais e Educação Sanitária: a perspectiva da Seção de Pesquisa Social do Serviço Especial de Saúde Pública na década de 1950. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v. 17, n. 2, 2010, pp. 511 – 526.



Figura 13. José Arthur Rios (segundo, da esquerda para a direita) em escritório do Serviço Especial de Saúde Pública durante visita de técnicos norte-americanos. *Boletim do SESP*. Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.

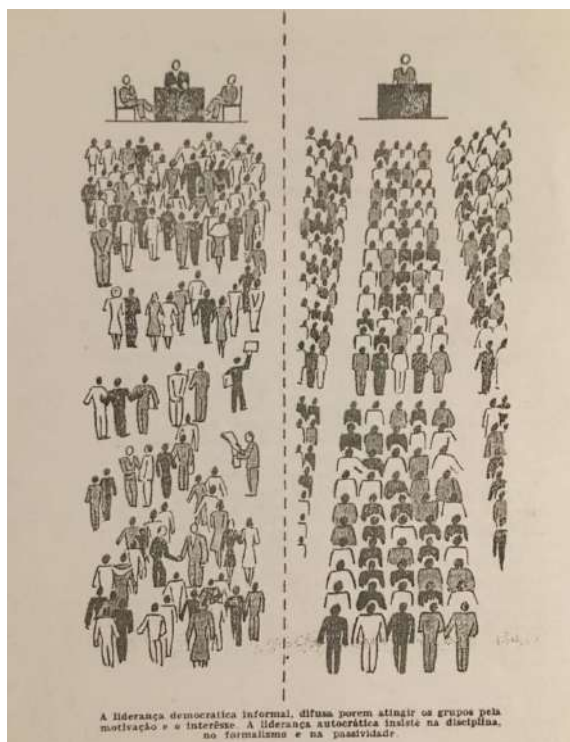


Figura 14. “A liderança democrática informal é difusa, porém atinge os grupos pela motivação e o interesse. A liderança autocrática insiste na disciplina, no formalismo e na passividade”. RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Rural, 1954, p. 211.

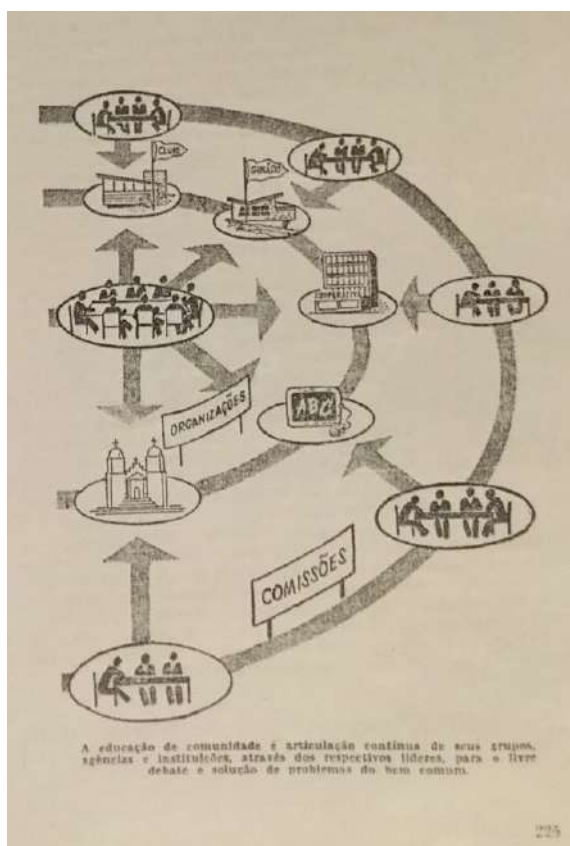


Figura 15. “A educação de comunidade é articulação contínua de seus grupos, agências e instituições, através dos respectivos líderes, para o livre debate e solução dos problemas do bem comum”. RIOS, José Arthur. *A Educação dos Grupos*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Rural, 1954, p. 225.



Figura 16. Entrevista de José Arthur Rios, à direita, ao jornalista César Guimarães. “Reforma agrária: uma experiência revolucionária e não uma medida petebista”. *Diário de Notícias*, 17/05/1959, p. 6.